

ANO 4.<sup>o</sup>  
DIRECTORES: ZACHARIAS DA FONSECA GUERRIHO  
ERRNANDO D'ARAÚJO  
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
Rua das Covas, 15

COIMBRA — 1 de Julho de 1916

Propriedade do Grémio A REVOLTA  
Composição e impr., TIP. LITERARIA — R. Candido dos Reis  
EDITOR E ADMINISTRADOR — Silva Raposo

## Conspira-se em Portugal

Vasconcelos continuam a sua obra nefasta, esforçando-se por levar a cabo a funerariedade missão de enterrar uma Patria. Nada detem os sinistros bandidos no caminho da torpessa, da infamia e da traição. O que para outros seria invencível obstáculo a marcar uma pausa na corrida para o abismo, é para eles mais um motivo a acicatar a sua felonía. A guerra, que em todos os paizes do mundo, leva ao esquecimento de velhos agravos, a uma tregua em todas as dissidencias, a uma suspensão de todos os odios, não teve entre nós nenhuma dessas felizes consequencias, que seriam uma ligeira compensação para tantas dores e para tantos sacrificios. Quando todos os esforços deviam convergir para o mesmo fim e todas as energias deviam tender para um unico e grande objectivo, a redenção da Patria Portuguesa, apparecem em plena luz a traição, rancões mesquinhos, odios esverdeados, funestas ambições, tudo ajudando os nossos inimigos, cavando a nossa ruína, procurando aniquillar todo o patriótico esforço do povo republicano, que, na hora que passa, tudo esqueceu para ver apenas, a imagem sacrosanta da Patria, implorando o sacrificio de todos os seus filhos.

Conspira-se em Portugal! Custa a escrever esta afirmação; escaldam os labios estas palavras; e sobem ás faces ondas de vergonha e de humilhação! Ha quem se diga português e pretenda juntar aos horrores duma guerra desigual, que pode arrebatá-los a propria livre existência, a suprema miseria duma lucta fratricida, em que seja desperdiçado o sangue, que devia ir fecundar a terra em que se combate pela liberdade de todos os pequenos povos. Ha quem se diga nascido em terras de Portugal, quem fale a nossa lingua, quem seja da nossa raça, e não recue ante o monstruoso crime de se associar aos assassinos do Kuangar e Naulila, para os ajudar nos seus planos de morte e aniquilamento. E a vergonha das vergonhas e a miseria das miserias! Se tal infamia se consumir será a morte moral a que nos espera, a morte pela lama, pelo fodo, por uma onda de podridão.

Conspira-se em Portugal, como jamais se conspirou! A guerra não desarmou o braço dos monarchicos, que antes aproveitam o ensejo, para vibrar no coração da Republica uma punhalada traiçoeira. E batem-se palmas a cada novo successo das hordas teutonicas, e choram-se lágrimas azedas a cada um dos seus desastres, e faz-se em todos os tons a apologia da cultura germanica e cantam-se os seus generaes, os seus sabios, a superioridade da sua civilização e a omnipotencia dos seus exercitos! E tudo isto é feito por portugueses, enquanto os nossos soldados se batem em Africa contra os soldados da Alemanha, enquanto milhares de outros soldados se preparam para ir lutar pelo engrandecimento da sua Patria e para que do seu heroico sacrificio possam erguer-se os encantados palacios

de uma nova e mais perfeita civilização.

Conspira-se em Portugal! Os monarchicos não luctam pela Patria, luctam contra ella. Não combatem os inimigos, combatem ao lado deles contra aqueles que só pensam em nobilitar o nome português. A força de imensamente repugnante e infinitamente monstruoso chega a parecer blague esta conspiração, que se está preparando sob a direcção dos grandes magnates do monarchismo e com o dinheiro e os conselhos de alemães, que viveram em Portugal e de portugueses, que foram ou ainda são associados desses nossos adversários. Queremos duvidar dos factos e, contudo, eles esmagam-nos com a sua eloquencia. Conspira-se em Portugal, como já mais se conspirou. Os sapos chafurdam no imundo charco de todas as ignominias e procuram empocalhar a alma immaculada da honra nacional. Esta é a verdade, por muito amarga que pareça. Ela aí fica em toda a sua ascorosa nudez, embora muito custe ao nosso brio e ao nosso orgulho de portugueses.

Para as nossas palavras, que são um « alerta » a todos os bons e leais portugueses, não faltarão os sorrisos desdenhosos de muitos republicanos e os venenosos desmentidos dos monarchicos, que não deixarão de tudo attribuir a misteriosos manejos de uma demagogia, sedenta de sangue. O nosso dever fica cumprido, pouco nos incomodando as negativas dos culpados, mas muito nos penalizando a teimosa incredulidade de certos lunaticos e sonhadores, que julgam a lealdade dos outros pela sua propria lealdade e que, nas repetidas doses de clemencia e perdão, querem ver o milagroso elixir, que cura todas as chagas e evita todos os males. Se um cauterio energico se não applica a tempo à pustula hedionda, ella surgirá aos olhos horrorizados de todo o mundo, que apenas nos poderá considerar com nojo profundo e infinito desprezo.

Conspira-se contra a Republica, a soldo dos nossos implacaveis inimigos. Esperam os governantes a explosão da miseravel conspirata para proceder? Está já na forja mais um projecto de anistia ampla e generosa? Querem continuar a tratar as feras com blandicias e ternuras? Pois correrão o risco de sentir na garganta ás suas garras aduncas e no coração o veneno da sua baba peçonhenta.

Conspira-se em Portugal e os conspiradores não são apenas aqueles pobres diabos, cujo braço obedece ao poder de meia dúzia de patacos. E tempo de proceder com energia e sem piedade. Não se trata de um vulgar atentado contra as instituições republicanas. O que se prepara é um crime de lesa-Patria, é a mais infame e baixa das traições, é a mais monstruosa e repugnante de todas as ignominias e abjeções. Não ha que ter piedade de adversarios de uma ideia, ha apenas que aniquillar inimigos de uma Patria. Para estes só um castigo pode corresponder á gravidade do seu delicto. No caso de duvida, a

propria Alemanha, que eles pretendem servir, poderá dizer qual a pena que applicaria a quem, neste momento, se lembrasse, não de conspirar contra o Kaiser ou contra as instituições que ele representa, mas apenas de gritar contra a guerra e de fazer a apologia da França ou da Russia.

Bem sabemos que a violencia repugna a portugueses e a crueldade os revolta; mas, neste caso, não ha que atender a violencias nem a crueldades, ha apenas que atender á salvação da Patria, ameaçada de morrer ás mãos dos seus proprios filhos. Proceda-se enquanto é tempo.

O aviso aí fica. Conspira-se em Portugal, como já mais se conspirou.

Camalho Araújo

## Pardos e comentarios

### Só gostamos do rabo!

Do aranhão arrazoado que a *Razão da Aveiro* consentiu se publicasse nas suas colunas, sob a firma do cliente Cunha e Costa, recordamos ceremoniosamente o rabo:

« Caetano Pereira é, actualmente, a figura mais caracteristica e original do meio literario academico ».

Gostamos deste rabo por ser padeço. Acerca do resto até nos admira como um jornal serio se preste a tolerar esse commercio de snobismo, espolinhaudo-se na mesma indignidade intelectual e genuflectindo selvagem e fanaticamente ante um livro que, depois de ser de um monarchico-integralista-espiritista, é dum imbecil.

Pode a *Razão* enfiar a carapça que em numeroes passados aqui talhamos a todos os patetas cahoticos e considerar-se desafiada a provar-nos com argumentos serios as suas afirmações. Para poupar-nos o trabalho de recapitular o que dissemos, recomendamos os numeroes passados d' *A Revolta*. Do mimo do sr. Cunha e Costa só gostamos do rabo, repetimos, daquela parte a que já fizemos allusão...

### Foi pago!

Publicou *A Montanha*, diário republicano do Porto, a fotografia do menino Unha e Gosta Junior, reacionario e conspirador dos tres costados. Ora isto, on significa uma grandiosissima grandeza d'alma, ou então lá o caçam para o partido! E caçam-no!... Está o mundo perdido! E nós que nunca vimos um jornal monarchico-reacionario reconhecer uma fracção de mérito a um talento de verdade das fileiras republicanas! Mas onde está o talento do Unha e Gosta? Se calhar... foi elogio pago!...

### Mas, o que é o integralismo?

Como o redactor intrevistante do *Jornal de Coimbra* inquirisse « das doutrinas que o integralismo afirma: — o sr. Pulido, que parece desconhecer chapadamente o assunto, procura desentalar-se dando a palavra a Eça, Ramalho, Fialho, Gomes Leal, Oliveira Martins, Bruno, Silva Pinto, (vai pela ordem), Raul Brandão, Herculano (lá nomes sabe ele!), Schopenhauer, o Comte (sic), Lino Neto, Silva Cordeiro, até que finalmente chega a Charles Maurras para apenas lhe chamar benéfico... »

Para fugir ao entalço, o sr. Pulido cita, à tort et à droit, entre as

pas, — para mostrar que tinha lido — opiniões daqueles escriptores, que nada tem com o integralismo, passando logo a outro quesito, sem que coisa alguma dissesse dos principios integrais. Ignorá-los-há o sr. Pulido? Mas isso é o diabo!... meter-se assim a gente a falar de coisas desconhecidas.

Para a outra vez o sr. Pulido deve furta-se a fazer figuras tristes.

Olhe: segundo o recém-falecido Emilio Fagnat, os pontos capitais do maurrasismo são — a monarchia absoluta, a taumaguiquia e o ódio á literatura romantica.

Em tendo occasião, casque logo com isso! e verá como bota um figurão...

### No que ficamos?

Em carta incerta no *Jornal de Coimbra*, declarava-se o sr. Caetano Pereira integralista-monarchico — etc.

E ha dias, quando chegou a Coimbra o sr. José Barbosa, lá encherámos na estação o sr. Caetano, dando vivas e catravivas, num cahotismo a cem atmosferas! Então em que diacho ficamos? Tocá clarinete, pifaro, ou pratos?

### Era o que faltava!

A faculdade de letras da Universidade de Coimbra, resolveu, em conselho, não acatar as determinações do governo sobre a nova hora. Assim mesmo é que é, pois então?! ou a Republica pensa que é senhora de tudo isto!... Era o que faltava!

### Pai Abraão

Teem-nos perguntado com uma revoltante insistencia qual o motivo porque não temos apparecido na cidade. Então não sabem que esteve em Coimbra o sr. Forjaz de Sampaio?

Não, é claro, metemo-nos debaixo da cama, com o medo que le tivemos! E... bôu!...

## CARTA DE LISBOA

Assisti á sessão solene em honra do dr. Vasconcelos e Sá, ha pouco regressado do Sul de Angola, onde dirigiu os serviços médicos das tropas que operaram contra o Cuamato e o Cuanhama. As entusiasticas aclamações, com que os evolucionistas acolheram o seu illustre correligionario, causaram má impressão em muita gente, pelo deploravel contraste que vieram estabelecer com a injusta e cruel ingratidão do povo de Lisboa para com todos os outros, que, em Africa, levantaram bem alto o nome português, restabelecendo o nosso abalado prestigio em toda a região do Baixo-Cunéne. Como explicar o entusiasmo de hoje, se ainda ninguém esqueceu a glacial indifferença com que foi recebido o general Pereira d'Eça, a cuja energia, a cuja competencia e a cuja audacia se devem as retumbantes e decisivas victorias da nossa mais aspera campanha militar colonial? Como apreciar estas calorosas saudações ao Chefe dos Serviços Médicos, se todos teem ainda bem presente a gélida reserva com que foram olhados, no seu regresso á Patria, os marinheiros portugueses e os soldados de infantaria 17, que, conduzidos pelos seus heroicos comandantes e officiaes, praticaram os maiores heroismos e deram provas do mais acrisolado patriotismo? Como aproximar toda esta exuberante admiração de desinteresse com que foram acolhidas as noticias dos violentos combates no Cuanhama, em que dezenas de soldados portugueses sacrificaram a vida pela Patria e pela Republica?

Não se supponha que julgo o dr. Vasconcelos e Sá menos merecedor das homenagens, que os seus amigos e admiradores quizeram tributar-lhe on intruso usurpador das glorias que a outros pertencem?! Muito pelo contrario. Simplesmente me parece, que tais e tão ridulas homenagens mais vieram por em foco a injustiça para com o general Pereira d'Eça, que tão brilhantemente conduziu as suas tropas á victoria, e para com todos os officiaes e soldados, que tantos e tão gloriosos feitos praticaram. Nem um, nem outros, tiveram sessões de homenagem, demonstrações festivas do evolucionismo, musicas e bandeiras, discursos e flores. Tudo isso se reservou para o Chefe dos Serviços Médicos, que sendo militar valente e um português patriota, os outros já mais excedem, quer em valentia, quer em patriotismo. O que de si para si pensarão todos aqueles, que, na Mongua e no Cuamato, arriscaram a sua vida, não o sei eu. E' natural que sintam a injustiça e a ingratidão, mas que tudo procurem esquecer, satisfeitos por terem cumprido o seu dever e por terem correspondido ao que a nação deles esperava e orgulhosos por não terem sido confundidos com tantos heróis de Africa que, noutros tempos, eram inventados á força, para fins politicos e manejos partidarios.

Alguem me dizia aqui ha dias que toda esta foguetada, em honra do Dr. Vasconcelos e Sá, era apenas uma preparação politica e a exteriorisação da vontade de certos elementos de fabricar um novo ministro e que seria tolo quem nela quizesse ver o proposito de agravar ou diminuir todos os outros militares, que tomaram parte nas campanhas do Sul de Angola. Se assim é, tanto melhor. Eu bem sei que este processo de fazer ministros está muito desacreditado, mas se o evolucionismo dele precisa de usar, por falta de boa matéria-prima, deixemos-lhe a responsabilidade. E antes isto do que tirar ministros á sorte, como por vezes já tem succedido, por ventura algum se lembrou alguma vez de que pudessem ser ministros certos cavalheiros, que para aí tem apparecido, saídos do adepaço das migromancias politicas? Sidónio, Celestino, Biológico, Simas e tantos outros illustres desconhecidos para o país e para os proprios correligionarios? Pois não houve já um que, ao bater-lhe certo chefe politico ao ferrolho para o convidar para o ministério, julgou que ia ser preso como conspirador? um outro que foi feito ministro á saída de um urinol e um outro que, depois de assinado o decreto que o fazia Ministro da Marinha, telefonou para a sua esposa, dizendo que sempre valla a pena ser talassa! Ao menos, o Dr. Vasconcelos e Sá é um velho republicano, é um valente militar e é um distinto médico. Antes ele do que tantos outros que tanto nos olham lá de cima da sua postiga superioridade. O que deve ser um pouco difficil é escolher a pasta em que o novo futuro ministro, elevado ao poder pelos foguetes do passado domingo, possa evidenciar as suas qualidades e o seu saber. Mas se atendermos a que, no parlamento, sempre tratou das questões com toda a energia, insultando os adversarios, partindo as carteiras, servindo-se da pistola como ultimo argumento, substituindo o saber pela graciosa e a eloquencia pelo berreiro e se atendermos tambem a que, fora do parlamento, sempre acamardou com aqueles seus correligionarios, que pregravam o extermínio da formiga branca, inventavam as peiores calunias contra os democraticos, e associavam com sindicalistas para manifestações desordeiras, justo é, e além de justo,

util e razoavel, que, para o dr. Vasconcelos e Sá, um novo ministério seja criado — o Ministério da Violencia e da Desordem. Daqui profetisa a sua ex.ª os maiores triunfos no exercicio desse alto cargo, principalmente se escolher o seu velho amigo Machado Santos para chefe de gabinete e o outro seu velho amigo Camilo Rodrigues para secretario particular. Nunca mais em Portugal haveria uma hora de sossego, podessem todos estar certos disso.

SIMPLICIO

### Gazetilha

#### AS NOVAS HORAS

São desaseite de Junho — Olha o badalo, na bruma, Não deu hoje as zero horas E, em vez de zero, deu uma.

Que a vida vai muito cara, Não está prã reinação, E adeantaram-se as horas Para poupar-se o carvão!

Quando nos formos deitar, — Minha linda Micaela, Adianta o espiador Para pouparmos a vela.

Põe o ponteiro na cifra E, ou a logica é um obr, Ou, se o poseres entre as duas, Escusas de acender a luz.

E, quando a barriga der horas, Não comas, poupa dinheiro, Mete os dedos na barriga E adianta-lhe o ponteiro.

Zé Guélas.

### BRAVO!...

Emociona, enternece a alma, porque é divinamente grande, porque é sublime e magestoso. Numa hora em que a Patria atravessa um dos seus transes mais dificeis, numa hora de crise em que os grandes exemplos são necessários, o Mundo, essa barricada de combatentes heroicos da causa do povo, vai junto do altar sagrado da Patria depôr, com as lágrimas a bailar nos olhos e no coração, lágrimas de dor e de alegria amarga dos grandes sacrificios, os capitais destinados ao levantamento da estatua ao grande e saudoso panfletário França Borges! Isto é grande!

Mais tarde, quando a Patria tiver conquistado direitos a uma honrada e longa existencia, o monumento do grande batalhador, erguer-se-ha na praça publica num plinto de deslumbramentos, pois que até dalem tumulo soube inspirar nobres acções dignificando todas as almas, erguendo todos os ideais.

Não haverá, por certo, nenhum grande coração que se não sinta profundamente enternecido.

O monumento do grande panfletário terá por alicerces o sentimento dum país inteiro e não o preito de meia duzia de amigos e partidarios. E' assim mesmo que se dão os grandes exemplos numa hora em que a Patria os reclama. Bravo!...

### TRANSCRIÇÃO

Ao nosso estimado confrade de Aveiro, A Razão, agradecemos pehoradissimos a transcriçã da nossa local referente á campanha patriótica do illustre jornalista e poeta José Augusto de Castro, director do Combate.

### Grande successo

Segundo se afirma, e o que está causando um grande entusiasmo, o Jornal de Coimbra trará no seu proximo numero uma entrevista do grande patriarca Paiva Couceiro, seguida d'um apendice em que proutificarão Maria Marrafa, Virgilio Caganeta, Barnabé, Silva Gato, Conde de Mangualde e etc. Porto. D'hoje em diante o Mundo, a Republica etc. comecam a ser colaborados por entrevistas fornecidas pelas maiores notabilidades no campo do jesuitismo e do retrocesso, o que afinal não é contraproducente, nem obsta ao germinar dos grelos e das coibas galegas!

### Pretextos!

Odio de padre não causa diz o velho adagio e a voz do povo acerta neste riuão provando uma vez mais que voc populi, vox dei.

Os catholicos portugueses sendo, como quasi a totalidade, catholicos por conveniencia e por interesse e pondo ou nada por convicção ou por fé, não viram com bons olhos a proclamação da Republica, digo, mesmo, sem exagerar:—viram a Republica com os olhos do Diabo. Desde o seu advento eles tem trabalhado, sem cessar, para a derruir, fazendo uma constante campanha contra a sua segurança, contra a sua auctoridade, contra o seu prestigio, deprimindo os seus homens, amaldiçoando-lhe os adeptos... e excomungando-lhe a existencia. A sua campanha não escolheu armas nem limitou campos. Todas as armas serviam:—a calunia, o boato, a imposição, o terror, o crime. Todos os campos eram optimos:—o lar, o pulpito, o confissionario, a sacristia... e o estrangeiro. Trabalharam de noite e de dia. Sobre a Republica lançaram a agua... maldita em vez da agua benta.

Em todas as insurreições monarchicas, a silhueta negra do padre lá aparece de punhal na mão, escupeta ao hombro, calcando aos pés o mandamento do não matarás! Padres, muitos padres pegaram em armas contra a Republica. Padres, bastantes padres capitanearam os salteadores que, de terras galegas, se lançaram crimososamente contra Portugal. Cá dentro, era ainda o padre o instigador, o aliciador, o cabeça de motim. Os ministros da religião, dessa religião que a Republica não ofendeu, mas que tambem não protegeu ou amparou,—porque isso seria a renegação da Igualdade e da Democracia e do Direito da sua propria existencia—fizeram questão politica-religiosa e tudo resultante da questão do seu predomínio politico, o unico motivo da sua rebeldia.

O padre portuguez, os catholicos portuguezes, tendo, como todos os bons catholicos, mais ambição do que fé, possuindo mais odio do que amor, foram os primeiros a abrir fogo sobre a Republica que os não atacou, nem na sua independencia religiosa, nem na sua jurisdicção espirital. A Republica simplesmente defendeu o patrimonio da moralidade publica.

Dai a guerra tremenda, a guerra sem tréguas que eles em nome da Igreja e de Deus moveram contra as Instituições, deprimindo essa igreja que em nada tinha sido ofendida ou prejudicada, traido a memoria de Jesus, esse grande livre-pensador que foi o primeiro a lançar sobre a terra o gesto da Liberdade, Igualdade e Fraternidade, essa divisa sublime que a Igreja odeia, que o padre despreza, e que a religião calca. O padre é manhoso e persistente. Estas qualidades dá-lhe sempre coragem para a luta e animo para esperar. O jesuitismo confia e espera pelo dia d'amanhã.

Reconhecendo que os ataques á mão armada contra a Republica davam resultados contraproducentes, mudou de tática. Vemo-lo então submisso e arrendido, falando na sua fé, fé que não tem, proclamando a sua crença, crença que não possui, ajoelhado ante o altar da Republica em orações de contrição, batendo hipocritamente no peito e murmurando o mea culpa. Até aqui, exigia; agora pede. Primeiro, lançava o desafio; agora mendiga. Eu tenho-lhe mais recio agora do que dantes. Então estavam preparados para a luta. Agora não sei onde escondem a lamina do punhal. Na lingua? nas lagrimas que choram? nas orações que rezam? Em qualquer parte eles o trazem, e em qualquer momento eles saberão maneja-lo.

A ocasião é magnifica. E o jesuita sabe explorar as ocasiões. Portugal vai entrar no conflito europeu.

Brevemente algumas dezenas de milhares de soldados irão lutar ao lado das gloriosas armas francezas.

De que se lembra então? De pedir o impossível, de pedir aquilo que seria a destruição da

primeira lei da Republica, essa lei que tem de ser mantida com todo o escrupulo e com todo o carinho, e, ao mesmo tempo, com toda a coragem e com toda a firmeza. Os padres pedem capelães para o exercito! Capelães incorporados oficialmente, que seria uma abdicção da Republica, porquanto assim reconhecia a existencia legitima duma religião, com a qual ela nada tem, nem deve ter. Os adeptos doutras religiões tinham o mesmo direito de reclamar a assistencia religiosa que muito bem quizassem ou entendessem. Mas a maioria do povo portuguez é catolica, dizem eles. E' o que resta saber. O mulhero será ou dirá que é. O povinho é indiferente a esta ou áquella religião. Vai á missa por um habito. Ama as romarias, não, por ter amor ao santo ou santa festejada, mas porque vai dançar, beber e tocar harmonico.

Religião? Ele sabe lá o que é isso! Quando vem um padre pela manhã cedo, é um inau agora para esse dia. Estou convencido de que á grande maioria, tanto importa que nas expedições vão padres ou não. Não são género de necessidade. O pedido da incorporação dos capelães no exercito não passa duma habilidade, dum pretexto, para embarcar, para atacar. Muitos padres serão obrigados a marchar para a linha de combate. Tanto dão a salvação ás suas ovelhas envergando uma farda, como vestindo uma sotaina. E ali, na linha de fogo, na linha de combate, eles terão mais valor e mais merecimento, pois cumprem dois deveres a um tempo: para com a Patria, á qual são obrigados a dar o seu sangue e a sua vida; para com aqueles que á hora da morte desejem partir para o reino dos ceus com a benção de suas reverendissimas.

Por mim, muito desejaria não encontrar-me com semelhantes aves no ocase da minha vida, porque se desejo morrer bem com Deus, tambem é verdade que não quero morrer mal com o Diabo, que pode ter muitos defeitos, mas, verdade seja, nunca me fez mal.

ERNESTO D'ALMEIDA.

### Dr. Gustaf Bergstrom

No Rio de Janeiro, onde se encontrava ha quatro annos, faleceu no dia 23 do corrente, este nosso inditoso amigo, que, em Coimbra, com tanto brilho e solicitude, exerceu o logar de professor no liceu Dr. José Falcão. Morreu um grande lutador, para quem as ideias avançadas eram uma religião; morreu um grande poeta e um bom amigo. Na Federação Operaria de Coimbra, fundou um curso nocturno, afim de levantar o nivel moral e intellectual do proletariado, sendo tambem um dos grandes propugnadores dos interesses da cidade. A Revolta, lamentando comovidamente a triste nova da morte do seu inditoso amigo, solidarisa-se com a magua que aancia o coração de sua familia, na pessoa de seu extremoso pai, o sr. J. Bergstrom, professor de inglez no Liceu de Coimbra.

### Reclamação

O nosso estimado colega da Guarda, O Portuguez, participa-nos que não tem recebido o nosso jornal; o nosso presado assinante Henrique Pereira Baptista, em Vila Rial, faz-nos igual recommendação. Ignoramos qual o motivo deste facto. Se é certo que o nosso jornal não chega ao seu destino, o que podemos desde já garantir é que não é por culpa nossa, pois todos esses jornais, absolutamente todos, teem ido para o correio.

### Festival em Santa Cruz

Têm decorrido com desuzado brilhantismo e concorrência os festivais no parque de Santa Cruz, cujo producto liquido se destina, em parte, á Cruz Vermelha e Cruz Branca. As iluminações, as ornamentações dão ao parque um aspecto encantador, sendo, indubitavelmente, o que de melhor tem apparecido em Coimbra. O ingresso no parque é publico. Os festivales prolongar-se-hão até ao proximo dia 2 de julho.

### Moçidade funesta

Ao Amadeu dos Santos e Silva grande amigo e grande coração.

III

Ante meus olhos em marezia cavava-se fundo o vacuo de uma amistosidade convivença a afogar-se no esquecimento intermino da vala-comum. A cabeça, exausta de ideias, exgotada de lucidez, varria-se-me em tempestades de pensamentos-fantasmagoricos, a sangrarem pavores alucinatórios, que lá dentro vagalhavam como ondas altaneiras de um mar em furia de wagnerianas tempestades. Turbilhonava no furacão tempestuoso da realidade triste e tenebrosa como um vento em torrentes de desgrenhada loucura, desabrigado de infinito em noites brumosas de escuridão campal, bramando contra o destino do seu genio em navroses de nomeado loucura.

Os nervos — cordas violinicas do meu sentir — lassavam-se numa distenção amodorrada de abatimento de vibratilidade annua, amorfos de virilidade espirital em entusiasmos de vida, torturando-se na dor do auzente, sem repêlões dionisiacos de sangue a borbulhar na sensação pugentissima da saudade.

Corri ao hospital na hipótese de ainda o ver na serenidade da sua morte. Todo o meu ancio era poder mirá-lo, uma vez mais, no aprumo da sua distincção correcta de perfeito homem de sociedade mundana, tocar-lhe o aplomb da sua elegancia de artista maravilhoso e de esteta inimitavel na arte de vestir, primeiro que os homens do escalpelhe profanassem o corpo apolineo no estudo infamante da autopsia disseccadora. O meu desejo debelou a minha dor num arroubo de imposição energica pela saudade do meu espirito arruinado da unica amizade que lhe era facil compreender. Dominei a cachexia choramingosa e melada da minha alma ulcerada de sofrimento, e num repêlão violento de nervos nevrosados chamei ao meu cerebro um pouco da lucidez perdida.

Tomei um carro que chouteava lento, num passo de enterro, fazendo o giro da praça na esperança de servir algum retardo freguez. O ar da noite estava frigidito, gelado, caustificando de nordeste. As ruas estavam desertas, impenetraveis de escuridão, silenciosas de todo o formigalhar de vida prodigiosa, intensa, que calcurreia estrepitosamente as suas pedras de martirio e de humilhação. No alto não tremelicava astro, onde os nossos olhos se podessem guaritar numa ilusão impressionante de vida. Dir-se-ia que a propria natureza dormitava na inabalavel rigidez do seu silencio e que de todo se tinha sarcófagado no seu recolhimento de escuridão profunda para que os notivagos estroinantes a não podessem acordar do seu descanço meditante com as ra-pioqueiras do seu vicio de cantatas e de carraspanas.

Pelo silencio da noite o rodar traquitante e desengonçado da carruagem despertava ecos grossiros de espalhafato. Sosinho e um pouco nervoso, sem paragens certas de pensamento, ia originando causas estupidas, hipoteses visões, que o arrebanharam ao suicidio. Entorpecida de lucidez, acordando espectralisações de imagens por entre uma doentia succisão de ideias sem pontos de origem, a cabeça esvaiasse-me em todas as mil casualidades da sua vida que me orientar podessem da loucura do seu gesto impensadamente resolvido num momento de desanimo exaltado de morte.

Ninguem o suspeitava. Nada mesmo o fazia prevér. Na sua boca papoilada de um sangue sensual e ardente, e nos seus olhos vivissimos de intelligencia lucida com fulgurações crepitantes de genio, tudo dizia alegria e falava de amor pelo seu apêgo á vida. Todo o seu corpo, quasi de propósito talhado para originar emoções de arte a todo o esculptor-artista, era como que um esplendido imario á beleza perfeita e una de Apolo. Parecia que todos os instantes da vida passada lhe renovavam para a alegria forte dos espiritos de eleição todos os ancoios da vida futura. Os intimos de hora a hora que mais de porto gosavam

da sua franca intimidade, nunca perceberam nela um gesto de enfado pela vida, um queixume que deixasse transparecer uma desilusão que lhe acicatasse a alma, uma palavra sequer que podesse descortinar uma ligeira desconfiança pelo seu acto de agora.

Chegado ao casarão hospitaleiro, albergue de todas as desgraças de immediato socorro, a entrada foi-me proibida. O regulamento da casa, áquella hora adiantada da noite a dealbar para manhã, só permite a entrada a quem não possa falar a visitas. A vida começa ali o seu esquecimento de tumulo. Quiz valer-me ainda das relações de amizade que me uniam a certo medico-boletineiro que por lá fazia clinica de pulso, e de verificação de obitos. Por ele perguntei na quasi certeza da minha entrada. Não estava. Delegará num enfermeiro antigo, especie de rabôna da sciencia medica, as atribuições do seu cargo. Tentei convencer a alma dura do porteiro, alegando razões de familia, motivos de angustias de um tragico suicidio em minha casa. Em repassadas palavras de saudade onde se espelhavam lagrimas de comção, disse-lhe toda a minha esperança do o ressuscitar ao calor do meu abraço de afeição. Mas debalde. O homem não cedia a palavras. Insinuando-me, cheguei a oferecer-lhe um cigarro, em modos delicados e cativantes, de quem procura captar simpatias. Passei-lhe a cigareira para as mãos no premeditado intuito de lhe domesticar a preverencia dos sentimentos sem fibras de humana compaixão. Aceitou sem rogos de falsa e teatral delicadeza. E a sua liberdade de educação acostumada a todos os meios faocis de tratamento sem habilidades de cortezismo, num gesto de astucia mal delineado pelos dados, que muito bem percebi, levou-o a servir-se rasgadamente, desprezando imaginativos reparos, como se estivesse a mantimentisar o vicio para toda aquella ante-manhã. Guloso, arengando uma mistificação de agradecimento, entrou logo de lhe gabar a aromatisação do tabaco. Julgando-se mal pago continuou ainda a esquivar-se, talvez na mira de explorar melhor o negocio.

Procevi novo expediente que surtisse melhores efeitos de realisação para o meu objectivo. Tintinbulando moedas na algibeira tentei convencer o homem, prometendo-lhe que saberia remunerar bem o obsequio de me abrir a porta daquela casa de mortos.

Depois de lhe falar a linguagem comovida das grandes dores, morfundada de lividez das catastrofes, que togam os paramos da morte, comeci outra, torpe, comesiua, cheia de expedientes, untada de promessas servís de que é construída a utilidade.

Primeiros e imprescitos detalhes de uma novela a comocar.

JOÃO D'ASSUMPCÃO

### CRUZ VERMELHA

Promovido pelo corpo activo da ambulancia n.º 25 da Cruz Vermelha, foi levado a effecto, no passado dia 28, um sarau, em beneficio desta benemerita instituição, em que tomaram parte os artistas do Teatro Republica que levaram á scena o Pró-Patria, Em Acção e O Instincto.

Foi imensamente concorrido.

### Raça Lusitana

Com este titulo acabamos de ler uma pequenina e emocionante peça teatral, devida á penna do brilhante literato, Carlos d'Alcantara Carreira (Cymo Dalcam), que, com grande successo foi representada no dia 19 deste mez no Teatro Republica em Lisboa. É um episodio comovente, repetimos, tratado com ligeiros, sem pedantismos e no qual o amor da Patria é carinhosamente exaltado, constituindo, no seu fundo, um excelente meio de propaganda contra a obra de dissolução e cobardia que se expande livremente pais em fora.

Nesta peça, decerto, não pretendem o autor apresentar-nos uma

# SECÇÃO LITERÁRIA

## Vilas afonsinas

Burgos medievais: grandes aldeias  
De granito e de café e telha escura,  
Com muralhas, de azeite (—o liquen) cheias,  
A coiraca-las, — brônzea vestidura.

A sombra do castelo, lá na altura  
Projectando o recorte das ameias,  
Muito juntinhas, todas à mistura,  
As casas são alvéolos de colmeias.

Ficam à volta as terras de lavoura:  
— Hortas, campos de trigo que se aloira  
E prados e devesas e pomares.

E o povo uma só grei, uma comuna,  
Com a voz dum só sino que os reúne,  
Uma só névoa os fumos dos seus lares.

LUIS VALOURA.

## Oração da Despedida

Oceano d'Alma... dormencia  
Do meu prazer torturado...  
Ajoelho num descampado  
A orar a prece da Ausencia!

Ante-Saudade... és a essencia  
Do Futuro no Passado;  
Previsão do amargurado  
Calvario da minha Ausencia...

Adeus, Humano Clarão  
Dos meus olhos marejados  
Das gotas da minha prece...

Tu rais-te! e o meu coração,  
Fica a dobrar a finados,  
Como se alguém lhe morresse!...

Coimbra 24-6-916

CAMPOS DE FIGUEIREDO

obra prima; é isto mesmo que se depreende da rapidez da acção, da sua singeleza, pois simples deve ser tudo quanto fala ao povo e sobre o povo. Cymo Dalcam foi mais patriota que artista, e é esta, na verdade, a verdadeira atitude que deve nortear todos os orientadores nacionais. A *Raca Lusitana* é um grito da Patria, e é por isto que o seu autor merece o nosso elogio e a nossa admiração.

Agneda Pires, Isaura Vasconcelos, Alicia Viana, Filomena Pereira, Felisbela Martins, Carolina Costa, Maria Antonia, Gloria e Guilhermina Sequeira, Maria da Conceição Ferreira, Georgina dos Santos Pin-

## Exposição de trabalhos na Escola Normal

No dia 18, domingo, desde as 11 as 15 horas, esteve franqueada ao publico a Escola Normal de Vila Real, afim de ser visitado este importante estabelecimento de ensino, donde houve uma brilhante e aparatosa exposição de trabalhos confeccionados durante o ano lectivo passado, sob a habil direcção da ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> professora D. Maria Ferreira. Com extranha evidencia e curiosidade affluiram ali centenas de visitas, não só deste conselho como de outros limitrofes, afim de apreciarem os magnificos trabalhos que muito honram não só as alunas como a distinta professora.

Dentre os variadissimos trabalhos apresentados, de subido valor, salientaram-se os seguintes: Uma linda coberta de renda de mão com o centro em setim bordado a matiz, outra em filé bordada com elegantes ramos em seda. Igualmente foram apreciados, ricos almofadões bordados a matiz, bem assim diversos trabalhos de costura, bordados a branco, varias especies de *crochet*, etc.

O que despertou muito a attenção foram uns finos bordados a outro, das habéis meninas Helena Peixoto Pinto e Maria Elisa Sousa Pinto.

E' grande o numero de alunas que muito se salientaram, especificando as seguintes:

to, Ermelinda Meireles, Antonieta Cardoso Pinto, Maria Sena, Lucinda Atonso, Judit Freitas, Margarida Medicis, Ambrosina Ribeiro, Maria Moutinho, Adalina Rocha, Margarida Aguiar, Maria Rosa de Carvalho, Conceição Igrejas, Rosa Candida Guedes, etc.

Parabens ás distintas professoras, especificando as ex.<sup>mas</sup> sr.<sup>as</sup> D. Maria Ferreira e Zara Araújo que tão incansaveis foram para promover a notavel exposiçao, incentivo digno dos nossos calorosos aplausos.

JOAQUIM DO PRADO.

## JORNAIS

Recebemos a visita do novo diario lisboense *A Tarde*, dirigido pelo nosso amigo Carlos Fidelino Costa.

Com os nossos cordeais agradecimentos os votos mais sinceros pela sua prosperidade.

## Carteira de "A Revolta"

Com uma alta classificação concluiu, na passada segunda-feira a sua formatura em Medicina o nosso estimado companheiro de luta, Dr. José Vasques Tenreiro.

A *Revolta* envia-lhe um abraço de sinceros parabens, desejando-lhe um grande triunfo na vida pratica.

Para Cornache, em gozo de férias, partiu, na passada semana, o brilhante poeta, nosso distincto colaborador, Campos de Figueiredo.

Acompanhado de sua ex.<sup>ma</sup> familia, afim de fazer o tratamento anti-rabico, partiu, na semana passada para Lisboa, o nosso estimado amigo Octavio Marques Cardoso.

De regresso do Algarve, onde foi chamado a apresentar-se á junta de re-inspecção, já se encontra nesta cidade, o nosso particular amigo Silvestre Falcão Ramalho Ortigão, distincto quintanista de Direito.

## Por Vila Real

20-6-1916

Terminou ontem a feira de Santo Antonio que atraiu a esta capital de distrito alguns milhares de forasteiros, tendo decorrido animadissima, principalmente durante os dias 13, 14, 15 e 18.

Apesar da crise geral que vamos atravessando, fizeram-se importantes transacções: appareceram belas «estampas» de gado cavalari, tendo a commissão de remonta comprado

23 solpedas para o serviço do exercito; nos hotéis, cinemas e cafés havia uma concorrência atordoante até de manhã, tendo amestradas bailarinas exibido seus trabalhos com muita graça e salero.

As touradas estiveram concorridissimas. Os Casimiro, pai e filho, saíram-se á altura dos seus creditos, com arte, arrojo e elegancia.

Houve pégas corajosas, e o cavaleiro-amador Aristides Conceiro, apesar de arrojado, na segunda corrida, foi pouco feliz, sendo colhido algumas vezes.

Perante tamanha concorrência e gosto pela tauromaquia, parecia que estávamos em Salamanca ou na decadencia do Imperio Romano, ouvindo o povo clamar «panem et circences»!

Foi pena não se poder realizar o

JOAQUIM DO PRADO

congresso transmontano que mais forasteiros traria ainda á nossa ruidosa Capital. Oxalá que para o ano 1917 se realize, e daqui até então, as commissões dos diversos concelhos do distrito aproveitem todos os elementos que possam contribuir para o fuzimento do congresso não rejeitando reconhecidas competencias que já oportunamente foram indicadas.

Estiveram nesta cidade, pela occasião da feira, entre outras pessoas, os Ex.<sup>mas</sup> Srs. senadores Dr. Madureira e Castro e Jeronimo de Matos, Antonio Teixeira de Sousa e visconde de Trovois.

Abraçamos com grande prazer o nosso amigo José Teixeira Frazão bem como a Sr.<sup>a</sup> D. Maria C. Fernandes, cuja visita agradecemos.

## ANUNCIOS

### OS MAIS LINDOS POSTAIS VENDEM-SE NA

### Tabacaria e Papeleria

### CRESPO

Grande variedade em tabacos nacionais e estrangeiros  
Bilhetes de visita

Revistas e jornais nacionais e estrangeiros  
Artigos para pintura, desenho e escritorio

Telefone, 275 \* 27, R. Ferreira Borges, 29 \* COIMBRA

## A Revolta

### Assinaturas

Continente, ilhas e ultramar, trimestro... 435  
Estrangeiro... 470

### Pagamento adiantado

Numero avulso... 402

Proços convencionais. Anunciam-se todas as publicações de que se receber um exemplar.

e Russos. Assinando e respeitando esta convenção, a França fornecia a melhor prova das suas tranquilizadoras e corteses disposições a respeito da Alemanha.

A simples honestidade internacional impunha que a Alemanha secundasse a França neste caminho. Não tinha mais do que respeitar os direitos morais e materiais das duas provincias conquistadas. Porém, abertamente fazia o contrario.

Bem pior ainda, levava a sua iniquidade, nas regiões anexadas, até uma especie de maldade demente. E isto, contra os seus próprios interesses. Volvidos quarenta anos, a Alemanha era ali mais odiada e desprezada do que no dia immediato ao da conquista. Cada nova ferida, infligida á Alsácia-Lorena, não podia deixar de avilventar a dor francesa. O numero dos que procuravam esquecer era cada vez menor. Perpetrando os seus crimes, a Alemanha falava hypocritamente de uma aproximação com a França, como se cada aproximação, nestas condições realizada, não constituísse uma covardia a respeito dos martirizados Alsacio-Lorenos!

Mas o amor da Paz tomou raizes de tal forma profundas na consciencia franceza, que havia mesmo jornais, escritores, e grandes homens de Estado que aspiravam ao estabelecimento de relações amigaveis com a Alemanha de Guilherme.

Uma Alemanha dirigida por homens sensatos teria deixado que o tempo trabalhasse por ela. Os sacrificios exigidos pela paz armada teriam arruinado a França ao cabo duma quinzena de anos. O serviço de três anos, que ela não podia evitar, e só isso, a obrigava a fazer vir do estrangeiro 200.000 operários a mais. Os alemães tinham-na já invadido pacificamente!

Estabeleciam-se na França e apoderavam-se do seu commercio e da sua industria. Por via indirecta, a Alemanha dirigia parcialmente as suas finanças e dispunha das economias francezas. Acrescenta-se a isto um sistema de espionagem que contraminava a França em todos os sentidos.

Os governos que se sucederam não podiam ignorar as calamidade que, sempre crescentes, poderiam levar

Nem de outra forma poderia ser. O serviço dos três anos impunha-se á França, mas com a condição de provocar quanto antes o fim da paz armada, desastrosa para o mundo civilizado. A vida nacional franceza ameaçava sossobrar se a Alemanha — e isso era de prever — viesse a adoptar por seu turno o serviço de três anos. Ninguém podia alimentar dúvidas, tanto mais que o impulso guerreiro e a louca corrida para os armamentos vinham sempre da Alemanha.

Até 1886, os efectivos alemães e francezes eram quase iguais, tendo a França cerca de 10 a 15.000 soldados para mais. Em 1893, a Alemanha aumenta, de um jacto, os seus efectivos com 75.000. Dez anos mais tarde, já a Alemanha excede em muito a França. Em 1904, dispende a França apenas 610 milhões contra 822 milhões dispendidos pelo império alemão, sendo a diferença em homens de 550.000 contra 602.000.

O quantitativo global francez compreende ao mesmo tempo as tropas espalhadas pelas colónias africanas. Oito anos mais tarde, isto é, em 1912, a Alemanha tem um orçamento militar de 1.126 milhões e 690.000 homens contra 887 milhões na França e 583.000 homens!

A Alemanha gosava já duma enorme vantagem. As suas novas medidas não podiam já deixar de inquietar a sua vizinha. Simultaneamente, a Alemanha aumentava de uma maneira gigantesca a sua frota de guerra e a sua marinha mercante.

A Alemanha pretendia armar-se, na verdade, por via de outros perigos que nada tinham de comum com a França! Ora, após a guerra russo-japonesa, as forças russas, completamente enfraquecidas, permitiam-lhe antes uma redução nos armamentos. Não se via a França completamente isolada, enquanto que, do lado alemão, estava quase toda a Europa?

Deixou a Alemanha de praticar este belo gesto. Ao contrario, não obstante o enfraquecimento da Rússia em 1905, a França reduziu o seu serviço militar de dois para três anos. Diminuiu ainda, em 1908, os períodos de instrução das suas reservas. Que faz a Alemanha entre-

\*\*\*\*\*  
Relojoaria Comercial

DE  
**Adolfo Pinto de Sousa**  
Praça do Comércio, 60  
COIMBRA

Neste estabelecimento ha sempre para vender um completo sortido em relógios de bolso, mesa, parede e despertadores.

Encarrega-se de todos os concertos de relojoaria garantindo os relógios vendidos ou concertados.

\*\*\*\*\*

IMPORTADORA  
TELEPHONE N.º 350

**Cipriano Leão & Comp.**

Importação directa  
De cutelarias, ferragens finas, armarmentos, munições de caça e bem assim uma infinidade de artigos indispensáveis ao uso doméstico.  
Rua Ferreira Borges, 52  
COIMBRA

**FRANÇA & ARMENIO**

Livros-Editores  
Rua Ferreira Borges, 77 a 81 — Arco d'Almedina, 2 a 4  
COIMBRA

Esta livraria tem um grande sortido de livros tanto nacionais como estrangeiros. Compendios adoptados na Universidade, nos Liceus, Seminarios, Escolas Agricolas, Normais e Primarias.

**Tomás Trindade**

COM ESTABELECIMENTO DE  
Tabacaria — Papelaria — Loterias — Perfumarias  
CENTRO DE PUBLICAÇÕES

Jornais — Ilustrações  
Revistas nacionais e estrangeiras

Deposito da Imprensa Nacional  
Para venda das publicações e impressos do Estado

POSTAIS ILUSTRADOS  
Lindas coleções em fantasia e vistas de Coimbra

Deposito de aguas Minero-Medicinaes  
Aguas ao copo

Deposito da Cevada do Cairo  
Carimbos — Cartões de visita  
COIMBRA

Largo Miguel Bombarda, 13, 15 e 17  
Telefone n.º 559

**AUGUSTO BAPTISTA e**

**JORQUIM DE CAMPOS**  
ADVOCADOS  
Rua da Sofia, 15-1.

**Encadernador**

Precisa-se com bastante pratica e que saiba dourar. Garante-se sempre serviço. Carta a esta redacção com as iniciais A. M.

**FARMACIA DO CASTELO**

Deposito de productos fotograficos da Casa Foto-Bazar do Porto.  
Creme dentritico.  
Especialidades farmaceuticas nacionais e estrangeiras.  
Instrumentos cirurgicos, etc.

**Abilio Lagoas**

COIMBRA  
32, Praça do Comercio, 33  
Escritorio de commissões e consignações  
Correspondente de Companhias de Navegação  
Vende passagens em todas as classes para todos os pontos do Globo.

**ALFAIATARIA**

**Guimarães & Lobo**  
54, Rua Ferreira Eorges, 56  
COIMBRA  
Casimiras nacionais e estrangeiras, luvas, gravatas, piagas e outros artigos para homem.  
Modicidade de preços

**Muraline**

Tintas inglesas a agua. As mais higienicas e resistentes ás intempéries e as que maior consumo tem em Portugal, para interior e exterior de prédios.

**Karsonite**

Tinta branca a agua. Appropriada para encobrir as manchas das paredes e do fumo.

**La Bele**

Esmalte finissimo em todas as cores, as mais finas e garantidas para interiores e exteriores dos prédios.

CASA DEPOSITARIA  
ESTABELECIMENTO DE FERRAGENS E TINTAS  
ANTONIO FERREIRA PEREIRA  
141 — Rua Ferreira Borges — 145  
COIMBRA  
Telefone n.º 250

**Machinas SINGER para coser**

Escritório Central — Rua Ferreira Borges -- COIMBRA

**ESTABELECIMENTOS**

COIMBRA — Rua Ferreira Borges, 12  
GUARDA — Rua Alves Roçadas  
COVILHÃ — Praça 5 d'outubro, 17 a 19  
CASTELO BRANCO — Rua Pina, 32

LEIRIA — Praça Rodrigues Lobo, 43 a 44  
FIGUEIRA DA FOZ — Praça da República, 8  
SOURE — Rua do Relógio  
LOUZÃ — Rua do Comércio

tanto? Não cessa de recrutar novos corpos de exército, afim de assegurar-se uma esmagadora supremacia de forças. A Alemanha não ignorava os esforços que na França se faziam em favor do retraimento. Os escritores mais notórios e os políticos mais influentes trabalhavam de comum acôrdo para o estabelecimento de relações normais entre os dois países. Certos homens políticos arriscavam nesta tarefa ingrata o seu futuro e a sua popularidade. Basta lembrar os discursos pronunciados no Parlamento francês contra o aumento do exército ou da armada. Na Haya, os representantes franceses não occultavam o desejo de tornar impossível qualquer scisão violenta entre os dois povos rivais. A aura de bom senso que atravessava a França ameaçava transformar-se num simples acesso de loucura, em face das palavras provocantes que vinham de Berlim. Os homens bem intencionados, desencorajados pela Alemanha, compreenderam finalmente a impossibilidade de trabalhar-se pela paz alemã. Que dizer, enfim, das excitações destes últimos tempos? Por outro lado, o estabelecimento duma contribuição de guerra de 1.250 milhões de francos, e isto em plena paz, a preparação de novos impostos anuais de cerca de trezentos milhões, em meio da crise que affigia a Alemanha, tiravam todas as illusões a este respeito. Falando de Guilherme II, notei algures, ao mesmo tempo com pesar, que a sua sensibilidade, demasiado aguçada, lhe provocava interrupções de continuidade, frequentes e inquietantes. Sustentava eu, já então, a these de que a ambição doentia do soberano alemão, que não conhecia freios de qualquer sorte, fazia prevêr e recear as mais temíveis e inverosímeis eventualidades. Passava-se isto em comços de 1913.

Entre a França e a Alemanha  
A França, a cada passo apodada, na Alemanha, de exaltada, histérica e desconcertada, infligia no entanto lições de sangue-frio, de bom-senso e de moderação ao povo alemão. O historiador de amanhã ficará abismado ao constatar quanto a psicologia do povo francês finha sido profundamente falseada, ou antes, com que flagrante injustiça se confundiram duas Françaes — a anterior e a posterior a 1870. Sem embargo dos sacrificios de amor-próprio que a França se impunha por causa da Alemanha, ninguém, entre nós, queria ou ousava assumir as responsabilidades duma guerra. Não há hoje lugar para dúbidas. Foi a Alemanha quem a quis e traçoicamente a premeditou. Quando, nm dia, se tiverem divulgado todas as humilhações que os successivos governos franceses vinham sofrendo, da banda da Alemanha, ninguém poderá deixar de admirar a superioridade dos nossos homens de Estado e os sentimentos pacifistas da nação. A nossa estação de Orsay tomava precauções extremas no sentido de occultar à nação os inqualificáveis processos da sua vizinha. A própria imprensa passava em claro, com um tacto e uma rara delicadeza, os permanentes motivos de irritação. Mas o Kaiser trabalhava. E, ao mesmo tempo que se esforçava por conquistar o coração de muitos parisienses desgarrados em Berlim, não cessava de esbofetear os mais respeitáveis sentimentos franceses. Entretanto, na França, a maioria ponderada apenas procurava uma coisa: relegar para um futuro (mais elemente e mais justo o cuidado de regular a questão de Alsacia-Lorena. O país foi orientado neste sentido. O tratado franco-russo confirmou eloquentemente as disposições pacificas da França. Apenas no caso duma guerra defensiva se previa a marcha em comúm de Franceses

**TIPOGRAFIA LITERARIA**  
R. Cândido dos Reis, 17, 19 e 21 — COIMBRA  
TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GÉNEROS  
Impressões de revistas, jornais, lições, cartões de visita, envelopes, diplomas, recibos, facturas, papel timbrado, etc.  
Esta tipografia que possui os mais modernos maquinismos, está apta a executar todos os trabalhos gráficos, primando pela perfeita impressão em gravura e a cores.

## O papel da Inglaterra

A crítica fácil, leviana e, por vezes, velhaca de certos rabisca-dôres, comparando o esforço desenvolvido por cada um dos grandes paizes da «entente» na grande guerra europeia, pretende bolocar a Inglaterra num plano secundario, diminuindo o valôr da sua acção e fazendo supôr que a sua colaboração pouco tem influido na marcha dos acontecimentos militares. E' um erro grave, que alguns comêtem de boa-fé e por ignorancia, mas que outros avolumam com propositada intenção de amesquinhar o poderio inglez e de provocar a desconfiança e a suspeita entre os valorosos combatentes de um mesmo e justo ideal.

E' certo que a grande e generosa França tem pôsto ao serviço da guerra o melhor das suas energias, des- envolvendo um esforço admiravel e causando o assombro de todo o mundo, pelo valôr dos seus exercitos e pela ardente fé com que todo o seu pôvo tem sabido sacrificar-se. Não ha duvida que a poderosa Russia tem resistido heroicamente a todas as investidas das legiões germanicas, infligindo-lhes as mais duras lições e não deixando que o Estado-Maior alemão deixe mal guarnecidas as linhas do oriente para aproveitar todos os recursos no esmagamento das trincheiras francêsas. A França e a Russia teem, realmente, produzido um esforço colossal, lutando com o maior vigor, batendo-se com indomavel energia, obrando verdadeiros prodigios de audacia e de heroismo.

Mas, nos sucessos obtidos e nos felizes resultados da sangrenta lucta, também a Inglaterra cabe um quinhão, que não é menor do que os outros, nem no que respeita a sacrificios, nem no que se relaciona com o esforço militar desenvolvido. Por ventura pode imaginar-se o que poderia ter feito a poderosa Alemanha se tivesse o mar livre, consentindo o transporte dos seus exercitos, as evoluções da sua magnifica esquadra, o reabastecimento dos seus mercados, a paralização do commercio e da navegação dos adversarios, a impossibilidade para a França de trazer para os campos de batalha da Europa as suas magnificas tropas colonias, a dificuldade para a Russia de adquirir o material de guerra de que necessita? E quem tem evitado tudo isso senão os formidaveis couraçados da Inglaterra? Nesta guerra, como de resto em todas as guerras dos tempos antigos e modernos, a liberdade do mar tem assegurado meia victoria. O triunfo decisivo dos exercitos ha-de dever-se, em grande parte, á liberdade do mar, mantida pela frota inglesa. O grande Napoleão e o audacioso Anibal lamentaram sempre amargamente o não possuirem uma forte marinha de guerra e acabaram por succumbir ás mãos daqueles, que não esqueceram de preparar no mar as victorias dos seus exercitos. Disse um escritor celebre que em Trafalgar não foi apenas Villeneuve o vencido, foi o proprio Napoleão, acrescentando um outro escritor que Waterloo

tinha sido apenas o golpe de misericórdia, sendo Trafalgar o verdadeiro golpe mortal. Um e outro quiseram significar que a derrota de Napoleão não teria sido possível se as esquadras francêsas mantivessem a liberdade do mar, permitindo ao famoso general o aniquilamento dos seus mais persistentes inimigos. Para o caso presente, podemos, sem receio, acrescentar que a derrota da Alemanha seria totalmente impossível, se a Inglaterra com os seus grandes navios de combate não conservasse a liberdade do mar para os aliados, encerrando nos seus portos a esquadra germanica, que entre todas as marinhas do mundo occupa o segundo logar.

Bastaria este auxilio da Inglaterra para, na comparação de esforços e na critica da acção por uns e outros desempenhada, termos de a colocar a par das duas outras grandes potencias da «entente». A França e a Russia já sabiam que o principal papel da Inglaterra era conservar o poderio dos mares, cabendo-lhes a elas decidir a contenda nos campos de batalha. Por isso os recursos da Inglaterra eram reservados para dar á esquadra inglesa uma incontestavel supremacia, enquanto a França e a Russia empregaram o seu esforço na preparação dos seus exercitos. Todo o plano obedeceu a esta orientação e não foi uma orientação errada, pois sem a liberdade do mar a resistencia dos aliados já ha muito teria dado os ultimos arrancos. A victoria final ha-de, certamente dever-se ao heroismo e á tenacidade das tropas russas e francêsas, mas ela não seria possível sem o dominio dos mares, como seria muito mais difficil sem o concurso dos pequenos povos, que á grande causa teem dado todo o seu patriotismo e toda a sua heroica dedicação.

Mas o papel da Inglaterra não se tem apenas resumido em conservar a supremacia maritima e em fornecer os mais preciosos elementos de combate aos exercitos aliados. O seu esforço militar é também digno da maior admiração e poderosamente tem contribuido para evitar o triunfo da Alemanha. Já vae longe o tempo em que o seu exercito se resumia nas poucas divisões do general French, nessa tropa que o kaiser cobriu dos mais grosseiros insultos e que, contudo, se bateu gloriosamente desde os maus dias de Mons até ás alvoradas redemptoras do Marne. Hoje o exercito inglez tem milhões de soldados, que estão lutando numa extensa linha de batalha, que teem vibrado golpes profundos no poderio militar da Alemanha e que se preparam para uma offensiva, que ha-de corresponder brilhantemente ao esforço desenvolvido pelas russas e francêsas nas suas linhas de combate. O desprezível exercito transformou-se em poucos meses numa admiravel legião de combatentes, capazes de todos os heroismos e de todos os prodigios.

E' nisto que devem reparar os cri-

ficos faceis, que põem em duvida o esforço inglez e que so teem olhos para vêr o heroismo dos francêses e a valentia dos russos. A gloria chega bem para todos. Sejamos justos nas nossas apreciações e não queiramos elevar uns, injustamente deprimindo os outros. A França tem sido grande, a Russia tem sido um colosso, mas, se a Alemanha quiser diser a sua opinião, é a Inglaterra que apontará como o seu mais perigoso inimigo. Talvez seja por isto mesmo que tanta gente se ocupa em diminuir o esforço inglez.

Carnalho Araújo

## SEM MALICIA...

O obstáculo

*Formosa era ela a valer! Tão formosa e linda que se o Padre Santo sobera viria de Roma para a namorar também. E' claro que, apesar de tamanho nariz, o Benedito nada faria, que eu já sou praça velha. Amamo-nos ás tardes, á sombra das frondosas arvores da quinta, já hipotecada, e com um fio d'agua corrente a beijar-nos os pés.*

*Por vezes alimentamo-nos com o doce manjar dos namorados — beijocas que vão a cantar na agua da corrente e a bailar na aragem perfumada dos campos.*

*E os passarinhos doidos de alegria lá vão cantando as suas melopeias ao nosso tão sagrado amor!*

*Tarde amena de verão. O perfume das arvores a florirem embebida o ar e faz chegar o termometro do amor aos quarenta e pico unindo-nos os corpos num abraço tão apertado que entre nós*

... a aza duma mosca  
Não caberia, não!...

*E num desejo ardente de transfundirmos os dois corpos num só corpo, iam os labios sofregamente, quando — oh Deus! — um terrível obstáculo se levanta. — Era um pingo do nariz dela!*

ALCINDO

## Ortigão Peres

Com pequena demora esteve em Coimbra, na passada segunda-feira, este ilustre senador pelo Algarve, distinto tenente-coronel do Estado Maior e nosso presado amigo.

## Factos e comentarios

Na forja!...

Os monarchicos preparam-se para assaltar a Republica e a Patria. Informam-nos que alguns republicanos andam estudando as bases duma proxima amnistia. Ampla, bas-

tante ampla, quanta mais generosidade... mais melhor!

## Binganxas...

E porque uma lostra bem puxada lhes assentou nas ventas como um cabresto, ei-los fora do trilho, alcançando a retranca, para nos mimosearem com o presente da Mula do Papa de Avinhão! Até já se parecem com os profillectos entrevistados! A *binganxa* é cruelissima e a penna cal-lhes muito ao geito nas unhas ainda com cheiro a *sachola* e a *tórrão*, e sobretudo á caca de menino!

## Criticos

O sr. Forjaz de Sampaio, na sua cronica de terça feira, falando-nos da Coimbra de nossos dias, atira-nos, a certa altura, com estes períodos pessimistas:

«Estas gerações de agora morrem sem deixar a impressão de que viveram algum dia. Que poeta, que evocador, que literato nos dá Coimbra hoje?»

Então já te esqueceste do nosso Caetano, Forjaz?

Oh! como é grande a ingratidão e a critica... facil!

## Difamação

O Alfredo Pimenta, discordando no *Dia* dos processos da imprensa republicana, diz o seguinte:

«Creaturas que facilmente se vendem, supõem os outros facil ou difficilmente vendaveis».

Mas ha ali alguam que afirma que o Alfredo Pimenta se vende difficilmente?

## A Patria e as batatas

O *Dia* que presentemente se mostra muito temente a Deus, rejubilando com o incremento, *digno de registo*, que o culto da Rainha Santa vai tendo em Portugal, conclue:

«De Santa Izabel, Padroeira de Coimbra, muito ha a esperar a nossa Patria».

A Patria... as batatas, colega!

## Os melhores patriotas!

Os jornais de terça feira publicavam o seguinte telegrama:

«ROMA, 12 — Em Perugia foram denunciados ao tribunal cinco conegos que, abusando do seu proprio ministerio, se davam á anti-patriotica tarefa de espalhar noticias alarmantes, tendentes a deprimir o espirito publico e a afugentar a esperança que todos têm na victoria final».

Bem dizia a *Liberdade*: os catolicos foram e serão sempre os melhores patriotas!

## Na «Revolta»

Recebemos a visita do nosso colega a *Sementeira*, brilhante semanario de que é director o sr. Mario Rodrigues da Silva.

Entabulando gostosamente a permuta, enviamos ao novo mas valoroso combatente as nossas saudações.

## Uma ave agoirenta

Eles mexem-se por toda a parte, andam muito radiantes e confidentiais, e também por cá appareceu a figura pelintra e repugnante do conhecido conspirateiro João do Amarral. A postos! e que a limpeza desta vez seja radical, rehabilitando, duma só feita, os grandes erros da nossa clemencia, a fonte mais perene das audacias.

## Gazetilha

*Ou é cinico ou pateta,  
Quando diz, o bom Forjaz,  
Que já não ha um poeta  
Nas gerações coimbrãs!*

*E então que desse Caetano  
Que ele tanto saboreia  
No «palpando-lhe a estrutura»  
Daquela «Cahos da Ideia»?*

*Tão depressa se esqueceu  
De quem lhe mandou as esperas...  
E já hoje, assim, diz mal  
De quem disse bem nas vésperas?*

*E então eu, o Zé Guélas  
A fazer quadras sentidas,  
Que até rimam com panelas,  
Não lhe encho eu as medidas?*

*Ai! meu ingrato Forjaz  
Ao ver-te fazer assim  
Eu «sinto ancias de Abel»  
Para escarrar em Caím!*

*Mas já que eu não sou poeta,  
Eu que o Bocage observei,  
Nunca mais te faço versos  
Que tu irritas-me o nervo...*

*A não ser que tu te cales  
E não faças mais restolho,  
Pois, caladinho, ainda faço  
Versos que te encham o olho!...*

Zé Guélas.

## Pelo Tasto da rua Larga

Apareceu por lá, há dias, uma *lista negra* onde se anunciava que algumas dezenas de rapazes de Direito tinham perdidas varias cadeiras por motivo de... *faltas*.

A guilhotina continúa armada. Os cursos livres, que é como quem diz, a obra da República continúa a ser adulterada, mercê talvez de certos arrivistas que dum momento para outro conseguiram alçapremar-se á cátedra, sem outros méritos que não sejam as suas vaidades, o seu espirito jesuítico, os seus perfis muscardinos e o haverem conspirado contra as instituições.

Creaturas retrógradas e reacionárias, por educação e por sistema, elles quiseram restaurar o velho regime da falta, que nas suas mãos se torna uma arma envenenada, esse regime absurdo que trata alunos dum curso superior como quem trata carneiros.

Individuos que deixaram de comparecer a **dez** aulas perderam a cadeira — a par de individuos que a **venceram** deixando de comparecer a **nove**... Pode chamar-se a isto um critério scientifico, ou um critério de burros?!... Quer dizer: por intelligente que um rapaz seja, por mais que ele haja trabalhado durante o ano, o simples facto de deixar de ouvir mais *uma* prelecção dum Fezes e Tal ou dum Colaço virá inutilizar todos os seus esforços. Tam luminosas sam as sínteses de tais *sabões*! Tam grande é a força comunicativa das suas altas e transcendentis doutrinas!...

Mas o pior não é isto. O que é mais interessante é ainda a maneira, o escrupulo, com que as faltas sam apontadas na Universidade. A um dos nossos companheiros de redacção, por exemplo, foram apontadas duas faltas que não deu! Acaba de diri-

gir um requerimento ao sr. Reitor da Universidade, acompanhado de dois boletins comprovativos da sua presença ás aulas. Esses boletins, fornecidos pelas Faculdades, tem todo o valor legal, devendo por conseguinte

serem-lhe riscadas as falsas faltas que um lapso ou um propósito lhe apontou. Piamente acreditamos, é claro, que se não trate duma perseguição a um estudante republicano... Veremos isso!

## A derrocada

Ao raio de agosto de 914, a Alemanha, fremendo em anseios de conquista, rompe hostilidades com a França e a Rússia, intencional e prodigiosamente preparada numa tarefa insistente de quasi meio seculo, tarefa que não visava as contingencias duma defensiva e a salvaguarda da sua integridade, mas sim uma assombrosa e formidável empresa de devastação universal e de crime. Ao provocar o tremendo incendio europeu, a Alemanha ostentava o espectáculo de uma imensa caserna em pé de guerra. O Kaiser, não era o chefe supremo dum povo civilizado que se impuzesse pelo seu tacto administrativo, pelas suas qualidades intellectuais, mas o despota provocador e tarado, que encarnando a magestade divina, origem do seu poder na terra, desencadearia a mais formidável carnificina de que fala a Historia! Alemães e germanofilos viam apenas nesse povo arrogante os predicados duma cultura extraordinaria, dum poder invencível, glorificando o seu Exercito, a sua tática guerreira, e a competenciã dos seus generais, etc.

A sua actividade militar atingira o assombro; nas suas fabricas e estaleiros ia uma tarefa gigante. A sciencia e a industria davam-se as mãos na productividade dos mais complicados e mortíferos engenhos de guerra. O Imperio assumira efervescentes dum vasto arsenal em actividade, e, brutalmente, num orgulho feroz, invade simultaneamente a Rússia, a França e a laboriosa e martirizada Belgica, assolando como um tufão de morte, a belesa dos seus esforços colossais e paciẽcos, derrocando monumentos venerados, num impiedoso diluvio de fogo, tudo destruindo e manchando com a especuração de canhões salpicando e conspurcando o Direito.

A guerra alastra. A breve trecho acham-se envolvidas no conflito, a Italia, a Servia, o Japão e a Inglaterra, que surge na luta como um paladino da liberdade dos povos, em defesa da Belgica heroica, da França invadida, e mais tarde é a Italia e Portugal, o velho heroi do mar, que agora reaparece na Historia no seu traje antigo de batalhador honrado, pronto ao sacrificio extremo, e a que o mundo inteiro abençoa.

Generaliza-se o conflito. O heroismo da Belgica retarda por alguns dias o avanço da *cainçalha germanica*, enquanto o glorioso exercito francès effectua a sua mobilização e vai a caminho da bela e triunfal jornada do Marne.

A poderosa frota inglesa assegura desde logo a liberdade dos mares. As desilusões para a Alemanha começam cedo, e elas mais se acentuaram em face da convenção de 5 de setembro de 914, em vista da qual não poderá concluir-se a paz separadamente, facto que se cumprirá até ao proximo aniquilamento dum povo daninho, cujos instinctos tem de ser esmagados como garantia duma tranquillidade duradoura no universo.

O embate tem proseguido violento parte-a-parte. Hoje, os aliados, mercê dos seus recursos inexgotaveis, tem uma manifesta superioridade sobre o inimigo em todos os pontos de vista. *« Todos os povos civilizados, diz a Bismarck, são igualmente bravos numa guerra prolongada; a victoria deve, pois, pertencer ao numero »*.

A Rússia, com uma população superior a 170 milhões de habitantes repartidos por uma superficie enorme, não pode logo responder convenientemente aos austro-alemães, em virtude da morosidade da sua mobilização. Actualmente, porem, esplendidamente artilhada e municada, inflige-lhes derrotas sucessivas, nada a detendo na sua marcha triunfal. O exercito inglês, dotado duma vontade íria e constante e duma tenacidade ferrea bate-se a esta hora com muito exito ao lado da França Sublime, que com o seu sangue escreve na sua Biblia-Patria e exemplar as mais empolgantes e emocionadoras paginas, enflorada de actos heroicos que falam de epopeias longinquoas e extraordinarias.

*« Quand la verité est en marche rien l'arretera ».*

Assim será. A Alemanha entrou na agonia e a descida em breve tomará proporções de vertigem como se no seu amago pesassem todos os crimes, todas as dores universais, todos os remorsos e espectros, arrastando-a para a expiação.

## ECHOS

### Comós homes!

Travou-se uma grande disputa entre os dois venerandos metafisicos do *ring da intervisto-mania* acerca da construção do sinapismo com que as creanças atrevidas e « sem dó » houveram por bem desforçar-se de certo amolachamento. *O grande jornalista do norte*, com a sua effigie de escumalho, beica rachada, aventava que devia ser *S. Bitorino*; o esperançoso saloio, esse, com certa vaidade, objectava que devia ser *S. Vitro*. Folhearam-se os *infolios* da originalidade e da embaraço; consultaram-se as estrelas e os augurés, o Syllabus e os apontamentos de guerras arcaicas, solas velhas a fingir novo, e lá saiu o successo de gargalhada, pois não ha coisa que mais cocegas faça a uma pessoa que o ver certos *felinhos parvenus* a darem-se posse de *homes!* Então... comós homes?!

### A lingua catalã

O facto natural impõe-se, de nada valendo sofismas que procurem negá-lo, artificios que visem diluí-lo ou medidas legislativas tendentes a contrariar o seu desenvolvimento. A linguagem é um fenómeno natural, embora complicadissimo. O homem depende até certo ponto, naturalmente-tambem, do meio que o cerca e este facto dá origem a um outro, de ordem affectiva, que é o regionalismo — esse vinculo de simpatia que nos prende acima de tudo à terra onde nascemos.

Pois o sr. Romanones, que é como quem diz o governo e parlamento espanhois, com Maura e Besada à frente, parecem ignorar estas coisas, insurgindo-se, abespinhados, contra a proposta em que, há dias, os deputados regionalistas pediam o reconhecimento official da lingua catalã.

*« Estamos en decir que la moza Cataluña mucho dará un dia que hablar... de su mala madrastra! »*

### Cumpra o governo!...

Votou o parlamento uma lei que, no actual momento, representa uma acertada medida de ordem e interesse nacional. Referimo-nos à censura postal e telegráfica que, até hoje, não passou ainda do dominio das coisas *desejáveis*. Enquanto ela não for uma realidade, a censura à imprensa não passa de uma

medida injustificavel, porque os jornais estrangeiros podem fazer o que os nossos não dizem e porque os nossos *antigos* alemães estão ali em Espanha comprando, pelo correio, noticias frescas a certos traidores que por aí andam...

Sempre desejaríamos ver se o tal *cinto electrico* daria resultado ao governo...

### Vida interna

Depois de realizar o seu acto na Universidade de Coimbra na proxima segunda feira, onde vai, de cara levantada, sem empenhocas e mais saracoteio de espinha mole até os mestres, dignificando assim os proprios mestres e a sua pessoa, retomará os seus trabalhos assíduos na *Revolta*, onde tem colaborado muito de fugida, o nosso director Fernando d'Araujo.

### Especulação comercial

Apesar de as tabelas legais indicarem, sob penas consideraveis, os preços dos generos, isso não tem obstado a que certos comerciantes deem largas ao seu baixo espirito de ganancia, vendendo assucar em quantidades minimas de 122 grammas (as tres grammas restantes são para o papel e manigancias adjacentes) ao preço de cinco centavos, o que tudo vem a dar vinte centavos por cada *quilo de 988 gr.*

Alguns comerciantes tambem costumam negar o assucar a quem não *leva mais qualquer coisa*. E de ver, em face dos resultados inefficazes que tem dado as tabelas, que outro meio se impõe, afim de evitar o vampirismo que martiriza o consumidor. E esse meio, resume-se apenas, em realisar, dum modo effectivo, a intervenção do Estado, monopolizando o comercio dos generos de primeira necessidade, sobre os quais, a especulação comercial tomou um dos seus aspectos mais odiosos. E não se diga que semelhante attitude do Estado viria ferir a iniciativa individual ou a liberdade economica que, como todas as liberdades, estão sujeitas a restrições, e principalmente em circumstancias anormais como as presentes, que tão profundamente affectam o interesse da colectividade que interesse muito aparte do interesse comercial, desvaído e cego; que, como o abutre engorda na catastrophe amontoando riquezas nas horas de maior orise e dificuldade nacional.

Repetimos: a sanção penal, por mais pesada que seja, não conseguirá evitar a especulação que é uma das características naturais e exclusivas do comercio.

Outro meio ainda existe para evitar a odiosa attitude do comercio e essa resume-se nas cooperativas de consumo, processo talvez impraticavel num meio desprovido de educação e espirito de iniciativa. O que é certo, porém, é que se torna urgente oppor uma barreira potente à carga desenfreada dos especuladores. As tabelas não são, nem serão cumpridas, talvez por dificuldades de fiscalisação, e tambem, porque a falta dos generos (falta provocada) força o consumidor a submeter-se incondicionalmente ao despotismo comercial.

Pode objectar-se que o consumidor tem a liberdade de fornecer-se em diversos estabelecimentos; mas devemos notar que tal argumento apenas terá valor considerando-se uma hora de normalidade comercial.

As varias empresas parece estarem organizadas num formidavel sindicato de especulação, um sindicato tacito, sem outro acordo que não seja o de esfolar cada qual o mais possivel.

E é observar o seguinte: dá-se uma falha de assucar n'um estabelecimento; pois bem: apostamos se algum é capaz de encontrar mais assucar em Coimbra!... A falha não é parcial, não é isolada, parecendo resultar de manobras especulativas ou cousa que o valha.

E' pois necessario pôr cobro a tal estado de coisas, e isto só poderá fazer-se, repetimos, por uma intervenção energica do Estado, que nada ha esperar do povo se não quando se vir apertado da fome, nem tambem da moralidade do comerciante, para quem a especulação é a coisa mais honesta e natural deste mundo.

## TRAIÇÃO!

Foi um daqueles que me não dei-xei iludir pelos pretextos de patriotismo em que os monarchicos se desfizeram quando a Alemanha nos declarou a guerra! Se outra razão não houvesse, bastava a de eles serem antes de tudo monarchicos, depois monarchicos e sempre monarchicos.

O talassa não tem a ideia de Patria. Para ele Portugal está simbolizado numa corõa real. A questão principal é derrubar a Republica, seja como for, e quando for.

Eles odeiam as nações aliadas e veneram a Alemanha que é a unica esperança que lhes resta na sua consciencia tórpe e que lhes alimenta a sua alma mesquinha! Eles bateram palmas quando em Nanlila as nossas tropas foram cobardemente atacadas pelos sicarios teutonicos e nem uma unica palavra de regosijo ou contentamento quando os nossos valentes soldados recuperaram Kionga que a Alemanha, abusando da sua força, nos tinha roubado em 1894.

Mas inutil seria reeditar aqui o que é do dominio de todos, que todos sabem porque todos veem, sem tem o rumor canibalesco da sua campanha miseravel, da sua obra repeleante.

Portugal está em guerra aberta com a Alemanha e os monarchicos fazem votos pelo seu triunfo, renegando e traíndo ignobilmente a Patria que teve a desdita de possuir filhos tão objectos. Actualmente preparam-se com actividade para assaltar a Republica, não com o fim de a derrubar porque eles bem sabem que isso não passa duma utopia, mas para lhe embaraçar a sua marcha gloriosa, para lhe dificultar a sua angusta missão que é o seu unico fim e o seu unico proposito. Eles sabem — porque a experiencia tanta vez tentada lhe tem dito duma maneira inludível — que a Republica está firmemente radiada na alma nacional e que um futuro trônio em Portugal teria de assentar sobre milhares de cadaveres boiando ao mesmo tempo num mar de sangue.

Eles reconhecem que a Republica não teme os ataques da leão... com saídas de sendeiro. O que eles pretendem é desacreditar-nos perante o estrangeiro, é empanar a acção brilhante da Republica que mercê da sua honrada e digna orientação sabe alevantar e engrandecer esta nobre Patria, que os monarchicos só arruinaram e rebaixaram. Preparam-se mais uma vez para a desordem.

A situação melindrosa em que Portugal se encontra não lhes fez vibrar o seu patriotismo. Querem se verta sangue, sangue que neste momento somente devemos sacrificar pela nossa Patria.

Pois bem: — que venham, na certeza que encontram quem os espere...

Que venham, e que contem com uma proxima amnistia! Amnistias!... Eis o maior erro da Republica, a causa principal da sua vida irregular e alterada. Eis aqui a origem do mal porque temos passado, das desordens que tem envolvido a sociedade portuguesa! A Republica conquistada, depois de tantos anos de luta e de sacrificios continuos, devia tratar com maior justiça aqueles que após um ano da sua proclamação lhe moveram uma guerra sem tréguas! Mas a Republica tem só perdoado, só esquecido. Se aqueles que primeiro pegaram em armas contra a Republica ainda estivessem *à sombra*, nós certamente não assistiríamos a novas e seguidas arremetidas da sua parte! Mas a cada insurreição monarchica correspondia uma amnistia, de modo que ser conspirador começou a ser um *sport*... e um emprego.

Uma corja de vadios e de nobres arruinados que viam neste negocio um meio de salvação.

Pois venham mais uma vez! O povo nesse dia não reconhecerá auctoridade a nenhum governo. Ele fará justiça. Todo o cidadão tem o direito de ser juiz e carrasco. Basta de generosidade. O crime dos monarchicos já não é um crime politico. E' um abominavel crime de Lesa-Patria.

ERNESTO D'ALMEIDA.

### Um abuso

Alguns comerciantes de Coimbra, alegando manhosamente a falta de moedas de meio centavo, substituem esse troco por uns pedacinhos de cartão, onde vem impresso o carimbo da casa, e que só é aceite no mesmo estabelecimento. Como está a ver-se, este processo não passa dum truque de vigarismo, forçando o consumidor a voltar de novo ao mesmo estabelecimento, ou, então, pode tambem dar-se o facto de o consumidor lá não ir e então fica com o papelinho na algibeira. Ora isto é um abuso e um roubo. Os senhores comerciantes, a não ser uma historia a falta de moedas de meio centavo, tem ao seu alcance um meio mais honesto de liquidarem os seus negocios sem necessidade de armarem em vigaristas.

E' muito simples: fornecem-se de estampilhas de meio centavo, que podem substituir perfeitamente a moeda de metal. A questão é ser-se honesto, e não se pretender abusar de ninguém.

### Carvalho Araujo

Entrando em serviço na Armada, este nosso principal colaborador não será d'oravante tão assiduo trabalhador de *A Revolta*.

## EXPEDIENTE

Voltamos a pedir aos nossos estimados assinantes o favor de acompanharem as reclamações que hajam de fazer-nos sobre o serviço de administração, do numero de ordem inscrito no endereço.

— De Vila Rial voltam a queixar-se de não terem recebido *A Revolta* os nossos assinantes Henrique Baptista e Antonio Vieira de Carvalho Claro.

Podemos garantir aos bons amigos do nosso jornal, que esse facto não é motivado por descuido nosso, pois a expedição é feita com todo o cuidado e esmero.

### Novos médicos

Concluíram a formatura em medicina 49 alunos da nossa Universidade.

Entre eles destacamos os nomes dos nossos estimados amigos e assinantes: drs. José Vasques Tenreiro, João Miguel Ladeira, Antonio Armando Themido, Rojerio Desterro, Antonio Sotero d'Oliveira, Cesar Simões, Francisco Martins d'Almeida, Domingos Lara, Antonio d'Oliveira Zuñet e Manuel Ermenegildo Lourinho.

A todos enviamos o nosso abraço de parabens, desejando que no futuro obtenham a recompensa de tantas canceiras e sacrificios.

### Sport-Club Conimbricense

A Direcção desta colectividade trabalha por levar a effecto, no principio do proximo mês, um grande desafio de *foot-ball* no qual é disputado um valiosissimo premio.

No proximo numero indicaremos as condições em que devem ser feitas as provas.

### Concurso hipico

Promovido pelo *Tiro e Sport*, teve lugar nos ultimos dias da semana passada, esta festa sportiva que decorreu com muita animação, não se chegando a realizar a 3.ª prova do concurso, em que era disputada a *Taça da Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra*, em virtude de um incidente de character meramente pessoal havido entre o dr. Eusebio Tamagnini e o capitão Luis de Menezes.

# SECÇÃO LITERÁRIA

## Fonte da Amargura

*Fui um dia sentar-me numa frágua  
Revestida de musgo, junto á Fonte  
Da Amargura, que brota sobre o Monte  
Da Senhora Puríssima da Água...*

*É por ouvir contar a muita gente  
Que a água dessa Fonte convertia  
A amargura da vida em alegria,  
Debrucei-me a beber, avidamente...*

*Mas em vez de acalmar a ardente lava  
Da minha sede louca de Ventura,  
Inda fiquei mais triste do que estava!*

*A sede de Ventura não se acalma:  
Se bebemos na Fonte da Amargura,  
Aumenta a desventura da nossa alma!...*

Cernache, 6-7-916

CAMPOS DE FIGUEIREDO.

## Ao luar de Maio

*Sabuqueiros em flor, ao luar, que lindo:  
— Farrapos de alva neve entre ventura!  
Rouxinóis lá gorgeando, que doçura:  
— Cachos de bagos-pérolas caíndo!*

*Por cima, no zimbório azul infindo,  
De cadeia invisível se pendura  
A lâmpada da noite, feita em pura  
Porcelana, pedra ágata fingindo.*

*Hora calma, silente: tudo jaz  
Na delícia do sono fruindo aquela,  
Quasi como a da morte, suave paz.*

*Tudo dorme (o perfume é o sonhar  
Das florinhas, que nanam...); só quem vela  
É o rouxinol, cantando, e eu, a chorar.*

Luís VALOURA.

## Por Vila Real

12-7-1916

Na segunda feira passada, 10, realizou-se a eleição do Hospital. Apareceram duas listas, uma do governo, outra de unionistas, vencendo aquela por 69 votos. Da lista vencedora fazem parte homens de reconhecido merito e competencia como os Drs. João Baptista, João Avelino Rocha, Augusto Rua e os Srs. J. Carvalho Araujo Junior, Antonio Alvarez Matos, Domingos Araujo, etc.

Começaram os exames na Escola Normal no dia 10. Fizeram exame 4 alunos, ficando um adiado.

Tambem na mesma data principiaram os exames no Liceo «Camilo Castelo Branco».

Em occasião oportuna informaremos do resultado.

Houve no dia 11 audiencia duma questão comercial, promovida por José do Espirito Santo Junior, contra o sr. José Fernandes.

Ficou adiada para o dia 26 por ter faltado uma testemunha. O meritissimo Juiz de Direito, Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Albano Leite de Magalhães mandou immediatamente passar ordem de captura contra a tal testemunha que se encontra já na cadeia civil desta cidade. O Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Magalhães já castigou duas testemunhas por jurarem falso, sendo uma condenada a 2 meses de prisão e outra a 15 dias.

São dignos de registro estes factos que muito honram o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Juiz desta comarca, ao contrario dos que se deram no tempo do seu antecessor Amandio Campos.

Estão marcadas mais duas audien-

No dia 2 do passante realizou-se uma animada e interessante garraida na praça de touros, onde alguns rapazes da nossa terra se mostraram *muy diestros*, principalmente os amadores Teneco Pinto e Adriano L. Mesquita.

Vimos nesta cidade o distinto academico Custodio Ferreira que acaba de fazer o 7.<sup>o</sup> anno num Liceo do Porto. Parabens.

JOAQUIM DO PRADO

## Carteira de "A Revolta"

De passagem, esteve em Coimbra nos ultimos dias da semana passada, o nosso amigo João Rosa, velho e intemerato republicano em Aveiro.

— Estava em Coimbra, na passada segunda feira, tendo-nos dado o prazer da sua visita, o nosso querido amigo dr. Jose Frederico Serra, illustre clinico em Castanheira de Pera.

## Quermesse da Cruz Vermelha

A Comissao que levou a efeito as festas no Parque de Santa Cruz a favor da Cruz Vermelha, agradece ás pessoas que concorreram para o seu bom exito, quer oferecendo prendas para a quermesse, quer auxiliando a montagem das mesmas festas, no que muito se distinguiram a ex.<sup>ma</sup> Camara Municipal, e o seu dign.<sup>mo</sup> engenheiro sr. Smart, e todo o pessoal electricista.

As contas e documentos encontram-se na Sede da Cruz Vermelha acusando um saldo de estudos 550\$00, alem de mais estudos 120\$00 valor de prendas que restaram e que serão sorteadas em occasião oportuna.

Já está encomendado todo o material necessario para a montagem de um posto de socorros que a Comissao oferece em nome do Publico de Coimbra á mesma Sociedade. Foi incumbido desta encomenda o dign.<sup>mo</sup> medico chefe da Cruz Vermelha, sr. dr. Francisco Pedro.

## Transcriçao

Ao nosso presado confrade de Carregal do Sal, O Carregal, agradecemos penhoradissimos a transcriçao do nosso artigo de fundo *Conspira-se em Portugal*, de Carvalho Araujo.

24

JEAN FINOT

crédito junto dos seus compatriotas, tendo que exilar-se para as suas terras.

O antigo chanceler, o principe Hohentlohe, fala dele como sendo o maior egoista que conheceu durante a sua longa carreira.

Desde a infancia que o Kaiser tomou por modelo dos seus actos e pensamentos Frederico II, o mais velhaco entre os monarcas do passado.

Basta examinar as obras do celebre rei da Prussia, como o *Anti-Maguiavel*, a sua *Correspondencia* ou o seu *Testamento* e cotejar os seus principios com os factos, para vermos a flagrante analogia entre os processos de Guilherme II e os preconizados pelo seu illustre avoengo. Já Frederico II tinha aconselhado a intervençao, propositada ou despropositada, em todos os negocios politicos, o emprêgo de todos os meios de iludir o adversario, utilizando noticias falsas, indo-se mesmo até uma *chantage* sem limites! Frederico II ensina ainda que «um general, antes de tudo, deve ser um comediante. Deve dissimular os seus reveses e gritar bem alto o seu desprezo pelo inimigo, pois quatro destes não valem um só Prussiano... cobrindo ao mesmo tempo de elogios os melhores soldados que tem a honra de comandar, porque elles são os melhores do mundo».

O famoso «ataque por embuscada» de Frederico o Grande hipnotizou de tal forma o Kaiser que nada quis sacrificar-lhe, mesmo as exigencias do simplez bom-senso e duma lialdade elemental. «E' preferivel batermo-nos fóra do nosso pais, dizia Frederico, porque assim trabalha-se sobre veludo e quanto mais territórios inimigos occuparmos tanta maior abundancia teremos de subsistencias e dinheiro».

E o Kaiser esforça-se por extorquir ás provincias invadidas todo o dinheiro de que dispõem os seus desgraçados habitantes. «E' preciso não recuar perante cousa alguma, para assegurar o êxito dos projectos que se teem em vista», dizia Frederico. E o Kaiser irá até ao ponto de associar-se a um espião, afim de tornar mais fructuosas as operaçoes deste ultimo. O escândalo provocado pela descoberta de que o famoso Steinhauer, — o official favo-

## EXERCICIOS GERAES MILITARES EM TANCOS

A 21 DE JULHO DE 1916

Comboio especial

Saída de Coimbra ás 4 horas. Regresso ás 22

Preços: 3.<sup>a</sup> classe 1\$54-2.<sup>a</sup>, 2\$26

Os bilhetes encontram-se á venda nas seguintes casas: Tabacaria Crespo, Rua Ferreira Borges. Tabacaria Trindade, Largo Miguel Bombarda. Tabacaria Patria, Rua da Sofia. Sapataria Elegante, Rua Candido dos Reis. Farmacia Nazaré, Santa Clara.

A inscriçao encerra-se a 10 do corrente

O terminus do comboio é na estao da Praia, por ser a estao mais próxima do acampamento e do local onde se realisam os exercicios.

## Caminhos de ferro

O novo horario dos comboios

Partidas da estao de Coimbra A

- 1,25 Misto. Alfaiellos, Entroncamento, Setil e Lisboa.
- 2,50 Misto. Pamp. e Porto.
- 3,34 Correo. Campuã, Porto e Beira Alta.
- 5,25 Misto. Miranda e Louzã.
- 7,35 Tronway. Alfaiellos e Figueira.
- 9,15 Misto. Pamp. e Porto.

- 10,15 " Alfai., Entroncamento, Lisboa, B. Baixa e Fig.
- 11,45 Rápido. Pamp. e Porto.
- 12,20 Omnibus. Miranda e Louzã (Aos domingos, quartas e sextas).
- 14,40 Tronway. Alfai. e Fig.
- 15,55 Omnibus. Pamp., ramal da Figueira e Porto.
- 16,35 Omnibus. Miranda e Louzã.
- 16,50 Tronway. Alfai., Fig., Entronc., Lisb. e Leste.
- 20,50 Rápido. Entronc. e Lisb.
- 23,39 Correo. Alfai., Entronc. e Lisb.

## Chegadas á estao de Coimbra A

- 0,13 Correo. Porto, Pamp. e B. Alta.
- 0,42 Tronway. Fig. e Alfai.
- 2,00 Misto. Porto.
- 3,24 " Lisb., Entronc. e Alfai.
- 4,05 Correo. Lisb., Entronc., B. Baixa, Leste e linha de Torres.
- 8,15 Tronway. Alfai. e Fig. (Só a 23 de cada mês).
- 8,39 Omnibus. Louzã e Miranda.
- 9,45 Tronway. Entronc., Fig., e Alfai.
- 10,36 Omnibus. Porto, Pamp., B. Alta e Vizeu.
- 12,09 Rápido. Lisb. e Entronc.
- 13,08 Tronway. Fig. e Alfai.
- 15,12 Omnibus. Porto.
- 15,40 " Louzã e Miranda (Aos domingos, quartas e sextas).
- 16,30 Omnibus. Lisb., Entronc., Leste e Oeste.
- 19,14 Omnibus. Louzã e Miranda.
- 21,19 Rápido. Porto. e Pamp.

## ANUNCIOS

### Hotel e Restaurante Raposo

DE

José Maria da Silva Raposo

Largo da Fornalhinha, 1 a 9 — COIMBRA

Telefone n.º 478

Aceita hospedes e fornece comida para os domicilios.

Generos alimenticios de 1.<sup>a</sup> qualidade, quartos higienicos por preços relativamente baratos.

CIVILISADOS CONTRA ALEMÁIS

21

surrendido, nesta luta do monstro turco contra uma das mais desgraçadas nações do globo, foi a amizade, a estima, que o Imperador Guilherme não cessava de lhe prodigalizar. O pretense representante do Cristo sobre a terra não só estendia uma mão fraterna ao assassino em que se acobertava um escroque vulgar que martirizava e arruinava uma nação cristã, mas cumulava-o ainda com a sua estima aos olhares de toda a Europa.

— Que fino diplomata! exclamavam as gentes curtas de vista, vendo o Imperador trocar a sua honra por vantagens comerciais e concessões feitas aos industriais alemães...

Após o espectáculo degradante de um monarca todopoderoso que, em nome dos interesses materiais do seu pais, dá a mão a um assassino manifesto, justificando assim os seus crimes e semeando principios dissolventes na consciencia pública, o Imperador Guilherme faz do golpe um salto perigoso. E'lo num dominio plenamente duvidoso, cometendo, por seu turno, um crime repreensivel...

Eis o que aconteceu quando da sua viagem triunfal a Constantinopla. O Sultão Abdul-Hamid, tido já como mestre na compra de consciencias, quis adquirir para todo o sempre a do Imperador Guilherme. Tanto mais generoso quanto era certo oferecer objectos de valor que lhe não pertenciam, Abdul-Hamid mostrou-se singularmente liberal para com os imperiais esposos alemães.

Oferecêra-lhes, entre outras coisas, tesouros pertencentes ao povo otomano, objectos preciosos, diamantes e pérolas da Coroa, cujo valor, segundo a avaliação dos competentes, ultrapassava cinco milhões de francos.

Guilherme II não podia ignorar a proveniencia de tais objectos. Também não podia desconhecer os crimes do criminoso monarca a quem chamava ostensivamente seu «irmão». O Imperador levou mesmo, então, de Constantinopla, uma pequena fortuna e o desprezo de muitos turcos que estavam ao facto desta «operação».

O grande escritor turco-armênio Garabed Bey, a quem Maurice Barré consagrou, no momento da sua morte precoce, algumas páginas comoventes, foi o primeiro a

\*\*\*\*\*

Relojoaria Comercial

DE Adolfo Pinto de Sousa

Praça do Comércio, 60 COIMBRA

Neste estabelecimento ha sempre para vender um completo sortido em relógios de bolso, mesa, parede e despertadores.

Encarrega-se de todos os concertos de relojoaria garantindo os relógios vendidos ou concertados.

\*\*\*\*\*

IMPORTADORA

TELEPHONE N.º 350

Cipriano Leão & Comp.ª

Importação directa

De cutelarias, ferragens finas, armamentos, munições de caça e bem assim uma infinidade de artigos indispensáveis ao uso doméstico.

Rua Ferreira Borges, 52

COIMBRA

\*\*\*\*\*

A Revolta

Assinaturas

Continente, filhas e ultramar, trimestre, 335 Estrangeiro 370

Pagamento adiantado

Numero avulso 302

Anúncios

Preços convencionais. Anunciam-se todas as publicações de que se receber um exemplar.

Tomás Trindade

COM ESTABELECIMENTO DE

Tabacaria -- Papelaria -- Loterias -- Perfumarias

CENTRO DE PUBLICAÇÕES

Jornais -- Ilustrações Revistas nacionais e estrangeiras

Deposito da Imprensa Nacional

Para venda das publicações e impressos do Estado

POSTAIS ILUSTRADOS

Lindas coleções em fantasia e vistas de Coimbra

Deposito de aguas Minero-Medicinais

Aguas ao copo

Deposito da Cevada do Cairo

Carimbos -- Cartões de visita

COIMBRA

Largo Miguel Bombarda, 13, 15 e 17

Telefone n.º 559

AUGUSTO BAPTISTA e

JORQUIM DE CAMPOS

ADVOGADOS

Rua Visconde da Luz, 34-1.º

Abilio Lagoas

COIMBRA

32, Praça do Comercio, 33

Escritorio de comissões

e consignações

Correspondente de Companhias de Navegação

Vende passagens em todas as classes para todos os pontos do Globo.

FARMACIA DO CASTELO

Deposito de produtos fotograficos da Casa Foto-Bazar do Porto.

Creme dentrifico.

Especialidades farmaceuticas nacionais e estrangeiras.

Instrumentos cirurgicos, etc.

OS MAIS LINDOS POSTAIS VENDEM-SE NA

Tabacaria e Papelaria

CRESPO

Grande variedade em tabacos nacionais e estrangeiros Bilhetes de visita

Revistas e jornais nacionais e estrangeiros Artigos para pintura, desenho e escritório

Telefone, 275 \* 27, R. Ferreira Borges, 29 \* COIMBRA

Muraline

Tintas inglesas a agua. As mais higienicas e resistentes ás intempéries e as que maior consumo tem em Portugal, para interior e exterior de prédios.

Karsonite

Tinta branca a agua. Appropriada para encobrir as manchas das paredes e do fumo.

La Bele

Esmalte finissimo em todas as cores, as mais finas e garantidas para interiores e exteriores dos prédios.

CASA DEPOSITARIA

ESTABELECIMENTO DE FERRAGENS E TINTAS

ANTONIO FERREIRA PEREIRA

141 - Rua Ferreira Borges - 145

COIMBRA

Telef. n.º 250

Machinas SINGER para coser

Escritório Central - Rua Ferreira Borges - COIMBRA

ESTABELECIMENTOS

COIMBRA - Rua Ferreira Borges, 12

GUARDA - Rua Alves Roçadas

COVILHÃ - Praça 5 d'outubro, 17 a 19

CASTELO BRANCO - Rua Pina, 32

LEIRIA - Praça Rodrigues Lobo, 43 a 44

FIGUEIRA DA FOZ - Praça da República, 8

SOURE - Rua do Relógio

LOUZÃ - Rua do Comércio

falar-me deste negocio tam comprometedor para a corporação dos soberanos! Volvidos alguns meses, o incidente foi-me confirmado, por um alto personagem turco que, ao mesmo tempo, me forneceu a lista dos presentes subtraidos à nação otomana.

Só depois de o segredo haver penetrado na Europa é que eu falei dele, em palavras veladas, num artigo em que relatava alguns novos crimes de Abdul-Hamid.

O Sultão-vermelho ressentiu-se. Contrariamente aos seus hábitos, intentou contra mim um processo, por crime de lesa-majestade. Foi este, na verdade, o único processo do seu reinado. O seu embaixador em Paris, Munir-Pachá, um dos mais finos diplomatas do século passado, que, na falha completa de escrúpulos, tinha contido espirito para dar e vender, depôs uma queixa, em nome da Sublime Porta, entre as mãos do Procurador da República. Indizível foi a minha alegria quando, chamado à presença dum juiz de instrução, tive ensejo de assinar as minhas explicações as quais não faziam mais que agravar a minha falta. Fiz no entanto o enorme agravo ainda de indicar uma dezena de testemunhas, entre as quais o Imperador Guilherme e Georges Clemenceau, o brilhante Primeiro da época, as quais deveriam contribuir para que alguma luz se fizesse sobre o procedimento dos dois nobres soberanos, um dos quais reinava nas margens do Bósforo e o outro nas do Sprée. Pouca confiança eu tinha no concurso directo do Kaiser, mas, com o auxilio da imprensa mundial, contava poder levantar uma ponta do véu misterioso que encobria os dois augustos amigos...

Grande foi o meu aborrecimento quando soube, um belo dia, que a queixa de Munir-Pachá fôra cassada, com enorme alegria do nosso Quai d'Orsay.

Afim de abrandar o meu despeito por haver perdido a única ocasião de ter um processo na minha vida, Munir-Pachá ofereceu-me, em nome do seu soberano, para mim e para os meus colaboradores, toda uma fatura de altas condecorações que, muito naturalmente, nos apressámos a rejeitar.

Não tardou muito que os Turcos, mais impacientes e, sobretudo, mais enérgicos que os Alemães, se desembara-

cassem de um dos dois irmãos. O outro que ficou no poder, o Kaiser, nem sequer sonhou na mais leve interferencia em favor de Abdul-Hamid. Mais ainda: quando o Comité União e Progresso se tornou culpável de novos massacres arménios em Adana, o nobre soberano abertamente lhe prodigalizou as suas sympathias. A diplomacia alemã, guiada por Guilherme, perfiou os membros influentes do Comité, que se tornaram como que primos de S. M. o Kaiser. O cinismo de Guilherme ultrapassava assim as previsões mais pessimistas.

Seus embustes, traições e perfidias

O penacho do Kaiser, o seu Deus e a sua espada mascaravam perante o mundo a fragilidade da sua pobre e pequena consciencia e a versatilidade inquietante do seu cérebro.

Duma grande perversidade moral Guilherme deu mostras em todas as épocas da sua vida. Nele, parece quase inata a ingratidão, consequencia natural da alma aos tratos dum matoide, que em tudo se intromete e só pode ser fiel à sua ideia fixa não realizada.

Anda já um pouco esquecida a história trágico-cômica do gran-senhor polaco Koscielski, alcunhado de «almirante» pelos incríveis esforços que ele fez no sentido de obter dos deputados polacos a votação de créditos para a marinha.

O Imperador, já possuido da ideia fixa de exceder a frota inglesa, tinha posto tudo em acção para vencer a resistencia dos Polacos, que podiam fazer pender a balança em seu favor. «O almirante», que se tornára o camarada inseparável de Guilherme, por tal forma defendeu a causa da frota, que os Polacos, engodados com a promessa de algumas medidas equitativas em seu beneficio, votaram como um só homem.

Uma vez obtido o voto, o Kaiser afastou-se do «almirante» que, iludido e ridicularizado, perdeu todo o

TIPOGRAFIA LITERARIA R. Cándido dos Reis, 17, 19 e 21 - COIMBRA TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GÉNEROS Impressões de revistas, jornais, lições, cartões de visita, envelopes, diplomas, recibos, facturas, papel timbrado, etc. Esta tipografia que possui os mais modernos maquinismos, está apta a executar todos os trabalhos gráficos, primando pela perfeita impressão em gravura e a cores.



## Alto aí, canalhas!...

As bestas jesuíticas que ainda aí campeiam infrenes, mercê da orientação pacífica e demasiada tolerância da República, essas criaturas degeneradas cujas almas entenebrecidas nunca puderam encarar a luz da Verdade nem a beleza do Sentimento, continuam a sua obra nefanda de anti-patriotismo parecendo assoladadas ao oiro inimigo.

O jesuíta não desistiu ainda, entre nós, de prosseguir na sua tarefa de sapa e de ruína, atitude monstruosa, no grave lance que atravessamos, merecendo apenas ser reparada na guilhotina ou na humilhante arena dos forçados.

Eles não só atraíam esta hospitaleira terra, que benevolmente os acoita, com a vergonhosa campanha germanófila que para aí exibem, com as turbulações fanáticas ao idolo de ferro que é o Kaiser e com as torpes maquinações tendentes a arrefecer os nobres entusiasmos do povo português, que está decidido a pôr o seu desinteressado esforço ao lado do Direito espèzinhado e da liberdade das pequenas nações.

Monárquicos e jesuítas puzeram já de banda todo o rebuço, vindo à supuração pública na completa nudez das suas figuras sinistras de cabofinos e salafários, esvurmando odios, maldades e blasfemias.

Nem a Arte, nem os artistas desta terra de que eles se mostram indignos incolas, estão a coberto das suas sanhas vandálicas. Alguem chamou a nossa atenção para um dos números, da semana passada, do pasquim a *Liberdade*, que diariamente se publica no Porto, onde o genial escritor sr. Dr. Júlio Dantas era enxovalhado, a sua obra valiosíssima deprimida e falseados os intúitos da *Alba Plena*, o maravilhoso poema com que Augusto Gil enriqueceu ultimamente as letras portuguesas. Burros e cretinos! Júlio Dantas, lídima glória nacional, como poeta, como prosador, como dramaturgo, como um dos mais pacientes cabouqueiros dos nossos abandonados arquivos, como autêntica figura de sábio revelada nos seus múltiplos trabalhos de psico-fisiologia — é acimado de *charlatão e falsificador de história!*... Canalhas! Mas que conceito formam essas bestas da História?

Mudaram os tempos, e hoje deixou de dar-se crédito às velhas lendas da carochinha, graças ao espírito crítico, positivo e racionalista do presente século que declarou a bancarrota de todas as velhas concepções apriorísticas e metafísicas.

A História, como sciencia que é, e das mais proveitosas à humanidade, só pôde ser feita, modernamente, em face dos documentos. Assim o tem compreendido o sr. Dr. Júlio Dantas, um trabalhador infatigável a quem a literatura nacional tanto deve, passando a gente de ver como é que uma fina sensibilidade artística cria vocação e amor pela ingrata tarefa do investigador e do paleógrafo, como tal arrancando ao pó e à meia-luz apenumbada das Bibliotecas as mil novidades que tem dado a lume.

E' este o homem cujo alto valor e inconcussa probidade literária a mesquinha *Liberdade* pretende apoucar, a propósito, segundo cremos, das *novas edições* dos seus preciosos volumes — *Ao ouvido de Madame X...* e *Outros tempos* onde se lê o primoroso *Libelo do Cardeal Diabo* e os desengulhantes *Inquéritos médicos às genealogias reais portuguesas*.

A respeito da *Alba Plena*, também a frandulagem do apostólico diário, por cretinismo ou estupidez, diz coisas que quase deixam entrever em A. Gil um irmão da grei, um autêntico jesuíta de gravata, mas sempre lhe vêm dizendo, por fim, que o seu livro... muito embora... sim senhor... mas que não está melhor que o *Padre-Nosso*, a *Avé-Maria* e a *Magnífica!*

Em suma: mais uma vez se prova que o jesuíta não tem pátria e que a sua alma torva, inimiga da luz, é incapaz de nobre e alevantado. Os que aí ficaram, os do século, que vestem casaca e colarinho sam talvez pióres, mais tartufos e mais perigosos do que os pontapeados pelo governo para além do território da República.

Os seus processos de hoje, apoucando a sciencia e a arte nacional, nas grandes figuras de Júlio Dantas e Augusto Gil, foram os seus processos de sempre, porque a tréva, a falha de instrução, é o campo propício à sua acção envenenada.

D. João III manifestou a principio decidida propensão para proteger e fomentar as letras. Mas não tardou que os dois famosos padres da Companhia, irmãos Gonçalves, um confessor, outro escrivão da puridade, se apoderassem do governo e da fragil consciência do doentio monarca.

As funestíssimas consequências de um tal facto andam bem patentes na memória de todos nós.

O Collegio das Artes, denunciado por herege, foi mandado entregar ao padre Diogo Mirão, provincial da Companhia, sendo despedidos todos os abalizados mestres portugueses e verdadeiras sumidades lá de fóra, que ali abriam os tesouros do seu saber.

E lá se abalaram esses homens para o exílio, uns expulsos, outros procurando escapar aos horrores do auto-de-fé.

Outro tanto se deu na Universidade, cujas rendas começaram a entrar nos cofres de Loíola, e onde havia igualmente sábios afamados em toda a Europa. Tornou-se obrigatório o estúpido *Método Alvarístico* que reuzia a instrução literária a um processo gramatical destinado a esterelizar o cérebro.

Sobre esta base de ignorância, diz um historiador, é que se pretendia erguer o terrível poder, porque só em trévas profundas se conseguia abafar a inteligência e a illustração. O próprio cardeal Cunha, inquisidor-mór, em 1774, e sobre o qual ninguém ousará lançar a suspeição de *livrepensador*, nos descreve os perniciosos efeitos de tão nefasta influencia no prefácio do seu *Regulamento da Inquisição*.

Em nosso entender, foram os jesuítas que, semeando o fanatismo e o abastardamento, nos levaram à perda da independência, essa derrocada final do tempo do Cardeal-Rei.

Quando sábios humanistas como mestre Rosette e Buchanan tiveram que fugir às fogueiras do Santo Offício; quando Damião de Gois, o célebre amigo de Erasmo, é encerrado como luterano nas masmórras da Inquisição e por último envenenado; quando Antonio José da Silva e o próprio padre Antonio Vieira foram igualmente perseguidos; quando o mesmo pendão das nossas glórias épicas — *Os Lusíadas* — não escapa à tesoura inquisitorial, em nome dos escrúpulos dum cego dogmatismo, — não é de estranhar que os fanáticos de hoje, continuadores e apologistas dessa negregada obra do passado, procurem também enxovalhar miseravelmente os nossos actuais artistas e pensadores.

M. CARLOS MARTINZ.

## Sara de Matos

Passa amanhã o vigéssimo quinto aniversário da tragedia jesuítica que victimou a infeliz Sara de Matos.

E' bom que todos os liberais deste país retemperem a sua alma na historia ainda fresca desse horroroso e hediondo crime de jesuítas, avivando as energias entorpecidas contra o bando que novamente vem bater-nos á porta, imaginando esquecida, nos corações do povo, a sua obra de sangue e de crime que os acompanha por toda a parte e em todos os tempos. O jesuíta não dorme. Ele aproveita uma hora em que toda a nossa actividade e pensamento se concentram no mesmo ponto, o importante e grave problema da guerra, e cantando ao nosso lado, pela boca dum espantallo, uma aria de crocodilo, enroscam-se em torno das consciencias, com meiguices de serpente, e amanhã, ao despertar, será já tarde para evitar o seu triunfo. A guerra trouxe aos jesuítas uma soma notavel de liberdades. A guerra traz sempre o retrocesso. E dentro desse retrocesso o jesuíta sente-se livre. Recordemos esse passado, republicanos!

O tumulo da infeliz Sara de Matos é uma boa pedra para afiar lanças de liberais. Os jesuítas são os mesmos de todos os tempos, havendo a acrescentar o furor que lhes daria a ideia da desforra.

## Transcrições

Ao nosso estimado confrade da Guarda, o *Português*, agradecemos reconhecidamente a transcrição em editorial do artigo do nosso estimado colaborador, Ernesto d'Almeida, aluno do Instituto Commercial do Porto.

## Publicações recebidas

Oferecido pelo *Centro Escolar Republicano Dr. Magalhães Lima*, recebemos um folheto em que se presta uma sentida e justa homenagem ao grande cidadão Pedro Bôto Machado, revolucionario heroico do 31 de janeiro e actualmente Governador Geral da Provincia de S. Tomé.

Os nossos agradecimentos.

## Historiadores de encospia

Alguns individuos tem a mania de asneiar e dar-se ares de patifes, pois tem lá para si que irritar é a melhor maneira de celebrar-se. Acabamos agora de ler um chorribo pedante do conspirador de ramalhuda lèria e mais reduzidos miolos que os dum sardinhã, o almiscarado José Arruela, com que se pretende apoucar o sublime fulgor dum data que a França celebra anualmente como um dos acontecimentos mais extraordinarios da sua historia-patria, divino prelúdio dessa grande Revolução que estalando em Paris ecoou por todo o mundo levando a cada povo o verbo redentor e que em breve aluaria os alicerces da tirania que havia muito afrontava a humanidade. A Grande Revolução começara, de facto, desde a primeira hora em que a razão colectiva começara de formular os seus protestos contra a arbitrariedade dos tiranos.

Ha na Revolução Francesa duas partes perfeitamente distintas, numa ordem completa e admiravel: primeiro, é a Revolução espiritual, a razão e a intelligencia revoltadas contra o dogma e a brutalidade do despotismo, construindo as bases em que deveria assentar o novo edificio politico, desmembrado da inconsciencia, procurando iluminar os misterios duma soberania que até aí recebera alentos da inspiração sobrenatural, para ludibrio do rebanho inculto e miseravel que gemia a sua desgraça hereditaria na gieba, engordando toda uma casta de privilegiados. Esta Revolução intelectual coube á Enciclopedia, esse poderoso microscopio por onde a humanidade, no seculo XVIII viu a tragedia antiga, esse laminador implacavel de todos os preconceitos e fórmulas dogmaticas, marcou deslumbrante onde está inscrito o momento em que o raciocinio iniciou a sua offensiva contra os atentados que por tanto seculo a chumbára ao jugo da escravidão.

A multidão escutou a voz dos mestres levada até ella pelos propagandistas populares, pelos embates formidaveis de beleza entre Mirabeau e a realesa, e começou de interpretar a seu modo a Enciclopedia, pondo finalmente em pratica a teoria. Fez o 14 de julho, legenda sagrada que cada homem deve guardar no sacrário da sua alma, como se ella fosse a nascente em que as pombas da liberdade foram haurir o canticco do amor e da emancipação, semeando de pólo-a-pólo o beijo fecundante agora enraizado no coração de todos os homens. A Enciclopedia é a razão e a intelligencia em revolta; o 14 de julho é a interpretação, e o verbo feito acção pelo instincto popular que ao contemplar as monstruosidades infinitas do tirano milenario que o rebaixára á condição bestial no novo mundo da liberdade, entrara no mundo humano, que era o seu patrimonio natural, de que o haviam esbulhado os ignominiosos preceitos escravizadores e criminosos dum

erro sistematico de cinco mil anos, tirando uma desforra humanitaria, muito longe de comparar-se com a violencia tragica e miseravel por parte dos Cesares e dos Jesuítas.

A pena prostituta do sr. Arruela que intencionalmente parece ter emboçado alguns copos, não se quebrou ao esparrinhar blasfemias tão imbecis sobre um acontecimento sagrado! chamando-lhe *data vergonhosa de cobardia e negrimes*, com menos criterio e menos eloquencia do que a cabeça de Lanney passeada na ponta dum varola pelas ruas de Paris, scena horripilante em que se baseou o lindo moço, historiador de encospia, para arranhar o alto significado do 14 de julho! Mas ainda ninguem ouviu ao lindo moço da *tragedia vegetal* um unico protesto contra os crimes da Companhia de Jesus, que cobrem em muitos milhares de vezes os excessos empolgantes da Grande Revolução!

Que significa o 14 de julho?

Demos a palavra a Edgard Quinet: significa que nesse dia a Revolução atacou o poder absoluto pela base. Os homens do povo não eram mandados para a Bastilha que era a prisão da intelligencia.

Todavia o primeiro movimento do povo de Paris consistia em derubar esta prisão, isto é: em libertar o pensamento. Por isso esta primeira jornada da Revolução tem uma significação altamente dignificadora. A Tomada da Bastilha foi para todos a libertação do espirito humano. Não bastava o ter vingado em um momento as humilhações da Assembleia, castigado as ameaças dos generais, as insolencias das gentes da corte, a demissão do ministro amado (Necker). A jornada de 14 de Julho deu á Revolução o seu verdadeiro sentido e a sua alma; esta alma era a Liberdade. Mas, para rabisadores do estofo do sr. Arruela, eis aqui um argumento digno de considerarse: «Escritores ha (é claro: considerando os mestres capciosos em que se baseia o historiador de encospia!) escritores ha, diz Quinet, que julgam não ser dever seu apreciar os obstaculos que a França antiga opoz á França nova, e á luz deste criterio tudo para eles resulta loucura, crime, monstruosidade.

Considerando a Revolução como um ponto isolado no tempo, sem relação alguma com o passado, uma especie de historia suspensa no ar que nenhum laço prende ás épocas anteriores, tornam o espirito humano responsavel por esse espectáculo incoerente e estranho. Pois tal monstruosidade está apenas no espirito de quem a acredita. A Revolução Francesa como qualquer outro acontecimento historico tem intima relação com os factos que a precederam; sobre ella pesa todo o passado de França».

Mas é demais. Para fazermos uma ideia das intenções de tal historiador de encospia, basta o facto

eloquentissimo de nunca envirmos tropejar as suas iras e o espanto dos seus horrores contra os crimes da realza, dos jesuitas e da inquisição. Atentai nisto, liberaes. Os malandros salientam os excessos da Revolução Francesa, mas se lhes perguntardes pelas vítimas da inquisição, dos jesuitas e dos reis, crimes premeditados, cometidos a frio, gosando o prazer das mortes lentas pelo fogo, pela agua, pelos processos mais infames, eles calar-se-hão!

Miseraveis! e esses crimes são milhões de vezes mais numerosos que os poucos excessos da Revolução Francesa, excessos justificaveis e justificados por historiadores da envergadura de *Quinet* e por philosophos e poetas da estatura de *Victor Hugo* que pintou o 93 com tintas de epopeia.

F. d'A.

## Fatos e comentarios

### Desleixo imperdoavel

Informam os jornais que foram roubados dos navios apresados á Alemanha e á Austria, surtos no Tejo, valores na importancia de 160.000\$00. E' de prever que a esta hora o governo haja adotado todas as medidas, afim de descobrir os autores da proeza. O que porem é de notar é a falta de fiscalisação e o desleixo que deram aso a tal acontecimento. Tudo isto é apenas muito triste, um desagregar de coisas, apeteendo ver toda esta situação em opereta, mas numa hora em que sobre nós não pesassem tão graves responsabilidades.

Este desleixo é imperdoavel, pois que nos mostra a facilidade que tem qualquer subdito alemão de penetrar nesses navios, abrir as valvas e metê-los no fundo. Ora francamente: digam-nos lá como um republicano ha-de arranjar argumento serio para abordar este bico d'obra?

Ha-de ouvir que o silencio a tal respeito era um pouco criminoso, não é verdade?

### E venham dois cilitros!

Rindo estupidamente de todos nós, já se encontra no estrangeiro, trocando impressões com seus amos, o sicario gordoroso, que a trôco do dinheiro alemão mais infamou a Patria portuguesa.

O que admira é como o seu avultado corpanzil houvesse, tão livremente, rolado ás barbas da policia, e não apparecesse uma alma caridosa que lhe votasse uma bola de senica. Para exemplo esse sicario deveria ter sido enforcado, mas neste país põe-se tudo a rir quando se fala de coisas serias e não vale a pena, vai tudo muito bem, tenham saúdinha, se o proprio Alpoim era altamente protegido por um grande personagem da Republica que toda a gente conhece, e que já lhe livrara o abdomen no dia 14 de Maio. Enfim... coisas de Portugal! toca lá a guitarra, e venham dois cilitros!...

### Mas não abba!

Depois de o Forjaz nos haver dito n'A *Lucta* que existia em Coimbra um grande genio, o auctor do *Cahos*; depois de o mesmo Forjaz, na mesma *Lucta*, e com cinco minutos de espera, haver mudado de comboio, dizendo que não, que não havia genio algum; depois de um colega do supra dito Forjaz, n'A *Lucta* de quarta-feira, com o imenso prestigio de duas iniciais que ninguém conhece, ter dito que sim, que o Caetano é realmente um genio, um astro, uma bichêta de grandes azas e avultada mitouta, o povo de Coimbra anda todo com as ventas no ar, a ver se enxerga o passarôlo! Diz-se que os zoologos d'A *Lucta* foram levados a tão esquisita opinião, em vista dos ovos... Toda a gente supõe que o bicho é peru. Os d'A *Lucta* dizem que é aguia. Haverá aguias de monco? O peru tem azas, ninguém contesta, tem azas... mas não abba!

### Pila, pila...

Visto que falámos de perus e temos as mãos na capeira, damos ao trabalhinho de mostrar-lhes um lindo bando de gralhas que enfeitou o nosso numero passado, dedicando num assucar que por lá se vendia ao preço escandaloso de 20 centavos, o que deu azo a que alguns consumidores nos escrevessem pedindo algumas toneladas e oferecendo lucros muito bonitos. São lindas as nossas gralhas! Gostam? Pila, pila... Também ha para criação...

### Raciocinio infalivel

Diz a Nação:

*« Sem ofensa para esta Ordem, filha dilecta da Revolução Francesa — e bastava esta origem para nos pormos em guarda... »*

O contrario é que seria para admirar, pois ainda ninguém viu nenhum morcégo amar a luz. Quando o jesuita odeia é por que é bom. E' um raciocinio infalivel, creiam.

## Pronuncios

A imprensa jesuitica e monarchica anda completamente desenfreada, cuspiendo as maiores barbaridades sobre todos os assuntos, infamando todas as nomes illustres, desvirtuando todas as intensões, mostrando uma actividade sintomatica, denunciadora de propositos negregados, attitude que de ha muito vem preocupando a imprensa liberal e motivando apreensões aos espiritos mais optimistas.

A lealdade da Republica, que, numa hora de perigo, proclama a união de todos os portugueses e o arrear de todas as bandeiras partidarias, a trégua de todos os combates, afim de congregarem-se todos os esforços na mesma obra de redenção nacional, replicam os inimigos da Republica e da Liberdade, com o mais encarniado combate, um combate de camicos e de bandidos, que nos seus jornais, como *A Liberdade*, exibem, como arteificio, a bandeira dos aliados e um grande tempo acirrando a malta catolica, aticando a velha batalha, pois entre os dois perigos, alemães e jesuitas nenhum bom liberal tem a minima preferencia. Para nós, aqui o confessamos bem alto: é tão inimigo um jesuita como um alemão; ambos são estrangeiros, ambos são inimigos da Patria e da Republica, ambos sonham o regresso do mundo á epoca medieval. Em vista disto, a comissão de censura, que até hoje se tem limitado simplesmente a cercear ligeiras noticias de caracter militar, consentindo que o *Janeiro* e o *Noticias* façam a mais declarada e infame campanha contra a guerra, tolerando as hostilidades provocadoras da *Liberdade*, da *Nação*, da *Ordem* e do *Dia*, a toda a hora aculando o bando jesuitico á conquista do seu predomínio perdido, enquanto os jornais republicanos se mantem na mais absoluta das neutralidades e tolerancias, em vista disso diziamos, a comissão de censura, tornou-se um órgão impotente, incapaz de evitar um dos maiores perigos nacionais, o bando jesuita, de per si capaz de envenenar e subverter uma patria inteira. A qualquer republicano que não mediu ainda o perigo da presente situação portugueza, aconselhamos, a titulo de simples experiencia, uma leitura rapida de todos os jornais, e não será difficil apreender, mesmo que se tenha um ouvido pouco habituado, a resonancia vaga e longinqua duma tempestade social, tremenda, a referver sob um aspecto de serenidade hipocrita, enquanto meia duzia de

crentes, na mais peregrina das lealdades e illusões, apregoam, como se os jesuitas tivessem uma alma para ouvir, a União Sagrada, a Concordia, União e Concordia de que estes se dizem os primeiros fieis e propugnadores, mas que esfaqueiam com o mais revoltante cinismo, como quando mostravam aos condenados o crucifixo, falando-lhe da paz celeste, do divino amor de Jesus, ao mesmo tempo que a fogueira lhe torturava a alma. A Companhia de Jesus é a Sociedade do empáta; a Historia tem demonstrado que, ou essa maldita sociedade ha-de ser dominada ou ha-de dominar. Não ha meio termo. Pensar na harmonia, tentar a harmonia, é um principio de abdicção.

Sob o ponto de vista religioso e sob o ponto de vista politico, Portugal é, nesta hora, um laboratório em grandes trabalhos, donde em breve sairão grandes coisas para mal de todos nós. E depois dá-se um facto singular que o nosso instinto politico parece apreender nas fileiras republicanas: um desfalecimento, uma desconfiança ligeiramente esboçada, ante uma Republica que se monarchica, enquanto a União Sagrada tem servido de pasto ao bando jesuita.

Vem isto a proposito dum punhado de estercor moral que agora acabamos de ler na *Ordem*, onde se destaca, pelo fedor de cloaca, um arrôto muar, pretendendo achincalhar a maior figura da poesia nacional contemporanea, Guerra Junqueiro, o auctor imortal da *Velhice do Padre Eterno* e da *Morte de D. João*. Os jesuitas já insultaram o maior poeta portuguez, que é uma das glorias nacionais e uma das maiores figuras da Republica! O jesuita não perdôa. Esta audacia significa muito. Sentem-se fortes! Que aconteceria se voltassem!... E eles veem vindo.

A sua audacia redobra dia-a-dia. Quando se insulta impunemente um poeta, uma gloria nacional, uma estrela da Republica, cidadãos, quando isto acontece num país, onde a União Sagrada e a Concordia só parece ter um lado, breve será chegada a hora de grandes acontecimentos que se sentem borbulhar lá muito longe.

### Dr. Rocha Saraiva

Encontra-se nesta cidade o illustre professor da Faculdade de Direito em Lisboa, Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Rocha Saraiva. A *Revolta* que tem por sua ex.<sup>a</sup> a maior admiração, envia os cumprimentos mais respeitosos.

## Deturpando

O governo da Republica acaba de praticar um acto muito humano qual seja o de nomear escrivão numa comarca do Minho, um dos netos de Camilo, coisa que a monarchia nunca fez, apesar de conhecer que os netos de Camilo viviam na mais tragica miseria, sendo votados a um desprezo quasi absoluto pelo proprio finado Antonio de Azevedo Castello Branco, conselheiro e ministro nesses tempos, facto que poderemos provar com uma carta do proprio neto de Camilo, a nós dirigida de Braga em Janeiro de 1914 e com outra carta de Antonio de Azevedo, datada de igual mez e ano. Pois a beatifica *Nação*, regosijando-se muito hipocritamente com esse acto de incontestavel nobresa, pretende, nada mais nada menos do que ver nesse acontecimento a justificação da aristocracia tão combatida pela Republica e etc.

Já é preciso ser-se malandro! Toda a gente sabe que não foi a corôa de visconde, mas o genio de Camilo que despertou á Republica

esse gesto de abnegação e humanidade. Mas até nisto a Republica é superior á monarchia que deixou morrer Camoia á fome e assassinou Damião de Góis e José da Silva. A Republica, note-se bem isto: não protegeu o neto de Camilo pelo unico facto da sua descendência, mas sim porque o proximo descendente dum genio vivia numa tragica miseria, que a monarchia não reparou convenientemente.

Fosse esse neto de Camilo um conspirador contra as instituições; tivesse ele, como fez o Miguel de Bragança traído a sua Patria, alistando-se nas hostes da Alemanha; fosse ele um homem de fortuna; e a Republica nada teria que galardoar e remediar, nada! A attitude da Republica para com o desgraçado neto de Camilo constitue uma grande virtude da democracia e não significa, como pretendem os sujos comentaristas da *Nação*, um reconhecimento de castas.

Praticou a Republica um acto de humanidade e nada mais, a isto em virtude do proximo parentesco entre o beneficiado e Camilo. A corôa de Visconde nada valeu para o caso, e a *Nação* bem sabe que até os proprios reis muitas vezes esmagaram a aristocracia, já porque ela traía a nossa Patria como aconteceu em D. João I, já porque lhes fazia sombra, como aconteceu em D. João II e posteriormente, facto que nos leva a concluir que o sangue azul não tem um valor proprio, intangivel e eterno a impor-se á consideração de alguém.

E depois a *Nação* bem sabe que até o proprio Camilo dizia num dos seus romances que « a grande maioria dos homens chama pai a individuos que lhes não são coisa nenhuma ».

Porque será, por exemplo, que a Republica não galardoa D. Miguel? O Miguel não é neto de D. João VI, o rei *coitadinho*, e nem que o fôra, o outro Miguel tinha apanhado com a taboa no rabo em Evora-Monte; alem disto, o Miguel está hoje ao serviço da Alemanha, e ainda porque a Patria cortou relações com patifes em 1910. Isto é muito simples.

Mas os torpes comentaristas da *Nação* tudo abandalham com a sua lingua de unto e com a sua cinica ingenuidade. A attitude da Republica foi humana, foi sublime de piedade e reconhecimento, e vem apenas demonstrar a dignidade e a superioridade da democracia que tem pelo mérito dos grandes homens um apreço bem diferente do da bandalheira monarchica que se contentava em esguichar anilina azul para as veias de certos pacientes, reconhecendo-lhes, por esse facto, o titulo de privilegios eternos, não para os ajudar a viver, para os tirar da miseria, para reconhecer serviços, mas metendo-lhes um bacamar-te nas unhas e encorporando-o no bando de salteadores dos dinheiros publicos.

### D. Cristina Torres

A esta illustre propagandista, nossa estimada colaboradora, agraecemos, penhoradissimos, o amalvel convite para assistirmos ás provas finais dos seus alumnos na Escola Movel que funciona na Cantina Escolar Dr. Bernardino Machado, provas que, com muito exito, se realizaram no passado domingo e em que mais uma vez foram comprovados os meritos da vigorosa e iluminada combatente.

## EXPEDIENTE

Alguns dos nossos assinantes continuam a dirigir-se-nos sobre assuntos respeitantes á nossa administração, dando-nos apenas o seu nome, mas esquecendo-se de o acompanhar do numero de ordem inscrito no endereço, o que muito contribuirá para facilitar o serviço. Aqui deixamos mais uma vez exarado o nosso pedido, esperando que se não esqueçam.

## DE RELANCE

Diz-se por aí á boca cheia que os soldados de Tancos « em breve regressarão aos seus lares » que « já não vai ninguém para a guerra », e — desgraçados! — « que assim é que é bom! »

Ignoramos completamente qual seja o fundamento destas afirmações que certamente não podem deixar de ser um trecho da propaganda vil e criminosa que desde o principio da nossa colaboração no confito tem vindo pertinazmente á supuração, no sentido manifesto de forçar Portugal a engulir a afronta teutonica, obstando a que ele ressurgja pelo seu esforço gigante duma apatia secular, impossibilitando a consolidação da Republica, que pela sua decisão se imporá á consideração internacional.

Toda a gente conhece a origem dessa campanha odienta e mil vezes infame de vis traidores, que, ou levados pela cegueira de paixões estreitamente sectarias, ou miseravelmente arrastados pelo outro alemão, tem servido um episodio vergonhoso, que, qualquer que seja a sorte de Portugal, ninguém evitará engordure a Historia d'um povo inteiro com exemplos de cobardia e indecisão, como se o sangue multato houvera prevertido a alma divinamente selvagem de heroes bandidos que domaram a furia dos mares e o misterio pavoroso das solidões.

O que magôa mais profundamente a nossa alma de portugueses é o comentario imbecillamente egoista e pelintra com que certos inconscientes terminam o seu regosijo pela paz nacional, ignorando que uma tal paz constituiria a deshonra e a ruina inevitavel da Patria.

Que bom! dizem eles. Na Inglaterra, na França, na Russia e na Italia, trabalha-se a esta hora, afincadamente para aniquilar os barbaros. Em Portugal, depois de ser-nos arremeçado á frente um cartel ultrajante, ainda ha bocas malditas que se escancoram para dizerem: Que bom!

A quanto se desce! Se um pulso firme, sem grandes preocupações politicas, não lança mão desta jangada doente, mettendo todos os monstros na ordem, derrobando todos os obstaculos, estabelecendo desde já, a pena de morte para todos os alpoims, enfreando os clericais, impondo, finalmente, aos portugueses, a consideração de si proprios, treme-se pelo futuro da nossa Patria.

### Olho neles!

« Oxalá — diz a *Liberdade* — tenham muitos imitadores e que de norte a sul espalhem os Centros Catholicos que são uma força nacional. »

Portugal nunca foi mais catolico do que em 1580, e essa força era tão nacional que vendeu a nação a Castela. Cautela com o jornal jesuita do Porto, liberaes, que hipocritamente se vem fingindo aliado-filo! O jesuita não tem nação, nem patria, nem coração! O jesuita é um órgão cadaver através o qual Roma dita a sua vontade! Todo o pensamento nacional, toda a força nacional, foram em todos os tempos sufocados pela Igreja! Olho neles, rapazes! que novamente procuram assentar os seus arraiais em terras portuguezas!

# SECÇÃO LITERÁRIA

## SOL NAZARENO

(Do livro *Osiris* em preparação)

Tarde! Profundos ceus! Agonizando em luz  
No Calvario do Ocaso, o Sol, abandonado,  
Tem aquela expressão do livido Jesus,  
Quando vai a morrer, sereno e resignado!

Ondas! erguei ao Sol os braços semi-nus,  
Madalenas resai ao Cristo ensanguentado,  
Que o mar é o sepulcro unisono e gelado  
Onde o Rochedo vela o condenado á cruz!

E a Lua em soledade, a soluçar, deserta,  
Evoca-me, na dôr do seu luar ameno,  
A amargura da Mãe na noite da paixão:

E tu ó Natureza, ó grande biblia aberta,  
Tu cantas o Deus Sol que, como o Nazareno,  
Foi morto e ressuscita! A Aurora é uma Ascensão!

CHELESTINO DA CUNHA.

## “Cavete hominem!”

Serei eu muito mau ou muito feio,  
O' avezinhos lindas e gazis?  
Nem tão horrendo sou (segundo creio)...  
Mal, não faço nenhum... ? Porque fugis?

Mas... tem razão tal medo, tal receio:  
Dormitam em meu peito instintos vis,  
Sentimentos ferozes, de perneio  
A ternuras de amor. — Vós o sentis.

Precavei-vos de mim! que inda sou fera:  
A mão, que ameiga, é garra de pantera;  
A boca, que sorri, morde também...

Longe do bicho homem, sede mansas;  
Ao pé, nunca, nem mesmo de crianças!  
Continuai ariscas! Fazeis bem.

LUÍS VALOURA.

## A' garrócha

mesmo a ver o patriotismo dos jesuítas da *Liberdade*, pois diz-me

Vá...  
E' muito bem caçado este Pimenta! Diz ele no *Dia*:

« Obedecer a um homem nunca me repugnou ».

Quer ver o sr. Pimenta a sua opinião reduzida a zero?  
Ora oiça! — vá...  
Obedeça sr. Pimenta! Vá... Ande! Encha-se até á testa! E' um só que o manda. Repugna-lhe? O sr. Pimenta apenas nos dá a co-nhecer que tem um bom estomago para tr... um paladar pouco escrupuloso. Querem velo já apelar para a opinião publica?

Se o não é...

O Alfredo Pimenta sai-se ás vezes com cada descoberta no *Dia*! Ora oiçam lá:

« O governo dos povos pertence ás minorias. E quanto mais reduzidas estas forem, melhor pode ser o governo ».

Isto é claro como um preto, segundo dizia o nosso Camilo. Para illustrar a largueza de vistas do tal conceito basta recordar o governo de Nero, Eliogabalo, Calígula, etc. Nunca o governo esteve mais reduzido a mais simples expressão! E daqui?

Está cada vez mais Alfredo o Pimenta, e se não é burro parece-o.

**Avé, avé, Maria!**

A proposito do falecimento do general Paiva Couceiro, diz a *Liberdade* que ele era pai do seu illustre amigo Paiva Couceiro. Está-se

com quem andas e dir-te-hei as manhas que tens! Quem tem por companhia tal patife, por força não será um serafim.

Mas se neste raciocinio não ha verdade, então... «Avé! Avé! Avé! Maria!»

**Na ponta...**

Palavra que já estou com sono! Não sei porque arte, olho ali para um canto e lobrigo este mimo de frase:

« Na santa época de D. Diniz que nos deixou exemplos de « piedade solida... »

Bom solido tinha tua avó, meu lambão! Ha cada raio de estilo! Uns dão-lhe com saudade liquida a escorrer, outros com a « piedade solida... » E nesta modorra do sono eu sinto a impressão gazosa que o masmarro tinha um solido em equilibrio na ponta do nariz!

**Pirulas trink**

Dizem os jornais reacionarios que:

« Senhoras piedosas, condoídas com as desventuras que a guerra actual tem levado aos lares das nações beligerantes, pretendem pela oração e pelas obras de piedade — meios eficazes para aplacar a magestade de Deus — fazer cessar essas desventuras ».

Lá cessam as desventuras! Os arsenais estão preparando canhões arte-nova para arremear padrenossos, hostias, rosarios e agua benta. Depois, as beatas portuguesas, com os dedos cheios de surro de tirar o seu ranhito logo de manhã cedo, tiram quatro pingos de agua benta e sorvem uma pitada e pronto, mesmo prontinho! não ha raio que entre com a paz humana! Imbecis e tratantes! Lá que as beatas ignorantes tenham a mania de tais *pirulas trink* admitem-se; mas que homens, se é que o são, ousem escrever tais disparates parece-nos um descarado proposito.

**Nunca fiar!**

« A attitude dos catholicos que é a que impõe a situação do país perante o conflito europeu, não importa nem pouco nem muito abdicção ».

Vêde, ó gentes, como este ligeiro periodo da *Liberdade* nos mostra, na sua nudez de sacristia, os desígnios capciosos da jangada de ton-sura e sotaina, em todos os tempos incapaz dum grande sentimento, e aproveitando todas as ocasiões para a sua consolidação.

Quando o jesuita fala em Patria em *Liberdade*, ou em Nação, ele

abandalha essa Nação, essa *Liberdade* e essa Patria, pois tem sempre em vista o seu aniquilamento para maior gloria de Deus e engrandecimento de Roma.

Nunca fiar!

## Escola Normal Primária de Coimbra

Foi prorogado até ao dia 25 do corrente o prazo para requerer exame de admissão a esta Escola, sendo permitida a admissão a individuos de 15 a 25 anos de idade completos ou a completar até 31 de Dezembro.

Dentro deste prazo deverão requerer também a sua admissão os individuos habilitados com o 3.º ano do curso geral dos Liceus.

## Novos livros

O grande poeta e jornalista fecundo da Republica, José Augusto de Castro, dar-nos-ha, dentro em pouco, mais um excelente volume da sua prosa soberba e encantadora, intitulado *Pela Mulher*.

Em breve sairá também a lume um precioso volume, intitulado *Coração da Beira* firmado pelo consciencioso e erudito escritor Antonio Xavier de Campos. Anciamente aguardamos essas duas obras, sem duvida destinadas a marcar na jornada do pensamento e da arte.

## Carteira de "A Revolta"

Para Vila de Paredes, depois de ter realizado com todo o exito os seus actos na Universidade de Coimbra, retirou no principio desta semana, o nosso estimado companheiro de luta, dr. Antonio Augusto Malheiro, a quem *A Revolta* envia um grande abraço de parabens, desejando-lhe férias muito felizes junto de sua ex.ª familia.

— Afim de defender uma causa importante no tribunal de Leiria, partiu para aquela cidade, na passada quinta-feira, este nosso estimado amigo, sr. dr. José Paredes, distincto advogado em Coimbra.

— Ao nosso estimado companheiro de luta José Batista de Lacerda, envia *A Revolta* um grande abraço de parabens pelo exito dos seus exames na Faculdade de Direito.

— Foram apurados na quarta-feira passada para a entrada na Escola do Exercito, os nossos estimados amigos Dr. Antonio Faria Fonseca e Manuel Maria Ferreira d'Abreu. A ambos os amigos o abraço de parabens.

## Para julzo

Foi enviada ao poder judicial, por vender leite adulterado, Maria do Rosario, de Eiras.

## ANUNCIO

Compra-se uma sebenta de *Finanças*.

Carta a esta redacção dando indicações necessarias. Iniciais M. R.

## ANUNCIOS

### Hotel e Restaurante Raposo

DE

José Maria da Silva Raposo

Largo da Fornalhinha, 1 a 9 — COIMBRA

Telefone n.º 478

Accepta hospedes e fornece comida para os domicilios.

Generos alimenticios de 1.ª qualidade, quartos higienicos por preços relativamente baratos.

28

JEAN FINOT

CIVILISADOS CONTRA ALEMÃIS

25

são francesa... Exposto aos primeiros revezes da guerra, o Imperador, em vez de marchar á frente do seu exercito, como fez o avó, applica-se tranquilamente á tarefa de um jornalista vulgar, mergulhando o seu povo num oceano de falsas noticias...

Quem ha-de admirar-se desta penúltima fase da vida de Guilherme II, depois de ter acompanhado as peripécias da sua triste existência? Alçado ao trono no momento em que os fermentos dissolventes, resultantes da guerra de 1870, ameaçavam corromper e dissolver as antigas virtudes germánicas, esse doente coroado não faz mais do que exasperar os ruins instintos do seu povo...

## Doença hereditária

O mundo, com a mal-pensada lógica que dirige os nossos pensamentos e os nossos actos, mostra-se sobretudo implacavel para com os pequenos, e paradoxalmente indulgente para com os grandes.

Eis-nos em presença dum mancebo que alcança o trono depois de ter feito publicamente um papel de paricida, no dominio moral. Não só tinha envenenado a existência de seu nobre pai, mas maltratava ainda sempre a sua memória. Ligava-se ostensivamente a seu avó, como se aquelle a quem devia a sua brilhante fortuna não passasse dum mito sem consistencia. A sua attitude a respeito de Bismarck era tambem quase monstruosa. Que dizer, enfim, dos sofrimentos e humilhações impostas a sua pobre mãe?

O mundo civilizado, conquistado pela sua verborreia e suas attitudes de Lohengrin, esqueceu os seus vicios e crimes para sómente pensar nos encantos do cabotino. Desempenhava, de resto, o seu papel como um grande artista, conseguindo arrancar palavras de entusiasmo a espectadores tão mal-avisados como Renan.

Há no entanto qualquer coisa de infinitamente humilhante, para a humanidade, no facto de ter sido iludida durante tão longos anos, porque — repetimos — o agosto

rito que em 1911 acompanhou o Kaiser a Londres, na qualidade de amigo pessoal, — era nem mais nem menos que o chefe da espionagem alemã na Inglaterra, tal escândalo não será esquecido por tam depressa.

Esse official desembarcou em Londres, um belo dia, com o Imperador Guilherme, instalando-se, mesmo ao lado do seu soberano, no Buckingham Palace. As atenções que o Kaiser lhe dispensava permitiram a Steinhauer travar brilhantes relações na mais cotada sociedade do Reino Unido. Admitido na intimidade dos homens importantes, poudo surpreender documentos e instruções, inacessíveis para espiões ordinários. Avalie-se qual não tenha sido o espanto do governo inglês ao descobrir, nos comêços da guerra, abomináveis actos de espionagem praticados pelo amigo de Guilherme II. Certos jornais ingleses aventam mesmo que numerosos motins organizados, em agosto de 1914, contra a intervenção da Inglaterra, foram realizados sob os auspícios e a espensas do mesmo espião alemão.

A insensibilidade moral do monarca manifesta-se frequentemente com uma simplicidade desconcertante. Pois no comêço da guerra actual não levou a sua inconsciencia até ao ponto de oferecer concessões ao Japão, para que abandonasse os seus aliados e se voltasse contra a Rússia? O Imperador Yoshihito repeliu tais promessas com indignação, como quem repêe uma offensa pessoal. O Mikado pagou julgou-se autorizado a infligir uma lição de moral a um soberano cristão!

Quer em seu proveito pessoal, quer em proveito da Alemanha, o soberano mostrou sempre um singular desprezo pela moral corrente. Depois de pessoalmente haver atraído inextimaveis presentes de Abdul-Hamid, veio-lo cometendo numerosos roubos na Siria, em proveito dos museus alemães. O coronel Samy Bey, antigo ajudante de campo do sultão Abdul-Hamid cita-nos vários casos. Eis um dos mais significativos. Tendo noticia duma biblia muito antiga, de mais de três mil páginas, em posse de Koblé-Tul-Hazine, o Imperador Guilherme concebeu a ideia de se apoderar dela. Chegado a Berlim, trata de enviar professores eicarregados de lhe levarem o valioso

\*\*\*\*\*

Relojoaria Comercial

DE Adolfo Pinto de Sousa

Praça do Comércio, 60 COIMBRA

Neste estabelecimento ha sempre para vender um completo sortido em relógios de bolso, mesa, parede e despertadores.

Encarrega-se de todos os concertos de relojoaria garantindo os relógios vendidos ou concertados.

\*\*\*\*\*

IMPORTADORA

TELEFONE N.º 350

Cipriano Leão & Comp.ª

Importação directa

De cutelarias, ferragens finas, armamentos, munições de caça e bem assim uma infinidade de artigos indispensáveis ao uso doméstico.

Rua Ferreira Borges, 52

COIMBRA

\*\*\*\*\*

# A Revolta

Assinaturas  
Continente, ilhas e ultramar, trimestre..... \$85  
Estrangeiro..... \$70

Pagamento adiantado

Numero avulso..... \$02

Anúncios

Preços convencionais. Anunciam-se todas as publicações de que se recobrer um exemplar.

## Tomás Trindade

COM ESTABELECIMENTO DE  
Tabacaria -- Papelaria -- Luterias -- Perfumarias

CENTRO DE PUBLICAÇÕES

Jornais -- Ilustrações  
Revistas nacionais  
e estrangeiras

Deposito da Imprensa Nacional

Para venda das publicações e impressos do Estado

POSTAIS ILUSTRADOS

Lindas coleções em fantasia e vistas de Coimbra

Deposito de aguas Minero-Medicinais

Aguas ao copo

Depósito da Cevada do Cairo

Carimbos -- Cartões de visita

COIMBRA

Largo Miguel Bombarda, 13, 15 e 17

Telefone n.º 559

AUGUSTO BAPTISTA e  
JOAQUIM DE CAMPOS  
ADVOGADOS

Rua Visconde da Luz, 34-1.º

Abilio Lagoas  
COIMBRA

32, Praça do Comercio, 33

Escritorio de comissões

e consignações

Correspondente de Companhias de Navegação

Vende passagens em todas as classes para todos os pontos do Globo.

## FARMACIA DO CASTELO

Depósito de produtos fotograficos da Casa Foto-Bazar do Porto.

Creme dentrificio.

Especialidades farmaceuticas nacionais e estrangeiras.

Instrumentos cirurgicos, etc.

## OS MAIS LINDOS POSTAIS VENDEM-SE NA

### Tabacaria e Papelaria

# CRESPO

Grande variedade em tabacos nacionais e estrangeiros  
Bilhetes de visita

Revistas e jornais nacionais e estrangeiros  
Artigos para pintura, desenho e escritorio

Telefone, 275 \* 27, R. Ferreira Borges, 29 \* COIMBRA

## Muraline

Tintas inglesas a agua. As mais higienicas e resistentes ás intempéries e as que maior consumo tem em Portugal, para interior e exterior de prédios.

## Karsonite

Tinta branca a agua. Apropriada para encobrir as manchas das paredes e do fumo.

## La Bele

Esmalte finissimo em todas as cores, as mais finas e garantidas para interiores e exteriores dos prédios.

CASA DEPOSITARIA  
ESTABELECIMENTO DE FERRAGENS E TINTAS

ANTONIO FERREIRA PEREIRA

141 -- Rua Ferreira Borges -- 145

COIMBRA

Telefone n.º 250

# Machinas SINGER para coser

Escritório Central -- Rua Ferreira Borges -- COIMBRA

## ESTABELECIMENTOS

COIMBRA -- Rua Ferreira Borges, 12

GUARDA -- Rua Alves Roçadas

COVILHÃ -- Praça 5 d'outubro, 17 a 19

CASTELO BRANCO -- Rua Pina, 32

LEIRIA -- Praça Rodrigues Lobo, 43 a 44

FIGUEIRA DA FOZ -- Praça da República, 8

SOURE -- Rua do Relógio

LOUZÃ -- Rua do Comércio

documento. A primeira missão falhou. O Kaiser dirige-se então ao Sultão. O embaixador alemão garante, com a palavra do seu soberano, que o precioso livro será devolvido logo que os sábios de Berlim dele hajam tomado conhecimento. O empréstimo da obra foi concedido nestas condições; mas o museu de Berlim guardou o livro sem que jamais pensasse em restituí-lo. Segundo Samy Bey, o valor desta preciosidade vai além de cinco milhões de francos.

Recordemos o incidente Krüger e o memorável documento que, revoltando o Transvaal, provocou uma guerra fratricida entre Boers e Ingleses.

O Imperador Guilherme abandonou desde logo, com um gesto pouco elegante, as pobres victimas das suas palavras irreflectidas, ou antes, dos seus actos duma impulsividade desarrazoada e imoral.

Alguns anos depois, em 1908 (na famosa entrevista do *Daily Telegraph*), o Kaiser confessou, com uma inconsciencia de doente, uma das suas numerosas infamias. Ele, que incitou os pobres Boers á guerra, tinha concebido «um plano, que lhe pareceu o melhor, contra elles, enviando-o á rainha Vitória!..»

Todos se recordam do entusiastico acolhimento por elle dispensado ao conde Witte, primeiro ministro russo, após o seu regresso dos Estados-Unidos, onde tinha selado a paz entre a Rússia e o Japão. Elevando ás nuvens este diplomata, tinha-o baptizado de «segundo Bismarck». Mas o, que muita gente ignora é que o conde teve que deixar o poder, graças ás intrigas de Guilherme... Um historiador documentado poderá fazer amanhã, a este respeito, uma página digna de Saint-Simon.

Depois disto, estranhe-se a attitude do Imperador a respeito dos seus serventuários alemães. Bismarck, Caprivi, Bulow e tantos outros, deviam forçosamente ceder o lugar a um Bethmann-Hollweg, obscuro caixa, tornado instrumento dócil nas mãos do seu bizarro e anómalo senhor.

O Principe de Bulow, que pertencia á escola dos diplomatas, que identificam a falta de escrúpulos com a finura de espirito, esse mesmo ficou muitas vezes sur-

preendido com os processos empregados e impostos por Guilherme II.

Os seus embustes e a sua falta absoluta de lialdade fariam córar um profissional em ciladas.

Os factos abundam. Durante a guerra italo turca, a Alemanha, isto é, o seu Imperador, que superintendia pessoalmente na politica externa, apoiava a Turquia -- e porque meios?! -- contra a Itália, sua aliada. O embaixador da Alemanha, em Constantinopla, pregava aos Turcos a resistência. Os officiaes alemães inspiravam e guiavam, na sua resistência em Tripoli, o célebre Enver. Este último, simplez official, tendo assassinado mais tarde o seu próprio ministro da guerra, tornou-se por isso mesmo mais querido para o coração de Guilherme. O governo alemão chegou a procurar armas e munições para os Tripolitanos... Mais: de accordo com a Austria, a Alemanha fornecia á Turquia minas submarinas para afundar os barcos italianos... A felonía do Kaiser, que não conhece limites, não hesitou sequer em mandar um official alemão a Constantinopla, para fazer colocar as minas no Bósforo.

A Itália possui hoje todos os documentos, os quais nenhuma dúvida podem deixar acêrca dos vergonhosos processos do Imperador Guilherme.

Mentira e traição, estas duas plantas venenosas que tam abundantemente germinam nos degenerados, tinham invadido o Kaiser completamente. Praticava-as, com a inconsciencia dum abutre a roubar objectos preciosos.

Iludia todo o mundo, desde Deus que falsa e infatigavelmente invocava, até aos próprios Alemães.

E' Guilherme em pessoa quem lança a nova da «agressão franceza», da «invasão da Bélgica», do «ataque aos postos alemães» pela França, antes da declaração de guerra, ou a da «agressão feita pelos aviadores francezes em Metz e Nuremberg!»

Assim, como em 1906, por ocasião da conferencia de Algeciras, telegrafava aos diferentes Estados dizendo que a França era ali abandonada, todos lhe fazendo agravo, com a mesma facilidade dirá mais tarde aos seus exércitos que váam á Bélgica para defendê-la contra uma inva-

## TIPOGRAFIA LITERÁRIA

R. Cândido dos Reis, 17, 19 e 21 -- COIMBRA

### TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GÊNEROS

Impressões de revistas, jornais, lições, cartões de visita, envelopes, diplomas, recibos, facturas, papel timbrado, etc.

Esta tipografia que possui os mais modernos maquinismos, está apta a executar todos os trabalhos gráficos, primando pela perfeita impressão em gravura e a cores.



PELA PATRIA  
E  
PELA REPUBLICA

# A REVOLTA

JORNAL REPUBLICANO ACADEMICO

Ano 4.

DIRECTORES — SACHARIAS DA FONSECA GUERREIRO  
FERNANDO D'ARAÚJO  
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — Rua das Covas, 15

COIMBRA — 29 de Julho de 1916

Propriedade do Grémio A REVOLTA  
Composição e impr., TIP. LITERARIA — R. Candido dos Reis  
EDITOR E ADMINISTRADOR — Silva Raposo

N.º 88

## UM PERIGO NACIONAL

**A Faculdade de Direito em Coimbra está confiada a uma maioria de traidores e bandidos. Uma proeza de cafres. Premeditação miserável. A Republica tolerando essa fraudulagem, comete um crime. Atitude da imprensa.**

Desde o primeiro numero em que publicamos a fotografia do miseravel traidor Fezas Vital, envergando a farda de bandoleiro incursionista, *A Revolta* vem fazendo, num timbre dignificante de honrabilidade e amor pela Republica, a historia documentada e autentica da obra de ruina, de marilice torva e fratresca do antro da rua Larga, onde as cadeiras, que deviam ser occupadas por individuos competentes e honestos, merecendo a confiança do pais, são abandonadas por uma tropa de salafrios falcatruzeiros, que ontem se armaram em terras de Espanha para invadir a Patria e esbandalhar a Republica, e que hoje, continuam, impune a sua miseravel campanha, tirando enorme partido dum prestigio que a propria Republica lhes prodigalison como recompensa dos seus serviços ao ridiculo espantalho Paiva Couceiro e á causa gangaia da realisa e do jesuítas. Os bandidos que a Republica desleixada e criminosamente manteve na Universidade e entre os quaes se ostenta o que ha de mais sarracafal e prostituto nos bandos clerical, mignelista e talassa, são capazes de todas as patuarias e atentados.

Devemos frizar, em nome da justiça, que, no meio dessa estrumeira, ainda ha uns tres professores que se impoem á consideração de todos os cidadãos, pelo seu saber e honestidade, mas sem o condão do desassombro e uma fé profunda na Republica para evitar que o Tasso tombe ao ultimo furo da enxurrada, constituindo um verdadeiro perigo nacional e uma azoia de pequenos saltadores farfalhados e realistas que amanhã rapinarão os logares da confiança da Republica, alentando essa corrente de rebeldia que tem subsistido desde a primeira hora e continuará subsistindo, mercê duma generosidade absurda, parecendo de ha muito que isto se monarquise, erguendo-se por todos os lados, paliçadas insuperaveis ao espirito republicano que começará de apodrecer, represso na indiferença e no abandono.

Fica-se verdadeiramente desorientado perante esse espectáculo edificante de abdicção duma Republica nascente e é preciso muita soma de boa-vontade, uma tenacidade de ferro para não capitular, para combater por melhores dias, tragando e perdoando esta engrenagem paradoxal e heterogenea em que se guarda o crime e subsidia a traição, com uma monarchia derrubada e o jesuita expulso, gosando ainda de prestigio dentro da propria Republica, dispondo arbitrariamente de estabelecimentos officiaes como ins-

trumentos importantes de propaganda. Não se compreende que o Fezas Vital, tendo invadido o solo português, enfileirado no bando de Couceiro, esteja hoje á frente dum dos primeiros estabelecimentos de ensino do nosso pais! não se compreende que o monarquissimo Magalhães Colaco, já preso como conspirador e nomeado professor por um decreto ditatorial, anulado por um decreto da Republica, usufrua esse privilegio!! não se compreende que os monarquissimos e jesuítissimos Carneiro Pacheco e Salazar sejam estipendiados pelo dinheiro da Republica, enquanto alguns dos que tudo sacrificaram e sacrificam em prol das instituições são votados ao mais absoluto desprezo e indiferença. É um espectáculo imoral! Imoral e perigoso. Rareiam as competências — dizem — Houvesse deusão e coerencia! Houvesse verzenha!! Uma Universidade apenas é o bastante, mas uma Universidade modernizada, que não constituisse uma ameaça, um coio de fratelhões inimigos da Republica, pois ninguém hoje ousará negar as tendencias clericais desse Tasso infamante, após a morte do saudoso e integro professor Dr. Marnoco e Sousa e após a saída para Lisboa do illustre cidadão e espirito brilhantissimo Dr. Rocha Saraiva, factos acompanhados dum exodo de rapazes republicanos para a Universidade de Lisboa, o que continuará a accentuar-se, tornando-se Coimbra a tal *Veidea*, um foco importante de reacção.

O Conde de Mangualde escreveu este ano aos seus correligionarios da Universidade um avultado numero de cartas recomendando rapazes a examinar. Contem-se as recomendações de Canastras, Chantres e outras Congregações similares! conte-se o numero de rapazes desta Universidade com probabilidades de protecção, que são quasi todos, e ter-se-ha organizado um brilhante quadro estatístico de dependencias politicas a que dá origem um erro da Republica. Isto é gravissimo e merece bem a atenção de todos os republicanos. Mas não é tudo ainda! Uma rapariga da alta estirpe que me dizem ser noiva do sr. Fezas Vital vai assistir aos exames dos seus imensos protegidos, do varandim alcandorado da sala dos actos. Ela... gesticula cá para baixo! ele... graceja lá para riba que o moço vai bem, que passa! E' mais que um escandalo! E' uma ignominia! Os proprios personagens da Universidade, estão indignados com tal procedimento, mas, sufocados pelo poderio incontestavel dos conspiradores, apenas se

atrevem a formular os seus protestos e a sua indignação, em conversas particulares. Mas... ha mais! Um simpatico rapaz, birrentamente chumbado em dois periodos successivos pelo conspirador Fezas Vital, dirigiu a este uma carta a que a imprensa deu foros de atentado, sem penetrar o fundo da questão e sondar o que aí havia de justiça. Pois bem! esse rapaz foi a exame. Não cabe na mitouta de ninguém que ele se apresentasse pela terceira vez á acto, completamente em branco na materia, sem probabilidades de dizer o bastante para passar. Pois os cafres, valendo-se traioeiramentos do seu estado de intranquillidade, fizeram-lhe nm desses exames cheios de tricas, de segredinhos amargos, e sorrisos malandros, até que o estendoram, como se isso fosse uma africa!

E o sr. Fezas Vital esfregou com tal força as suas mãosinhas de bandido, e tais bufos de bezerro em campina largou pelas ventas, que irritou todos os presentes. Mas, vamos lá á ultima proeza. A victima é uma illustre senhora, esposa do meu condiscipulo Jaime Gouveia, ambos eles estudantes applicadissimos e dos mais distintos desta Universidade. Mas... um pouco de historia. Recordemos. Eu chamo para aqui a atenção de todos os homens justos, de todos os corações puros. E eu sei bem que ninguém me escutará sem um rebato de espanto, admirando tanta herocidade e tremendo diante de tamanha cobardia e canalhice dessa miseravel gerção de espectros jesuítas e lentes bandidos que a Republica aquece no seu seio como a vibora que a ha-de morder e envenenar. E' uma historia exemplar em meia duzia de linhas.

Vai ha quatro anos. Na primeira aula a que assisti nessa Universidade deparei com o velho e querido amigo Jaime Gouveia, então padre em Terras da Beira, e que conheci em Vila Rial por occasião duma fatalidade que arrebatára um dos seus irmãos. Já então eu descobrira nesse homem uma extraordinaria força de vontade, uma grande concentração de espirito, e uma poderosa intelligencia que em breve me denunciaram existir ali uma victima de caprichos familiares e um condemnado á grilheta de Vaticano. Foi a primeira vez na minha vida que exultei com o encontro dum padre. O meu coração parecia adivinhar nesse homem um espirito em rebeldia que breve se faria cidadão. Na mesma aula, numa das bancadas da frente estava uma senhora, também minha condiscipula, e cuja alma diamantina e heroica, vos mostrarei em breve, esplendendo rara beleza e altivez. Conheceram-se, amaram-se e casaram. Eis aqui um acontecimento admiravel que o proprio Deus abençoaria. Do que foi de sublima essa batalha contra o preconceito, batalha epica, deprende-se todo o homem que conhece a pedra do sepulcro que ha numa sotaina. Como sempre, houve quem não approvasse esse acontecimento comovedor. Maldito seja para sempre, o jesuita!!

## A BORLA



(Desenho publicado nos n.ºs 21 e 51 de *A Revolta* de 8 de Abril de 1909 e 12 de Julho de 1911)

### Hoje como sempre!

Para aqui a vossa atenção, liberais! que se não trata dum singelo caso de estudantes, mas duma patifaria de bandidos! Ponde aqui os vossos olhos, republicanos! Ouvi: No dia do casamento desse grande cidadão e aluno mais distinto desta Universidade, classificado com *Muito Bom* em todos os seus actos, e que será indubitavelmente um dos grandes deste pais, nesse dia, notai-o bem! appareceu á porta-férrea, com o consentimento e riso dos lentes, um enorme cartaz convidando o publico a fazer uma pateada aos noivos e a proibirlhes a entrada na Universidade!...

Fazendo frente a essa enxurrada vim eu a publico em manifesto, assinado por mim e pelo dr. Costa Cabral.

A perseguição jesuitica começou nessa hora.

O ano passado appareceu em todas as paredes de Coimbra, um enorme distico, a tinta vermelha, contendo insultos de latrina e presidio, proprios de jesuitas, contra essa senhora! A hora de mais torpe vingança havia de chegar. O jesuita não perdôa! O ano passado (ainda era vivo o nosso saudoso professor Dr. Marnoco e Sousa!) a illustre senhora alcançou a elevada classificação de bom.

Mas... este ano... A occasião

era propicia. Na *União Sagrada* quem havia de vir a publico tratar de tão pequenos crimes?!

Pulhas! Esta senhora não faltou a uma aula, a uma só! desde o principio do ano. O seu exame foi de frente alevantada, sem empenhões como todas as pessoas que tem um pouco de dignidade. Depois, ninguém se convenceu que o seu marido, um dos alunos que hoje poderá bater-se, sem receio, com todos os professores da Universidade, não conhecesse a preparação de sua esposa, que é também uma senhora muito intelligente e uma escritora muito distinta. Mas os cafres! foram galegos! No meio do exame, um exame para passar sem favor, como o podem comprovar varias testemunhas, segredavam coisinhas e sorriam patifarias biltres de azinhavre, para... irritar!...

Chês! Bandalhos!... Nem diante duma senhora!... O moço e querido Fezas Vital é um tipório pálido, prognatico, roedor de nuhas! Façam ideia! A sua attitude para os não recomendados pela senhora do Varandim é uma coisa irritante e insportavel, olhando o tecto, com o dedo indicador na boca, como uma creança de mamã a chupar as unhas. Chamam-lhe o *chupa-amnhoca*, mas o que é certo é que a patifaria se consumou.

Revoltada com a ultrajante injus-

Do mar e D'Alem-nar

Do que eu vi a poder do esforço e de arte

Serra Leoa - Mar alto

Aguas do mar, tintas velhas do sol, horizonte curvando o largo... Nem uma linha rígida - perspectiva scenica de paisagem florida ou aza drapejando. Só a aquatinta do oceano, nuances do pôr-do-sol, ventos do Saharâ beijando-me os labios numa voluptua nómade. Ando ha doze dias sobre o mar e o tempo ligou-me a carne num torpôr e sensualisou-me o espirito num messianismo evocativo. Sou uma muniã a recordar voluptas ausentes emoladas a um futuro desforço da minha raça.

Trago no meu sentir o sobresalto da minha ausencia sofrido pelas mulheres da minha terra. Nos meus olhos o mesmo marejar enternecido, enevoante, das lagrimas das mães e moças que a despedida foram dos soldados da sua patria.

Larga ao mar e ao destino a nau da minha aventura. Flutuam no ar em toda a mancha prespetiva da cidade, lençõs brancos em adeuses; e nem um sobresalto, a comoção da incerteza, no meu espirito de fakir opiado pela signa dos feitos dos meus maiores.

Que mimos infantis me desperta o mar! - canções de berço, ritmos antigos numa sonolencia... Navego num segundo berço e, numa scisma, encontro-me menino rezando pelos que andam no mar alto em noites de tormenta... Senhora dos Navegantes, naufragios, perdições de toda a sorte - falas de mães moldando almas de sentimento. São contos nos invernos da infancia.

Mas recordo, perco-me a cogitar um ancestral instinto e todo este mar que não me atemorisa, imenso e impiedoso, é já meu conhecido, por mim domado já quando a lenda o wagnerisava de valkirias desencantadas pelo esforço lusiada.

Côres do sol cromatisando o mar, fragôres d'aguas espumeas, libidinosa de raiva, ressaltando cachões de renda na prôa do navio...

Que esteira nupcial, que rendas d'agua, que chamas lineas abre o mar a singradura do meu barco!

Perderam-se, pelo esconjuro audaz dos navegantes do meu sangue, as sereias da lenda, mas ainda, rumando esta costa atlantida, eu vejo-lhes os leitões de estofa azul, curvando em vagas, cujas corças são doces de espuma frufulliante e viva, mantelando a agua.

Brécha a prôa o mar, tufando ondas e ao redor, a agua macerada pela elice acende nuances, crepusculisase das sombras tintas dum estofa oriental. São marmores de veios niveos, pedras ricas raiadas de nervuras verde-azulas, massas azuleas pastichadas de tons esmagados.

O mar abre em enciclias, crescendo em relêvo e abrindo nas arestas que se dobram tiras lavradas de rendas nupciais. São os leitões virgens das nereidas onde nos seus corpos fios d'ouro se esparziam pelo colo, que a neve escuracia. São curvas d'agua azulea, voluptuada, onde os meus olhos possuem estatuarias brancas e onde eu sinto nervos inflexivelmente presos ao meu corpo, disputando-me a este mar, ao louco milenario encantador da minha terra.

Que sonho, que signo de buenadi cha riscou no sangue da minha gente a aventura nómade do mar desta queimada, fatidica terra africana!

Quem será a sibila do meu destino?

Lêde o misterio dessa Atenas Lusa no cromatismo hieroglífico dum pôr-do-sol.

Deixando a serra asperrima Leôa o mar, arrogante, embala como um berço o meu navio. Perco-me na scisma dos sons e das côres. A ré, olho o horizonte, grande círculo cinzento limitando o círculo do oceano. O sol vai de descer encrostado em clarões doiro flavo e, ensinando o mar, pasticha uma senografia enorme, côr jaldé. Desce, lampejante em nuances de mordeduras de fogo e fica nado, rodando e linha d'agua.

Cendram-se os longes tristes. O mar recolhe o sol e parece mil-partido porque a tela, crepusculisando vai prestes recender de fachas d'oiro fogo, risca-se de nervuras sanguineas, pantanisa-se de charcos ruivos.

Vejo agora dois mares; para alem

do horizonte, descerra-se um mar apocalitico. São mares de fogo, ilhas de cinza, pantanos de sange. Tudo enrubesce e se esterilisa. Mas o tempo começa o desmaio das titas; cendra o fogo do mar, negreja a cinza das ilhas, coagula o sangue de pantanos. Toda aquela cromia se unde, por fim, num tom azul, escorrindo e tingindo o oceano; só ao alb e ao longe manchas de fogo velho aparecem, como escarnas rubras num dorso gigantesco.

O Tempo recolheu os tons, cumpriu-se o presagio - riscaram-se pela primeira vez, aos meus olhos, sobre o mar, os signos hieroglificos que o meu sangue sentiu num extase de aventura.

Foi scisma do meu encantamento, haverem nestas paragens occidentais do Atlantico, tumulos da raça fatidica dos Atridas, sepultos entre blocos de oiro colossais que serão para a minha raça a sua desgraça aventureira ou a sua beleza heroica.

Equador

O sol, a ré, levanta-se em vôo de aguia, lá onde o meio do mundo é limitado.

Foi-se o dia em festas a Neptuno, em louvores á agua, elemento unico do nosso mundo de embarcados.

Coincide esta festa mitologica com o arraial pagão da minha terra, de S. Antonio, gamenho e folião nas fogueiras de cantares. Para cá da sombra ciclopica do mar, despertou-me o Santo a recordação dos Olivaes de Coimbra, feira de oferendas á sua graça, dada ás moças que as bilhas quebravam nos silhares das fontes idilicas. E foi um recordar de oferendas - eram mimos de oleiros simples, anforas, campainhas, frutas pastoris e coifas, figurinhas de barro côr de fogo, peças de louça ingenuamente barbara, cozida em fornos de aldeia.

O mar vivifica de colorido é forma, as lembranças da terra. O pensamento é como a sua massa que os ventos moldam em figuras arrogantes, ritmando-as de gestos e falas barbaras; e como o mar momentanisa a colera gestiva do cosmos, o nosso pensamento materialisa as linhas visionadas. O espirito e a agua são o mesmo elemento, o barro informe da arte que o fogo e o tempo não conseguem em forma rígida, em aspectos perdozaveis. São a beleza inacessivel ao Tempo.

Este é o mesmo Atlantico azuleo nunca descorado, de espumas nunca escurcidas; jardim sem outono, de seiva eternamente virilizada e de flora jamais emurchecida. A sua colera é uma creadora voluptua latejante, insaciavel, porque não ha amor bastante de nymphas que sustente o dum gigante.

Este é o mesmo mar onde cortaram singradura as naus dessa gente busada mais, que quantas no mundo cometeram grandes cousas.

E se o meu escutar fosse tocado da virtude da serpente mitologica que deu a Cassandra o enigma dos sons, eu ouviria ainda, tinindo sobre as aguas múrmuras, os evohés das descobertas dos meus maiores por estes mares nunca doutrem navegados.

Costa Ocidental da Africa, 19-6-916

ROQUE MARTINS

E' necessario demolir pedra a pedra.

(Palavras do Dr. Antonio José d'Almeida, acerca da Universidade de Coimbra).

A culpa disto pertence inteiramente ao lente. Contra o statu quo existente, o estudante só tem duas soluções: voltar-se ou subornar.

Desafronta, a pag. 111

tiça que a havia victimado, esta nobre senhora, numa conduta altiva e correctã, espera os lentes á porta ferrea, braços cruzados, como a esfinge da propria justiça, verberando os vendilhões de diplomas e fazedores de bachareis, conspiradores-bandidos que distribuem aprovações ao alvedrio dos Mangualdes e quejando, exprobando-lhes correctamente, dignamente, o seu procedimento covarde e malandro. E os miseraveis apenas balbuciavam que não foram eles, mas o... Juri!... Cínicos! Esse encontro devia ser presenciado por alguém que não foram uns maricas-peceguinhos, que por aí snobeiam de piratas e pelintras.

O marido desta nobre senhora, indignado tambem com o proposito dos lentes, consternado até ás lagrimas, exprobou talvez, num rasgo vibrante, mas dentro da compostura de linguagem, lembrando o exame do dia anterior, respeitante a um protegido da Senhora do Varandim!... E lealmente, esse nobre camarada, desafiou os lentes para o proximo dia em que ele devia fazer acto, acto que constituiu uma verdadeira tourada, os mestras esmagados por uma argumentação de bronze, por uma cultura assombrosa.

Que monstruosidade não cometeriam os biltres conspiradores se não concorressem ao acto muitos republicanos, dispostos a fazer justiça?... Mas, agora, pergunta-se: qual o motivo do meu aparecimento nesta scena? E' simples. Nunca assisti a uma proeza de bandidos que podesse conter-me. E' um velho costume; talvez um pessimo defeito. Não dá pão, mas ou sinto-me bem com isto... Que não foram eles, diziam! - foi o Juri!... Quem não havia de revoltar-se? Chamei-lhes conspiradores, traidores, incursionistas, bandidos, monarquicos e pulhas; e aqui o repito em publico e raso.

Por cima de tal repugnante patifaria, os mariolões vão processar-nos! Este nos é um pouco revoltante e vem apenas demonstrar-me mais uma vez o estofa de bandidos que vão examinar uma senhora... de pistola na algibeira, e caso pensado!... Eles já sabiam, os patifes! e esperavam insubordinação!

E no meio disto é notavel o papel miserando de toda a imprensa! E o Mundo? Tristeza! Aurora Gouveia, Jaime Gouveia, Fernando d'Araujo, não são talassas! são livres-pensadores! todos tres colaboradores do diario republicano portuense A Montanha, que o Mundo conhece muito bem. Mas... mais do que isto! São perseguidos por jesuitas!

Tem a Universidade de Coimbra uma bela occasião para um grande golpe. Venha de lá essa coisa, miseraveis! Vamos! Mas não processéis essa senhora e esse nobre camarada que vos não ofenderam. Não sejais traficantes e cobardes, ao menos uma vez. Por mim já estou calejado de pinotes e não faz mal. Nada esperemos da Republica, meus amigos! Por mim basta-me a satisfação de correr esses garraios!

Coincidencia notavel: esta senhora é aparentada com o meu involdavel e saudoso amigo Padua Correia, o maior gigante do jornalismo portuense, que me defendeu, quando em tempos da monarchia e após uns tumultos no Liceu Rodrigues de Freitas, á cidade do Porto, fui condemnado como anarquista a um mês de presidio no quartel de infantaria 6. Vem a proposito. Isto enche a alma de luz. Daqui atiro o meu escarro sobre os lentes-bandidos, sciente de que a patifaria irá

até final, imperturbavelmente, sem um tremor de consciencia, vista a cumplicidade da propria imprensa, que pela pena dos seus correspondentes que muito bem nos conhecem se limitaram a uma resenha fugaz e inexacta, como se se tratasse dum ligeiro caso da rua com estoiravergas sem lar. Obrigadinhas, seus barriguinhas! e quando quizerem mais noticias ao domicilio façam o obsequio de chamar. Sempre ás ordens!

Valha-nos S. Pedro! Já nem ha Paduas Correias, nem Franças Borges! Foi tempo! O Mundo é cinza e lenda. Tudo apodrece. Correligionários? Não! Passe de largo! Correligionários tenho um só: sou eu! E' interessante; toda a imprensa falava num processo contra mim, apesar de toda a imprensa dizer que um lente me ameaçara com uma pistola!

E uma beleza de miolos! Então eu não hei-de pagar a ousadia de trazer a Coimbra o sr. Leôte do Rego e ressuscitar A Revolta? O se hei-de!... Mas julguem-me em processo sumario, bandidos, que eu desde já declaro que me não defendo ante patifes que conspiraram e conspiram contra a Republica!

Depois de nove meses de trabalho na Revolta é um parto verdadeiramente feliz.

FERNANDO D'ARAÚJO

Fui agressivo para alguns? E' claro que fui. Não me provocassem.

Desafronta, a pag. 89

Crónica de acaso

Nada de sobresaltos!

Inutil occultá-lo. Penso que a prosa das gazetas, escrita num dia para ser olvidada no outro, não dá prestigios de gloria perduravel a ninguém. Assemelha-se ao meteorito: passa breve. E' como a fumarada dos foguetes que se dissolve no ar, antes da cana bater no solo.

O fundibulario pode esbanjar ironias a ésmo, derrubar cabotinos e galvanizar entusiasmos, florindo audácias e pompeando galhardias, que, uma vez escolhido o jornal para terreno de escaramuças, ganhe embora a popularidade efémera e fácil, não logra immortalizar-se para as consciencias admiradas vindouras. E digo consciencias porque, podendo criar um nome proprio ás levianas citações dos que desconhecem o labor exaustivo e febril que o impôs, não vai filiar-se na legião dos que, através dos tempos, se monumentalizaram em obras assinalaveis de coesão e coerencia, de subido ardor e insofismado talento.

De resto, conhecer o jornalista simplesmente de nome, equivale ao desertejar sobre os livros pelo mereo conhecimento da lombada.

Especializei os periodistas combativos, os rudes fundibularios, por serem eles que, mercê da sua rebeldia e da sua varonilidade, mais fundamentalmente impressionam o espirito do ledor e seduzem a alma da multidão. Quanto aos prosistas elegantes, mixto de pós de arroz e água de colônia, mais para uso do toucador literario do que para patrimônios de ideal, nem valem saliências por não lograrem, embora forejem tornar a futilidade doirada, engazupar as atenções e romper o olvido.

A obra do jornal é efémera, pois, como efémera se torna a gloria do escritor que limitou o seu trabalho e a sua publicidade ás acanhadas colunas das gazetas que se não colleccionam e se não compulsam. Só o livro, quando bom, passando da montra do editor para as mãos do publico, poderá ficar, desvanecendo melhor as sombras do esqueci-

mento. O trabalho jornalístico, brilhante, proficuo, robustecedor muitas vezes, mas disperso e dispersivo, só por si não vicia; ecleremente se escurece - e anula. Daí a necessidade de apelar para o volume.

E quão valiosos e aproveitaveis como documentação de uma época, se patenteiam não raras vezes os comentários e as ironias, a critica e o estudo, as páginas de combate e as laudas de beleza de alguns desses cronistas surpreendentes e gloriosos, cuja obra foi feita a correr, em vertigens de talento e alucinações de revolta, entre o fumo azul de dois cigarros tentadores!

Depois o homem das gazetas pode ter ainda o mau sestro de não ser lido e deslizar incompreendido, quando não malquistado com deus e o diabo, se, no seu pleno e mais sagrado direito - o da consciencia, não procura agradar á turba, lisongeando-a sem escrúpulos, ou seguir a opinião pública (não se riam!), abdicando de todo o traço característico da independencia e individualizante da probidade. Não conheço mais ingrata e mais inglória tarefa do que a que nos impõe agradar a esse bicho de mil cabeças - sua excelencia toda-a-gente. E, afinal, para quê, se o hábito da multidão é pensar pela cabeça de outrem? Nem outra coisa devia ser. E' ilógico, se o caso se não der em cambalhotas por descidas a prumo, que o carro irrompa á frente dos bois. Este, porém, é um incidente singular, tão singular como o parvo dar leis ao sábio, e o petulante tomar a vanguarda ao homem de valor, o que de resto, por aí se constata a miude invertendo-se o significado da excepção e da generalidade.

Seja como for, a afirmação do valor intrinseco, embora sujeita ás escamoteações dos videirinhos improbos, ha-de luciojar cedo ou tarde. A justiça acorda algumas vezes. E por isso, enfrentando a caravana ruidosa que passa, o escritor, mais amante das ideias eternas que da safara lisonjaria, poderá confessar, com Alphonse Karr: se vos falo das minhas opiniões e dos meus projectos é quasi sempre para mais claramente os explicar a mim mesmo.

Não haja dúvida. Ai daquele que, sófrego de corças de papelão, não saiba aguarar a sua hora azul de gloria e queira subitamente impor os seus pensares engeitados pela banalidade e pelo comodismo. Tergiversar, é perder-se. Que não repouse nem se envaidece, espevitando-se o animo com diplomas de cronistas chic, mas escabichado. Que a sua pena se não metamorfosele, de gladio justiceiro ou pluma brilhante, em calamitoso - pincel de borra. Quando o escritor honrado não logre o immediato aplauso justo por seus feitos no campo onde o espirito ascende activo é independente, seja ao menos casmurro na afirmação das verdades luminosas e das belezas impereciveis. Se a obra realizada for grande, ver-se-há um dia; se for apenas lenejoulada, breve se delirará. Mas ao cabo, glorificado, esquecido ou vaiado, convieto poderá ficar do seu alto esforço posto ao serviço da sua nobre sinceridade.

VIZ PASSOS

O meio unjversitario é especialissimo. Coisas que qualquer homem, mesmo corrupto, trepidará em fazer e se enorgonhará de revelar, fazem-no certos lentes, com o impador hilariante de quem se julga um dandy, mostrando as ceroulas sujas.

Conheço aquilo como as minhas mãos, e, durante seis anos, que andei pela facultade de medicina; a dar encontrões e a recebê-los, presenciei a desvornha, sob novas formulas, e a infantia sob aspectos originais.

Desafronta, a pag. 104

## UM PERIGO NACIONAL

A Faculdade de Direito em Coimbra está confiada a uma maioria de traidores e bandidos. Uma proeza de cafres. Premeditação miserável. A Republica tolerando essa frandulagem, comete um crime. A atitude da imprensa.

Desde o primeiro numero em que publicámos a fotografia do miseravel traidor Fezas Vital, envergando a farda de bandoleiro incursionista, *A Revolta* vem fazendo, num timbre dignificante de hombridade e amor pela Republica, a historia documentada e autentica da obra de ruina, do marionete torva e fradesca do entro da rua Larga, onde as catedras, que deviam ser ocupadas por individuos competentes e honestos, merecendo a confiança do pais, são abandonadas por uma tropa de salafarinos falcatrueiros, que ontem se armaram em terras de Espanha para invadir a Patria e esbandalhar a Republica, e que hoje, continuam, impunemente a sua miseravel campanha, tirando enorme partido dum prestigio que a propria Republica lhes prodigalisou como recompensa dos seus serviços ao ridiculo espartalho Paiva Couceiro e á causa pangaia da realisa e do jesuita. Os bandidos que a Republica desleixada e criminosamente mantém na Universidade e entre os quais se ostenta o que ha de mais sarrafal e prostituto nos bandos clerical, miguelista e talassa, são capazes de todas as patifarias e atentados.

Devemos frizar, em nome da justiça, que, no meio dessa estremeira, ainda ha uns tres professores que se impõem á consideração de todos os cidadãos, pelo seu saber e honestidade, mas sem o condão do desassombro e uma fé profunda na Republica para evitar que o Tascó tombe ao ultimo furo da enxurrada, constituindo um verdadeiro perigo nacional e uma escola de pequenos saltadores farfalhudos e realistas que amanhã rapinarão os logares de confiança da Republica, alentando essa corrente de rebeldia que tem subsistido desde a primeira hora e continuará subsistindo, mercê duma generosidade absurda, parecendo de ha muito que isto se monarquiza, erguendo-se por todos os lados, paliçadas insuperaveis ao espirito republicano que começará de apodrecer, represso na indiferença e no abandono.

Fica-se verdadeiramente desorientado perante esse espectáculo edificante de abdicção duma Republica nascente e é preciso muita soma de boa-vontade, uma tenacidade de ferro para não capitular, para combater por melhores dias, tragando e perdendo esta engrenagem paradoxal e heterogenea em que se galdora o crime e subsidia a traição, com uma monarquia derrubada e o jesuita expulso, gosando ainda de prestigio dentro da propria Republica, dispondo arbitrariamente de estabelecimentos officiaes como instrumentos importantes de propaganda.

Não se compreende que o Fezas Vital, tendo invadido o solo português, enfileirado no bando de Couceiro, esteja hoje á frente dum dos primeiros estabelecimentos de ensino do nosso pais! não se compreende que o monarquissimo Magalhães Colaço, já preso como conspirador e nomeado professor por um decreto ditatorial, anulado por um decreto da Republica, usufrua esse privilegio!! não se compreende que os monarquissimos e jesuitissimos Carneiro Pacheco e Salazar sejam

estipendiados pelo dinheiro da Republica, enquanto alguns dos que tudo sacrificaram e sacrificam em prol das instituições são votados ao mais absoluto desprezo e indiferença. E' um espectáculo imoral! Imoral e perigoso. Rareiam as competências — dizem — Houvesse decisão e coerencia! Houvesse vergonha!! Uma Universidade apenas é o bastante, mas uma Universidade modernizada, que não constituisse uma ameaça, um coio de fradaldões inimigos da Republica, pois ninguem hoje ousará negar as tendencias clericais desse Tascó infamante, após a morte do saudoso e integro professor Dr. Marnoco e Sousa e após a saída para Lisboa do illustre cidadão e espirito brilhantissimo Dr. Rocha Saraiva, factos acompanhados dum exodo de rapazes republicanos para a Universidade de Lisboa, o que continuará a acentuar-se, tornando-se Coimbra a tal *Vendea*, um foco importante de reacção.

O Conde de Mangualde escreveu este ano aos seus correligionarios da Universidade um avultado numero de cartas recomendando rapazes a examinar. Contem-se as recomendações de Canastras, Chantres e outras Congregações similares! conte-se o numero de rapazes desta Universidade com probabilidades de protecção, que são quasi todos, e ter-se-ha organizado um brilhante quadro estatístico de dependencias politicas a que dá origem um erro da Republica. Isto é gravissimo e merece bem a atenção de todos os republicanos. Mas não é tudo ainda! Uma rapariga da alta estirpe que me dizem ser noiva do sr. Fezas Vital vai assistir aos exames dos seus imensos protegidos, do varandim alcaidoado da sala dos actos. Ela... gesticulá cá para baixo! ele... graça lá para riba que o moço vai bem, que passa! E' mais que um escandalo! E' uma ignominia! Os proprios personagens da Universidade, estão indignados com tal procedimento, mas, sufocados pelo poderio incontestavel dos conspiradores, apenas se atrevem a formular os seus protestos e a sua indignação, em conversas particulares. Mas... ha mais!

Um simpatico rapaz, birrentamente chumbado em dois periodos sucessivos pelo conspirador Fezas Vital, dirigiu a este uma carta a que a imprensa deu furo de atentado, sem penetrar o fundo da questão e sondar o que aí havia de justiça. Pois bem! esse rapaz foi a exame. Não cabe na mitouta de ninguem que ele se apresentasse pela terceira vez a acto, completamente em branco na materia, sem probabilidades de dizer o bastante para passar. Pois os cafres, valendo-se traçoiramente do seu estado de intranquillidade, fizeram-lhe um desses exames cheios de tricas, de segredinhos amargos, e sorrisos malandros, até que o estenderam, como se isso fosse uma africa!

E o sr. Fezas Vital esfregou com tal força as suas mãosinhas de bandido, e tais bufos de bezerro em campina largou pelas ventas, que irritou todos os presentes. Mas, vamos lá á ultima proeza. A victima é uma illustre senhora, esposa do meu condiscipulo Jaime Gouveia, ambos eles estudantes applicadissi-

mos e dos mais distintos desta Universidade. Mas... um pouco de historia. Recordemos. Eu chamo para aqui a atenção de todos os homens justos, de todos os corações puros. E eu sei bem que ninguem me escutará sem um rebato de espanto, admirando tanta heroidade e tremendo diante de tamanha cobardia e canalhice dessa miseravel geração de espectros jesuitas e lentes bandidos que a Republica aquece no seu seio como a vibora que a ha-de morder e envenenar. E' uma historia exemplar em meia duzia de linhas.

Vai ha quatro anos. Na primeira aula a que assisti nessa Universidade deparei com o velho querido amigo Jaime Gouveia, então padre em Terras da Beira, e que conheci em Vila Rial por ocasião duma fatalidade que arrebatára um dos seus irmãos. Já então eu descobria nesse homem uma extraordinaria força de vontade, uma grande concentração de espirito, e uma poderosa intelligencia que em breve me denunciaram existir ali uma victima de caprichos familiares e um condenado á grilheta do Vaticano. Foi a primeira vez na minha vida que exultei com o encontro dum padre. O meu coração parecia adivinhar nesse homem um espirito em rebeldia que breve se faria cidadão. Na mesma aula, numa das bancadas da frente estava uma senhora, também minha condiscipula, e cuja alma diamantina e heroica, vos mostrarei em breve, esplendendo rara beleza e altivez. Conheceram-se, amaram-se e casaram. Eis aqui um acontecimento admiravel que o proprio Deus abençoaria. Do que foi de sublime essa batalha contra o preconceito, batalha epica, depreendo o todo o homem que co-nheça a pedra do sepulcro que ha numa sotaina. Como sempre, houve quem não aprovasse esse acontecimento comovedor. Maldito seja para sempre, o jesuita!

Para aqui a vossa atenção, liberais! que se não trata dum singelo caso de estudantes, mas duma patifaria de bandidos! Ponde aqui os vossos olhos, republicanos! Ouvi: No dia do casamento desse grande cidadão e aluno mais distincto desta Universidade, classificado com *Muito Bom* em todos os seus actos, e que será indubitavelmente um dos grandes deste pais, nesse dia, notai-o bem! appareceu á porta-ferrea, com o consentimento e riso dos lentes, um enorme cartaz convidando o publico a fazer uma pateada aos noivos e a probrilhes a entrada na Universidade!...

Fazendo frente a essa enxurrada vim eu a publico em manifesto, assinado por mim e pelo dr. Costa Cabral.

A perseguição jesuitica começou nessa hora. O ano passado appareceu em todas as paredes de Coimbra, um enorme distincto, a tinta vermelha, contendo insultos de latrina e presidio, proprios de jesuitas, contra essa senhora! A hora de mais torpe vingança havia de chegar. O jesuita não perdôa! O ano passado (ainda era vivo o nosso saudoso professor Dr. Marnoco e Sousa!) a illustre senhora alcançou a elevada classificação de bom.

Mas... este ano... A ocasião era propicia. Na *União Sagrada* quem havia de vir a publico tratar de tão pequenos crimes?!

Pulhas! Esta senhora não faltou a uma aula, a uma só! desde o principio do ano. O seu exame foi de frente elevatada, sem empenhocas como todas as pessoas que tem um pouco de dignidade. Depois, ninguem se convence que o seu marido, um dos alunos que hoje poderá bater-se, sem recessio, com todos os professores da Universidade, não concesses a preparação de sua esposa, que é também uma senhora muito intelligente e uma escritora muito distinta. Mas os cafres! foram galgos! No meio do exame, um exame para passar sem favor, como o podem comprovar varias testemunhas, segredavam coisinhas e sorriam patifarias biltras de azinhavros, para... irritar!

Cães! Bandalhos!... Nem diante duma senhora!... O moço e querido Fezas Vital é um tipório páldio, prognatico, roedor de unhas! Façam ideia! A sua attitude para os não recomendados pela senhora do Varandim é uma coisa irritante e insuportavel, olhando o tecto, com o dedo indicador na boca, como uma creança de mama a chupar as unhas. Chamam-lhe o *chupa-a-minhoca*, mas o que é certo é que a patifaria se consumou.

Revoltada com a ultrajante injustiça que a havia victimado, esta nobre senhora, numa conducta activa e correcta, espera os lentes á porta-ferrea, braços cruzados, como a esfinge da propria justiça, verberando os vendilhões de diplomas e fazedores de bachareis, conspiradores-bandidos que distribuem aprovações ao alvedrio dos Mangualdes e quejandos, exprobando-lhes correctamente, dignamente, o seu procedimento cobarde e malandro. E os miseraveis apenas balbuciavam que não foram eles, mas o... *Juril*... Cinicos! Esse encontro devia ser presenciado por alguém que não foram uns maricas-peceguinhos, que por aí *snobeiam* de piratas e pelintras.

O marido desta nobre senhora, indignado também com o proposito dos lentes, consternado até ás lágrimas, exprobrou talvez num rasgo vibrante, mas dentro da compostura de linguagem, lembrando o exame do dia anterior, respeitante a um protegido da Senhora do Varandim!... E lealmente, esse nobre camarada, desafiou os lentes para o proximo dia em que ele devia fazer acto, acto que constituiu uma verdadeira tourada, os mestres esmagados por uma argumentação de bronze, por uma cultura assombrosa.

Que monstruosidade não cometeriam os biltras conspiradores se não concorressem ao acto muitos republicanos, dispostos a fazer justiça?!... Mas, agora, pergunta-se: qual o motivo do meu aparecimento nesta scena? E' simples. Nunca assisti a uma proeza de bandidos que podesse conter-me. E' um velho costume; talvez um péssimo defeito. Não dá pão, mas eu sinto bem com isto... Que não foram eles, diziam! — foi o *Juril*... Quem não havia de revoltar-se?

Chamei-lhes conspiradores, trai-

dores, incursionistas, bandidos, monarquicos e pulhas! e aqui o repito em publico e raso.

Por cima de tal repugnante patifaria, os marionetes vão processar-nos! Este *nos* é um pouco revoltante e vem apenas demonstrar-me mais uma vez o estofio de bandidos que vão examinar uma senhora... de pistola na algibeira, e *caso pensado*!...

Eles já sabiam, os patifes! e esperavam insubordinação!

E no meio disto é notavel o papel miserando de toda a imprensa! E o *Mundo*? Tristeza! Aurora Gouveia, Jaime Gouveia, Fernando d'Araújo, não são talassas! são livres-pensadores! todos tres colaboradores do diario republicano portuense *A Montanha*, que o *Mundo* conhece muito bem. Mas... mais do que isto! São perseguidos por jesuitas!

Tem a Universidade de Coimbra uma bela ocasião para um grande golpe. Venha de lá essa coisa, miseraveis! Vamos! Mas não processeis essa senhora e esse nobre camarada que vos não otenderam. Não sejais traficantes e cobardes, ao menos uma vez. Por mim já estou calejado de pinotes e não faz mal. Nada esperemos da Republica, meus amigos! Por mim basta-me a satisfação de correr esses garraios!

Coincidencia notavel: esta senhora é aparentada com o meu involdavel e saudoso amigo Padua Correia, o maior gigante do jornalismo português, que me defendeu, quando em tempos da monarquia e após uns tumultos no Liceu Rodrigues de Freitas, a cidade do Porto, fui condenado como anarquista a um mês de presidio no quartel de infantaria 6. Vem a proposito. Isto enche a alma de luz. Daqui atiro o meu escarro sobre os lentes-bandidos, sciente de que a patifaria irá até final, imperturbavelmente, sem um tremor de consciencia, vista a cumplicidade da propria imprensa, que pela pena dos seus correspondentes que muito bem nos conhecem se limitaram a uma resenha fugaz e inexacta, como se se tratasse dum ligeiro caso da rua com estoura-vergas sem lar. Obrigadinhos, seus barriguintas! e quando quiserem mais noticias ao domicilio façam o obsequio de chamar. Sempre ás ordens!

Valha-nos S. Pedro! Já nem ha Paduas Correias, nem Françaes Borges! Foi tempo! O *Mundo* é cinza e lenda. Tudo apodrece. Correligionários? Não! Passe de largo! Correligionários tenho um só: sou eu! E' interessante; toda a imprensa falava num processo contra mim, apesar de toda a imprensa dizer que um lente me ameaçara com uma pistola!

E' uma beleza de miolos! Então eu não hei-de pagar a ousadia de trazer a Coimbra o sr. Leote do Rego e ressuscitar *A Revolta*? O' se hei-de!... Mas julgam-me em processo sumario, bandidos, que eu desde já declaro que me não defendo ante patifes que conspiraram e conspiram contra a Republica!

Depois de nove meses de trabalho na *Revolta* é um parto verdadeiramente feliz.

# A REVOLTA

PELA PATRIA  
E  
PELA REPUBLICA

Publicado em 15 de Novembro de 1911  
N.º 10

## UM PERIGO NACIONAL

A. Freilands de Direito em Coimbra e uma história de  
traidores e bandidos. Uma prova de que a  
vel. A Republica tolerando essa trahizagem, comete um crime.  
A attitude da imprensa.

Deste facto, que se tornou conhecido em todo o mundo, resulta a necessidade de se tomar medidas para a defesa da patria e da republica. A imprensa tem o dever de expor a trahizagem e a banditagem, e de chamar a attenção do povo para o perigo nacional que se apresenta. A Republica não pode tolerar essa trahizagem, porque comete um crime ao fazê-lo.

A imprensa tem o dever de expor a trahizagem e a banditagem, e de chamar a attenção do povo para o perigo nacional que se apresenta. A Republica não pode tolerar essa trahizagem, porque comete um crime ao fazê-lo. A imprensa tem o dever de expor a trahizagem e a banditagem, e de chamar a attenção do povo para o perigo nacional que se apresenta.

A imprensa tem o dever de expor a trahizagem e a banditagem, e de chamar a attenção do povo para o perigo nacional que se apresenta. A Republica não pode tolerar essa trahizagem, porque comete um crime ao fazê-lo. A imprensa tem o dever de expor a trahizagem e a banditagem, e de chamar a attenção do povo para o perigo nacional que se apresenta.

A imprensa tem o dever de expor a trahizagem e a banditagem, e de chamar a attenção do povo para o perigo nacional que se apresenta. A Republica não pode tolerar essa trahizagem, porque comete um crime ao fazê-lo. A imprensa tem o dever de expor a trahizagem e a banditagem, e de chamar a attenção do povo para o perigo nacional que se apresenta.



# Considerações

Novas dos nossos soldados que partiram para a Africa, foram ha dias recebidas.

Eu li uma carta dum filho para sua mãe, em que, a par duma saudade imensa pelo lar distante, pelos carinhos perdidos, pelo céu azul da nossa terra, se nota uma grande coragem, uma grande satisfação pelo cumprimento do dever.

Se a vida é um encadeamento de deveres e direitos, se o homem contrai para consigo e para com a sociedade compromissos que tem de realizar, este dever de morrer pela terra onde nascemos, é o maior, o mais nobre.

Sobre as linhas dessa carta escrita de longe, entre céu e mar, quando as ondas batiam no costado do navio, caíram talvez muitas lagrimas de saudade, ao recordar a santa mãe que o esperava chorando, e que vive pela vida do filho querido.

Sobre essa carta, as lagrimas que caíram são sagradas, e nós, as mulheres, choramos e sofremos muito sem que ninguém censure as nossas lagrimas, que tomam á conta de fraquezas, é lícito também que um rapaz novo cheio de vida e saúde, tendo deixado em Portugal a Mãe e porventura a noiva, chore também amargamente sem que essas lagrimas sejam vergonhosas.

No ardor dos combates, quando o som dos canhões atrá os ouvidos, e quando os gritos dos nossos irmãos feridos nos fazem enraivecer de odio, não são lícitas as lagrimas, mas num momento isolado, quando apenas os elementos cercam o soldado, e ele pensa ouvir sobre as ondas os soluços e os beijos de sua mãe, e as meigas palavras ditas na lingua portuguesa, então benditas sejam essas lagrimas, porque são uma afirmativa do amor que o soldado tem á terra onde nasceu, e representa o desejo de voltar a Ela de cabeça erguida, pois que cumpriu o seu dever.

A contrastar com estas lagrimas, outras ha que apenas inspiram nójo. Não são as das mulheres e das esposas que sem coragem pranteiam os que partiram, porque o seu muito amor justifica tal fraquesa; não são as dos rapazes que partem; são as daqueles que apregoam valentias partidarias, que se alistam em hostes guerreiras, que conspiram para á volta de um regimen caído, e que no momento de se apresentarem nas inspecções para sabermos se tem de partir, choram, cheios de medo, e quasi desmaiam de terror. Republicanos fingidos ou monarchicos convictos, que triste figura fazem!

Alguns, os mais vis, usam ainda para encobrir a sua cobardia, fingir desejar o triunfo da Alemanha, falam da sua grandeza e do seu esplendor, e tem a coragem de exprimir estes desejos diante das familias daqueles que partiram. Nada os detem. Nem

a infamia de insultarem os que lá fóra, em Africa, cumprem o seu dever, nem a certeza de que se a Alemanha vencesse eles seriam os capachos a que os conquistadores limpariam os pés, porque os alemães patriotas verdadeiros (façamos lhe justiça) olhariam com nójo esses que nem souberam ficar vencidos.

E não é no Povo que isto se encontra. Não! Esse, sacrificando tudo, mais do que nós todos, vai sereno, apenas receando não mais ver o cantinho de terra que cultivava com amor. Esse que em qualquer caso encontraria sempre a terra para cultivar, caminha para o sacrificio, e pergunta as razões porque o mandam ao sacrificio? o seu sangue forte e puro, deixando cá ficar essa cohorte de vendilhões e degenerados, que nem sequer podemos respeitar pelas suas convicções porque eles não as tem.

Quem assim fala, são rapazes, que, se amanhã, Portugal desaparecesse do numero das nações independentes, apenas poderiam comer os rendimentos se os tivessem, ou ensinar os filhos dos conquistadores a aprender mal o português se eles assim se quizessem divertir, ou explicar-lhes como, em tempos idos, se condenava um homem que roubava um pão, e se deixam á solta criminosos de categoria.

Longe de mim a ideia de censurar os que querem viver, aqueles que aos vinte anos tem muito amor á tudo que os cerca, e que muitas vezes da vida só conhecem o lado bom. Não desejo a morte a um pobre animal velho e doente, como a poderia desejar a um moço que pode ser agora um imbecil, mas que amanhã pode ser um grande politico; mas, francamente, alardearem valentias, assustarem meio mundo com as suas atitudes, e de repente tomarem do pedestal a que se elevaram é muito triste.

Perdem os seus ares de jovens conquistadores atravessando a Espanha de carabina aperrada, e ares terríveis, as meninas casadoiras já os não fitam com amor, e apenas os olham um pouco, quando eles de joelhos adoram santas em que não creem.

E contudo a rivalisar com estes, ali estão os velhos, aqueles que são convictos nas suas opiniões, monarchicas ou republicanas, e que creio bem se enojam desta mocidadezinha ignorante e pateta, que tenta espantar o mundo pela sua sabedoria, e que apenas faz rir com as suas cabriolas.

E' que á mocidade de agora é degenerada, e preciso se torna obstar á que a vindoura seja igual.

Antigamente se havia menos senso pratico havia mais brio, e é preciso que a educação faça desenvolver: ao lado do bom senso, um grande sentimento de honra e de dignidade própria.

CHRISTINA TORRES DOS SANTOS

# A' LERTA, LIBERAIS!

O jesuitismo, esse monstro que tem a alma tão negra como a roupage que enverga, tenta levantar a garupa de touro matreiro, aproveitando o estado em que a Humanidade se encontra. Por toda a parte a sua campanha se vai sentindo, se vai vendo, porque ele, saindo da sombra, já trabalha á luz do dia sem nada temer, sem nada recear. Se os livres-pensadores continuarem de braços cruzados ante essa campanha miseravel, mal de nós e muito pior daquelas gerações que hão-de vir, porque terão de lutar com essa corja daninha que atravez da Historia só tem deixado ficar nodos de sangue vertido pelas ruas e numerosissimas victimas. Por toda a parte eles se levantam, como um exercito de bandidos, cruz alçada, ladainhas ao vento, em combate com a Liberdade, em guerra com a Democracia! Liberais! Se é necessario esmagar a selvajaria teutonica e a barbarie austro-hungara, é preciso também que o jesuitismo se não assenhoreie dum só palmo do nosso campo conquistado mercê de tanta luta e de tanto sacrificio!

O jesuitismo aproveitá esta guer-

ra tremenda para executar os seus planos sinistros. Aqui em Portugal levou o seu desaforo até ao ponto de pretender derrubar uma lei, que é a alma e a vida da Republica: a lei da Separação!

Por toda a parte a imprensa jesuitica, se empenha num combate cínico contra todos os livre-pensadores, contra todos os filósofos que negaram os seus dogmas, contra todos os historiadores que salientaram os seus crimes, contra todos os poetas que lhe amaldiçoaram a sua hipocrisia. Tudo quanto é bello, quanto é grande, sofre os seus ataques, sente os golpes dos seus punhais. A Revolução Francesa é amaldiçoada e deturpada. Falam com fingida dor nos seus excessos. Canalhas! Como que se a luz que ela derramou não fosse suficiente para contrabalançar alguns sublimes excessos.

Ainda ha dias um historiador de encopria como o classificou Ferrnando d'Araujo, se atreveu a enlaamear o alto significado do 14 de junho, que a França, a mãe augusta da Liberdade, festeja como o dia mais solene da sua Historia.

A Bastilha caiu estrondosamente nesse dia memoravel e das suas ruínas fumegantes e dos seus es-

combros em labareda a voz da Liberdade ressoou nos ares annunciando ao mundo o inicio duma vida nova, tendo por lema a Igualdade e a Justiça.

A velha prisão caiu e com ella o predomínio duma corte levassay a tirania da realza, soterrando-se nos seus escombros o ultimo poder do feudalismo atroz.

A realza, o despotismo tremeram ao ver tremem os alicerces da velha fortaleza e caíam ao ver cair para sempre em ruínas disformes a pesada cantaria das suas ameias e as frechas inquebrantaveis das suas prisões. E tremeu toda a Europa, convulsionou-se a Humanidade inteira como que se a velha fortaleza tivesse a força dum vulcão imenso que remexesse a terra de polo a polo.

Tremeram os reis ao ver um povo sufocar um poder despotico dum soberano que tinha por divisa o *Letat c'est moi*, estabelecido por Luiz XIV; abalaram os tronos ao sentir a derrocada do trono da França que veio cair coberto de crapula e semente de crimes. A tomada da Bastilha é, sem duvida, a pagina mais brilhante da Revolução depois da memoravel sessão do *Jogo da Pella*. Aqui pela primeira vez a realza viu o povo levantar-se e insurgir-se pela eloquencia de Mirabeau contra a sua autoridade, contra o seu prestigio que dal saíu abatido, corrompido e esmagado para jamais se erguer. Na tomada da Bastilha caíram e soterraram-se os alicerces dessa autoridade, os residuos desse formidavel poder, dessa tirania absoluta que até então a realza usufruia. E daí por diante a corte abatida, desmoralizada, sem autoridade e sem respeito não era mais que um instrumento nas mãos dos revolucionarios. E Luis XVI teve a compreensão nesses agitados dias de Revolta que o seu trono eram as algemas que o manietavam e que a descer desse ridiculo Capitólio teria de subir os degraus duma guilhotina que seria a sua «rocha Tarpeia». A Bastilha era odiada pelo povo o o povo jamais sofreu o horror das suas enxovias, nem suportou a frialdade dos seus carcereiros. A Bastilha encerrou dentro dos seus muros os nobres que se não baixaram como lacaios ante a tirania da corte e os sabios que não lançaram a sua sciencia nos pés duma realza omnipotente e nefasta. Voltaire, Fanequet e outros homens illustres, sentiram a dor do carcere. Mas porque a Bastilha era o simbolo dum poder absoluto, porque era um fantasma inimigo da Justiça e do Direito, caiu, levantando, na sua derrocada, labaredas de fogo proclamando a Ressurreição, annunciando nos ecos da sua queda, que a figura da Liberdade aí se erguia, levando a todas as partes do Universo a sua voz potente em clamores augustos de Vida e de Gloria!

João Huss é queimado vivo, victima da religião intolerante. A *S. Barthelemy* é o maior crime da Historia. O grande Coligny é assassinado cobardemente pela reacção e insultado na paz do seu túmulo. A matança dos «cristãos novos» foi um crime preparado e meditado, traçado a sangue frio nos coícos da reacção. Ferrer, o valeroso soldado do livre-pensamento, foi assassinado pelas balas do reaccionario Maura, instigado pelo jesuitismo espanhol.

Sara de Matos foi violada pelos padres e recebeu o veneno das mãos — o supremo cinismo! — duma irmã da caridade! Jaurés é assassinado em Paris e o assassino passava a vida a beijar as lagos das Igrejas. E mais, muitos mais crimes, que a Historia nos aponta como obra da reacção, como fruto do jesuitismo. E são estes bandidos, são estes scelerados que em nome de Deus cometem todos os crimes que á sombra da religião efectavam todos os abusos, e que se preparam para assaltar a Liberdade, para esmagar a Democracia. Liberais! O maior inimigo do Progresso e da Ordem foi sempre o jesuita. Ele prepara-se para a luta. E' necessario que nos encontre a todos unidos porque seria indubitavelmente a derrota do Pensamento e da Inteligencia.

ERNESTO D'ALMEIDA.

O lente, na sua cathedra, exorbitava? Patçada. O lente passava olympico, sem baixar o olhar tyrano sobre a turba? As troças academicas. Abria a reitoria a jaula do molosso do fóro? As assembleias geraes dos rapazes trovejavam, revoltando-se. A universidade e a academia travavam-se em desordem, arcando-se como duas potencias, que se conhecem um valor mutuo e se têm um odio igual. Sendo assim, os lentes combatiam com a arma que a lei lhes dava: o fóro academico; e o estudante, com ess'outra arma que o direito lhe impunha: a revolta.

Desafronta, a pag. 140

### Anuncio

Vende-se a armação duma loja, estantes e um balcão. Rua Larga, n.º 15.

# Factos e comentarios

## Vil!

Acabamos de receber um anónimo infame, contendo uma carta particular do sr. Caetano Pereira, para uma pessoa de suas relações, e em que se nos pede a sua publicação!

Isto é simplesmente vil e proprio duma pequenina consciencia miseravel, que arredados com a biqueira da bota, desolados por tanta baixeza e cobardia.

Neste jornal, seu miseravel anónimo, não se usam esses processos nem para os grandes adversarios!

Em todas as criticas que neste jornal se fizeram por occasião da saída a lume do livro de versos *Calhos da Ideia*, tivemos apenas em vista o artista, a petulancia comprometedora do sr. Forjaz da Sampaio, e nunca a pessoa do sr. Caetano Pereira, que nos mereca toda a simpatia como pessoa.

Ha creaturas muito vil, neste mundo! Terminamos por dizer ao sr. Fernando Caetano Pereira que tem á sua disposição neste jornal a carta referida, que poderá vir proenar por intermedio dalgum dos seus amigos.

## Na Escola de Guerra

Chamam a nossa atenção para a grande malta de conspiradores que acaba de entrar na Escola de Guerra enquanto bons republicanos, e alguns deles, com relevantes serviços ás instituições, ficaram no olho da rua!

Está na logica, senhores! Foi sempre assim e... «Bendito e louva... do se... ja... o... san... anti... issimo sacramento!» Pavor! Poderíamos mostrar a V. Ex.ª algumas cartas dum alto personagem da Republica, a quem recomendamos um republicano, e em que se nos diz: «Peça a talassas, meu amigo!»

Bendi... ito e louva... do seja... o... Santi... issimo!

## Papagaio de Florian

*Adeir... nunca!* — dizem os tallassas e clericais!

E' o bom caminho! Então poderia lá admitir-se que os senhores monarchicos tendo governado tão bem a vidinha com tal sistema, se resolvam a aderir? E não só *Adeir... nunca*, mas... *desaderir... sempre!*

Para que gritar? Para quê? se tudo isto é uma imensa cloaca em fermentação! um esbandalhar de coisas!

Assobiemos que o assobiar é a fala do pavor!

Florian, comandante dum navio, tinha um papagaio a que ensinaram a dizer: *Não ha de ser nada!* E numa hora em que o navio naufragava em alto mar, o papagaio repetia: *Não ha de ser nada!* Erguei os ouvidos e escutareis o papagaio de Florian!

## Oçam e calem!

Para a *Escola de Guerra* entrou o sr. Mario Pessoa. Quem era esta pessoa, — republicanos? Oçam e calem!! — um *homem limpo*, cuja imagem se ostenta ai num *Album dos Vencidos*, muito lindo e enfeitado com o traje de incursionista! «*Não ha-de ser nada!*»

## E o cabraão?

Num chorrilho labroste e sacrista á laia de fundo, se conjuram numa folha de couvo o *Jehová e Baals* para um auto de fé á nova Reforma Universitaria. Até se pede a cabra a tanger no cima da torre jesuita! E o cabraão, san burro?

Alonso Baptista e Caetano d'Almeida Sampaio

Com todo o exito acabam de realizar os seus actos na Universidade de Coimbra, respectivamente em Direito e em Medicina, estes nossos estimados amigos e companheiros de luta, a quem enviamos um grande abraço de parabens, desejando-lhes sinceramente muitas felicidades.

# Rumores do campo

## O "Tau"

Estirado à sombra dum rebelo-  
ro, o Tau, um petizola dos seus  
nove anos, de cotovelos fincados  
nos sulcos, cantarolava a sua can-  
tiga ao ritmo do compasso duplo  
que os pés marcavam no ar, en-  
quanto a piara lamuriante, recém-  
tosquiada, ia rebuscando as derrá-  
deiras espigas pela tapada de res-  
tolho.

Pé ante pé me fui abeirando,  
manso e manso, de ouvido à es-  
preita, conseguindo apanhar-lhe  
apenas a última cantiga, pois não  
tardou que fosse surpreendido pelo  
corpulento cão de guarda que deu  
logo sinal de alarme, com uns lati-  
dos roucos:

Minha mãe quando mi bate  
Sempre mi puxa as orelhas:  
— Zai! livra-te das raparigas  
Com'ó lóbo das ovelhas!...

— Pócho! Farrusco, torna ali!...  
— censurou o garoto, asperamente,  
ao vêr o animal em ares de arre-  
metida contra uma pessoa inofen-  
siva.

— Tendes assim um cão tam ve-  
lhaco, rapazote!?

— Oh! não senhor... Ele só  
ladra ós lobos, ó antão ós outros  
almiães como éle, que nanja às gen-  
tes que andam cá pela fólha...  
Agora a voçemecê, com esses fatos  
de senhorio e com esses bridos da  
cara...

— Que dizes tu, rapaz?

— Sim, digo que, se calha, é  
pr' amor desses bridos que tráí nos  
olhos...

— Ouve lá: como te chamas tu?

Mê pai e 'nha mãe chamam-  
me Antonho, mas os outros prin-  
taram-me um denome, e é só o  
Tau...

— Eles que te crismáram, lá te-  
riam as suas razões, e mesmo essa  
tua cara abrejeirada, toda cheia de  
fúscas... Apósto que te não lavas,  
há mais de um ano, grande cachó-  
ro?!

— Pois blhé que inda há pouco  
que me lavi: foi o dia de S. João  
à noite que 'nha mãe me agarron  
ali à ribeira, e... tau! e se num  
lhe escapou intê me queria esfregar  
os pórros c'uma lasca. E o mê pai  
tamem a vez agarron numa bar-  
da! e o que me valen foi dezer-le  
que traguia a cara fúscas pr' amor  
de que as gentes que passavam  
num me conhecessem, cando troi-  
guesse o gado pelos chóis alheios.

— E teu pai, é claro, ficou logo  
a dizer — um espertalhão o nosso  
Tônho! A mim é que tu não me  
enganavas, seu patifório! Mas, dei-  
xando isso, vais agora contar-me  
porque é que te chamam o Tau...

— Isso fóram os outros, a outra  
canalha. Uma vez que a mãe da  
Luzdevina do ti Ferreiro foi ó mar-  
cado, ela quedon sózinha em casa  
e chamou-me a mim, que o mê pai  
tamem tinha abalado a arrodéar as  
ovelhas... Andemos a morar na  
casa como se fossemos gente de  
certo: fumós ó ninho das pitas,  
fritemos os óvos, assemos patatas  
e... tamem nos deitemos... Ao  
despois só andavam os esplicóis a  
atentar-me pra que lhes contasse;  
e eu disse que antes de fritar os  
óvos, eu mail-a Luzdevina... tau!  
e que tamem despois de os com-  
er... outra vez... tau!

... E vai dai prantáram-me an-  
tão essa chamadura.

M. CARLOS MARTINZ.

**A tyrania universitá-  
ria ainda hoje exhuma  
do passado ás cavallei-  
ras do espirito inquisi-  
torial, que sempre tem  
amparado, nos sola-  
vancos da historia, a  
pezada e sombria car-  
róca da Minerva coim-  
brã.**

Desafronta, a pag. 5

# SECÇÃO LITERÁRIA

## Primavera florida

Mês de maio — o Sol inunda

a terra d'aureo esplendor,  
e a Primavera fecunda  
culmina em febre d'amor.

Há vida e há desafio  
nos agros lindos de ver,  
neste baptismo de fogo  
dos ceus altos a descer.

Que maravilha de seivas!  
Que florescência de luz!  
Germinam todas as leivas,  
colorem-se os troncos nus...

Das flores soltam-se as asas  
invisíveis do perfume,  
e o chão queima como brasas  
sob um flayo sol de luna.

E a força da vida nova,  
exuberante, a fremir,  
que tudo abraça e renova  
pr'as colheitas do porvir.

Em harmonias suaves,  
abemoladas de amor,  
nos ramos cantam as aves  
as aleluias da cor.

O firmamento deslumbra,  
belo, de imensa clareza:  
nenhuma nuvem lhe ombrbra  
a luminosa pureza.

Um sonho, que á luz se expande,  
não pode ser mais perfeito...  
— Que pena que, de tão grande,  
nos não caiba ele no peito!

Espraio os olhos em tórno  
e vejo tudo a florir  
— E' lindo até o piorno  
d'entre o fragnedo a subir.

As margaritas pontuam  
de branco os agros luzentes,  
e as papoulas flutuam  
nesse mar verde, rubentes.

As rosas, bôças de aroma,  
suplicam beijos doirados  
e o Sol enleia-as e doma  
seus desejos encantados.

Não soltam queixas inúteis  
essas mil virgens floridas...  
Os prantos tornam-se fúteis  
se as almas são atendidas.

A Vida assim visionada,  
com asas breves de olor  
e atagos de enamorada,  
é sempre cheia de amor.

E da ternura de em volta,  
uma certeza nos vem:  
a alegria vai e volta  
e em nós esplende, tambem...

1915

Vaz-Passos

## ELEGIA DAS NOITES

(Ao Tito Betencourt)

O' noites d'alma oculta e de beleza,  
Triste! ó noites da minha Aldeia! assim  
Que eu vos recorde e penso na tristeza  
Que murmurais, na voz da Natureza,  
Anoitece tambem dentro de mim!...

O' divino Musset! ó alma triste!  
O teu livro, decerto, não encerra  
Essa beleza espiritual que existe  
Na minha Aldeia, porque nunca viste  
As noites estivais da minha Terra!

Mergulho-me na Sombra, a meditar  
Na noite que me encanta e me deleita,  
Não sabendo se as fontes, a cantar,  
São murmureos do Senhor do luar  
Ou gemidos de presta, liquifeita...

E o oiro das estrelas vai caindo  
A polvilhar a terra... Os horizontes  
Num apagado azul vão-se esvaindo  
Nas sombras da Distancia! O luar, uagindo  
A Natureza Mãe, reza nos montes...

Há murmureos do Longe... evocações...  
Sonoridades brandas, vegetais,  
Das Almas a rezar nas solidões,  
Entre o vago rumor das orações  
Que rezam ao luar os pinheirais...

As cascatas, na sua melopeia  
Fluídica e espumante, á luz do luar,  
Caíndo dos rochedos sobre a areia,  
São fragmentos ideais de lua cheia,  
Que tombaram nas rochas, a cantar!

Entre a verde ramagem dum caminho  
Arborizado e triste, vê-se o rude  
Casebre dum moleiro já velhinho...  
E, em baixo, no rodizio dum moinho,  
Cantam as agnas murmuras do açude.

Vê-se ao longe, na encosta dum outeiro,  
Uma fogueira a arder, junto á Capela  
Da Senhora do Monte... um pegureiro  
Que ali tem o rebanho num telheiro,  
E' que costuma ás vezes a acendê-la!

E assim, vista de longe, até parece  
Uma estrelinha que tombou na terra,  
Abandonando os ceus, e que viesse  
Numa divina e luminosa prece,  
A guiar os pastores que andam na serra.

A farinha da lua cai nas eiras  
Sobre as espigas d'ouro... em volta, estão  
Religiosas e tristes oliveiras...  
E o argentino canto das coifeiras,  
Põe vibrações d'encanto na amplidão...

E essas frescas e limpidas cantigas  
Ecoam pelo etéreo azul dormente,  
Num frémito de vozes tão sentidas,  
Que nos fazem lembrar as raparigas  
Que o Anto ouviu cantar ao Sol poente...

Vai agora cantar a Piedade  
Que tem o seu Amor lá p'ró Brazil  
A' procura do bem, da felicidade...  
Vai agora cantar a Piedade  
Que morre de solidades p'lo seu Gil...

«O meu amor foi um dia  
Para as terras d'alem-mar;  
E desde então a alegria,  
Deixou de me acompanhar...  
Nossa Senhora da Guia,  
Tende dô desta agonia  
Que ando morta de penar...  
Ai que amanhã seja o dia  
Que volte a minha Alegria  
A's terras de Portugal!...

Ouve-se agora a voz da Julia Serra  
Que lá tem o namoro p'ra soldado  
Combatendo a favor da Inglaterra...  
Isto, quem tem o seu amor na guerra,  
Não sabe se ele é vivo ou sepultado!...

«Tenho quasi o coração  
Morto de tanto sofrer  
Dês que o meu probe João  
Foi pr'á guerra, a combater...

Coitadinho de quem tem  
O seu Amor para a Guerra,  
Que nem sabe se ele é vivo,  
Ou está debaixo da terra...

Se alguém me vier dizer  
Que ele não morreu, tem razão,  
Que ele só pode morrer  
A quando ao meu coração...

E vai de vale em vale, de frágua em frágua  
O ritmo doloroso das cantigas  
Que as raparigas, d'olhos razos d'agua,  
Solam, num canto de sentida mágua,  
A zagunchar a capa das espigas!...

Noites da triste Aldeia onde eu nasci  
Embalado p'los cânticos das agnas!  
Eu, decerto, tambem anoiteci  
Numa tristeza d'Arte... e foi d'ai  
Que vieram estes cânticos de mágnas!

(Do livro Elegias Pagans em preparação)

Cernache, IX-X-CMXV.

CAMPOS DE FIGUEIREDO, C

# ECHOS

## Escavando o passado

A propósito da situação operária, Guilherme II, convertido ao socialismo e Estado, convocou uma conferência que se realizou em Berne, em 1. de maio de 1890.

«Tal atitude — diz Benoit Malon, no «Socialismo Integral», publicado em 1890 — causou em toda a Europa uma profunda surpresa. Não se teria acreditado que ela pudesse caber ao jovem soberano, nervoso, irritável, d'alma inquieta, de tendências retrogradadas, e de quem se teme sempre uma cabeçada capaz de pôr um fogo a Europa e desencadear uma guerra exterminadora.»

Estas palavras foram escritas em 1890.

## Tancos

O relato dos jornais é unanime em enaltecer o brilhantismo e a grandeza dos exercícios finais da divisão mobilizada em Tancos.

O redactor do jornal espanhol «Imparcial» tece ao soldado português os mais rasgados elogios pela sua robustez, pela sua disciplina, e pelo seu garbo marcial de que foi testemunha ocular. Isto consola. Isto orgulha a alma de portugueses que tendo amor a esta terra santa, veem o seu exercito que se prepara, um exercito que trabalha com denuedo para desempenhar cabalmente a missão que amanhã lhe caberá cumprir no campo da batalha.

## Os adeantamentos

O Dia, órgão do maior patife de Portugal, diz que os adeantamentos não tem a importancia que os publicanos lhe atribuem.

Diz ele que o dinheiro ajeitado foi para viagens, representações officiais e... obras de beneficencia.

Ora isto já toda a gente sabe. O dinheiro foi para viagens, pandegas, caçadas, regatas, tiro aos pombos e... ás pombas, etc. etc.

Agora com respeito á obra de beneficencia é que é falso.

Se alguma vez a familia real contribuiu para essas obras, fazia-o em seu nome, mas, como se vê, era á custa do... Estado. Que generosidade!

Tudo se mórde porque os documentos compilados se referem a uma pessoa morta.

Faz que desconhecemos que esses documentos pertencem á Historia e que a Historia sendo a biblia da verdade tem de ser inexoravel e inflexivel. A verdade é dura, mas não ha remedio senão roer.

Se eu fosse lento, a minha vida seria uma luta constante com esses illustres colegas que praticam toda a casta de injustiças, impellidos por toda a casta de despeitos.

Desafrenta, a pag. 171

## Miseraveis

Azafamados e mexedicos andam os monarchicos na trama conspiratoria e reiseira, assediando inconsciencias e ignorancias, comprando estupidos e aleivosos, toda a reles gentilha sem condições de moral e sem conducta de vida, que á soldo e á almoceda se põem logo que sintam cascalhar o dinheiro da jorna com que os donatarios da causa lhe pagam os seus serviços de rebelião e de assedio.

Como qualquer bando de salteadores que pelo silencio da noite, a horas mortas, quando tudo é escuridão e pacatez, da sua caverna de crime desce ao tranquillo e desbulcio da cidade, para pôr em pratica toda a infame e vil hediondez dos seus planos de assalto e de roubo, assim eles também, os monarchicos, numa torpeza vil de emeritos pafforios, aproveitando o indeciso lullar desta eterna hora que decorre e nos esmaga em controversias de toda a ordem, se servem de todos os meios ao alcance da sua vista grossa de ani-

mias que a luz do sol não podem fiitar, não tendo pejo algum em praticar os mais repugnantes actos de anti-patriotismo, deitando á vala do desprezo todos os seus deveres de bons portugueses que deviam ser, se esse nobre sentimento desde ha muito não estivesse de todo obliterado na sua alma, para atentar simplesmente na voracidade dos seus appetites estomacais.

Tropa fandanga de estupores e maisins, batucando de enxabidamente a área moscosa e putrida das suas ideias injectadas de sangue azul de um reiseite cobardola que passava a sua vida palaciana por entre saias de frades e bentinhos de igrejas, apostaram todos á uma, adeptos de mitra e servidores da corôa, numa apostasia vergonhosa e safardana de vendilhões de uma Patria sempre grande entre as grandezas das demais, em atrarem a terra — como se isso fosse possível! — com o regimen que nos governa e gloriosamente nos alevanta á consideração de todo o mundo.

Corja de bandidos e de ciganos que sem o menor rebuço de vergonha pela memoria dos nossos antepassados, dizem preferir Afonso XIII a Afonso Costa com a maior e mais deslavada das desvergonhas! Inaudito descaro! Como são pulhas e miseraveis todo os que assim pensam. Como são infames e degradantes as ideias que assim apregoam.

Dentro das arcarias do seu peito ha lama feita consciencia. Em vez do latejar todo espiritual da sua alma, ha o escuro tenebroso de uma caverna onde se acoitam instintos de safarrios. E pelo célebre pulsar do seu coração adivinham-se impetos de bandido capaz de todas as baixezas e de todas as miserias morais.

Dava para volúmenes sem conta o estudo patológico destes carolas e reiseites que envergonham a nossa raça com as tiranias das suas ideias de imberbes creanças educadas na casmurra e massaça misantropia dos jesuitas de profissão.

Degenerados saltimbancos que com as suas artimanhas reles e a nossa cumplicidade indigente a seu bel talante vão favorecendo e creando a propaganda germanófila e jesuitica, fomentando a discórdia e a indisciplina entre toda a numerosa e generosa familia portuguesa que de mãos dadas, esquecendo tudo e tudo perdendo, altivamente caminha para a conquista brilhante de mais uma pagina de ouro da nossa historia.

Neste trémulo momento de comocão em que os nossos destinos se jogam pela sorte arriscada das armas em lutas de sanguinolentas e desvastadoras batalhas, em que todos nós,

portugueses d'alma e coração nos auxiliamos mutuamente para a salvação da nossa patria, em mais nada cuidando que não seja o seu futuro bem estar, eles, os degenerados e abastardados, todos os dias procuram meter em sérios embaraços os governos da Republica que encaram a sério a nossa situação internacional, frustrando e desviando o nosso apoio incondicional para com a libertadora falange dos aliados de que nos dissemos irmãos e cooperadores desde as primeiras horas das suas encarnicadas luctas. São assim todos os nossos inimigos internos.

Como belo ensinamento de uma grandeza moral contam as velhas crónicas que Cristo vendo-se roubado e escaernecido pelos vendilhões do seu templo, certo dia, em que a sua justa coleira chegou ao auge por fais vandallismos, apesar de toda a sua compaixão e misericórdia por tais miseraveis, os expulsou de lá para fora a golpes de chicote. Tomemos nós, bons e leais portugueses, a nobre justiça deste fidalgo exemplo, e escoracemos de uma vez para todo o sempre, a bico de bota ou a golpes de murro transmontano, os traficantes e negociadores da nossa querida Patria.

Sá assim alcançaremos descanço e poderemos satisfazer os altos compromissos em que andamos empenhados. Fazer o contrario, consentir toda a sua casta de patifarias e poucas vergonhas, é afundarmo-nos na lama em que eles já chafurdam e nos tentam salpicar no seu estrebuchar nervoso de vida degenerada e de bandoleirismo.

JOÃO D'ASSUMPTÃO

Se a universidade se transformar n'uma pequena Vendéia, em breve terá os seus dias contados.

(Palavras do Dr. Afonso Costa, no congresso da Figueira da Foz.)

## Por Vila Rial

7-1918

Foi nomeado director da Escola Normal de Vila Rial, o sr. Manuel José Rodrigues, tendo o sr. dr. Pedro Serra pedido a sua demissão. Poor este facto, estiveram interrompidos os exames na Escola, desde o

dia 18 até ao dia 22, sabado, dia em que recommencaram.

— Esteve entre nós, na semana preterita, tendo vindo de visita a seus pais e irmão, o nosso amigo Henrique E. Pereira Baptista, o distinto professor e director da Escola Central do Sexo Masculino de Amarante, sr. Cipriano dos Santos Baptista. Retirou-se na sexta feira no comboio das 14 horas para aquela localidade, afim de ir proceder aos exames do 2.º grau.

O sr. Cipriano Baptista gosa de invejáveis sympathias em Amarante, onde tem sido incansavel no desempenho da sua nobre e ardua missão de educador.

— Foi pedida pelo capitão-medico sr. dr. Tiburcio Monteiro, para seu sobrinho, nosso amigo sr. dr. Filinto Monteiro a mão da ex.ª sr.ª D. Ermelinda Lobato, gentil filha do ex.ª sr. dr. Antonio Lobato, importante capitalista e distinto professor do Liceu «Camilo C. Branco».

— Mais um acto de filantropia foi praticado pelo nosso benemérito conterraneo sr. Custódio Vitorino de Oliveira, que aos presos da Cadeia Civil desta cidade, mandou entregar pelo competente directo a quantia de 10\$000.

— No domingo passado, 23, realizou-se uma atrevida garraiada em benefício das instituições de caridade da nossa terra, tendo-se salientado os nossos conterraneos Manuel Pinto e Toneco Pinto, já conhecidos amadores tauromáquicos.

— Travou-se uma desordem, na segunda-feira passada, entre uns individuos de Agarez e outros de

Lordelo de que resultou recolherem ao Hospital, dois homens em estado melindroso, de Agarez, e deram entrada na Cadeia Civil, tres individuos de Lordelo.

— Causou a mi bastante consternação a morte do soldado José Teixeira, em Penafiel. Consta que o inditoso morto pediu licença ao capitão, que comandava um batalhão, para retirar-se, por se achar incomodado não sendo atendido pelo que foi transferido. O infeliz era filho do sr. Bernardino Teixeira, carcereiro da Cadeia de Amarante e afilhado da ex.ª sr.ª D. Amélia Romão que o estimava como filho. Quando chegar á alvorada da Ignaldade, da Paz universal, extinguindo-se o ferreo Militarismo, que apenas tem direito a existir quando chamado a combater a tirania, como no momento actual?

JOAQUIM DO PRADO

## Garteira de «A Revolta»

Com uma alta classificação concluiu há dias o seu curso de enfermagem no Hospital Geral de S. Antonio, do Porto, o nosso presado amigo Julio Augusto de Figueiredo.

As nossas felicitações. — No dia 25 do corrente fez atos dos preparatórios do 1.º anno de medicina, obtendo uma honrosa e brilhante aprovação, o nosso estimado amigo José dos Santos Freitas, sobrinho do illustre republicano e abastado proprietario em S. Tomé, sr. José Pereira Machado.

As nossas sinceras felicitações.

## ANUNCIOS

### Hotel e Restaurante Raposo

DE José Maria da Silva Raposo

Largo da Fornalhinha, 1 a 9 — COIMBRA

Telefone n.º 478

Aceita hospedes e fornece comida para os domicilios. Generos alimenticios de 1.ª qualidade, quatos higienicos por preços relativamente baratos.

Assim como, por sua ordem, se fará sofrer uma afronta sangrenta a uma mulher entre todas respeitável, a imperatriz-mãe da Rússia, ou se ofenderão os representantes das potencias estrangeiras, assim também ele ordenará e consentirá a pratica de crimes que o tornarão odiado e desprezado do mundo inteiro.

A decadencia moral da Alemanha moderna, provocada pelas inquinações dos seus áulicos, pelas nefastas influências da corte, da sua soldadesca, e sobretudo pelo culto da doutrina de que a força prima o direito — tudo isso tornou possíveis os actos de selvageria e bestialidade a que vimos assistindo. Mas a influencia directa do Kaiser por ninguem pode ser posta em duvida. Está hoje averiguado que todos os crimes de lesa-humanidade foram executados de harmonia com um plano feito por ordem de Guilherme e por ele adoptado e rubricado.

Relendo os protestos belgas, russos ou franceses, encontraremos sempre os mesmos factos, os mesmos processos, as mesmas ignominias. Massacraram-se habitantes pacificos, bombardearam-se lugares não-fortificados, saquearam-se cidades e aldeias.

Foi esse estranho generalissimo, com as veleidades tradicionais dum «mexeriqueiro», quem aprovou, se é que é proprio não reedgiu o plano e os processos duma guerra que os proprios apaches repudiariam.

E' na sua queda, que nós esperamos decisiva e rápida, que ha-de patentear-se todo o vácuo dessa existencia teatral. Ha-de cair como tem vivido, na embriaguez dos seus caprichos e dos seus crimes. Lembrêmo-nos do majestoso idolo da Escritura que caiu, milpartindo-se, no pavimento do Templo. Da sua cabeça de ouro saiu um punhado de ratos.!

Depois de haver desencadeado uma das mais formidaveis guerras que tem ensanguentado a terra, em vez de maravilhar o mundo com actos dum semideus, entretem-se a mentir, contradizendo a propria evidencia. Publica falsos manifestos e imunda o universo de falsas noticias. A sua consciencia letárgica impede-o de ver o atbismo que escavou, para si e para o seu povo, e as moontanhas de odio e de desconfiança

encantador não passa, afinal, de um degenerado, um desses matoides que se insinuam na entourage pelo artificio, pela variedade e inconsistência dos seus dons e pela ausência de toda a moralidade.

Affligido, além disso, por uma doença hereditária, do ouvido, a doença de Wildermuth, Guilherme II estava predestinado para ser mais um recruta do grande exercito dos semi-loucos e semi-criminosos.

Os especialistas alemães constataram nele varios traços duma degenerescencia hereditária. A atrofia do braço; os abcessos frios do ouvido interno, muitas vezes acompanhados de secreções nauseabundas; a podopodia, isto é, a transpiração fétida das extremidades inferiores, e tantas outras taras que, de tempos a tempos, tem sido assinaladas na imprensa medica, indicam nitidamente que Guilherme II deve ser collocado, por muitas razões, entre os anormais.

Mesmo a sua mania dos deslocamentos sai da normalidade. Calculou-se que o Imperador passava frequentemente mais de duzentos dias por ano fora de sua casa. Chegava a percorrer, dentro do ano, de trinta a cinquenta mil quilómetros.

O professor Pitres, de Bordeus, qualificou em tempos de «automatismo ambulante» este genero de viagens forçadas. E seria isto uma doença especifica dos nevroticos?

A conformação desastrosa do pavilhão duma das suas orelhas predispo, ao que parece, para o crime e para a mentira. Segundo estudos feitos por Frigerio, o angulo auriculo-temporal vai além de 90º nos normais e baixa nos degenerados. Ora, resulta de certas indiscreções feitas por medicos, que no Kaiser esse mesmo angulo não vai além de 68º grau que caracterizaria os degenerados, em geral, e os falsarios e os criminosos, em particular. Não iremos mais longe. Como os dados da antropologia criminal me deixam de ordinario sceptico, preferio ater-me ás indicações psicologicas e aos factos reais collidos na vida do «sujel» estudado.

As peripecias da existencia de Guilherme, ás suas attitudes, gestos, pensamentos e actos, são incontestavel-

\*\*\*\*\*

Relojoaria Comercial

DE Adolfo Pinto de Sousa

Praça do Comércio, 60 COIMBRA

Neste estabelecimento ha sempre para vender um completo sortido em relógios de bolso, mesa, parede e despertadores.

Encarrega-se de todos os concertos de relojoaria garantindo os relógios vendidos ou concertados.

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

A IMPORTADORA

TELEPHONE N.º 350

Cipriano Leão & Comp.

Importação directa

De cutelarias, ferragens finas, armamentos, munições de caça e bem assim uma infinidade de artigos indispensáveis ao uso doméstico.

Rua Ferreira Borges, 52

COIMBRA

\*\*\*\*\*

A Revolta

Assinaturas Continente, ilhas e ultramar, trimestre... 285 Estrangeiro... 470 Pagamento adeantado Numero avulso... 402

Anúncios

Preços convencionais. Anunciam-se todas as publicações de que se receber um exemplar.

Tomás Trindade

COM ESTABELECIMENTO DE Tabacaria -- Papelaria -- Loterias -- Perfumarias CENTRO DE PUBLICAÇÕES

Jornais -- Ilustrações Revistas nacionais e estrangeiras

Deposito da Imprensa Nacional Para venda das publicações e impressos do Estado

POSTAIS ILUSTRADOS Lindas coleções em fantasia e vistas de Coimbra

Deposito de aguas Minerero-Medicinaes Aguas ao copo

Deposito da Cevada do Cairo Carimbos -- Cartões de visita

COIMBRA

Largo Miguel Bombarda, 13, 15 e 17 Telefone n.º 559

AUGUSTO BAPTISTA e JOAQUIM DE CAMPOS ADVOGADOS Rua Visconde da Luz, 34 - 1.º

Abilio Lagoas COIMBRA

32, Praça do Comercio, 33 Escritorio de comissões

e consignações Correspondente de Companhias de Navegação Vende passagens em todas as classes para todos os pontos do Globo.

FARMACIA DO CASTELO

Deposito de produtos fotograficos da Casa Foto-Bazar do Porto. Creme dentifrico. Especialidades farmaceuticas nacionais e estrangeiras. Instrumentos cirurgicós, etc.

OS MAIS LINDOS POSTAIS VENDEM-SE NA

Tabacaria e Papelaria

CRÉSPPO

Grande variedade em tabacos nacionais e estrangeiros Bilhetes de visita Revistas e jornais nacionais e estrangeiros Artigos para pintura, desenho e escritorio Telefone, 275 \* 27, R. Ferreira Borges, 29 \* COIMBRA

Muraline

Tintas inglesas a agua. As mais higienicas e resistentes ás intempéries e as que maior consumo teem em Portugal, para interior e exterior de prédios.

Karsonite

Tinta branca a agua. Appropriada para encobrir as manchas das paredes e do fumo.

La Bele

Esmalto finissimo em todas as cores, as mais finas e garantidas para interiores e exteriores dos prédios.

CASA DEPOSITARIA

ESTABELECIMENTO DE FERRAGENS E TINTAS

ANTONIO FERREIRA PEREIRA

141 - Rua Ferreira Borges - 145

COIMBRA

Telefone n.º 250

Machinas SINGER para coser

Escritório Central - Rua Ferreira Borges - COIMBRA

ESTABELECIMENTOS

- COIMBRA - Rua Ferreira Borges, 12 GUARDA - Rua Alves Roçadas COVILHÃ - Praça 5 d'outubro, 17 a 19 CASTELO BRANCO - Rua Pina, 32

- LEIRIA - Praça Rodrigues Lobo, 43 a 44 FIGUEIRA DA FOZ - Praça da Republica, 8 SOURE - Rua do Relogio LOUZÃ - Rua do Comercio

mente os de um degenerado no verdadeiro sentido psicológico da palavra. Em lugar das afeições de familia e das afeições sociais -- dir-nos-há o autor do Homem criminoso -- que nos criminosos se encontram completamente extintas ou num estado de equilibrio instavel, vemos-os dominados por paixões menos nobres, mas extremamente tenazes. E em primeiro lugar, entre todas, a vaidade ou, para melhor dizer, um sentimento excessivo do seu valor pessoal, sentimento que nos homens se vê crescer na razão inversa do mérito.

Diz-se que nesses tais o sentimento moral falta por completo. Se mentem, cometem roubos ou falsidades, se matam mesmo, julgam sempre ter o direito pelo seu lado. A falta recái, segundo eles, nas suas vítimas. De Maudsley até Enrico Ferri, passando por Lacassagne e tantos outros psicólogos de loucuras criminaes, encontraremos, em todos esses autores os indícios duma unanimidade perturbante quanto ao caso de Guilherme II.

Uma observação profunda de Eugénio Sæe foi mais tarde notada e confirmada por muitos psiquiatras. Os malfeteiros teem horror, a todas as narrações em que se trata de coisas imorais ou de crimes. Recordemos o ódio que o Imperador sempre nutriu pelo romance realista francês, assim como pelo teatro dos realistas alemães.

A religião dum matoide é uma religião muito especial. Engendra um Deus à sua imagem e anexa-o ao seu proveito individual. O seu Deus tem uma solicitude particular pelos seus próprios interesses, deve secundá-lo nas suas empresas e tornar, por isso mesmo, respeitáveis e santos todos os seus actos, ainda os mais censuráveis.

Se entre os malfeteiros quase se não encontram ateus, a maior parte dos matoides vemos-os em relações de familiaridade extrema com a sua Providência. Casanova constata, nas suas Memórias, que todos os que se entregam a um mistér ilícito teem uma confiança exagerada no seu Deus. Este fenómeno é mais frequente ainda nos matoides em liberdade. Assim como os malfeteiros julgam comprar a graça divina usando amuletos ou acendendo cirios, assim também um matoide corado exultará de alegria semeando a chama e o fogo pelo mundo in-

teiro. Este, fará rezar pela sua causa um povo inteiro. E isto, segundo ele pensa, deve necessariamente desarmar a cólera de Deus e conquistar o poder divino em seu favor.

Verzeni, que havia estrangulado várias mulheres, era um dos assíduos frequentadores da igreja. Ajoelhado perante o altar, ali falava familiarmente ao seu Deus, um Deus bem seu amigo, que lhe garantia o êxito dos empreendimentos e o cobria com a sua protecção omnipotente. Um tal Boggia, condenado à morte por dezenas de assassinatos, fazia sermões, pregava a moral e a religião de Cristo. Ordenava a todos que o rodeavam que fossem orar à igreja.

O Imperador Guilherme terá, é certo, a pesar-lhe na consciência, não algumas dezenas, mas milhões de vítimas. Não importa. As suas invocações ao céu e a sua tocante familiaridade com o Deus todo-poderoso teem uma estranha semelhança com as de Boggia.

A loucura mitigada ou, se assim quizerem, para falar a linguagem de outrora, « a inocência » de Guilherme II, manifesta-se na universalidade dos seus talentos, como nas suas contradicções de cada dia. Colocado neutras condições, ter-se-ia feito um desses grafómanos que constituem a chaga das redacções e o castigo dos leitores atraídos pelos titulos das suas obras. Herdeiro dum poder absoluto, não podia deixar, cedo ou tarde, de trazer cataclismos à humanidade.

A minguada consciência dum matoide torna-o refractário a todo o sentimento do dever. Contudo, ele glorificará a virtude, em aloquções peçadas de frases feitas, tiradas dos Evangelhos e dos moralistas cotados. Porém, ao menor ensejo, a máscara cairá. O nada da sua alma revelar-se-ha então, na temível inconsciência e selvageria dos seus actos e das suas aspirações. A satisfação das suas vaidades e da sua ambição doentia constituirá a única preocupação da sua vida.

Violará, com premeditação, a neutralidade da Luxemburgo e da Bélgica, e fará cometer aos seus soldados atrocidades sem numero, que os aviltarão até ao nível dos bandidos ou dos selvagens.

TIPOGRAFIA LITERÁRIA TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GÉNEROS Impressões de revistas, jornais, lições, cartões de visita, envelopes, diplomas, recibos, facturas, papel timbrado, etc. Esta tipografia que possui os mais modernos maquinismos, está apta a executar todos os trabalhos gráficos, primando pela perfeita impressão em gravura e cores.

## Proezas de safardanas

**Certa imprensa... Hora perigosa. Firme! Danobray dos traidores; o seu fito e a sua pressa. Impotencia do sr. Reitor. A Universidade está amordaçada por bandidos! Ou o governo intervem ou desenrolar-se-hão acontecimentos de gravidade! A nós, republicanos!!...**

Os comatosos abandonos de certa imprensa perante a trama inquisitorial, com suçapas de salamandra e pinchos de ladra, do bando pandilha, de refinados patifes-conspiradores da Universidade, dá-nos, á primeira vista, a chata e prosaica impressão de barrigudos gendarmes, consoldinhos da pança, afagando bigodeiras, com boços assoviadores da Maria Cachucha e dontras fantásticas pinóças do *Não te rates e a Deixa ir*.

Á primeira vista, também, o viscoso e lesmatico proposito desses reverendissimos confrades, com empafas de vida feita e absorventes occupações em assuntos de mais larga importancia e alcance, gelatinos a ossada como se sobre ela passaram nortadas antigas, carando pestes de labareda e rujões de carne inocente, clamando, em alturas, as derradeiras agoras da intelligencia revoltada contra a iniquidade. A primeira impressão é desoladora, cruel como o desgano; brutal, esmagadora e penetrante como a impressão daquelle que tendo sacrificado, de boa fé, toda a sua vida e comodidade á sementeira duma ideia e esperando dos seus companheiros a mais absoluta e franca solidariedade, ouve, ao longe, uma gargalhada formidavel de ironia, pela trombeta da insidia, a gritar propósitos de indifference e esgares de tedio.

Hora perigosa, essa! perigosa e solene, delicada e grave, cuja magestade não poderá ser atingida por todos os mortais a quem os fados meteram uma caneta nas unhas, confiando-lhes a sagrada e veneranda tribuna do jornalismo, hoje, tão miseravelmente deshonrada por troilhas e picheleiros que não fariam uma figura das mais decentes a escrever á raza.

A'queles que, de vós, ainda não atingiram o meu pensamento eu vou explicar porque essa hora é perigosa e solene, grave e delicada.

Dirijo-me a ti, amigo leitor da *Revolta*, e a vós outros que dispoísteis um nicho na imprensa honrada, e disfructais, talvez, imerecidamente, o logar de timoneiros nas gazetas dum grande raio de acção.

Escutai: Enfileirar num partido é entrar num combate. A fé na victoria duma ideia comum torna os homens irmãos, cada um contando com todos, na firme disposição de sacrificar-se por sua vez. Ora, nos combates da ideia não ha tréguas, como não ha victorias perdas e perdidas. O combate é eterno e eterna a solidariedade.

Creio que és um homem honrado, um homem de fé, que abraçaste a

bandeira do teu partido, com o coração aberto e ao alto e a consciencia limpa. Deste a tua vida á Republica; concitaste odios ignorados; imolaste comodidades, a tua pequena fortuna, a paz do teu lar. Quando a Ditadura sombria arreganhava os seus dentes cariados de prostituta batida, ameaçando esmagar-nos; quando os bandidos se armavam em terra estrangeira para invadir a nossa Patria; tu, abandonaste o lar, a familia querida, e vieste enfileirar no teu grupo, sobraçando a carabina e a bomba, pronto a espalhar teu sangue, a jogar a vida e a liberdade!

Eu conheço-te e beijo-te! És meu irmão! Saíste da canalha com eu; tens a sede ardente da liberdade antiga dos primeiros heróicos, irmãos na mesma *gens* e na mesma *tribu*, porque, sabe-o: a liberdade é antiga; nasceu com o primeiro homem; o despotismo é que é recente, e não se digna de aquele que não reivindique essa liberdade, conquistando para todos os vagabundos as regalias de cidadãos. Cumpriste o teu dever.

Pela Republica, já porque é Republica, já porque tem á sua frente essa aguia gigante e rara flor dos séculos, a iluminar uma historia inteira com os deslumbramentos do seu génio divino, que escorraçou o jesuita e erguen um povo inteiro á lama, atirando-o á admirração do mundo, cioso dum passado resgatado e na decisão de quem aspira a um futuro; pela Republica, meu irmão, demos o nosso sangue, a nossa vida, demos tudo!

Mas, escuta: Nos dias esplendidos e para sempre memoraveis da Revolução, ouviste a tribuna dos oradores trovejando iras santificadas contra o despotismo, contra o ladrão dos dinheiros publicos, contra os inimigos do povo e da Patria. A imprensa, essa outra tribuna dos lares, levava-te essas fulgurantes e belas tempestades do pensamento sincero e divinamente clamoroso, apostrofando usurpadores, esartejando bandidos, incendiando o teu pobre peito e a tua fé.

Tu acreditaste. Fizeste bem. O teu coração é bom. És um homem.

Mas, escuta: A Revolução triunfou. A tempestade amaina. A tua arca está mais vazia. A tua vida mais gasta. Ardeste. Os odios encrespam-se, rugindo furias cruéis em volta de ti. A morgue funcionou. Morreu o pé descalço, com dedos calejados a espreitar de... alpeccatas velhas. A imprensa calhou seus raios. Gelou. Pedes ordem. Bandidos... ficaram os mesmos; talvez mais! e adivinha por que t'ó

digo. Ao encontrares esses bandidos que continuam a trair, a traficar, a difamar, corremper, miar, cuspir e envergonhar a nossa Patria, ergue-te a tua voz de cidadão, para gritar:

Eh lá!! Circunvagaste o olhar. Só! Aquelle passa e diz: — é maluco! e ainda hontem, ao teu lado, gritava: A'vante!

Aqueloutro... passa e não te vê! e ainda hontem te procurava á meia noite para vires jogar a vida na rua. E os proprios inimigos, no meio desse abandono, e dentro desta Republica porque dás a vida, e a que sacrificaste tudo, arguem-se, arrogantes e vingadores, e, impunemente, com o consentimento duma Republica e de certos republicanos, movem-te uma perseguição feroz, insultante, infamante, expulsam-te do teu logar se és empregado publico ou duma Universidade. E, para maior gloria da ordem publica, *capa de mandos*, enquanto os traidores continuam a usufruir uma protecção vergonhosa, parecendo que se impozeram pelo seu banditismo, num espectáculo lupanarresco em que a imoralidade é levada em triunfo, no meio de louros e fumos perfumados de resinas misteriosas. Eu não invento. Descrevo imparcialmente a historia dos meus dias.

Agora vou expor o caminho do teu raciocinio, oscillando, magnado, no seio desta aventura onde te guiou a fé.

Primeiro... julgas-te ludibriado pelo propagandista e ficas na divida se trabalhaste para a Revolução e para a Victoria da Ideia se para uma revolução feijoeira de estomagos e para a victoria dos que se governam.

Tens uma hora de amargura, em que te julgas realmente um doido, arriscando a vida, sacrificando o futuro, socego e tudo.

Depois... olhas ali para o visinho do lado que, tendo sido incurcionista, velho monarchico e servendo missas, engorda á custa da Republica e é muito considerado por todo o pessoal e tido na conta de homem de bem.

Tu és formiga, maçónico, desordeiro e ralé!

Depois, uma agonia, um olhar triste pelo passado e uma conclusão: isto é uma comedia! vou deixar-me disto.

Se tens um temperamento hipocrita e videirinho, fazes-te um republicano moderado, metido na tua vida, concordando com todos, tendo emfim, juizo, esse juizo peganhoso e repulsivo dalguns tiporios, cujos actos revolucionarios se resumem

num inofensivo *vivorio* e num telegrama no aniversario da Republica, saudando entusiasticamente a *alvorada da liberdade* e aqueles de quem se precisa. Conheço tantos assim! Alguns até nos abraçam pelos nossos artigos (que grande orgulho!) que *sim*, que é *dar-lhe, malhar para baixo* mas... ao ouvido, que ninguém oia!! E pensam que a gente fica certo que são dos *fiões*, dos da *gimbra*!

Se o teu caracter é muito exagerado rompes de vez com isto e trataes da tua vida. E' logico. «Primeiro... viver e depois... filosofar» — como diz o adagio.

Se tens, por ventura, um temperamento ardente de sublime desgraçado, rebelde, impulsivo, supões que os outros *desaderiram*. E eu oigo gritar dentro de teu peito: Firme! Sempre firme! E abraçote. E grito também com toda a minha força: Firme! Lutemos por melhores dias! A Republica é boa! Firme! Onde ha bandidos? Onde um republicano a defender? Familia, comodidade, tranquillidade... Que é isso? Só há vida na revolta! Quem se não revolta ou é espectro ou imbecil.

Firme! Sempre firme!

Almas de diamante e corações de prata! Conheço pobres como Job e perseguidos como feras, que são nobres por mais de *Deus*, apesar de perseguidos, que se conservam na sua firmeza de rocha como estátuas da fé e do pundonor, anónimos formigas, gente humilde do povo, que é o que foi ontem e morrerá o que é hoje com uma isenção heroica e uma dignidade comovente!... E nos seus corações ha lagrimas! tragadas em familia, em segredo! Eu conheço-os! Muitos! Sublime tragédia! E aqui tendes vós como essa hora é perigosa pois nem todo o homem pode viver adscripto a uma ideia, suportando desilusões, travores, vexames, perseguições, abandonos, indifferenças e, ainda por cima, o riso daqueles que tem o dever da solidariedade, e ainda por cima os pinotes daqueles a quem servimos de degraus!

Eu pertenço a essa falange de miseraveis.

Sinto-me feliz. Não cabe em meu peito o desanimo.

E' nestas lutas que eu afo a minha espada. Isto purifica e endurece. Os combates adestram.

Falei em certa imprensa e esquecia-me dela. Desculpem os nossos estimados confrades, tristes e amuados como quem viu um crime e não defendeu nem gritou.

Tal silencio é pesado. E' de chumbo e vergonha. Que espectros representam aí em Coimbra a imprensa que assistem impassiveis ao maior atentado da Universidade de Coimbra?! atentado que tem por fim aniquilar *A Revolta*, tirar as bolsas de estudo á Ex.<sup>ma</sup> Senhora D. Aurora Gouveia e a seu marido o sr. Jaime Gouveia; annunciar a todos os padres que ossem libertar-se, a perseguição; e intimidar todos os rapazes que amam a Republica; e encorajar o bando clerical e talassinha.

E' este o fim, convençam-se! *A Revolta* intimida os sicarios; faz-lhes sombra. Um lindo e brioso grupo revolucionario está em vias de formação.

E' preciso aniquila-lo! Isto convem a essa malta. O processo contra nós, apesar do enxovalho patife e cobarde que victimou os meus companheiros de infortunio, e apesar das ameaças que nos foram feitas com uma pistola, corre vertiginosamente, como quem tem pressa de despachar um negocio obscuro e deshonroso. O sr. Reitor da Universidade afirma estar comnosco, mas... por outro lado protesta

**que tem de ser solidario com os seus colegas!** E o povo republicano de Coimbra dorme o seu sono ingenuo. *O Debate* amua. Tem razão. O seu director, o nosso amigo Ernesto Donato, é empregado na Biblioteca da Universidade e teme incorrer no desgosto da malta que lhe vibraria, sem duvida, um profundo golpe. O correspondente do *Mundo*, pelo que se depreende do artigo de quinta feira passada, também não informou convenientemente.

Duma correspondencia publicada nesse mesmo jornal depreende-se precisamente o contrario. Quem conspira então contra nós?

Mas que pederia dizer também o nosso amigo sr. Guilherme d'Albuquerque, se ele é também dependente da mesma Universidade?

O processo movido contra nós é instruido pelo serenissimo Dr. Paulo Merêa e pelo mimoso secretario da Universidade, Dr. Silva Gaio, clerical e inimigo declarado da Republica. Só falta Malagrida!... Mas que grande tempestade anda a formar-se nos ares! que grande!

Ou a Republica, intervem, aqui o afirmamos solenemente, ou Coimbra será teatro de grandes acontecimentos.

Aqui fica o aviso e creia o sr. Reitor da Universidade e a sua malta de bandidos clericais que lhe não damos os parabens pelo encontro...

FERNANDO D'ARAÚJO

### Silvestre Ferreira Bossa

Realizou, ha dias, na Faculdade de Direito, o exame do segundo grupo, este nosso estimado amigo e sincero republicano, justamente considerado como um dos rapazes mais trabalhadores e inteligentes da Universidade de Coimbra, e de cujas faculdades já tivemos occasio de falar detalhadamente a quando a publicação do seu esplendido trabalho o *Evado*.

As referencias da *Revolta* a este nosso amigo, referencias em que salientámos a sua fé republicana, deram azo a que os *senhores lentos conspiradores* lhe dirigissem varias picuinhas e armassem laços traiçoeiros, afim de baixarem-lhe a nota de *muito bom* com que havia sido galardoado em tempos do ex.<sup>mo</sup> sr. Dr. Marnoco e Sousa, que tanta falta fez para meter a réctas do quadrupedes no trilho, donde andam tão desviados.

Em Coimbra ou se ha-de ser favela e membro da Congregação de Mariana, ou se fica com a corteza de ser perseguido pela lentilha que o *Mundo* tão bem descreveu no seu ultimo artigo.

# Do mar e D'Alem-mar

Do que eu vi a poder de esforço e de arto

II

Bem acabados uns vinte dias de mar em impaciencias de vista, cançado de olhar só agua entre o circulo do horizonte, surge alfim, pela prôa, a montanha que de Cape Town é fundo scenico.

A sua quadratura enorme, excavada ao centro, onde se levanta em pico, vai definindo-se num descerrar de nuvens que a espiritalisa, recordando-se de linhas rochosas, calvas de vegetação. E' um rasgar duma tela de nevoa caindo sobre o vale onde a cidade desdobra a casaria.

Estamos a tres horas de viagem. O mar tingiu-se duma cor terrea, perdeu já o azul cristal do largo. Ha doze horas que as gavotas alvicaerias, annunciando terra proxima, cortam pelo mar largo a mesma singradura do navio, de azas brancas em leme cortando o vento.

Distante, em nosso alcance, corta o mar a lancha que vem meter pilôto. Vamos fundear ás portas do Cabo Tormentorio.

Binoculando a vertente, definem-se já, naquella bagueira de nevoa e fumo, chaminés penachando negro e uma ou outra casa branqueando proximo do cais. Começa de erriçar-se a masteiração no ancoradouro e tudo vai prestes traçar linhas e formas. E' a montanha descoberta, docas, fabricas, armazens, guindastes, como tudo se nitidissasse pela optica regulada nas lentes dum binoculo.

O navio amarra. Repucham os cabos nos pilões do cais. Deitam escada ao portalo e vá de visita á cidade.

Vai pelo cais um fragôr de martelos cravando chapas, de pás raspando carvão, de correntes içando guindastes e cortando este zunido turturante, silvam gritos bestiais dos cafres, carvoeiros, esfomeados.

Saído o cais — meia hora andada sobre pontes de estaleiros, entre florestas de mastros, pisando avenidas niveladas numa simetria rigorosa — desboca-se, logo ao começo do vale que o mar corta em meia-lua, na entrada da cidade. E lesto, como na mór parte das cidades é insolito, desfilam os primeiros quarteirões, mo-

perspectiva destoante, uma mancha scenica ou detalhe architectonico que ezite o espanto do estrangeiro a considerar logo de entrada com um dos centros modernos de civilisação e actividade. E' fulminante esta sensação de grande scenario europeu, tanto mais admiravel quanto é certo a dificuldade de cidades africanas crearem prestigio, destruindo assim o scepticismo do forasteiro. Mas toda essa descrença se transfigura em admiração, logo de começo, em *Adderley Street*.

Saltam á fantasia perspectivas londrinas, manchas de civilisação, cosmopolitismo de vida a quem vai de começar a visita pelos primeiros armarmentos. Simetrias amplas, quarteirões lançados dum só jacto como tudo se levantasse na harmonia dum só plano que estudasse todos os aspectos componentes; desde a planimetria cimentada das streets, té ao rasgado das montras de cristal. O que resalta do conjunto prospectival é todo um ritmo simetrico de architecturas diferentes, mas todas caindo bem scenicamente; desde os frontões triangulares assentes sobre cornijas corintias té aos pavilhões razados, de frisos em denticulos e rasgadas janelas; desde os palacios fuzelados em guiza de pagode té aos predios newiorkinos.

Sob esta architectura abrem-se as lojas em arcada cujas marquises assentes em feiras de colunas são palanques de *Bars* e *Teas-Houses*.

Imagine-se sobre o cimento das ruas um tumulto de viaturas e electricos, uma multidão lavada, energica, loura e bem quadrada de fisico e tenos em imagem o coração de Cape Town.

Mas, onde a vida se maravilha, já por reminiscencias de leituras, já pela surpresa estetica, é no jardim da cidade.

Entrados que somos na *Avenue and Parliament House* — pela decoaração architectonica de frontaria armada em panteon grego — começa o piso do jardim excentrico, de cimento côr de oca torrada. Ensombrado a cupula de folhagem entrançada, que as arvores tombam, a

ofusclar-se ao longe, como um grande corredor monastico, té onde a vista alcança. E' toda uma dispersão de côres vivas, e formas langurosas, puxando ao sentimento, como nos cromos ingleses — e onde os aspectos e atitudes de mulheres são tocados da mesma graça natural, do mesmo ritmo emotivo, — a termos de pessoas e paisagens, cromia dos vestidos e decanteiros serem uma fantasia de pintura. E' uma unisona harmonia. Ora é a miss loura, gracil, um tic nervoso no corpo em aste, jogando a pela com os bambinos; ora a filha-familia, sentada á sombra dum recanto, espelhando alvuras, desde as meias á cutis, bilros nos dedos tecendo a trama do croché, mordendo chocolate, e atirando, fruste, um olhar de vigilancia ao petis que deitado num berço de verga da Madeira chalra, mordendo o guizo; ora um casal estendido num tapete de relva, ela de regaço em concha onde reponsando a cabeça loura ele olha numa abstração um ponto de paisagem.

Abrindo oasis na folhagem circunvagam squares, terraplenos com jogos de destreza, esplanadas onde, junto ás escolas de architectura severa, de fachadas de pedra picada e um ar de tradição, se verticalisa o fisico em viris assomos de força.

A par destes quadros de costumes ingleses que nós já conhecemos dos albums e leituras, resta a mancha do vicio nos bairros excentricos, adormecidos na solenicia delinquente da vida miseravel, piolhando, reles, no escuro das vielas, pingando, longe em longe, luzes frias. São gargantas de casaria erriçadas de quinas com aspecto de sagueão.

Fora da zona dos *Bars*, onde a canalha se diverte, estridula, obscena, esperneando bailados ao ritmo de maçanetas e gaitas de foles, cachimbando e bebendo *gin*, oferecem-se bandos de raparigas sob o comando dum patrão, especie de alcaiete facinora, alborno negro, olhos de judeu, um barrete turco sobre a cabeça em bico. E' ele que as vigia do *police* escutando, atento, os *whistles* e palavras. Em dois gestos abre-se o contracto e é ali, num lugar de acaso, sagueão, soleira de portalo ou sombra de esquina que a mulher mercadeja, depois do *res* do freguez ás seu estribilho de taboleta: — *two shillings english money!*

São, a maior parte, malaias de pele torrada, garridulas nos seus vestidos brancos, insexuais, mal talhadas de formas por uma violação prematura. Estes bairros alcoceiros, alastran-se, subis, pela falda da montanha que os absorve na sua sombra e é prá li que as procissões negras do trabalho, noite dentro, deslisam num silencio. São homens crustosos de carvão, os olhos branqueando, deliciados de fumo chupado por cachimbos, enormes como tubos de orgão. E' uma arraia cosmopolita, europeus e cafres, esforçados em docas e minas de carvão, esfarrapados, numa promiscuidade onde o bezerro doiro do trabalho não vê pretos nem brancos, mas só a força que enrista o alviao, que carrega um vagon ou que iça na alavanca dum guindaste toneladas de carga.

Cabo das Tormentas  
26-6-916.

ROQUE MARTINS

## ELES TRABALHAM!

Enquanto lá no alto continuam a coçar a barriga e a engrunhar os hombros perante o que se passa neste vale de lagrimas e gritos não ouvidos, af damos á estampa uma das 20.000 circulares impressas em Coimbra e enviadas pelos jesuitas para diversos pontos do país, exemplar que nos foi amavelmente cedido por um dos nossos assinantes da Beira. Ai vai disto:

Ex.<sup>mo</sup> Senhor — Por informações, que nos merecem toda a confiança, sabemos que V. Ex.<sup>a</sup> tem profundos sentimentos religiosos e que se não envergonha de os manifestar publicamente, trabalhando com o maior desassombro para honra de Deus e para bem da Religião.

Ora um dos meios mais faceis e seguros de defender a Religião é sem duvida a propaganda de boas leituras. Leia V. Ex.<sup>a</sup> a Provisão do Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Senhor Bispo Conde, dignissimo Presidente da nossa Liga, e lá verá a grande importancia da Imprensa nos nossos tempos. Desconhecer essa importancia é desconhecer a sua epocha, é fechar os olhos á luz. Hoje toda a gente lê ou ouve ler, e procede bem ou mal, segundo as suas leituras são boas ou más.

Porisso esperamos que V. Ex.<sup>a</sup> nos ajudará, nesta santa cruzada, accetando a missão de **Collector** nessa sua freguezia.

Bem sabemos que é um incommodo grande, mas sabemos tambem que V. Ex.<sup>a</sup> se não poupa a trabalhos, quando se trata de Deus e da Igreja. As obrigações do Collector são:

1.<sup>o</sup> — Arranjar socios para a Liga da Boa Imprensa. Cada socio pagará a pequenina quota de dez reis por mes, podendo contribuir com maior esmola, se assim o entender. Auxiliar a boa imprensa e actualmente uma das melhores e das mais urgentes obras de caridade.

2.<sup>o</sup> — Escrever os nomes dos socios e as suas moradas nas listas que junto enviamos.

3.<sup>o</sup> — Mandar depois a lista, com os nomes, ao secretario da Liga — P.<sup>o</sup> Antonio Martins Madeira, Seminario de Coimbra.

4.<sup>o</sup> — Distribuir pelos socios que arranjar todas as publicações, que nós lhe enviarmos.

A importancia das quotas só a receberá quando tiver aviso para isso. São estas as obrigações dos Collectores.

Se V. Ex.<sup>a</sup> se não recusar, como esperamos, a auxiliar-nos, creia que presta um optimo serviço á Religião.

Ouçamos a voz de Sua Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Senhor Bispo Conde, que é o nosso Pastor, e procuremos todos na medida das nossas forças propagar a boa doutrina em toda a parte.

Os bons catholicos tem na Liga da Boa Imprensa um grande meio de exercerem a sua actividade e a sua caridade.

Agradecendo desde já a cooperação de V. Ex.<sup>a</sup>, subcrevemo-nos — Coimbra, 16 de julho de 1916.

De V. Ex.<sup>a</sup>  
att.<sup>o</sup> ven.<sup>o</sup>

Conego Antonio Moreira d'Araujo — P.<sup>o</sup> Antonio Martins Madeira — Antonio de Sousa Gomes — Joaquim de Jesus Coelho — Mario Goulart Barbosa — Ermelinda de Castro e Almeida — Esther da Silva Pratas — Guilhermina d'Araujo Rocha — Maria José Diniz — Taphenes Roxanes de Carvalho.

Mas... estamos a ouvir os grandes magnates e mandarin, a perguntar-nos: E que tem isso? Nada, senhores, não tem nada... E' apenas uma simples curiosidade de quem julga dever seu defender a Republica e a liberdade de consciencia. Nós confiamos muito no governo da Republica, muito, mas... até faz arrepios, uma pessoa sentir-se de que um ministro da marinha julgou que o iam prender por conspirador quando o iam convidar para o exercicio duma pasta!...

No meio desses ridiculos D. Quichotes da democracia e vigaristas politicos, o papsaigo de *Florlan* continua a sua aria dos naufragios: « Não ha-de ser nada! » Pois não, filhos! Eles trabalham afinadamente, com uma tenacidade doida, e, de cima, das esferas do poder, irrompem exaltações de impotencia e de abandono, da quem disfruta sem arriscar a pele! E' isto, apenas, ricos filhos!

## Fatos e comentarios

### O 23 d'Infantaria

regressou ante-ontem á noite de Tancos. A cidade movimentou-se para saudar os valentes rapazes, que traziam um aspecto feliz, de saude e fé na nossa Patria, que em breve irão defender-nos campos de batalha.

A Revolta saudou-os affectuosamente, a eles, que tão destemidamente se comportaram nos ultimos exercicios militares, cansando a admiração dos estrangeiros.

### Pobre reforma!

O sr. Norton de Matos e os varios praxistas e reacionarios andam empenhados em ressuscitar o fradisco e ridiculo das tradições academicas, a obra a tocar, a capa obrigatoria, a missa na formatura e não sabemos que mais! Como isto anda!

O sr. Norton de Matos parece que miça para traz como a burro! E diz-se isto em plena Republica! E ha jornais que apoiam! Que triste! Para onde vamos? No proximo numero artigo sobre o acento de Fernando d'Araujo.

### Na "Revolta"

Recebemos a visita do intrépido semanario republicano de Elvas, *A Fronteira*, de que é director o illustre deputado e vigoroso jornalista João Camoasas, facto que muito agradecemos e muito nos honra, estabelecendo desde já a permuta.

## Gazetilha

Diz-se que vai reaparecer

O costume já velhudo

De ali o "Tasco" ficar

Com cabras, cabrões e tudo

E eu hei-de ir ali resar

Como um pagem do entrudo

A oração de paciencia

Com pasta, calções e tudo.

Mas propoicho, que o leste

Dei-te a borla de veludo

E de faldas concubistas

Com palas, canhoes e tudo.

E de abasos ilestem

Rapadinhos, pro estudo

E vestidos de Adelaides

Com pregas, calções e tudo.

Só o leão que está a contar,

Ali perto, um fado mudo,

Não se sabe se é leão

Sem praveis... cabrões... e tudo!

Zé Guélas.

## Para a luta!

Afonso Costa e Augusto Soares regressaram a Portugal, depois de finda a sua missão, junto do governo da nossa aliada Inglaterra.

Qual o resultado das suas demarches não o sabemos, nem ninguém o sabe porque os dois grandes estadistas ainda o não disseram, não passando de simples fantasia tudo quanto se tem aventado a tal respeito.

Uma cousa bem importante já está definitivamente assente: — a nossa cooperação militar nos campos da batalha em França! Afirmou-o Afonso Costa a um jornalista francês. E' pois certa, é inevitavel — mau grado os desejos de certos Migueis de Bragança e Migueis de Vasconcelos, uma expedição á França!

Portugal jámais teve no seu passado uma fase tão critica como actualmente atravessou.

Esta guerra é de todas as guerras a mais sangrenta, de todas ellas a mais importante. O mundo inteiro assiste a esta luta sentindo o calor das suas labaredas e o rumor das suas convulsões.

Fomos um partidario da cooperação de Portugal na guerra.

Portugal, o velho leão dos mares, o tigre das conquistas, não devia, não podia ficar indifferente nesta luta titanica, desde que a civilisação latina se encontrava ameaçada por um inimigo que levantou cinicamente o negro pendão da selvageria e da barbarie, desde que dum lado se encontrava a poderosa Inglaterra, juntamente com a grande França, a patria do imortal Victor Hugo, o berço imorredouro do grande Zola!

Ficar indifferente nesta luta é transgriir ante a ameaça, é aceitar os crimes da Alemanha, as barbaridades da Austria, os atropelos da Bulgaria e da Turquia.

A neutralidade ante esta guerra é um crime; é assistir impassivel ao atropelamento das leis internacionais, do direito dos povos, e da intangibilidade dos tratados.

Portugal, nação pequena, na sua extensão territorial, mas grande pelo brilho intenso das suas glorias passadas e da sua grandesa historica, não tinha outro lugar senão ao lado da nossa aliada Inglaterra, da grande França, da heroica Belgica, ao lado, enfim, das nações que lutam pela Civilisação e se batem pela Liberdade.

Desde os primeiros rumores desta tremenda luta que Portugal, pela voz dos seus representantes assim o proclamou bem claramente, sem tibezas, sem saber para que lado penderia o prato da victoria.

Mesmo naquellas horas angustiosas em que o exercito alemão seguia triunfante até ás portas de Paris, Portugal, não recuou, não trepidou e

continuu desassombadamente de alma e coração ao lado dos países aliados. A sorte estava lançada. O caminho era para a frente; — ou para a derrota que reabilitava, ou para a victoria que engrandecia. Já lá vão dois anos de luta! Portugal vai assistir á agonía da Alemanha. A hora da justiça está prestes a soar e em breve os imperios centrais ante o tribunal da consciencia humana terão de prestar contas dos seus atropelos e dos seus crimes.

Portugueses! meus irmãos!

Lá longe, nesse imenso campo da batalha onde a bandeira da liberdade está sendo bafejada pelo vento da victoria, necessitamos de vingar condignamente a morte dos nossos camaradas assassinados cobardemente nas plagas africanas, honrando a nossa immaculada bandeira verde-rubra e dignificando tambem a memoria dos nossos avós que tantos exemplares de valentia e de heroicidade nos legaram nas folhas rutilantes da nossa gloriosa Historia.

ERNESTO D'ALMEIDA.

## Solidariedade da Imprensa

Dentre todos os jornais que se tem referido ao incidente a que deu logar á attitude pulhastra da Universidade Reacionaria, devemos salientar os brilhantes e decididos diarios portuenses, *Lanterna* e *Montanha*, que, criteriosamente, e em artigos successivos, vêm dissecando o bojo de latrina jesuitica da Faculdade de Direito, apontando ao publico o verdadeiro perigo nacional que isso constitue.

Ultimamente, poz-se tambem ao nosso lado, o *Mundo*, com um artigo cheio de vigor e verdade que muito agradou a todo o povo republicano de Coimbra. Haviamos lamentado a incuria do *Mundo* que tão indifferente assistia ao vergonhoso atentado dos cafres. O caso era para isso.

Contudo o nosso importante colega vem afirmar-nos o completo des conhecimento dos factos, motivo unico do seu silencio!

Admiramos como o correspondente do *Mundo* se não sentiu escafo pela atrocidade e malandrinhas de Coimbra, mantendo-se servil... Se calhar, a conspiração dos... correios!

Devemos informar mais os nossos importantes colegas de que um processo infame e cobarde está urdindo naquelle Tribunal do Santo Officio qualquer coisa de infame contra o sr. Jaime Gouveia e sua ex.<sup>ma</sup> esposa, e bem assim contra o nosso camarada Fernando d'Araujo.

Um lente da Universidade, que não lê pela cartilha da malta e que se sente um pouco indignado com o procedimento dos seus colegas, participa-nos que a Universidade projecta expulsar-nos. Ninguém compreende que o conspirador e incursionista Fezas Vital, havendo puxado dum pistola, e os seus colegas, havendo reprovado cobardemente uma senhora que não lia pela sua ignominiosa cartilha, tenham o direito de proceder contra alguém, eles que deviam ser, não só autoados, mas expulsos desta Universidade e de todas, para honra da Republica!! Que os nossos colegas atentem nisto!

Que os nossos colegas vigiem convenientemente o assalto dos conspiradores bandidos que estão preparando graves acontecimentos nesta terra...

Preguntamos ao governo: quem é este cidadão que está á frente da Universidade? E' um republicano? Ha logares de confiança que não devem nem podem ser confiados a individuos que não tenham dado provas de um grande amor á Republica.

## Gralhas

Saiu completamente errado um dos versos da magnifica poesia do nosso estimado colaborador Campos de Figueiredo, *Elegia das Noites*, publicada no nosso ultimo numero.

Assim, onde se lê do: *Senhor do Luar*, deverá ler-se: *de Sonhos do Luar*, o que faz muita diferença. Pedimos a todos muita desculpa.

# SECÇÃO LITERÁRIA

## O ter coração

Grande desgraça é ter coração!  
 Quem vive só do estômago, é feliz:  
 Do cérebro, nem tanto, porque um X  
 É mau de achar... mas pior é a ilusão!

O sentimentalismo, a emoção,  
 É um mal que se sente e se não diz  
 Onde está. Está da alma na raiz  
 Matando-a de completa consunção...

O emotivo dispersa as energias,  
 Que assimila, em efúvios-curritmias,  
 Como aromas centrifugos de flor.

É a sua vida luz duma candeia  
 Que breve gasta o azeite, bruzoleia  
 E se apaga. — Esse azeite é puro amor...

Luís VALOURA.

### Carteira de "A Revolta"

Agaba de ser operado no Hospital de Vila Rial o nosso distinto colaborador, Miguel Alves. A Revolta deseja ao seu bom amigo um pronto restabelecimento, afim de dar-nos em breve os seus artigos, tão apreciados pelos nossos leitores.

— Com todo o êxito realizou o seu exame do sétimo ano de letras no Liceu desta cidade o nosso colega e estimado companheiro de luta, Elio Favas, filho do prestigioso republicano e respeitável cidadão João Simões Favas. Por este motivo a legião de A Revolta cingo no mesmo abraço de parabens sinceros pai e filho, nossos dedicados amigos.

— Depois de haver realizado com todo o êxito os seus actos na Faculdade de Direito, partiu ante-ontem para Castro Daire, afim de gozar as férias junto da sua ex.<sup>ma</sup> família, o nosso estimado companheiro de luta, José Baptista de Lacerda, a quem desejamos umas férias muito felizes.

### CIRCULAR

Do Ministério das Finanças, Direcção Geral de Estatística, recebemos a seguinte circular, cuja publicação se nos pede:

«Sr. Director de A Revolta.— Sendo de grande interesse público a divulgação das disposições dos decretos n.ºs 2.488 e 2.515 relativos a declaração da produção e existência do trigo, centeio, aveia, cevada, fava, grão de bico, batata de sequeiro e cortiça, rogo a V. se digno ordenar a inserção no seu jornal da notícia da affixação dos respectivos editais, pelos quais se dá conhecimento aos interessados, do seguinte:

**Declaração da produção de trigo, centeio, aveia, cevada, fava, grão de bico, batata de sequeiro e cortiça em 1916 e da actual existência dos mesmos productos.**

Para cumprimento dos decretos n.ºs 2.488 e 2.515, são os produtores e os possuidores ou detentores dos referidos productos obrigados a declarar as quantidades produzidas no corrente anno e as actualmente existentes devendo enviar ou entregar nas regedorias ou administrações do concelho ou bairro, até 30 de Agosto as respectivas declarações.

Nas administrações do concelho são fornecidos aos interessados, impressos para as suas declarações, podendo porém os mesmos escreverem em papel comum e de formato não inferior a um quarto de folha almaço, escritas em letra bem legível, nos termos dos editais affixados.

Considera-se produtor somente aquelle que houver colhido o producto, embora não seja o proprietário da terra donde o colheu e que cultivou; possuidor aquelle a quem elle pertence; detentor o seu depositário. Podem ser possuidores o produtor, o commerciante, o industrial e qualquer outro declarante não per-

tencente a nenhuma das categorias ou qualidades.

Consideram-se existentes as qualidades em depósito e em trânsito a receber.

Cada declaração só poderá dizer respeito ao género ou géneros que o produtor houver colhido e que o possuidor ou detentor tiver em existência em uma freguesia; quer dizer: se o produtor tiver colhido os referidos productos em mais de uma freguesia fará tantas declarações quantas as freguesias em que elles tiverem sido produzidos. Do mesmo modo, o possuidor ou detentor deverá fazer tantas declarações quantas as freguesias em que tiver os géneros depositados.

Os declarantes são sempre responsáveis pelos actos dos seus representantes.

A inobservância das disposições do decreto citado, por parte dos produtores, possuidores e detentores é punida em conformidade com os artigos 50.º e 56.º do decreto n.º 2.250, de 2 de março de 1915.

Saúde e Fraternidade.

Pelo Director Geral,

Artur Urbano de Matos.

### MUITO BEM

Recebemos o seguinte officio que publicamos na integra:

#### Serviço da República

Comando da 5.ª Divisão do Exército  
 N.º 2152 3.ª Repartição

Ao sr. Redactor do jornal *O Debate*: —

Sua Ex.<sup>a</sup> o Coronel comandante interino da Divisão encarrega-me de, em harmonia com ordens superiores, dar conhecimento a V. Ex.<sup>a</sup> a fim de poder ter a publicidade que entender, a bem do interesse público, da circular n.º 42 da 5.ª Repartição da 2.ª Direcção Geral da Secretaria da Guerra, de 24 do corrente, que se segue:

«Tendo chegado ao conhecimento de Sua Ex.<sup>a</sup> o Ministro da Guerra que ha cidadãos com tão pouca compreensão dos seus deveres civicos que se atrevem a pedir aos membros das juntas de recrutamento a isenção de mancochos da obrigação de prestarem o serviço militar, dando-os por incapazes e imaptos quando realmente o não são, encarrega-me o mesmo Ex.<sup>mo</sup> Sr. de dizer a V. Ex.<sup>a</sup> que nenhum membro das juntas de recrutamento, de recurso, de revisão ou outras deve receber tais pedidos ou recommendações, cumprindo-lhe avisar as pessoas que lhas fizerem que terão, se tais pedidos se repetirem, a em vista de recommendação expressa da Secretaria da Guerra, de participar o facto ao Delegado do Ministério Publico para os efeitos da lei penal em vigor».

Quartel General em Coimbra, 29 de julho de 1916.

O Sub-Chefe do Estado Maior,

Abilio A. V. Passos e Souza

capitão.

### Por Vila Rial

O Julho, pela despedida, mimoseou-nos com uma temperatura que se tem conservado muito elevada, propria de S. Tomé e Príncipe ou da Guiné.

Aproveito a amenidade e o silen-

cio da manhã para escrever para o nosso jornal.

Sou apenas interrompido uma ou outra vez pelas «sopeiras» que vêm a um tanque á cata de agua que cessou de correr, conservando-se estagnada e imunda, ouvindo lastimar a falta do precioso manancial que só bastante afastado e com dificuldade podem obter.

A preza que fornece a agua para as instalações da luz electrica, devido ao afrouxamento da corrente do Corgo, baixou muito, em virtude da estiagem, pelo que já foram postos os candieiros para substituir a luz electrica. «A agua e luz eis o que Vila Rial tanto precisa!»

— Têm continuado os exames nos dois importantes estabelecimentos de ensino, Liceu e Escola Normal, tendo corrido benevolmente.

A's inteligentes normalistas Ds. Helena Peixoto Pinto, Izaura e Josefina Pinto, Agueda Pires e Alice Viana, pelos brilhantes exames que fizeram, enviamos parabens, desejando um brilhante futuro na honrosa carreira do magisterio. Começaram ontem os exames primarios.

— Estamos de posse de meia duzia de exemplares de *O Luso*, do mês de junho, órgão da colonia portueza de Hawaii, que se publica na capital deste arquipelago, a cidade de Honolulu. É um importante jornal semanal, grande formato, publicado em português e inglês, muito noticioso, maxime sobre assuntos commerciaes. Comenta os acontecimentos da guerra com critério e paixão pela causa dos aliados.

A colonia é constituída principal-

mente por açorianos e madeirenses que, pelo seu trabalho e patriotismo, muito honram o nome português. O consul geral de Portugal sr. Angelo Lopes da Cunha Pessoa, pela ocasião do seu anniversario de casamento (com a sr.<sup>a</sup> D. Emilia Pessoa) foi muito cumprimentado não só pela colonia como pelos consules da China, Japão, America e Espanha.

Não só na Europa, como na America, Africa, Oceania e lá nos confins do mundo asiatico, em toda a parte, o português ama a sua Patria, «eleva monumentos á Caridade e á Instrução» e «em parte nenhuma é infecunda a sua passagem», como nobremente diz o notavel brasileiro, Conde Afonso Celso no seu livro *Porque me ufano do meu País*.

*O Luso* foi fundado em 1889 e o redator é o sr. M. G. Santos.

— No dia 27 do mês preterito respondeu (pela primeira vez) a uma querrela o nosso distinto amigo Franco Dias Peixoto que, quando vinha de Ermelo, sua terra natal, para esta cidade, na vespera do Natal de 1915, foi provocado por um individuo de Lordelo que o ameaçou, munido duma espingarda de fogo central. Porém, Dias Peixoto ponde tomar-lhe a arma, que disparou e conseguiu derubar o adversario que já não é a primeira proeza que faz, achando se pronunciado com fiança.

O Juri absolveu unanimemente o nosso amigo Francisco Peixoto. Foi defensor o ex.<sup>mo</sup> sr. dr. Guilherme Botelho, um dos primeiros advogados do districto.

JOAQUIM DO PRADO

## ANUNCIOS

### Hotel e Restaurante Raposo

DE

José Maria da Silva Raposo

Largo da Fornalhinha, 1 a 9 — COIMBRA

Telefone n.º 478

Aceita hospedes e fornece comidas preciosas e confortaveis.  
 Generos alimenticios de 1.ª qualidade, quartos higienicos por preços relativamente baratos.

CIVILISADOS CONTRA ALEMÃES

33

todas as partes se levantam contra elle e contra os seus cúmplices.

### A embriaguez do poder

Entretanto, a história será para elle clemente. Não esquecerá os começos da sua vida, corrompido, quando moço, pela enturagem dos cortesãos e dos politcantes. Uma doença incurável tinha-lhe subtraído o dominio da sua pessoa e dos seus actos. A sua impulsividade fazia abortar todos os cálculos, incluindo os seus próprios. O exercicio de um poder quase despótico não podia deixar de enfraquecer a sua consciencia estreita e a sua intelligencia privada da bússola dum caracter fortemente temperado e reflectido.

O último acto do seu reinado, de resto, nenhuma admiração me causa. Mas o que me torna perplexo é o tempo infinitamente longo que decorreu entre as primeiras scenas desta farça tragi-cômica e o seu desfecho.

Desta forma, e durante annos, nos acotovelamos com anormais. Parecem-nos mesmo muito intelligentes, até ao momento em que a sua loucura, latente e raciocinada, irrompe numa crise violenta e decisiva...

Pobre Alemanha! Foi castigo seu o haver tido por senhor dos seus destinos, durante tantos annos, um iluminado dos mais perigosos. Poderia havê-la perdido irremediavelmente, sob illusórias aparências de riqueza e de poderio. Uma anarquia violenta e súbita tê-la-ia talvez arruinado para todo o sempre se uma podridão de costumes e a selvageria soldadesca, um rebaixamento da sua vida conscienciosa e moral, fatalmente a não tivessem feito presa duma decadencia, de todas as decadencias.

A este comediante desequilibrado, a natureza dá-lhe por palco o teatro do mundo, e a sociedade, em vez duma espécie de tutor, um vigia, dá-lhe uma constituição singular que lhe procura todos os direitos e nenhuma responsabilidade.

Tornado como que o árbitro do universo pelo servi-

\*\*\*\*\*

Relojoaria Comercial

DE Adolfo Pinto de Sousa

Praça do Comércio, 60 COIMBRA

Neste estabelecimento ha sempre para vender um completo sortido em relógios de bolso, mesa, parede e despertadores.

Encarrega-se de todos os concertos de relojoaria garantindo os relógios vendidos ou concertados.

\*\*\*\*\*

IMPORTADORA

TELEFONE N.º 350

Cipriano Leão & Comp.ª

Importação directa

De cutelarias, ferragens finas, armamentos, munições de caça e bem assim uma infinidade de artigos indispensáveis ao uso doméstico.

Rua Ferreira Borges COIMBRA

\*\*\*\*\*

A Revolta

Assinaturas

Continente, ilhas e ultramar, trimestre. 335 Estrangeiro 470

Pagamento adiantado

Numero avulso 402

Anúncios

Preços convencionais. Anunciam-se todas as publicações do que se recobrer um exemplar.

Tomás Trindade

COM ESTABELECIMENTO DE

Tabacaria -- Papelaria -- Loterias -- Perfumarias

CENTRO DE PUBLICAÇÕES

Jornais -- Ilustrações Revistas nacionais e estrangeiras

Deposito da Imprensa Nacional

Para venda das publicações e impressos do Estado

POSTAIS ILUSTRADOS

Lindas coleções em fantasia e vistas da Coimbra

Deposito de aguas Minero-Medicinaes

Aguas ao copo

Deposito da Cevada do Cairo

Carimbos -- Cartões de visita

COIMBRA

Largo Miguel Bombarda, 13, 15 e 17

Telefone n.º 559

AUGUSTO BAPTISTA e JORQUIM DE CAMPOS ADVOGADOS

Rua Visconde da Luz, 34-1.º

Abilio Lagoas COIMBRA

32, Praça do Comercio, 33

Escritorio de commissões

e consignações

Correspondente de Companhias de Navegação

Vende passagens em todas as classes para todos os pontos do Globo.

FARMACIA DO CASTELO

Deposito de productos fotograficos da Casa Foto-Bazar do Porto.

Crime dentritico.

Especialidades farmaceuticas nacionais e estrangeiras.

Instrumentos chirurgicos, etc.

OS MAIS LINDOS POSTAIS VENDEM-SE NA

Tabacaria e Papelaria

CRESPO

Grande variedade em tabacos nacionais e estrangeiros Bilhetes de visita

Revistas e jornais nacionais e estrangeiros Artigos para pintura, desenho e escritorio

Telefone, 275 \* 27, R. Ferreira Borges, 29 \* COIMBRA

Muraline

Tintas inglesas a agua. As mais higienicas e resistentes ás intempéries e as que maior consumo tem em Portugal, para interior e exterior de prédios.

Karsonite

Tinta branca a agua. Appropriada para encobrir as manchas das paredes e do fumo.

La Bele

Esmalte finissimo em todas as cores, as mais finas e garantidas para interiores e exteriores dos prédios.

CASA DEPOSITARIA

ESTABELECIMENTO DE FERRAGENS E TINTAS

ANTONIO FERREIRA PEREIRA

141 - Rua Ferreira Borges - 145

COIMBRA

Telefone n.º 250

Machinas SINGER para coser

Escritório Central - Rua Ferreira Borges -- COIMBRA

ESTABELECIMENTOS

COIMBRA - Rua Ferreira Borges, 12

GUARDA - Rua Alves Roçadas

COVILHÃ - Praça 5 d'outubro, 17 a 19

CASTELO BRANCO - Rua Pina, 32

LEIRIA - Praça Rodrigues Lobo, 43 a 44

FIGUEIRA DA FOZ - Praça da República, 8

SOURE - Rua do Relógio

LOUZÃ - Rua do Comércio

lismo dos seus contemporâneos, êle deixa explodir pre-tensões cada vez mais estranhas.

A impunidade e a cortesia excitam a sua pobre vontade. Incarnado no Calígula de outrora, teria pedido, sem dúvida, a cabeça da Humanidade. Mas, nas condições da vida moderna, esse descendente da grande casta dos Césares smórbidos, simplesmente se limitou a querer decapitar a França e a Rússia, e ainda aqueles de entre os povos que, como os Belgas e os Ingleses, ousassem pôr entraves à realização dos seus desejos.

A condescendencia da Europa deixou a sua consciencia cada vez mais desamparada. Entre êle e a humanidade todos os laços se encontraram quebrados. Esta é-lhe hoje tam estranha como se êle habitasse num planeta longinquo. A sensação das realidades é coisa que lhe escapa. Nada comprehende, como nada chegará a comprehender jamais, desta união de povos que marca o fim do seu reinado.

Ai dos déspotas transviados! O seu poder não é do nosso tempo. Não podem mesmo alimentar a esperança de poderem figurar, depois da sua morte, na constelação dos heróis e dos semi-deuses. Sempre chega um dia em que os povos humilhados e hipnotizados levantam a cabeça, readquirem a sua lucidez de espirito, desmascaram e castigam a impostura. E assim, é que o temível Kaiser, a nossos olhos, não passa de um doente. Apenas o seu exterior brilhante enganou a Alemanha e o mundo.

Relembremo-nos da queda do mais criminoso dos Césares. Um dia, Roma declara-se contra êle e o pano cai finalmente. O Nero da véspera, despido da sua púrpura, tornou-se o mais desgraçado dos homens. Assim tambem, tendo a humanidade civilizada abandonado o Kaiser, este se nos mostra como um ser ao mesmo tempo temível e lamentável.

Mas poderemos nós querer mal ao idolo por nós mesmos criado em todos os seus elementos? A posteridade só perdoará à Europa o seu singular desprezo consoante a inercia que esta houver empregado na destruição integral da nefasta obra do Kaiser, secundada pelo seu povo, que mórbido e anormal se tornou tambem...

CAPITULO IV

O venerável decano Francisco José

O Jehovah do rei David

Francisco José lembra extraordinariamente, sob certos pontos de vista, o Jehovah dos salmos do rei David:

«Jehovah é misericordioso, porque enviou as dez pragas ao Egipto.

«Jehovah é magnânimo, porque matou todos os Amalecitas.

«Jehovah é bom, porque arruinou todos os que não acreditavam nele...»

Dá-se o mesmo com o venerável imperador da Austria. Toda a gente se acostumou a considerá-lo um soberano lial e virtuoso. E, no entanto, a sua vida não foi mais que uma série de delictos. Esta usurpada reputação encheu o mundo.

Fala-se com enternecimento do venerável ancião que, às portas da morte, se vê forçado a sustentar uma guerra de extermínio. O seu povo mostra um simpatia incompreensível pelo seu reinado feito de indecisão e meias-medidas; de transacções bastardas e suas violações; de perseguições aos fracos e actos de felonía para com os fortes; de guerras provocadas com leviandade e sofridas com desonra...

Como a história se repete! Em meio de todas as calamidades que affligiam a França sob Carlos VI, jámais os seus súbditos deixaram de testemunhar um amor, irreflectido pelo seu «Bem-amado». A fome dizimava o país, a miséria batia a todas as portas.

O povo sofre e geme e nem uma recriminação se di-

TIPOGRAFIA LITERÁRIA

R. Cândido dos Reis, 17, 19 e 21 - COIMBRA

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GÉNEROS

Impressões de revistas, jornais, lições, cartões de visita, envelopes, diplomas, recibos, facturas, papel timbrado, etc.

Esta tipografia que possui os mais modernos maquinismos, está apta a executar todos os trabalhos gráficos, primando pela perfeita impressão em gravura e a cores.



## CAMINHO DA RUINA

Republicanos: vós estais colaborando num grande crime!

Republicanos: A campanha da "Revolta", não tem por fim aniquilar a Universidade de Coimbra, mas sim limpa-la dos bandidos que ali perseguem republicanos e livres-pensadores!

Republicanos: — quem cala,, consente!! Quando na sua carreta de dór, seguia o caminho da "Conciergerie,, Danton, apontando a casa de Robespierre, que o arremecera á guilhotina, bradou:

"Em breve me seguirás!,, E assim foi. A alma dos condenados é profeta!

Republicanos: cavais a vossa proxima ruina!! Esse atalho que seguís não leva a outra parte!....

## PERIGO NACIONAL

Aclarando uma hipótese. — A imprensa. — País de artilhões e ortigas. — O golpe. — Pena de Calião. — Solilóquio.

Creemos não existir pessoa tão interessante e ingenua, apesar de haver de tudo neste variado mundo, que, perante o recentíssimo e tenebroso incidente da Universidade de Coimbra, se haja formulado esta simples quão imbecil hipótese:

«Se a Universidade é isso que dizeis, se há outra melhor, mais liberal, qual a razão porque vos encontráis aí?»

Vamos responder-vos, cidadãos: a Republica e a Liberdade de Consciencia estão acima de tudo. E' aqui que existem os seus grandes inimigos e não é alem que é reclamado o nosso braço.

Espiritos comodistas, fatalmente que jamais poderão compreender esta afinidade e esta predilecção. O homem não tem apenas o dever de combater o crime onde o encontra, mas ainda o de procurá-lo onde ele exista.

Não é apenas a um governo embrenhado em mil assuntos, completamente ignorante do que se passa nas mais obscuras engrenagens da sociedade, esmagado pelas responsabilidades imergentes do monumental e grave problema da guerra, que compete vigiar pela segurança das instituições e pela salvaguarda dos mais sagrados direitos de liberdade.

Tal função, coube mais, em todos os tempos, ao povo, do que aos governos, por si também fiscalizados, e que, quando nobremente orientados, limitam a sua actividade á interpretação do instincto colectivo, que, através a sua experiencia e saber é elaborado numa tendencia expressa de progresso. Ser-se republicano, con-

cidadãos, não é apenas encimar-se o barrete frigio e alinhavarmos a tal partido, resumindo-nos á estupidez dum numero no *rebanho eleitoral*.

A politica não é esse calhau, essa atrocidade mongolica a impôr abdicacão de consciencia, independencia e dignidade. A politica não é essa despotia nem essa inquisição. E se Herzen a definiu como sendo «o campo cerrado das competições odientas onde o homem honesto se sente estrangeiro», o brio humano impõe-nos a luta, afim de melhorarmos tudo para todos e imprimirmos finalmente á politica o seu verdadeiro cunho scientifico, a sua magestade, transformada numa verdadeira alavanca de applicação da sociologia, dissipados duma vez para sempre os harbitrios de cabreiros e a subserviencia de borregos que tal dia erguem as deanteiras para introduzir numa urna um papelinho branco que lhe deu o Sr. *Compadre*.

Para o verdadeiro republicano, a Republica não vem de fóra, nem ha partidos ou vontades que se lhe imponham pela força bruta.

Os partidos e a Republica fluem da sua natureza, palpita-lhe no coração. Ele tem um fim. Faz desse fim uma religião. Tem uma intelligencia. Põe essa intelligencia ao serviço desse fim, applicando á sua obra, um tanto modificada na sua forma, aquela maxima do serafim de Monteserrat: — «e que a tua fé na democracia seja tanta que atraveses o mar numa prauxa se te faltar navio!» Eis um psalmo de jesuita a esplender na boca dum democrata. A ques-

tão, afinal, está nas intenções. Concluindo: estamos aqui, cidadãos, porque somos republicanos, porque ha ali um covil de sicarios, porque ali se perseguem republicanos, se envenena o país, contraminando o Progresso! estamos aqui porque amamos esta Republica que ha-de ser melhor.

E se ha conselheiros a preconisar a fuga, e se ha cagões a tolerar uma violencia contra nós, mais uma vez te afirmamos, cidadão, que a Republica não está lá fóra, agachada na coirada de ninguém, mas dentro de nós, e mais uma vez nos convencemos da obra monumental que pesa aos hombros da nova geração.

Para ver-se quanta razão pende a favor da nossa causa, basta prescrutar o rumor de toda a imprensa portugueza, como se uma rajada viril de ventania houvesse a um tempo sacudido todas as consciencias que orientam a opinião publica.

Ao lado da *Universidade*, defendendo essa cáfila prostribular, abrem as gueletas três paladinos da Treva, paródias sarrafaçais do pensamento: *Liberdade, Imparcial, Opinião*.

Detraz dessas três paródias está o jesuita, o contra-regra desse entremez furioso de quatro seculos. A obra é de Loiola. Genero burlesco e liberiano. Titulo: «*Constituições*».

A imprensa republicana ergueu-se a um tempo pela penna dos seus mais conceituados escritores, solidarisando-se com a nossa causa, que é bem uma causa da Republica. E' já impossivel transcrever passagens desses jornais, tantos eles são. Registamos unicamente os seus nomes: o *Combate*, do

apostolo José Augusto de Castro; o *Democrata*, *Lanterna*, *Montanha*, *Mundo*, *Resistencia*, *Voz da Justiça*, *Tarde*, *Ultima Hora*, *Jornal de Coimbra*, *Portugues*, etc.

Essa imprensa causticou a recente patifaria universitaria que já vos descrevi e gritou, apavorada, o seu alerta contra o perigo nacional que representa esta *Caverna de Caco*, onde tripudiam, corrompem a mocidade e agravam a moral republicana, os Pacheco d'Amorim, Pinto Coelho, Paulo Merea, Eugenio de Castro, Carneiro Pacheco, Salazar, Fezas Vital, Magalhães Colaço, Silva Gaio, Alvaro de Matos, Tamagnini Barbosa, Moraes Sarmiento, archeiros (só ha um republicano!) pessoal da secretaria (lá entrámos ha tempos e liam-se quatro *Dias* e duas *Liberdades!*) — essa tropa fandanga de conspiradores e meninos de côro! A maioria desses lentes, de borla e capelo, conduziu o ano passado o *palio*, por ocasião da festividade da velha rainha D. Isabel de Aragão!

A historia da Republica será um dia feita. A colecção da *Revolta* é um importante subsidio. Escutai cidadãos: — A' face das proprias leis eu vou mostrar-vos como está Republica é dominada pelo espirito do passado, obunbrando a sua dignidade com leviandades improprias duma instituição, duas vezes levantada pelo sacrificio popular e que tem a sua razão de ser numa profunda aspiração á moralidade publica e ao completo renovamento e modernização social. Os governos da Republica, padrastrados para todos os republicanos sinceros e sacrificados, o que é o menos, fazem leis que se não cumprem, sobretudo quando essas leis são de moralidade e vizam ao seu proprio prestigio. Sabe o país inteiro que o dr. Fezas Vital foi um dos famosos guerrilheiros do ridiculo Dumouriez lusitano; o país inteiro, não ignora tambem, que o dr. Magalhães Colaço, foi fotografado na *Illustração*

*Portuguesa*, acompanhado de dois civicos, dando entrada no *Limoeiro* por tramar contra a Republica!! O país inteiro saberá mais que estes conspiradores bandidos foram nomeados professores da Universidade de Coimbra por decreto ditatorial dos ultimos dias de Março.

Após a *Revolução de Maio*, o governo, atirando poeira aos olhos do eterno sacrificado, publicou a lei n.º 317, de 5 de junho de 1915, que dispõe no seu art. 2.º: — «E' o governo autorizado a anular, suspender ou modificar todos os decretos ou despachos expedidos por qualquer dos ministros do governo transato».

As leis de Portugal foram sempre objecto de riso. A Republica foi invadida pelo passado, disfarçado a vermelhão e azinhavre.

Não são as leis encinadas por bandidos? A Universidade é uma escola de vicio, de aviltamento e de crime: dali ou saem patifes, mumias ou revoltados. A Republica dir-se-ha um rio aberto no charco da monarchia. Fundiram-se as correntes. A resultante está aí. O passado enxerta-se no presente. Custa dizer-se. Mas urge queimar, que a chaga alastra. A lei referida, porém, transformou-se em monco de perú e num espirro hilariante, nas mãos ossudas desse ministério tumba, de coiro herpético e bolas reumáticas, cuja memoria será assinalada por sua reverendissima o arrôto.

Depois... neste país de papelada e vigarismo geral, irrompe, com furias de leão, como se jorrara da trompa eburnea de Carlos Magno e dos bofes de Danton, mais este ludibrio, chamado Lei Orçamental do Ministério de Instrução de 31 de Agosto de 1915, e seu artigo 5.º que diz:

«Desde a data da promulgação da presente lei não pode ser provida em qualquer cargo dos estabelecimentos de ensino, seja qual for o ramo de

:: Cripta de piratas ::

Instrução nem ser inscripta no professorado livre qualquer pessoa que não tenha provado por actos e factos a sua franca adesão ás Instituições republicanas e o seu respeito e acatamento á Constituição e ás leis da Republica Portuguesa ».

— Antes de mais nada deixem-me dizer-lhes que o dr. Fezas Vital ensina na aulas, aos seus alunos de Político, a maneira mais geitosa de substituir a Constituição pela Carta!...

Mas... adiante. O sr. Colaço e o sr. Fezas são assistentes. Esse lugar é provisório, constituindo uma especie de estágio em que o candidato dará provas da sua competencia. Mas... esperem! Raios me partam se esses traidores não chegarem a lentes!! Notem bem o dia d'hoje!...

Portugal!... — que triste condição: pais de ortigas e artigos! A Republica, se quiser evitar um grande perigo nacional, deverá, em nome da moralidade, penetrar ali, e desinfectar, lavar com nitratos, renovar, pois nunca se poderá construir sem destruir, sem extirpar pela base, matando a mais insignificante radícula de jesuita e traidor.

A sentença do Santo Officio veio hoje a publico! São os dentes de Torquemada que a gritam arripiados de gargalhada patibular da Torre abaixo:

«D. Aurora Gouveia... admoestada (!) (ao som de tambores, como uma exautoração, bandalhos sem Patria e sem honra!...) perante os honestissimos filhos de Maria, donos feudalisados com carta de couto e mais patentes, da Universidade de Coimbra;

Seu marido, o cerebro melhor organiado, mais cultivado e distincto desta geração, um caracter impoluto e uma grande alma abertamente republicana, expulso por um ano!...

Avaliem estas duas sentenças de piratas, e vejam se distinguem, lá no fundo, o dedo enorme, palido, hirto e pulha do jesuita!

A expulsão por um ano imposta ao aluno Jaime Gouveia vai atingir tambem sua esposa, a Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Aurora Gouveia, que, decerto, não continuará em Coimbra, ausente de seu marido, ficando aqui exposta aos vexames e usuais enxovalhos de pandilhas do Santo Officio.

Vêde de que rodeios hipocritas se servem os doutores cafres!...

Jaime Gouveia, expulso... porquê?

Por ter defendido sua esposa duma vilania perpretada por canalhas?

Por ter renunciado á estola e á tonsura que lhe amordaçavam a alma de cidadão?!!

Por ter abraçado os principios republicanos?!!

Naufragio e abdicção!!

D. Aurora Gouveia admoestada... porquê? — malandros! porquê? saltadores da candura? O cidadão Norton de Matos! — O' bandidos!! As vossas mulheres! Vá! As vossas esposas! As vossas filhas! Vá!

Arremeçai-as ai para o meio dos soldados! (são honestos os soldados comparados convosco! Não! Os soldados não! que são o povo!) — empurrai-as ai para as vielas, para o prostibulo, para as congostas obscuras de fadistas e saltadores!!... Ahi mesmo, caes!! Ahi!!...

Talvez só essa escória possa egualar-vos! Mas... não! Num peito de gatuno, brilha, ás vezes, uma joia! Os gatunos não são ladrões! Jean Valgean é um simbolo.

No coração de Madalena esvoaçava o Anjo!

Igual a um traidor só outro traidor. Vá! Deixai agora admoestar o vosso sangue!! E' pena de Talião!!

Têm fogo os meus dedos, e peço-lhes raios! A alma faz-se tigre e os cabelos fazem-se lanças!

D. Aurora Gouveia... admoestada por haver contribuido para a libertação dum espirito?! por ser republicana e livre-pensadora?!

Por haver erguido a sua fronte altiva para exprobar a vossa injustiça, a vossa infamia sem par!

Esta nobre senhora é de origem judaica, povo perseguido em todos os tempos por tiranos e bandidos. Não será decerto esta patifaria bastante forte para curvar-lhe a alma, forçando-a a renunciar ás suas ideias de Liberdade! As violencias e os crimes incendeiam o ideal. 89 é uma réplica á monstruosidade. No meio da fogueira João Huss profetizou o nascimento do cisne: foi Lutero!

O passado enxertou-se no presente! Agora nós... Republica!

A minha casa não é bela como um templo.

Não tem dourados nem manteus. Paredes nuas, ligeira e comprida como um tumulo; livros, farrapos, um tinteiro, penas e papel sobre uma mesa de pinho.

Vês? Dealba a manhã no horizonte. Que lindo! Canta o galo. A epopeia de Jesus, carne de amor e traição, rasga-se ao meu espirito como um escripto de maravilhas. Vês?

Evoco a tua verdadeira imagem, na pureza da tua alma de sonhos e beleza. Vês? E' a mansarda dum pária e dum pelintra que te ama com desinteresse! Vês?

Despe esses trajos pagãos com que te adoram os vendilhões e os falsos. Não diz bem o disfarce no covil dum pé descalço. Vês? Assim! Eu evoco-te na tua nudez esfarrapada, simbolo do povo e chama de sangue, de esgares flamejantes nos parapeitos das barricadas, os braços dissecados pela miséria, esse propagandista da Historia, arremeçando as entranhas á frente de tiranos, a polvorabistrando-te a cara emagrecida, a Marselhesa ululando no teu sangue febril como um grito universal da miseria concentrada num astro!!

Rasgo-te o meu peito!... Vê: E' agonia, sangue, fogueira, delirio, arranco, é fel?! Entrou por ai a navalha de Lóiola e Couceiro! e, atravez o meu coração, foi morder as tuas gergões d'amanhan!! Doi. E' por ti!

Acabarei ai numa esquina com os dentes arreganhados ao escarneo dos que te prostituem, escarrando um seixo de sangue para britar os miolos, já que a moralidade e a justiça são duas ficções! Abençoa tu esse dardo venenoso que traidores tolerados e estipiendiados, acabam de arrojar-nos á frente! E' mais uma medalha para a minha caderneta de *correctional* que constituirá hoje e sempre a mais bela flor do meu patrimonio!

P. S. A copia deste artigo foi interrompida por duas scenas que me dariam assunto para dois artigos.

O frio inebriante das sibilas atravessa os meus ossos alarmados. Cabelos em pé!

Está comigo o Deus de Tolstoi, o Deus das revoluções!!

Batem á porta. Abro. E' um operario! Vem a chorar! Traz na mão um manifesto! Por cima de 150 linhas que me defendiam, que defendiam a Republica e o livre-pensamento, passou o *lapislaçuli* da censura!

Visões! Aquele grilhão aperta-me o pescoço! O pensamento esmagado!...

Posso falar? Ha liberdade para um republicano? Posso falar ao povo?

O Dia uiva! O *Alpoim* escarra na Patria! A *Liberdade* assalta a consciencia!! Sofoco! Liberdade! Antes o fuzilamento que o corte duma letra. Cortar o pensamento é apagar o homem!

Deus: que vento de loucura atravessa a meu paiz?

A guerra! «A guerra é faca de dois gumes!».

Acabo agora de ler o *Mundo*, e, com grande esparfo, descobro um telegrama da Sociedade em Comandita Conspirateira Protectora de Coimbra, erguendo o seu rabinho cavalgar para mimosear-nos com um pino. A quanto se avantajam a cobardia e a pulhice colectivas?! Desconheço os instestinos de Coimbra e decerto não poderei esmar a dose de fajardos de filarmónica bairrista que tão labrêgamente finge confundir um duelo politico e religioso com os interesses comerciais da cidade. Esse telegrama, porem, é assinado por uma colectividade. Ainda bem! Não é difficil esbofetear-lhe a tromba com um argumento legitimo e procedente.

Ele ai vai:

A Sociedade de Defesa e Propaganda incumbiu o sr. Eugenio de Castro (moço fidalgo da casa real) de escrever o decantado *Guia de Coimbra*, onde o dito Eugenio despeja toda a sua bilis sobre a Republica!

Não basta?! Querem mais?!

A Sociedade de Defesa e Propaganda é proprietaria, inspiradora e editora do boletim trimestral, *Coimbra*. Ora, como os pescadores de defuntos, eu vou sondar o pego com o croque, a ver o que vem ao dependuro:

Ai está Manuel da Silva Gaió em prosa e verso!! «em quem poder não teve a morte». Basta! ou querem mais? Da Direcção fazem parte os lentes Carneiro Pacheco e C.<sup>os</sup> Sucessores!!...

A caibrada do *Mundo* foi bem assente!

E' escusa de relinchar, sua *axémola!* Foi mais ditosa a *mula do Papa de Avinhão*.

Guardou o seu coice durante 7 anos, mas, deu-o, não sei se se recordam, ao fundo da escada!!...

«Oh! cet'homme lá? — mefiz vous; il est comme la mule du Pape qui gard sept ans son coup de pied!»

Se o povo republicano de Coimbra apoia esse coice, então, meus amigos... *Sancta Simplicitas!*... Coimbra, 9-8-XVI.

FERNANDO D'ARAUJO

«A humanidade quasi sempre teve tiranos, verdugos e traidores — e o Estado existe para fazer deles os seus funcionarios e os seus laçaios inviolaveis. Estou a referir-me unicamente á cohorte dos examinadores rancorosos que reprovam pelo prazer de reprovar e tem a volupia da maldade».

Domingos Tarroso.

Vêr a quarta pagina da REVOLTA: brilhante defesa da Ex.<sup>ma</sup> Sra. D. Aurora Gouveia.

«O' idade média! cafurna d'horrores, de trevas e de crimes! Como tu, calada, atravessaste a historia e deitaste a cabeça para fóra da noite, vivendo agora á vontade dentro dessas casas que se dizem destinadas á instrução publica!»

Domingos Tarroso.

Para que se não affirme que a campanha encetada pela *Revolta* e entusiasticamente secundada pela imprensa republicana visa tão sómente ao desprestigio da Universidade de Coimbra, continuamos a apontar factos segundo a norma do velho *Quintiliano* que mandava descrever, deixando aos outros a tarefa de concluir.

A Universidade de Coimbra, desde longa data, é um foco de reacção.

O numero das suas victimas é já grande e cresce pavorosamente, mercê da tolerancia da Republica. Nas outras escolas do país é raro darem-se acontecimentos desagradáveis entre professores e alunos. Em Coimbra, os conflitos entre a Academia republicana e os lentes é, pode afirmar-se, o prato de cada dia. Qual a razão deste facto? Ele é de bem fácil explicação: é que em todo o país não ha estabelecimento algum de ensino tão ostensiva e declaradamente reaccionário. Dai a dissidia com os elementos liberaes e republicanos. Do actual governo fazem parte dois ministros que sofreram as mais acéas perseguições: Antonio José d'Almeida e Afonso Costa. Em 907 foi infamemente reprovado José Eugénio Ferreira. Dai, tumultos e a expulsão de Carlos Olavo, Ramada Curto, Pestana Junior, Pinho Ferreira, Alberto Xavier, Gonçalves Preto e Campos Lima, tendo-se com eles solidarizado, num belo e nobilitante gesto, o actual Presidente da Republica. Hoje, novas violencias estão na forja contra estudantes republicanos: D. Aurora Gouveia, Jaime Gouyca e Fernando de Araujo. Que estas perseguições se movessem contra estudantes republicanos nos tempos da monarchia, ainda se compreendia, apesar de intoleravel. Estava na logica e na moral do tempo.

Na vigencia da Republica, porém, não faz sentido que tais patifarias se pratiquem e deixem impunes.

Repugna-nos uma Republica vermelha, sanguinária e perseguidora, mas exigimos uma Republica que se defenda, que seja equitativa e justa. Fomos daqueles que em 17 de Outubro de 1910 invadiram a Universidade, reclamando a sua reforma imediata, escavando as cathedras e aclamando a Universidade Livre.

Estava proclamado o novo regime. A Universidade, porém, com todos os seus defeitos e privilegios, continuava de pé. Procedemos com energia. Veio a Coimbra o Dr. Antonio José d'Almeida, e em plena Sala dos Capelos, como Ministro do Interior, e em frases vibrantes e justicieras, instaurou os cursos livres, tornou facultativo o uso da capa e batina, extirpou o fóro académico. Foi esse, indubilavelmente, o dia mais feliz da nossa já longa vida académica. Era a primeira vez que na velha Sala dos Capelos se pronunciava a palavra *Republica*. Acentámos então a doce esperança de que não mais a Universidade regressaria ao seu passado. As afirmações categoricas do então Ministro do Interior do Governo Provisório e o discurso do novo Reitor Dr. Manuel d'Arraiga davam-nos a impressão de que a Universidade, limpa das seculares teias de aranha, ia emfim transformar a nova geração em cidadãos da Republica e espiritos liberaes. A desillusão foi tremenda.

A breve trecho as liberdades que haviamos conquistado, foram desaparecendo, os cursos livres foram sofismados, o fóro académico restabelecido; isto é: a obra do Governo Provisório era calçada pelo espirito retrogrado e caduco da Universidade.

Nestes ultimos tempos o seu corpo docente tem sido, com raras excepções, um coio de conspiradores.

Lobo d'Avila mascarou-se impudicamente de republicano, para mais facilmente e duma maneira insidiosa e canalha, conspirar contra a Republica;

Guilherme Moreira foi o alma danada da sinistra difadura Pimenta de Castro;

Magalhães Colaço, genró do Moreira d'Almeida, o maior patife de Portugal, é ilegalmente professor da Universidade

Anónimos

Os factos para os quais chamam pela segunda vez a nossa atenção, referentes a um assunto misterioso e profundamente iniquo, em que representa o seu papel de sempre o abominavel jesuita e a tolerancia da Republica, são realmente gravissimos! Já a eles fizemos referencia neste jornal, prometendo a nossa solidariedade, mas sob condição de o anónimo nos revelar a sua identidade, o que nos prontificamos a não divulgar.

O sr. Fernando d'Araujo pode ser procurado todos os dias das 18 ás 19 horas, na rua Ferrer, 23, 2.º andar. Se o anónimo não quizer dar

e foi tambem preso por tramar contra as Instituições;

Pacheco d'Amorim, ó da guarda!

Fezas Vital, é o desprezível incurcionista que não exitou em armar-se no estrangeiro, para, juntamente com o bando couceirista, atacar a nossa bendita Patria;

Eugenio de Castro, moço fidalgo, desbarbadinho, fidalgo e impenitente inimigo da Republica;

Alvaro de Matos, talassa;

Salazar, jesuita e monarchico, cujo espirito canhestro e egoista se evidenciava já nos seus tempos de escolar;

Carneiro Pacheco, idem, idem;

Pinto Coelho, idem, idem;

Carolina Michélis, germanófila, idem;

Silva Gato, mimoso secretario, idem, idem;

Paulo Merén, dengoso e hermafrodita, idem, idem!!

E... basta!...

Diziam-nos ha dias um brilhante espirito, que por aqui deixou assinalado o seu nome, na grêve de 1907:

«A Minerva, proxeneta e dona da maior casa de passe do país, bem podia ter alcoviteirado coisa melhor que essa, para delicia do beatério coimbrão!».

Imaginem-se agora os vexames a que estão sujeitos constantemente os estudantes republicanos, e quem diz os estudantes republicanos, diz a geração da Republica, que tem o desassombro de afirmar as suas ideias politicas. Como resposta a essa opressão o que vemos nós? o exodo do professorado e da academia republicana que, verdadeiramente enojada, vai para Lisboa respirar outros ares, demandando atmosferas mais consentaneas ás suas aspirações. Em Coimbra, pelo contrario, vai ficando a lentalha, a academia monarchica e catolica que, mercê de certas facilidades, tripudia com um descaro e um impudor revoltante.

E assim, num país republicano, ha duas Universidades: uma para os monarchicos e reaccionários, outra para os liberaes.

Se o Quelhas e Campolide foram justamente perseguidos e dissolvidos, porque motivo não depura o Governo da Republica, desde já, a Universidade?

Para grandes males grandes remedios. A Universidade de Coimbra é um grande mal.

A culpa deste estado de coisas não é nossa, mas da Republica que se não resolve a escorraçar, de vez, da Universidade, os seus defectos ao regime. Enquanto os seus governos não punirem injustiças, vexames e perseguições, enquanto não abolirem radicalmente o negregado e iniquo fóro académico e demais praxes universitárias, não desarmamos. Pode lá haver harmonia, disciplina e respeito no meio duma tropa que hostiliza a Republica armando-se no estrangeiro?

Seria um paradoxo, um contubernio abjecto. A luz não pode unir-se com a treva e com a lama.

Preguntamos: não será justa a nossa revolta, contra estes atropelos que profundamente ofendem a nossa dignidade e as nossas convicções republicanas?

Não podemos tolerar que a Universidade de Coimbra seja covil de marmaros e conspiradores sem que o nosso grito de protesto se faça ouvir!

Não podemos suportar que o inquisitorial fóro académico continue a estrangular alguem!

Nesta hora de perplexidade de todas as civilizações não podemos tolerar *missas*, o *toque da cabra*, e mais velharias ridiculas que nada representam ou significam e que o sr. Reitor da Universidade, segundo affirmam todos os jornais, anda empenhado em ressuscitar!!...

Desassombrada e solenemente aqui afirmamos que jamais abdicaremos de defender a Republica dos ataques e ciladas dos seus inimigos!! Nunca! Será isto um defeito. Embora! mas é este o nosso feito antigo e o perfil da nossa consciencia.

se a esse incomodo, queira escrever-lhe novamente, dizendo quem é, sem o que nada poderemos dizer, e tornando se completamente inutil gastar mais dinheiro em estampilhas.

«Desgraçadamente as casas de instrução publica, em Portugal, transformam-se em asilos de nulidades e pelourinho de vinganças pessoais, politicas e religiosas».

Domingos Tarroso.

PERIGO NACIONAL

Reacção ou suversão

As Guerras e as Revoluções são espadas de dois gumes.

A preceder cada estádio da civilização e como se isso fôra um fatalismo do condicionamento histórico, surgiu uma batalha ou uma barricada. A História parece uma *Arvore do Sacrifício*: vive e floresce á custa de lágrimas, gemidos e sangue. Como todas as arvores tem um regime, que uma vez alterado a estiola ou aniquila. Portugal maneja nesta hora duas espadas. A cada uma corresponde um braço e um sentido. E' duplo o seu esforço, o seu fim; dupla deverá ser a previdência e a precaução. Se as Guerras e as Revoluções são a seiva vital da História, nós devemos lembrar-nos que um fosforo pode acender um farol, pegar um incendio; que o vento, soprando, pode apagar esse farol e atear esse incendio, originando, no primeiro caso, a treva, e, no segundo, o extermínio.

820 é uma Aurora. O passado resfolegava pelas entranhas abomináveis de Meternich e Miguel I.

Esse vento excomulgado empurra esse nimbo sinistro: 23. O Astro reaparece em 38 para submergir em 42. 910 é um protesto contra tres seculos de fogueira e bacanal. No progresso ha marés. Tarde será chegada a hora em que ele inicie a nova marcha d'ascensão triunfal, sem esbarrar em escolhos, ovante e admiravel como um raio de sol, num vôo consciente e admiravel. Em 910 esse *Acto de cidadãos* demos o primeiro passo para a Republica.

Portugal disse então: *«Quero!»* Fez uma *Constituição*, seu instincto; fez a *Lei da Separação*, a sua garantia, (obra honesta da Republica ainda não em vigor) — e... que mais? Que significa essa Lei de Separação, essa *Constituição*? Numa hora de gabinete não se modifica a alma dum povo, não se derribam preconceitos de oito seculos de rotina e de crime. A não sermos extremamente imbecis e piedosamente aduladores e escarros, devemos dizer em consciencia que a Republica vive mais pelos erros e crimes ainda palpitantes da monarchia prostrada, da farça cambaia de pau e corda dos seus ridiculos *vendeanos*, do que do esforço intelligente e positivo que haja dispendido para construir e renovar, para estimular e justificar, moldando-se uma fisionomia propria e original, explendendo magestade e popularidade, uma atmosfera limpida de democracia, sem aspectos de que para ser monarchia bastaria suprimir a Lei de Separação, revigorar a Carta, o hino, amodorrar o cagalho no trono, apagar os nomes do Dr. Afonso Costa, Leote do Rego e mais meia dúzia de deputados e jornalistas. Prescindir-se-ia de mexer em mais coisa alguma desta *Republica a medo*, anfibia e indecisa! Dir-se-ha que tem todos os ratos monarchicos no ventre e que se não bole para os não acordar.

910 é uma ligeira e fragil muralha de perpianho a deter embates de quatro seculos de jesuitas, de oitocentos anos de atavismos servis e degenerescencias, — esse mar de crime e de lama.

A Republica descançou então com pose de quem alçara guilhotinas e depurara o universo, nessa tranquillidade de bonhomia tão honesta como imbecil de quem tem o *predio no seguro*. Despontou em breve essa sofreguidão desvairada de latidos e baba dos primeiros embates do partidario. As perifrases campanudas e tonitruantes do comicio deixaram tombar o manto de disfarce; as unhas dos velhos monarchicos plantaram-se em dedos democratas e a mesma chicana eleitoral se lhe espraçou nos dentes em leilões escandalosos. A occorrença dos velhos caçiques que proseguiram imperturbavelmente no disfructe da sua influencia e dos seus privilegios de *sobas*, começou de ser agasalhada pelos homens da Republica. Ode dizer-se, sem excessão, que não ha hoje velho tranço monarchico que não disponha duma grande influencia. A victoria a todo o custo e por todo o preço era o que se pre-

tendia, especulando-se miseravelmente com a obra republicana. Nas portas da Igreja duma freguezia do meu circulo eu li este pedaço de Historia: *«Cidadãos: não voteis com os democraticos! Eles são inimigos da Igreja e dos padres!»* — Os auctores deste mimo dizem-se republicanos. E tudo assim. Ainda se não perden tambem a despotica e feroz monomania de resumir o paiz á cidade de Lisboa! Isto vai-se embrulhando numa amalgama indecifrável. Ha velhos republicanos, isolados, maguados, desgostosos, a que se faz uma guerra surda não sei de que castelo, enquanto alguns devassos doutros tempos singram de vento em pópa pela victoria alem. E nessa muralha, nesse tenue indicio da vontade dum povo desperto ha cinco anos, a onda do passado bate e rugo furiosa numa faina pertinaz e intencional.

Que datas aí a pedir o marmore e o ouro? que esforço vibrando alvíos nos detricitos oito vezes seculares, abrindo sulcos á Ideia Nova? São poucas! A guerra veio surprender-nos no meio desse zero politico. Lá do alto gritaram: *ordem!! unido!!*... Esse grito foi ouvido pelos bons e pelos honestos. O jesuita, o conspirador que a Republica subsidia, o traidor que ela paga e que a difama, piscam-se os olhos como os velhos augures romanos e lá continuam a arremeçar-se á muralha! A Republica, degenerando-se e apequenando-se nessa abdicção da-lhes liberdade e dinheiro!! Belo codigo de moralidade e exemplo! Tem medo. Enquanto essa agonia da guerra uiva sobre os povos a sua litania pungente, achatando-lhes os sentimentos de liberdade, ressuscitando ferocidades arcaicas e reles instinctos adormecidos e malditos, a escalada dos retrogrades vai-se efectuando em audacias cada vez mais descaradas e arrogantes, em desfiles nocturnos, as garras do Papa e dos Cesares, escavando pavimentos e alçando-se á abside do edificio da Liberdade, para esfrangalhar o pavilhão vermelho das aspirações honradas e humanas!

Ao muito que neste pequenino jornal vos tenho anunciado acerca dessa escalada, cidadãos, resta-me acrescentar mais um episodio que ha dias lobriguei no *Seculo*, jornal de *chantage*, disfarçado num artigo rouxinol e sereia, que traz oculta a unha do lacrau e o mijo do sapo.

Ha nesse artigo a alma desventurada e tremelicante dum velho careca, com agua chilra nas veias e monocidades romanticas do seculo dos relógios de cuco e recitações plangentes do velho e moribundo Tomás Ribeiro, ao piano de mesa. Cheira a talassa que é um pavor. Ahi não brilha um argumento racionalista, um aprumo de sensatez, um cibo de respeito pela moralidade publica, um lampejo de dignidade literaria, de aspiração honesta.

Atravez essas ideias luciluz um tísico e ressequido bacalhau de quarta de repartição publica, talvez um velho devasso e rapiouneiro que por aqui gastou a idade moça nos chiqueiros da patanica e no pé d'alferes á lavadeira do *Chou-pal*.

Estou a ver-lhe as tibias aflautadas e o pinguelo remeloso do nariz frio de escriturario famoso, a esse evocador retrogrado e pinderico que tão insolentemente ergue o tremulo camartelo para derribar um dos melhores e mais liberais aspectos da Reforma do Ensino Secundario, batendo os dedos anquilosados do reumatismo em aplauso a outro manquite espera-galego, talvez dia mesma era dos bravos do Mindelo, e do mesmo bojo, a quem a Republica confiou a Universidade de Coimbra e a sua malta de capangas, que tem como um dos seus primeiros gestos de direcção pretender reinstaurar a *Cabra*, a *Missa* e demais adjacentes liturgicos da formatura, o Saco de Carvão obrigatorio, etc.

E sempre os argumentos de velhadas moinas e rotineiros, com sarros mefíticos de oitenta anos colados ás tripas rotas e a fobia pelo Progresso!! Abdul-Hamid opoz-se terminantemente á innovação da electricidade no seu paiz.

Na Gasconha, pais da basolia, anda gente a monte, ha meio seculo, a fugir ao primeiro comboio que lá chegou. E' as *capas negras*, lindas *azas negras*, a doce *cabra a magir* no *campanario da Ermida*, a *missinha no Convento!!*

A extrema ignorancia e a extrema sciencia tocam-se pela extrema ingenuidade. A este pensamento de V. Hugo, acrescentarei mais um termo: A ignorancia, a sciencia e a insidia. Sim! Eu não me convenço de que tais maricas esfalfadinhos armem assim em reformadores de reformadores, já de si retrogradados, sem qualquer intento reservado.

E depois, o que mais me indignou foi ver certos republicanos, desses agradaveis *come il faut*, deixarem cair o beijo de baixo para apaiarem as agnadilhas de goso do de cima, apoiando esse assalto ás poucas innovações louvaveis da Republica! «Mas... quem não tem o seu pedaço de grosseira ignorancia?» Isto é do meu velho amigo V. Hugo, que até não sei onde diz o seguinte, que agora me salta aos bicos da penna como um rato a fumeigar: «O povo é como as creanças; gosta do ininteligivel, do empobrado, do maravilhoso. Quanto o homem é ignorante, tanto mais o obscuro o encanta; quanto mais o homem é barbaro mais o complicado lhe agrada.»

São os *Sacos de carvão*, que veem estabelecer a disciplina, que veem despejar a sciencia no caco do estudante? O ignorantes! Lede o que sempre foi esta Universidade, lede, ignorantes! Lede Domingos Tarroso, Velhinho Correia, Julio de Matos, Teofilo, Antonio Inacio Pereira da Freitas, Armelin Junior, Guerra Junqueiro, O. Martins, Ramalho, Jêde Voltaire!...

O ignorantes! Eu até tenho pena de vós e receio que esta Republica se entregue ás vossas mãos de mangones e sacristias!!

Oiga, cidadão Reitor: por mais telegramas que o cidadão faça expedir seja a quem for, e por mais que me digam, eu não me esqueço do Padre Domingos de Cabeceiras, esse simbolo do que isto é. Eu tenho para mim que o cidadão é tão republicano como eu sou janizario, e olhe que não louno essas aquisições da Republica! Fica muito bem nesse bouquet! Mesmo a matar! A capa cheira a *frade*; a cabra cheira a frade, e a misse papa-a sua Ex.ª Reverendissima. E' assim imenso!

Qu reagimos *ou isto se subverte* e afunda! Que será *disto* quando desaparecer a geração que fez a Republica? Que será?

E' bom chamar para aqui a atenção dos bravos rapazes de 1910 que tão destemidamente invadiram a cathedra para lhe mijar em cima e transformaram os capelos em rodilhas de limpar as botas! Vede como se respeita a vossa obra emancipadora! O proprio Estado nos ensina a revoltar para conservar!

«E o que lá fora se foi buscar e copiar passa depois entre nós pelo crivo do velho obscurantismo nacional, — uma montanha de erros seculares!»

Já me dei o pulso. Fico por aqui.

FERNANDO D'ARAÚJO

JORNALIS

O nosso estimado e velho amigo Dr. José Emidio da Costa Cabral pede-nos a publicação do seguinte:

«Ex.ª Sr. Director de *A Tarde*:

Por motivos que é ocioso estar a trazer a publico e que a ele nada interessam, entendo ser dever meu deixar de fazer parte da redacção do seu jornal, onde a minha estada foi bem passageira, pedindo a V. Ex.ª que, desde este momento, faça tirar o meu modesto nome do seu jornal, pois só por condescendencia e atenção para com V. Ex.ª consenti em ser editor de *A Tarde*.

Com os protestos da minha consideração sou

De V. Ex.ª etc.

Lisboa, 5 de Agosto de 1916.

José Emidio Soares da Costa Cabral.»

SECÇÃO LITERÁRIA

Pirilampus

*Dorme a Noite idealizando  
Sonhos de aromas subindo,  
— Pirilampus refulgindo,  
São illusões crepitando...*

*Andam astros volitando  
Por esse espaço infindo,  
— Pirilampus vagueando  
São como estrelas caíndo...*

*E a Noite é o espectro imenso  
Dalgum Hamelet, suspenso  
Dum sonho que fluctua:*

*— Pirilampus enluarados  
São como beijos roubados  
Ao branco perfil da Lua!...*

CELESTINO DA CUNHA.

Abdicção

A Republica tolera uma infamia e um atentado sem par! Quem nos condenou? — A Universidade? Não! Quem nos condenou foi a Republica!! Republicanos: vós abdicais!...

Pedaços d'ouro

«Qual é o homem feito, tendo, suponhamos, vinte e tantos anos de idade e um espirito largo e liberrimamente cultivado, independente, com essa altivez que dá a consciencia da propria força — que se humilha, que se sujeita a ir a uma Universidade assentar-se entre dezenas de rapazes que o olham com espanto, se riem, e voluntaria ou involuntariamente fazem troça dele?»

Qual será o homem com uns certos anos e uma certa cultura que vai assim expor-se entre crianças, diante dum publico variado d'homens e senhoras que de fóra o contemplam e sorriem porque os impressiona o caso de verem um homem entre rapazes? Qual é o espirito adulto, senhor de si, que irá submeter-se, inteiramente resignado e calmo, a responder a umas perguntas pretenciosas, absurdas — enigmas e charadas d'algebeira que uns examinadores banais, ignorantes e cheios duma vaidade fôta e estúpida, forjaram de proposito para atrapalhar o examinando e mostrarem mais sabedoria que ele?

Quem se curvará assim diante duns mediocres, uns nulos para balbuciar umas respostas pantadas, sabidas, ora ironeas ora insignificantes e tolas, respostas que qualquer criança diz tão bem ou melhor do que um homem de grandes conhecimentos, porque as decorou para aquele acto, só aquilo, durante muitos meses, ao passo que esse homem nunca poderá responder melhor do que uma criança porque está envergonhado, desorientado, sente que a alma lhe cai aos pés e uma cega comoção nervosa, uma nuvem de perplexidade, de pejo e confusão lhe sobe á cabeça e lhe tolda a razão, fecha e arrebatá as ideias?

Quem será tão pouco sensível, tão ermo de nobres comoções, tão desprovido de independencia e de sentimentos altivos, tão pobre de vergonha e tão rico de cinismo que se resigna a isto, ainda que seja em troço das melhores e mais grandiosas coisas deste mundo?

Ninguém. E' horrivel! E ao dizer isto, tenho a consciencia de expôr a verdade.

Já presenciei, bem de perto, mais que um caso destes. De modo que um homem que sabe e se instrue continuamente é refogado como uma cousa torpe e sem valor, — ao passo que são muito, valem muitissimo e tudo podem os estereis e os inúteis que decoraram, uma vez na vida, umas frases que não compreenderam, para as repetirem num exame, as esquecerem no dia seguinte e nunca mais se lembrarem nem quererem lembrar delas. Mas, como adquiriram o genio do papa-

gão, — o genio de repetir sem compreender — formam; só por si, uma classe privilegiada e a lei vai escolhe-los para serem os grandes homens e os fulgurantes directores espirituais do paiz.»

O cumulo da audacia!

Os bandidos Fezas Vital e Magalhães Colaço, exercitam-se ao tiro ao alvo dentro da propria Universidade! Republicanos: é o vosso suicidio!...

«Quando me lembro desses Neros do ensino legal, constantemente a esmagar juventudes, convenço-me de que, ao lado deles, José do Telhado e Tropmann eram almas puras e virgens, almas santas como a de Socrates.»

Domingos Tarroso.

O nosso folhetim

Por absoluta falta de espaço só poderá continuar para o proximo numero.

Carteira de "A Revolta"

Após os seus fructiferos trabalhos na Universidade de Coimbra, retirou para a Nazaré, sua terra natal, afim de gosar as férias junto de sua ex.ª familia, o nosso estimado companheiro de luta republicana, Afonso Baptista, quintanista de Direito.

— Foi admitido á Escola de Guerra o nosso estimado amigo e companheiro de luta, Miguel Carneiro de Macedo. Os nossos parabens.

— Com todo o exito realizou o seu exame do sétimo ano de sciencias no liceu desta cidade, o nosso estimado amigo Manuel Machado Junior, a quem felicitamos sinceramente.

— Completou a sua formatura em sciencias o nosso presado amigo Antonio Pereira de Magalhães. Felicitações de *A Revolta*.

— A frequentar a Escola de Officiais Milicianos encontra-se em Coimbra, o nosso amigo Arnaldo de Melo Sequeira, velho republicano, a quem abraçamos.

— Após a realização dos seus exames na Faculdade de Medicina, partiu para Manteigas-Sameiro, Guarda, o nosso estimado amigo e companheiro de luta, José Biscaia Rabaça.

— Para Ponte da Barca, sua terra natal, partiu, na passada sexta-feira, o nosso estimado amigo, companheiro de luta e um dos primeiros poetas de Coimbra, Celestino Pinto da Cunha, aluno do 4.º ano de Direito, a quem desejamos muito boas férias.

Anuncio

Vende-se a armação duma loja, estantes e um balcão. Rua Larga, n.º 15.

# Carta ao Concelho Académico da Universidade de Coimbra

Excelentíssimo Concelho Académico:

Em processo de policia académica movido pelo Ministério Publico sou accusado de proferir contra o senhor doutor Fezas Vital palavras injuriosas, entre as quais se destaca o epíteto de «covarde».

Era mais simples e verdadeiro accusarem-me sómente de chamar covarde a um professor, porque tudo o mais são palavras vagas e meramente tendenciosas.

Seja como fôr, perante Vossas Excelencias, que supponho juizes integros e esclarecidos, venho trazer a minha defesa, que sintetizo em dois capitulos:

1.º — Considero-me injustamente reprovada, porque prestei provas regulares e melhores do que as de alguns condiscipulos, aprovados na vespera, e porque houve manifesto proposito dos examinadores para me prejudicarem;

2.º — Sou uma senhora, a quem desde ha muito alguns professores da Faculdade de Direito, esquecidos dos mais rudimentares preceitos de delicadeza que se devem a uma dama, veem tratando com desconsiderações injustificáveis.

Mas eu quero provar as minhas asserções, não vá alguém pôr em duvida a veracidade do que afirmo. Nas minhas palavras já não ha a paixão que produz exageros. Só digo a verdade, tal como a sinto e é do dominio da opinião publica.

Afirmo em primeiro logar que me considero injustamente reprovada, tendo havido da parte dos examinadores manifesto proposito de me prejudicarem. Vou comprovar o meu aserto.

Não querendo já alegar atenções devidas ao meu sexo, eu devia merecer da parte do juri a benevolencia devida a uma aluna assidua e aplicada. Adentro da Universidade não ha ninguém que possa contestar a minha regular frequência nas aulas;

Demais, como se poderá compreender que, estudando eu dia a dia com meu marido, éle tivesse merecido a elevada classificação de *multo bone* e eu nem um modesto suficiente? Só havendo uma grande diferença de applicação ou de intelligencia.

Mas a provar a minha applicação tenho ali na Biblioteca Central o grande numero de requisições feitas de livros de Direito; tenho o testemunho dos empregados daquela repartição universitária que eu frequento quotidianamente, nunca faltando a uma sessão da tarde.

Por certo que tenho ainda o testemunho favoravel dos meus professores que, sempre que nas aulas praticas me quizeram ouvir, puderam verificar meu estudo cuidadoso. Lembro os nomes dos inauspeitos e integerrimos professores — senhores doutores Caeiro da Mata e Pinto Coelho; oxalá pudesse tambem chamar o testemunho do senhor doutor Rocha Saraiva e do falecido doutor Marnoco e Sousa. Mas onso evocar a reminiscencia de um dos meus examinadores, o senhor doutor Carneiro Pacheco, que foi meu professor de Economia social; e, se não peço o testemunho do senhor doutor Fezas Vital, é porque tendo sido meu professor de Direito Internacional publico, nunca lhe aprouve colaborar comigo nas aulas praticas.

Ainda ha dias o Excelentissimo Reitor desta Universidade testemunhou em publico numa barbearia, onde se encontrou com meu marido, a minha applicação, certamente por informações que obteve dos professores que constituíam em outubro passado o juri do exame de Estado da parte fundamental de Ciências económicas e politicas, de que Sua Excelencia tambem fazia parte.

A certificar a minha modesta intelligencia que, posta ao serviço do estudo sempre conseguí triumphar, tenho alguns honrosos diplomas que peço vénia para citar.

Tenho o de habilitação para o magistério primário com a classificação de *dezasete* valores; tenho um curso do Instituto Commercial e Industrial feito com distincção; obtive no exame de Estado da parte fundamental de Ciências económicas

e politicas a classificação de bom. Quando, em outubro ultimo, concorri ás bolsas de estudo conseguí apresentar atestados de distinto aproveitamento de quasi todos os meus professores da Faculdade de Letras. Nunca fui reprovada, a não ser no acto que motivou este lamentavel processo, e, tendo feito tantos exames, jámais fui *excelandosamente beneficiada* pelos examinadores.

Mas ha mais. Se o meu exame não teve mais brilhos, foi devido a um proposito manifesto dos examinadores.

Porque é que tendo sempre até mim e durante dias sucessivos, sido feitos os interrogatorios pela seguinte ordem legal — Finanças e Economia social, Administrativo e Confissões religiosas, Direito Internacional e Administração Colonial — se alterou pela primeira vez essa ordem no meu exame, sendo eu chamada em primeiro lugar a Direito Administrativo? Ninguém, experimentado em serviço de exames, ignora que estas modificações inesperadas perturbam o aluno mais resolutivo, mormente uma senhora.

Podia este facto ser levado á conta de casualidade, se irregularidades maiores que revelam malicia não tivessem sido praticadas.

Uma das primeiras perguntas do meu exame foi:

— «Dos actos do administrador do concelho para quem ha recurso?»

Respondi:

— «O recurso é gracioso e contencioso...»

— «Trata-se dum recurso contencioso.»

— «Nesse caso é para o auditor administrativo.»

O senhor doutor Magalhães Colaço não aceitou a resposta, que aliás era exacta. Tornou a fazer a pergunta e eu voltei a responder da mesma forma. Obstinou-se o senhor doutor em dizer — *que não*, sem se dignar corrigir. Ora, sendo a minha resposta rigorosa, o senhor doutor Colaço procedeu com ostensiva má fé, visto que, sendo intelligente e sabedor não podia ignorar uma noção tão elemental.

O senhor doutor Fezas Vital tambem não podia desconhecer que eu tinha sido sua discipula em Direito Internacional publico e Administração Colonial neste ultimo ano lectivo de 1915 e 1916. Pois bem: o senhor examinador interrogou-me sobre orgãos internacionais do Direito Internacional (conferencias e congressos, comissões e officios), materia que não havia versado nas suas lições magistrais. Interrogou-me tambem sobre a lei organica de administração civil e politica das nossas colonias de agosto de 1914, fazendo a seu respeito uma série de perguntas a que positivamente eu não era obrigada, por esta materia não haver sido versada durante o curso. Ora o senhor professor, tratando-se da *única* senhora que lhe assistiu ás lições, não podia equivocar-se sobre o curso a que eu pertencia.

A má fé, o proposito de me prejudicarem no acto são evidentes.

Felizmente respondi a todas estas perguntas com exactidão porque, prevendo a má vontade deste senhor professor, havia-me preparado conforme o sumário das lições de 1914-1915, que era mais amplo.

E não venham os senhores examinadores alegar que o critério com que me reprovaram foi o mesmo com que julgaram outros alunos, tambem reprovados.

Nada disso. Qualquer comparação que se estabeleça deve ser feita entre o meu exame e os anteriores, porque as reprovações posteriores já obedeceram a uma habilitação de defeza. O meu exame foi geralmente considerado superior ao dos meus colegas Alfredo Luso Soares, António Pinho e Melo e António Ferreira Monteiro, que 10 dias anterior ao do meu exame obtiveram aprovação.

E' de notar que estes dois ultimos alunos tinham na prova escrita classificação identica á minha. Faço este reparo para ir ao encontro duma presumivel desculpa.

Disse eu, em segundo lugar, que hei sido tratada com hostilidade por alguns professores. Vou apresentar factos que mostram isso mesmo á evidencia.

Nos ultimos dias de maio proximo passado fui convidada para fazer uma conferencia numa festa realizada em beneficio da Cruz Vermelha na Quinta de Santa Cruz. Entre os numeros de que se compunha o espectáculo havia umas scenas comicas feitas pelo palhaço Julio Vilar, que recitou uns versos burlescos, alusivos a uma certa *D. Aurora*. Esta brejeirice não conseguí atingir-me, porque desprezo vilões. No entanto, eu posso garantir ao respeitabilissimo Conselho universitario que estes versos foram recitados, *segundo declaração expressa do proprio palhaço dirigida ao publico*, foram recitados, digo eu, a pedido do senhor doutor Magalhães Colaço!

A declaração de Julio Vilar causou irritação em alguns espectadores, porque não ha pessoa alguma em Coimbra que ignore que o senhor doutor Magalhães Colaço é assistente da Faculdade de Direito desta Universidade, de que eu sou conhecida aluna. Muita gente conhece este facto, que me será facil provar perante os meus juizes.

Só um facto mais, dentre muitos, para comprovar o acinte e a malevolencia do senhor doutor Fezas Vital. Este professor cerca-se duma camarilha de correligionarios politicos, que capricham em nos provocar, a mim e a meu marido. Obedeceção ao «mot d'ordre» do caudilho? Não tenho dados para o afirmar, mas refiro uma circumstancia, que é significativa, da cumplicidade do senhor professor.

Quando acontecia encontrar-me na rua ou na Universidade com o senhor doutor Fezas Vital, se Sua Excelencia ia só ou com pessoa imune de preconceitos ultramontanos, cortejava-me; mas, se acompanhava alguns da sua «coterie», era certo não me cumprimentar, comendo o acto indecoroso de rudemente me voltar as costas!

Nunca soube manter congruencia das suas acções; por estes antecedentes e por ver o senhor doutor Fezas Vital em fuga, sem que ninguém procurasse ou quizesse agredido, por isto, num momento de exacerbação, lhe chamei covarde.

Coimbra, 3 de agosto de 1916.  
Aurora Teixeira de Castro e Gouveia.

## ANUNCIOS

**TIPOGRAFIA LITERÁRIA**  
R. Cándido dos Reis, 17, 19 e 21 — COIMBRA

**TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GÉNEROS**  
Impressões de revistas, jornais, lições, cartões de visita, envelopes, diplomas, recibos, facturas, papel timbrado, etc.

Esta tipografia que possui os mais modernos maquinismos, está apta a executar todos os trabalhos gráficos, primando pela perfeita impressão em gravura e a cores.

**OS MAIS LINDOS POSTAIS VENDEM-SE NA**  
**Tabacaria e Papelaria**  
**CRESPO**

Grande variedade em tabacos nacionais e estrangeiros  
Bilhetes de visita  
Revistas e jornais nacionais e estrangeiros  
Artigos para pintura, desenho e escritório

Telefone, 275 \* 27, R. Ferreira Borges, 29 \* COIMBRA

**Muraline**  
Tintas inglesas a água. As mais higiénicas e resistentes ás intempéries e as que maior consumo tem em Portugal, para interior e exterior de prédios.

**Karsonite**  
Tinta branca a água. Apropriada para encobrir as manchas das paredes e do fumo.

**La Bele**  
Esmalte finissimo em todas as cores, as mais finas e garantidas para interiores e exteriores dos prédios.

**CASA DEPOSITÁRIA**  
**ESTABELECIMENTO DE FERRAGENS E TINTAS**  
ANTONIO FERREIRA PEREIRA  
141 — Rua Ferreira Borges — 145  
COIMBRA  
Telefone n.º 250

**Hotel e Restaurante Raposo**  
DE  
José Maria da Silva Raposo  
Largo da Fornalhinha, 1 a 9 — COIMBRA  
Telefone n.º 478

Aceita hospedes e fornece comida para os domicilios.  
Generos alimenticios de 1.ª qualidade, quartos higienicos por preços relativamente baratos.

**AUGUSTO BAPTISTA e JOAQUIM DE CAMPOS**  
ADVOCADOS  
Rua Visconde da Luz, 34-1.º

**Abilio Lagoas** COIMBRA  
32, Praça do Comercio, 33  
Escritorio de comissões e consignações  
Correspondente de Companhias de Navegação  
Vende passagens em todas as classes para todos os pontos do Globo.

**FARMACIA DO CASTELO**  
Depósito de produtos fotograficos da Casa Foto-Bazar do Porto.  
Creme dentríico.  
Especialidades farmaceuticas nacionais e estrangeiras.  
Instrumentos cirurgicos, etc.

**Tomás Trindade**  
COM ESTABELECIMENTO DE  
Tabacaria — Papelaria — Loterias — Perfumarias  
CENTRO DE PUBLICAÇÕES  
Jornais — Ilustrações  
Revistas nacionais e estrangeiras  
Deposito da Imprensa Nacional  
Para venda das publicações e impressos do Estado  
POSTAIS ILUSTRADOS  
Lindas coleções em fantasia e vistas de Coimbra  
Deposito de aguas Minerio-Medicinaes  
Aguas ao copo  
Deposito da Cevada do Calro  
Carimbos — Cartões de visita  
COIMBRA  
Largo Miguel Bombarda, 13, 15 e 17  
Telefone n.º 559

## Perigo Nacional

Aquele "Mundo,.... -- Campanha... falida  
-- Amen.

Um dia — conta Esôpo — certa montanha estava para parir: e dava gemidos tão lancinantes e vigorosos, que conseguiu juntar á sua volta grande quantidade de povo, que, cheio de espanto e curiosidade, aguardava o monumental acontecimento.

Vai afinal a montanha, em lugar de parir uma grande coisa, pariu um ratinho.

Em face dos acontecimentos de Coimbra, depois de muito solicitado, e quando a imprensa reacionaria, solidarisando-se de alma e coração com a monstruosidade universitária, rompia á carga, o Mundo, num impulso brioso de quem intenta reabilitar-se, numa promessa cavalheiresca de vingador dum crime, vem a terreiro. Essa decisão era consoladora. Imediatamente, num transporte de lealdade, nos apressámos a penitenciar-nos dos epítetos de *cinza* e *lenda*, que pela primeira vez talvez esse paladino ouviu da boca dum republicano, que o não fez sem uma grande dor no coração. Depois, esse jornal refloou durante uns dias, primeiro... com violência e em prosa extensa; a seguir, e por mistérios dos pósinhos da gata borralheira ou do tringlo-manglo, foi abatendo, mirrando, calando, até chegar ao infinitamente microscópico de quatro linhas em que se dizia isto: «Ai, sim? Imaginam a questão vencida? Ora espera aí!»

Ficou tudo á espera. Quando se uza de tal rompante está-se próximo de Napoleão ou de D. Quichote de la Mancha. Ah! Como alguns homens são insubstituíveis!... O tumulto de França Borges é o ponto final duma obra.

O Mundo tem sobre a boca a mordida do jesuíta. Ele poderá ser amanhã convertido num perigoso instrumento de traição. A sua propriedade está a preço, republicanos! Transmite-se apenas o título. A alma de França Borges, cada vez maior, mais dignificada; o seu temperamento combativo de panfletário; a sua fé e o seu entusiasmo comunicativos, tudo está hoje reduzido a uma saudade, a uma veneração, a um culto! Oh! mas nós somos suspeitos. Talvez que o nosso interesse na questão nos cegue o espirito levando-nos ao cometimento de mais algum acto... iníquo!...

No tempo de França Borges nunca o Mundo tolerou um crime! Mas, os republicanos que julguem! que cotejem a atitude desse jornal com a atitude da imprensa jesuítica. «*Quem cala consente*». Di-lo a filosofia popular. E se ainda há lá, nesse despojo de seis letras do grande combatente, um jornalista brioso, competente da delicadeza do seu papel, com elevação moral e a noção do dever, aqui lançamos o nosso desafio,

supondo os bandeados com os traidores da Universidade, que conspiraram, que conspiram, que preparam

sistematicamente o espirito da nova geração, a cujas mãos será estrangulada a Republica; bandeados, em suma, com toda a jesuitada que hoje faz um verdadeiro arraial solenizando a vitoria. Vê-se perfeitamente que o Mundo não tem compleições delicadas, espiritos aguçados para considerarem o alcance dessa vitoria.

Creia o Mundo: nós conhecemos bem a nossa insignificancia; e os elógios de amigos nunca nos convenceram dos nossos meritos nem nos estimularam vaidades ou pedantismos; vai-se vivendo! umas vezes... fazendo da caneta estadulho, como os labrêgos lá da minha terra; e outras, dizendo muita asneira; é velho o rifaço que diz que «cada um dá o que tem»; isto não passa de boa-vontade; mas creia o Mundo: no dia em que nos fosse confiado um mandato da milésima parte de responsabilidade imposta aos continuadores do França, — oçam! — no dia em que tivéssemos de fazer essa figura de *gaiolo* ameaçador, descendo dum pedestal para montar *Rocimante*, nesse dia, largáramos o estadulho, e, ou iam para fogueteiro ou então, e isto era o mais provavel, sachar batatas, por não haver conventos.

E o parlamento? Que grandes, que formidáveis, que momentosos problemas!... Como isto vai! Que recuo de ideias! A toda a imprensa republicana que nos acompanhou neste lance de naufragio, o nosso eterno reconhecimento. Um jornal jesuíta da Guarda, a *Guarda*, afirma em duas extensas columnas de infâmias a uma senhora, de falsidades prostitutas, e navalhadas pandilhadas, entre outras coisas, que eu ameacei o sr. Fezas Vital com um duelo, se ele me não deixasse passar no meu exame!... Toda a gente sabe que essa scena se passou com o estudante Serras Pereira, e que eu era incapaz de tal coisa.

Emfim! Deixa-os lá! Não ha ninguém que sinta tanto prazer em ser difamado como este cidadão que se subscreve. Mas, vamos ao fim. *E bem uma questão falida* como diz a conspícua *Guarda!* *Falidinha!*

Não me causa admiração nenhuma se amanhã encontrar os srs. Antonio Zé e o seu governo ajoelhados diante duma cruz com um vigoroso rosario de bogalhos dependurado ao pescocô.

Abraço de paz! Abraço de concordia! Abraço de união! Dizei tudo, jornalistas de borra e politicos de espera-galego! fazei tudo por essa nuvem traçoeira, buscando iludir-vos a vós proprios. Um dia virá em que esse abraço tenha um só nome: *Fatal!*

Pois nós cá ficamos a curtir a nossa magua e a estudar a pequenez e a degenerescencia dos orientadores. Deus seja louvadinho! Aos colegas

de infortunio o reconhecimento da minha maior estima e o meu voto de resignação.

A toda esta charanga só falta uma bandeira azul e branca.

Por mim seguirei até Lisboa, muito amolachadinho no jaco jacobinismo, e convido-os a baixar a frente, reconhecendo, em «*trio*», a força, a importancia, o valimento da Companhia de Jesus e da falange monarquica. São os factos que o exigem, e os factos que o querem. Bater mais na questão é inspirar dó e nojo e talvez parecido com um caosinho a ladrar no deserto. Amen!

FERNANDO D'ARAÚJO

## O CANTO DO CISNE

Distante vai já a época dos salmos e das profecias. Já não apparecem Izequiel, novo Cristo, predizendo a queda da humanidade e os castigos do céu pelos horrores que os homens cometiam.

As gerações sucedem gerações, e, pouco a pouco, os grandes males nos vão parecendo pequenos em vista dos que apparecem de novo. Males que lamentamos, esperanças em melhor futuro, que saudade nos fazem agora... Com que prazer voltaríamos alguns anos atrás para de novo termos a esperança da vitoria, a fé e a creença na santa Ideia que defendemos. Nesse tempo, os áridos caminhos da propaganda eram alumados pela fé da vitoria. Ao longe, por entre nuvens que escondiam a luz, apparecia uma nesga do céu azul das illusões que nos levavam para o Futuro. Na escura noite em que o nosso pensamento se debatia, scintilava a estrela brilhante da libertação dum Povo, da emancipação da consciencia.

Oh! onde estão os nossos sonhos de Amor e de Paz? Em que lugar triunfou a Verdade? onde está o pensamento livre de algemas?

Em parte alguma! Como o vento terrivel do deserto, um vento de loucura e de ambição atravessou Portugal. Illusões, bons desejos, nobres aspirações, tudo caiu por terra, e foi reduzido a pó, que apenas serve para cegar os ingenhos ou para empanar o brilho duma Ideia. Quasi nada resta já do que desejámos. Em vez da paz desejada, uma luta formidavel de ambições referve.

Nada mais triste do que não poder ser activo. O mais nobre sentimento do homem, a *altivez*, é trocado como se fosse motivo de escárnio, e, em troca os falsos, e os hypocritas sobem na consideração, e são protegidos por aqueles que desdenhosamente lhe voltam as costas, desde que deles nada mais possam aproveitar.

Povo Português: qual será o teu destino? Mais te valera talvez não ter nunca vivido, que cair, afundado no lodo, que os teus filhos prepararam.

Povo! que em tempos idos, quando a superstição avassalava o mundo, quando os elementos não podiam ser combatidos, como altivamente transposte o Mar, cheio de lendas medonhas, sobre fragais embarcações, guiado apenas pela tua bravura e pelo teu genio aventureiro!

Tu cantavas saudades de Portugal, para afugentar os terrores que

a religião vineára na tua alma; tu batalhavas para que mais alto esvoaçasse a bandeira da tua terra. Se praticaste crueldades, se nem sempre respeitavas os vencidos, tens a tua desculpa nos tempos barbaros em que vivias.

Por sobre as ondas encapeladas, quando as caravelas se tombavam quasi até naufragarem, a imagem das mães, das romarias e dos cantares das moças, eram o suficiente para, cheio de energia, lutares com a morte que te apparecia terrivel e ameaçadora.

Hoje — que tristeza! — tudo mudou. Quem é que sente dentro da alma o amor pela Patria bendita, ameaçada da ruina? Meia duzia de desgraçados, que sobre a sua bandeira, seja ela azul e branca, ou verde e vermelha, derramarão o seu sangue ardente e novo, e por isso dedicado. E esses são o escárnio, a troça dos outros, dos imprudentes que se rojam, mentindo ideias, conspirando sentimentos, e que apenas sabem adular.

Portugal novo! — que loucura: — onde poderá haver mocidade e alegria, quando a mentira triunfa, quando a creença vê que a Verdade é escarnecida e que basta ser bom para ser escorraçado.

Mães Portuguesas — que tremenda responsabilidade a vossa?! Porque não educaes os vossos filhos no Amor pelo que é elevado e puro, pelo que é generoso e bom?

Onvi: — Ha dias uma mulher — Mater Dolorosa — cujo filho querido, talvez a esta hora, nas plagas africanas, luta heroicamente, mordendo a terra ardente — disse-me — e dos seus olhos brotava um caudal de lagrimas: — «Que desgosto eu teria, se amanhã soubesse que o meu adorado filho, tinha fugido diante dos alemães! Antes — e que Deus me perdõe — ele fosse ferido.»

E contudo só en sei como esta Mãe adora o filho único, viúva e isolada, tudo sacrificando por ele, trabalhando sempre para que ele pudesse ser feliz.

O dever — o dever sobre tudo — A honra se é uma convenção social, é no entanto uma lei para aqueles que a seguem; e a mãe que muito ama, deve ser a primeira a querer que o filho que a seu seio alimentou, seja o mais perfeito possível.

«*Tout passe, tout casse, tout lasse*» — é bem certo. Das nossas illusões o que resta? — a esperança em melhores dias! Mas como virão eles se os proprios liberaes, os republicanos são os primeiros a cruzar os braços e a deixar correr o tempo que só lhes trará a derrota!...

Felizes aqueles que morreram pela Republica. Eles não viram a suprema vergonha da queda duma ideia, e a perda desta terra tão digna de melhor sorte!

Desalento isto que escrevo?

Nunca! porque eu não sei desanimar — Tristeza apenas pelas coisas que vejo fazer, pela miseria moral para que caminhamos, pela abdicção dos liberaes, quando sabem que da sua inercia apenas o mal resultará.

Cegos que não quereis ver! O jesuíta trabalha, persegue os bons padres que aliam ao seu ministerio o amor pela Patria, roubam á creança a Verdade, e no escuro dum confissionario a vão afastando do bem.

O reacionario levanta-se, e braçado com as mulheres fanaticas, vai corrompendo tudo.

E os republicanos dormem ainda, pensando nos louros da vitoria.

CHRISTINA TORRES DOS SANTOS

## CONSIDERAÇÕES

Se aos leitores do Mundo passou despercebida certa passagem duma carta aí publicada na terça-feira passada, firmada pelo sr. dr. Germano Martins, acerca do livro do sr. dr. Julio de Vilhena, aqui a salientamos para que cada um considere o que muito bem lhe pareça.

O sr. dr. Germano Martins sabe que este facto constitui apenas uma inofensiva curiosidade de observação.

Afirma o sr. Julio de Vilhena, no seu livro, que a publicação dos documentos foi uma ingratidão para os politicos monarchicos que aí figuram e já aderiram á Republica, e um obstáculo para novas adesões.

Comentando a seu modo esta passagem, objecta o sr. Germano Martins:

«*O novo regimen nada lucra com tais adesões. A experiencia o diz...*»

Ora o que a experiencia nos diz é precisamente o contrario de tal afirmação. Precisamente! O regimen lucra, e muito! muitissimo! e tanto é assim que ainda ha dias o sr. Fernando de Sousa, o *Nemo da Ordem*, foi nomeado director da Empresa Industrial Portuguesa. E, agora, quantos nomes deseja o sr. dr. Germano Martins de republicanos autenticos e illustrados que eram corridos a pontapé se pretendessem disputar esse nicho ao sr. Fernando de Sousa? Como é este mundo!

Se a gente está a ver certos republicanos fazendo o namorado á adesão dos patifes da Faculdade de Direito de Coimbra! se a gente vê a politica deste país entregar-se imbecilmente não só nas mãos de monarchicos corruptos e devassos, nas mãos do jesuíta, enquanto velhos republicanos são perseguidos não se sabe por quem!

E bem verdade que a Republica não é apanagio da minoria que já o era. Ha alguns homens do passado, e alguns conhecemos nós, que a ela aderiram sinceramente, e que por ela são capazes de todos os sacrificios. Mas, quantos devassos! — quantos? — a não esfaqueiam hoje, mascarados de radicais?! E tudo se consente, sr. dr. Germano Martins! tudo! parecendo até que os mais corruptos são os mais queridos!

Em tempos que não vão longe um individuo que pensava que o iam prender como conspirador, notou afinal que o iam convidar para ministro! Ouve um outro, mais tarde, que depois de investido nas altas funções de ministro, telefonou para casa á esposa, dizendo que sempre valia a pena ser talassa!!

Ouve um outro talassa que até foi convidado á saída dum urinal!! Até ha-de existir leitor que não acredite, mas foi assim!

Se o sr. dr. Germano Martins quere nomes é só um postal á redacção!

## Serviço d'administração

Novamente, a fim de facilitar o serviço da administração do nosso jornalzinho, pedimos aos nossos estimados assinantes, o favor de acompanharem as suas reclamações, do numero de ordem inscrito á margem do endereço.



SECÇÃO LITERÁRIA

... "E eu então puz-me a cantar"

Minha alma ennoiteceu: tristeza escura

Lhe abafou o horizonte em derredor,

E a minha voz, molhada de amargura,

Fez ouvir a alegria do Sol-pôr.

Minha alma ennoiteceu; a Desventura

Apagou-lhe a alegria, a luz do amor...

E a minha voz, vibrando na tremura

Dos soluços, cantou o hino da Dor.

E eu bebi do licor Melancolia,

Para me embriagar, para esquecer...

E, indo deitar-me ao colo da Harmonia,

Lhe pedi, a esconder-me em suas tranças:

— « Embala-me! adormece-me o sofrer,

« Tal como as mães e as amas às crianças! »

Luís VALOURA.

informar-me do seu proposito de fazer versar as suas teses sobre estes assuntos, pedindo-me alguns modestos trabalhos meus que lhe vou enviar, mas embora como simples materia subsidia...

ALFREDO MONTEVERDE.

São destes homens que a Universidade tem á sua frente! São estes homens que perseguem e expulsam republicanos!

Carta aberta ao Ju'z Basilio da Ue.ga, a respeito do incidente da Faculdade de Direito

Senhor Juiz. — Acabo de tomar conhecimento de uma carta que por estes dias nos jornais, dirigida por v. ex. ao director da Faculdade de Direito de Coimbra. Deixou-me atônito e confesso que ainda me não recobrei do espanto. Esta carta é, talvez a última de uma série com que os professores da Universidade tem procurado ludibriar a opinião pública. Tinha eu formado o propósito de não mais sair a contraditar as asserções dos...

ju'z a que presidiu «interrogaram os alunos restritamente sobre as matérias consignadas nos programas». Gozou o inefável e desoertez prazer de vir a público desmentir as declarações, muito verdadeiras, que uma senhora fez ao conselho disciplinar universitário que a julgou.

Não é de mais, sr. juiz, que agora haja de sentir o travor de um desmentido. D. Aurora de Gouveia afirmou ao conselho disciplinar que fora interrogada em exame, sobre as disposições da lei organica das colónias de 15 de Agosto de 1914 e sobre os órgãos internacionais do direito internacional — conferências ou congressos, comissões e officios — não tendo estas matérias sido versadas nos cursos respectivos durante o ano lectivo de 1915-1916, em que fez a frequência. Um decreto de junho de 1915 determina que os alunos só sejam examinados sobre as matérias professadas nas lições. Por consequência a aluna D. Aurora de Gouveia foi interrogada sobre matérias...

- 1) Se D. Aurora de Gouveia foi interrogada sobre as matérias acima indicadas;
2) Se essas matérias constam dos sumários das lições de 1915-1916;
3) Se o aluno é obrigado ao interrogatório de matérias que não tenham sido versadas nas lições;
4) Se, em verdade, a aluna D. Aurora de Gouveia fez a frequência dos cursos de administração colonial e direito internacional no ano lectivo de 1915-1916.

Tudo me leva a crer, sr. juiz, que v. ex. é mais uma vítima das intrigas e insidias urdidas na Faculdade de Direito. Convenço-me de que procedo por informações e instâncias reiteradas que coagiram a sua boa fé. Nem de outro modo se explica a situação comprometedora que se criou. Melhor fóra que v. ex. ao pedido dos professores respondesse como o juiz Brid'ouison do Casamento do Figueiro ás impertinências do conde de Almaviva: « Palavra de honra, cá por mim, não sei que escrever; e eis a minha maneira de pensar ». Fico aguardando resposta de v. ex.

18 de agosto de 1916.

JAIME DE GOUVEIA

Carteira de "A Revolta"

Para Maçãs de D. Maria, acompanhado do nosso estimado camarada, Henrique Videira e Melo, quintanista de Direito, partiu, na passada quinta-feira, em digressão de recreio, o nosso querido amigo, João Simões Favas, considerado republicano nesta cidade.

Partiu para Lisboa, em serviço do Exército, o nosso particular amigo e intemerato republicano José Rodrigues Brusco, brioso capitão da Administração Militar.

Da Louzã, esteve entre nós durante alguns dias, dando-nos o prazer da sua visita, o nosso querido amigo e ardente republicano, dr. Mario José dos Santos, delegado do procurador da Republica naquella localidade.

Para Semide, onde passará as férias, partiu na passada semana, o nosso estimado amigo e companheiro de luta, Manuel das Neves, aluno desta Universidade.

A fim de frequentar a Escola de Officiaes Milicianos, regressou ha dias da Madeira, o nosso estimado amigo e companheiro de luta, Antonio da Conceição Gomes, quintanista da Faculdade de Direito, a quem cumprimentamos affectuosamente.

Já regressou da Parades, Douro, onde passou alguns dias, em gozo de férias, e afim de preparar-se para os seus actos na Faculdade de Direito, o nosso estimado amigo e decidido republicano, Alvaro de Queiroz. A Revolta cumprimenta-o affectuosamente.

Um protesto

Do ex.º sr. dr. Antonio Bacelar Menezes Vasconcelos recebemos o seguinte protesto cuja publicação se nos pede:

Coimbra 8 de agosto

Ex.º Sr.

Após o advento da Republica constituiram-se umas comissões encarregadas de vigiar se o publico era ou não urbana e delicadamente atendido nas repartições publicas.

Se essa vigilancia se tornava vexatoria e deprimente para os funcionarios zelosos, emprimidores e amaveis, para os ineptos, e muito principalmente para os mal educados, era de um extraordinario alcance.

Isto vem a proposito do que se passa na secretaria do Liceu de Coimbra. O pessoal ali é pouco ou nada delicado, esclarecendo por favor as pessoas que ali se dirigem em virtude da deficiencia das informações affixadas no atrio. O serviço da marcação do dia e hora das provas, esse é na verdade... modelar.

Para perceber as pautas é necessario um interprete, tal a profusão de numeros a lapis e tintas de varias cores, escritos uns por cima dos outros. Depois, ha mais: a marcação das provas varia duas e tres vezes no dia, causando isso um grave transtorno aos interessados que se vêem obrigados a apanharem á porta do liceu, receosos de

que na vespera, ao fechar, lhe tenham alterado as horas.

A rapaziada que não gosa das boas graças dos pequeninos sobas da secretaria, é tratada grosseiramente, não lhe sendo fornecidas as necessarias informações.

Minha sobrinha, habituada a ser tratada no liceu de Lisboa com toda a delicadeza, tendo de dirigir-se ao empregado encarregado de escripturar os cadernos escolares afim de lhe fazer sobre os mesmos qualquer pergunta, veio para casa com as lagrimas nos olhos, porque esse empregado, não só não a atendeu como devia, mas ainda se permitiu dirigir-lhe umas graçolas que a magoaram bastante.

E o sr. secretario, que nos dizem ser uma excelente creatura muito amiga de nada fazer, nada vê, nada ouve, levando os dias a passear nos corredores, a conversar com as senhoras ao telefone, a saltitar dum lado para o outro, importando-se pouco com e que os seus subordinados fazem.

E' simplesmente fantastico.

Pode ser que V. não queira dar guarida no seu jornal ás desprezenciosas linhas que acabo de escrever, mas creia V. que, insarindo-as, presta um bom serviço ao publico que se vê forçado a dirigir-se aos illustres empregados da secretaria do Liceu Dr. José Falcão.

Com a mais elevada consideração tenho a honra de me subscrever

De V. At. veur. muito obrg. Antonio Bacelar Menezes Vasconcelos.

ANUNCIOS

Hotel e Restaurante Raposo DE José Maria da Silva Raposo Largo da Fornalhinha, 1 a 9 - COIMBRA Telefone n.º 478 Aceita hospedes e fornece comida para os domicilios. Generos alimenticios de 1.ª qualidade, quartos higienicos por preços relativamente baratos.

rainhas; pai desnaturado que não soube educar nem preservar seus filhos de tantas desgraças que os acabrunharam; excessivamente severo quanto ás leis da etiqueta e de um suprêmo desdém pelos principios essenciais da moral; tal é o illustre decano dos soberanos da Europa, por certa gente apontado como um modelo de virtudes civicas e como um monarca com direitos ao respeito do mundo.

CAPITULO V O diplomacia alemã

A semelhança do mestre

O lamentável insuccesso da diplomacia alemã tem vivamente impressionado todos os espiritos reflectidos. Poderosa e florescente, a Alemanha não soube conservar, para a hora decisiva, nem amigo, nem aliado. Mais ainda: as raras simpatias de interesse que formavam o eixo das suas combinações internacionais transmudam-se numa aberta e hostil antipatia. Da sua banda está apenas a Austria, contrapêso inoportuno e quase perigoso, que continúa a gravitar em torno da sua estrela e que será talvez, dentro de pouco, a irremediável causa da sua perdição. Está ainda a Turquia cujo desmembramento, fóra do concurso da Alemanha, virá privar esta dos frutos dos seus longos esforços, penosos e caros.

Vendo o isolamento da Alemanha posto em confronto com a sua insolência, as pessoas avisadas só explicam o facto pela aquisição que a Alemanha teria feito dum engenho misterioso capaz de pulverizar todas as forças inimigas. Em face da ausencia dessa arma temível, pergunta-se com ancieidade; como é que uma nação reflectida ousou arriscar a sua existencia numa luta contra o mundo civilizado?

Apenas se julga forte e ao abrigo da sublevação dos seus povos, continúa o seu regime de execuções. Os anais da Lombardo-Venecia contém actos de ferocidade, rubricados pelo general Radetzky, homem da confiança de Francisco José, e pelo seu émulo, o feld-marchal Haynau, actos que nada tem a invejar aos praticados pelos seus subordinados na Hungria, na Galicia ou na Boémia.

Mas, a pouco e pouco, as desgraças caem sobre o seu império. Sempre vencidos pelos seus adversários, diminuido no exterior e enfraquecido no interior, Francisco José vê-se obrigado a cumprir as promessas feitas no seu manifesto de 1849. Um regime verdadeiramente constitucional vai, pois, ser inaugurado no seu vasto império. Mas esta passagem da tirania ao respeito das liberdades consentidas apresentava algumas dificuldades para o caracter deslial do Imperador. Os súbditos rejubilavam com as promessas renovadas, mas os seus homens de confiança não cessavam de violá-las. Com o mesmo pretexto se perseguiram as linguas das diferentes nacionalidades e os cultos que se atastavam do catolicismo.

E' só após Sadowa que Francisco José applica o regime dualista que liga a Austria á Hungria. Vendo o seu império em decomposição, esforça-se por sustentá-lo dando-lhe por base uma federação, heterogénea de povos, de linguas, aspirações politicas e nacionais.

Havia no entanto algumas dividas de gratidão a pagar, e dá-se pressa nesse sentido.

Quando o rei da Prússia, Guilherme I, invadiu a Boémia, prometeu aos Tchecos amplos direitos politicos se consentissem em auxiliar o seu exercito. Os Tchecos repelliram as ofertas prussianas, preferindo guardar uma attitude lial para com Francisco José.

Uma vez concluida a paz com a Prússia, os Tchecos foram sacrificados aos Alemães. E quando irritados pelos vexames destes últimos, se revoltaram, em 1892, os regimentos do seu doce imperador encheram de cadáveres a cidade de Praga. Tinham-se ali posto em acção os mesmos processos de que os Alemães se

**A IMPORTADORA**  
 TELEFONE N.º 350  
**Cipriano Leão & Comp.**

Importação directa  
 De cutelarias, ferragens finas, armamentos, munições de caça e bem assim uma infinidade de artigos indispensáveis ao uso doméstico.  
 Rua Ferreira Borges, 52  
 COIMBRA

**Relojoaria Comercial**  
 DE  
**Adolfo Pinto de Sousa**  
 Praça do Comércio, 60  
 COIMBRA

Neste estabelecimento ha sempre para vender um completo sortido em relógios de bolso, mesa, parede e despertadores.

Encarrega-se de todos os concertos de relojoaria garantindo os relógios vendidos ou concertados.

\*\*\*\*\*

**AUGUSTO BAPTISTA e JOAQUIM DE CAMPOS**  
 ADVOGADOS  
 Rua Visconde da Luz, 34-1.º

**Abilio Lagoas** COIMBRA  
 32, Praça do Comercio, 33  
 Escritorio de comissões e consignações  
 Correspondente de Companhias de Navegação  
 Vende passagens em todas as classes para todos os pontos do Globo.

**FARMACIA DO CASTELO**  
 Depósito de produtos fotograficos da Casa Foto-Bazar do Porto.  
 Creme dentrítico.  
 Especialidades farmaceuticas nacionais e estrangeiras.  
 Instrumentos cirurgicos, etc.

**Tomás Trindade**  
 COM ESTABELECIMENTO DE  
 Tabacaria -- Papelaria -- Lotarias -- Parfumarías  
 CENTRO DE PUBLICAÇÕES  
 Jornais -- Ilustrações  
 Revistas nacionais e estrangeiras  
 Depósito da Imprensa Nacional  
 Para venda das publicações e impressos do Estado  
 POSTAIS ILUSTRADOS  
 Lindas coleções em fantasia e vistas de Coimbra  
 Depósito de aguas Minero-Medicinaes  
 Aguas ao copo  
 Depósito da Cevada do Cairo  
 Carimbos -- Cartões de visita  
 COIMBRA  
 Largo Miguel Bombarda, 13, 15 e 17  
 Telefone n.º 559

**OS MAIS LINDOS POSTAIS VENDEM-SE NA**  
**Tabacaria e Papelaria**  
**CRESPO**  
 Grande variedade em tabacos nacionais e estrangeiros  
 Bilhetes de visita  
 Revistas e jornais nacionais e estrangeiros  
 Artigos para pintura, desenho e escritório  
 Telefone, 275 \* 27, R. Ferreira Borges, 29 \* COIMBRA

**Muraline**  
 Tintas inglesas a agua. As mais higienicas e resistentes ás intempéries e as que maior consumo tem em Portugal, para interior e exterior de prédios.

**Karsonite**  
 Tinta branca a agua. Apropriada para encoobrir as manchas das paredes e do fumo.

**La Bele**  
 Esmalte finissimo em todas as cores, as mais finas e garantidas para interiores e exteriores dos prédios.

**CASA DEPOSITÁRIA**  
**ESTABELECIMENTO DE FERRAGENS E TINTAS**  
**ANTONIO FERREIRA PEREIRA**  
 141 - Rua Ferreira Borges - 145  
 COIMBRA  
 Telefone n.º 250

**A Revolta**

**Assinaturas**  
 Continente, ilhas e ultramar, trimestre..... \$35  
 Estrangeiro..... \$70  
**Pagamento adiantado**  
 Numero avulso..... \$02  
**Anúncios**  
 Preços convencionais. Anunciam-se todas as publicações de que se receber um exemplar.

**Machinas SINGER para coser**  
**Escritório Central - Rua Ferreira Borges - COIMBRA**  
**ESTABELECIMENTOS**

- COIMBRA - Rua Ferreira Borges, 12
- GUARDA - Rua Alves Roçadas
- COVILHÃ - Praça 5 d'outubro, 17 a 19
- CASTELO BRANCO - Rua Pina, 32
- LEIRIA - Praça Rodrigues Lobo, 43 a 44
- FIGUEIRA DA FOZ - Praça da República, 8
- SOURE - Rua do Relógio
- LOUZÃ - Rua do Comércio

42  
 JEAN PINOT

servem na guerra actual: os massacres, a pilhagem, o estrangulamento dos feridos!

E enquanto que Paris, Londres e Petersburgo protestavam contra essas matanças, Berlim aprovava-as em nome dos principios superiores. O grande historiador alemão, Mommsen, pronunciou nessa occasião esta frase inolvidável: «Uma vez que as ideias justas não entram facilmente nos cérebros tcheques, é preciso fazê-las penetrar com a coronha das espingardas».

Se jamais elle foi duma lialdade estrema para com seus próprios súbditos, não menos o foi tambem no respeitante à Europa e ao mundo civilisado. A sua assinatura nunca o preocupou. Menos ainda as suas palavras ou as suas promessas. A attitude por elle mantida a respeito da Bosnia-Herzegovina fornece-nos uma prova elucidativa. O tratado de Berlim concede-lhe estas provincias com certas condições. Aceita-as, obrigando-se a respeitá-las. Em manifesta violação do estipulado, três anos depois, permite-se sujeitar ao serviço militar os habitantes das duas provincias. Depois, em 1908, aproveitando-se da desordem que perturbava a Turquia, apropria as duas regiões, violando assim de novo, mas desta vez decisivamente, o tratado concluido com a Europa.

Criando desta sorte uma nova Alsacia-Lorena slava, Francisco José escavou elle próprio um abismo onde não deixará de perecer. E, como a Sérvia não podia acomodar-se a este estado de coisas, Francisco José votou-lhe um ódio sem tréguas; acrescentemos mesmo, sem escrúpulos. E' coisa hoje assente que a segunda guerra dos Balkans, a violação da aliança balcânica pela Bulgária e todos os crimes e malefícios cometidos pelo rei Fernando e pelos Búlgaros, foram inspirados por Francisco José e pela sua diplomacia.

A sua deslialdade nem sequer poupa a Igreja romana. Tendo prometido solenemente, pelo seu ministro Goluchowski, não fazer valer o seu exclusivo no Conclave reunido após a morte de Leão XIII, Francisco José recorre a um subterfúgio.

Propôo ao cardeal Gruscha que lhe empreste o seu

43  
 CIVILISADOS CONTRA ALEMÃIS

nome... O cardeal, escandalizado com esta falta de correcção do imperador, protesta tam ruidosamente que toda a Europa ficou a par do incidente. Mas o Imperador não se dá por vencido. Tais foram as suas manobras que o cardeal Rampolla malogrôu. Não exerceu o seu exclusivo, mas impôs o veto de vários cardeais dependentes do seu Império!

Acrescentando que este velho imperador, dizendo-se, talqualmente o seu amigo e aliado Guilherme II, «o Imperador da Paz», se opôs à limitação dos armamentos reclamada pela Conferência da Haia, teremos um quadro aproximativo dos seus méritos.

O seu longo reinado pôo a descoberto a sua mediocridade e desesperante egoismo. Não tem mesmo a desculpa de ser idiota à semelhança daqueles reis de Espanha cuja fantasia mórbida semeava em torno deles a decomposição e a ruina. Um Filipe V, transtornado, passando o tempo a querer montar os cavalos tecidos sobre as muralhas do seu palácio, é bem digno da nossa compaixão. Mas a estreita e fria crueldade de Francisco José, a sua falta de humanidade para com os súbditos, para com a mulher e os próprios filhos, gelam-nos de espanto.

Impressionados por este monstro moral, sábios, como o doutor Neipp, antigo chefe-médico do asilo federal dos alienados de Genebra, quizeram vêr nele um anormal, senão um desequilibrado. Falam-nos do endurecimento congestivo das meninges, do amolecimento da matéria cerebral, da depressão da fronte, do volume da massa encefálica como sendo inferior ao normal ou das suas paredes craneanas de uma espessura excessiva.

Contudo, estas observações, justas ou errôneas, não podem transformar o imperador Francisco José, num simplez irresponsável. Se a Austria não tem a desgraça de possuir como soberano um louco, tem no entanto a humilhação de haver sofrido, durante mais de meio século, as vontades e os caprichos dum homem, ao mesmo tempo mediocre, egoista e pérfido.

Esposo desprezível, porque infligiu uma doença incurável a sua mulher, a mais simpática e a mais bela das

**TIPOGRAFIA LITERÁRIA**  
**R. Cândido dos Reis, 17, 19 e 21 - COIMBRA**  
**TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GÉNEROS**  
 Impressões de revistas, jornais, lições, cartões de visita, envelopes, diplomas, recibos, facturas, papel timbrado, etc.  
 Esta tipografia, que possui os mais modernos maquinismos, está apta a executar todos os trabalhos gráficos, primando pela perfeita impressão em gravura e a cores.



## Na direcção do Sol e do Mar

Forças misteriosas e potentes desde a primeira hora vão, como que numa perseguição eterna ao Homem, envolvendo-o, penetrando-o, lenta e subtilmente o dominando e orientando num dado sentido universal e cósmico. Emanantes da suprema consciência, inteligente e organizadora, que sem cessar labora no alargamento e perfeição da vida, ao nosso destino individual e colectivo presidem, sempre acompanhando-nos atentas, vigilantes, para que os grandes fados de cada um se cumpram integralmente, para que a marcha das coisas siga inalterável dentro dum principio que é, afinal, esta comovedora harmonia que consoladoramente nos perturba, irradiando duma aparente convulsão que tanto desalenta os fracos e desconcerta os superficiais.

Dessas forças uma ha que em nós atua com estranha persistência e soberania, as almas revestidas de gaze do sonho especialmente impelindo, com particular carinho, na via-lactea imaterial das contemplações de brandido idealismo, — esta vontade firme, sempre desperta e pronta, que suavemente nos impele para o Mar, que apaixonadamente nós faz seguir na direcção do Sol... A atracção do oeste é um facto de singular psicologia, particularmente accentuada nas grandes massas humanas. Notamo-lo já nas idades selvagens da ante-história, quando as primeiras raças, ainda dum forte animalismo, começam a marcha instintiva para o poente. E á medida que os homens se lastram e civilisam, este arastamento invencível é mais accentuado e importante. Ainda hoje os barbaros da Germania teimam em romper para o occidente, como no sinistro século V; e não tardará muitos séculos que os amarelos das terras que se chamaram Cathay e Cypango, se precipitem aos milhões na mesma direcção, expulsando para além do Atlantico — todos sempre na direcção do Sol e dos vastos Mares! — os nossos descendentes incapazes de resistência...

E' a prodigiosa alma cósmica do Sol que, através do espaço e o tempo, chama, seduz, arrasta para elle as humanidades que no seu seio sagrado tiveram a mais assombrosa das génesis. Vozes longinquas de ternura infinitos fóra vêm segredar-nos, carinhosas, a saudade eterna da magnifica massa errante, inflamada, que por amor de nós constantemente consome em luz bem-dita as energias que nos deram

a vida da sua vida. Elle representa o esferoide ardente donde a Terra, com todos os seus seus irmãos, safu num impulso sem par, labareda gigantesca rolando na noite dos céus, maravilha de luz chamejando no eter a sua beleza bondosa e imortal. No ventre igneo do sol uma gestação maravilhosa nos produziu.

Todos os elementos da nossa vida nele se congregaram e condensaram, ligando-se num conjunto vitorioso e de tanto mistério que a impotência de o penetrar e aclarar numa nudez triunfante, é ainda hoje a sombra implacável que tantas vezes mortifica a nossa serena alegria de viver...

Idêntica atracção exerce sobre o Homem a alma cósmica do Mar, porque das imensas aguas primitivas, sinistras e invadidas de formas monstruosas, uma ultima forma, a nossa, que é afinal aquele « pouco de lodo » bíblico, aforou passando lentamente para a firmeza hostil da terra sólida, e nela se instalando já tocada da graça da Suprema Inteligencia. Forma apartada de linhas decisivas, inalteráveis, onde uma luz interior, sem duvida divina, se intensifica e vai crescendo com os séculos, luz que um dia deslumbrará a Terra, que irá num avanço audacioso na tentativa de compreensão de todo o Universo, secentelha feita Sol e mais prodigiosa e maravilhosa que ele...

O Sol e o Mar nos chamam, pois, com o vigor desinteressado, enternecido, dos amores que criam. A toda hora nos lembram as origens sagradas, dia e noite radiam para nós as suas influencias salutareas e magnificas de eternos e lealissimos amigos. Para nós portugueses, então, os seus carinhos tem um suavidade particular de encanto.

Scismadores e poetas, se as alvoradas tanto nos interessam, só os poentes deveras nos perturbam. As poderosas nostalgias, as vibrantes vozes líricas, a áncia de enlevação ideal que nos liberta da impureza que nos cerca, só em nós se manifestam á hora em que, voltados para o Sol, o seguimos extasiados, vendo-o pôvilhar de beijos de oiro a face palida do extremo occidente.

Aventureiros e navegadores, pelo Mar nos cremos um nome imortal e uma gloria sem par. E foi ainda com o pensamento nele, a alma apaixonada levada pela magestade das ondas em turbilhões de orgulhosa independência, que o maior dos portugueses, escreveu a Biblia desta raça, que será sempre bela, sempre liberta!

« Louvado sejas, senhor meu irmão Sol! — Louvada sejas irmã Agua! » — como cantou outr'ora, num transporte lírico de amor pela Natureza, esse

adoravel poeta e egualitario que se chamou Francisco d'Assiz. Viseu.

A. CAMPOS

## Aquele mundo...

Cavalo morto cevada ao rabo. Brincadeiras de homens...

Havia lá nos meus sitios um latagão que por sinal era teso como as armas.

E, coisa singular: jamais o seu cacete se levantou nas romarias sem que previamente um proprio amigo lhe jogasse a primeira lombreira.

Ele já conhecia o seu feito esquisito e na hora em que os desafios transbordavam na bitola, rugia: batei-me! E depois, meimos, era fneirada de cego, toitiços vermelhos como melancias caçadas, corpos estatelados, a grita do fêmeo despernado na debandada, como se um genuino diabolho ali rebentasse da terra, na sua nuvem de enxofre, para esbandalhar o mundo. Veem os queridos leitores que assim se abre um artigo sem beijos lividos, sem fingimentos de vermelhinha, sem ostentação de inocencias, sem prosapias de boa pessoa, sem arremedos de magua, e sem empertigamentos de bandulhos tactuados a vermelho e ao verde das campinas. Não somos daqueles que se prapam de cocoras e vela açesa diante de qualquer fido de rebotalhos; não pertencemos á panurgice capra dos que ganhariam no vacuo se uma esponja já limpasse do rol da existencia as columnas do Mundo; pode-se ser republicano e muito mais sem as suas simpatias e os seus osculos tutelares; pode ser-se muito, muitissimo honrado, humildemente democrata e amante da Republica, mau grado as suas diatribes rufas e as suas têmeveis campanhas de silencio. Eis aqui as palavras dum homem que nesta hora fala desapaixonadamente, vendo nas suas proporções verdadeiras, os homens e os factos.

Sinto ver no personagem desta bulha irritante um jornal que, por infelicidade tenho de ler e defender diante do inimigo comum. E é assim, porque hoje, a propositio dum caso insignificante, pincham-me aos bicos da pena tais grozas de argumentos que até nos parece que os infantis replicantes ficariam com a nariganga esborrachada.

Devem compreender que não foi em vão que abri estas linhas por uma recordação de caceteiros de romaria para que revoço os seus lindos olhos de pessoas interessantes e importantes que parecem tão feias a basofiar mans bofes de gigantes danados!...

Ora vamos lá; O Mundo entrou ou não na campanha depois de espicado pela Revolta?

Ora vá: não se façam casmuros! Entraram ou não? Leiaem na coleção o primeiro artiguinho sobre o coio de Coimbra. Não podem negar, não é verdade? Pois bem: a seguir, publico o Mundo mais um artigo do sr. José do Vale e mais umas coisitas basofias, mas sem grande vulto como era necessario.

E' assim ou não? Depois, e uha obra de quinze dias, numas tristes quatro linhas de favor, satisfação ao publico, a raspar-se da fornella, a escapolar-se do front... largou o Mundo o seu canticão de sapo esmagado; a estoirar debaixo da pata do boi: « at, sim? Imaginam a questão vencida? Ora espera que eu já te arranjo! »

Foi assim ou não? A gente — palavrinha! — ficou aqui á espera dum desenlace, que seria sem duvida, um tremendo enxerto de porrada que deslombasse ali as pessoas honestas do Palacio de Minerva! Mas... — ó enxerto! Não havia meio. E o Mundo, durante 15 longos dias de batalha em que foram esmagados, trucidados, escarnecidos, os seus irmãos de armas de quasi toda a imprensa portuguesa, em que se distinguiram a briosa e decidida Montanha, a Lanterna, o Combate, a Baurada Livre, o Democrata, a Fronteira, a Razão, o Independente, o Português, a Voz da Justiça, o Cinco d'Outubro, sumiu-se como o cuspo magico da « Branca Flor », cavaleiro em direcção á lua, desenhando o Rocinante, apagueando-se, diminuindo, apagando-se, deixando na sua esteira um rasto que dizia: cobardia ou abandono.

No sabado passado a Revolta fez uma outra ligeira referencia ao Mundo adoravel, em que rendiamos o nosso eterno preito de homenagem á memoria de França Borges. Talvez houvesse um bocadito de exagero, mas o Mundo não ignora que a indignação forja o verso. Entre os anjos tambem houve disputas.

A nossa Revoltinha chegou a Lisboa na manhã de Domingo. Ia até subscrita por nós á quella redacção. O Mundo leu e ficou lá com a ferrada no caço. Fingindo que não leu, publicou então aquela localsinha, solitaria lamparina duma revolta postica, um furo de palanfirio arrancado a sacatrapos, as palavras arrastadas por beijos colados num silencio de muitos anos! Estão a ver o estratagemma da deslealdade!... Eu até tenho pena da coisa ser tão mal e porcamente amanhada! O Mundo, se calhar, admira-se da fiura ó de rapaz, (o academico do norte, sabe?) uma coisa tão guicha e com andanças de lhe mandar dois piparotes ao fundo do barrigo, a ele! o grande plutoerata mumificado e canonizado pelo vazio, o mandarim guizalhudo e emproado, bebendo do fino nas altas questões da politica universal!

Ora deitem para cá esses lindos olhos! Foi assim ou não? Parece que nasci fadado para descobrir maroteiras, brincadeiras de amigos, que sempre ouvi dizer que brincadeiras de homens são beijos de burro!... O Mundo tem a liberdade de dizer o que quizer, de gritar, morder, bater, brincar, saltar, fingir! Podem dizer tudo, ouvirem? Mas, francamente: — falem de riço! vejam se limpam este tasco infamante de Coimbra, esta forja de conspiradores! que é uma vergonha nacional!

Mas já é tarde. E cavalo morto cevada ao rabo. A patifaria consunou-se. O Mundo fez bem em reconhecer o seu erro. Pecado confessado é meio perdoado. Sim: por que o Mundo bem sabe que as suas faltas de espaço é mais tretas nem para mistificar a minha servente chegariam!

Para as pessoas que nos entendem foi uma rendição.

Falta de espaço... O Mundo quer decerto fazer rir a gente! E já que

chegámos a tais extremos de cordialidade nós confessamos ao Mundo, d'hoje, que realmente o artigueto era um bocadito irracivel. Mas o Mundo, tambem ficará sabendo que pessoa fidedigna do Porto, nos informou que o sr. Amadeu de Freitas proibiu que se falasse mais na que-tacossinha de Coimbra, apesar de o sr. Luiz Deronet a pretender tratar! E acerca das « grosserias des-temperadas etc., etc. », filhinhos do coração, só vos digo que o vosso porte vos não autorisa a tal julgamento. Se alguém neste mundo já viu linguagem mais rasoante e viperina que a vossa, um raio me parta!

Pois se vós no proprio numero, em que lamentais o vosso estado vociferais terminologia propria da cavalaria!

Não sei se se trata dum mau homem, pois ainda não tive tempo para ler o resto do Mundo d'hoje, mas para amostra, em meia duzia de linhas, ainda não vi maior gentileza de coisa! Mas, amiguinhos, amiguinhos! e não estragueis o futuro ao rapaz, ouvirem? sobretudo não o inutilisais politicamente!... que ele vota um amor de raiz aos vossos lindos olhos de famosos jornalistas, a fingir de más pessoas!... vós, que sois uns anjos, umas pombas sem fel!...

E agora, mais este sancoo: prosucindo das defesas do Mundo, ouviram?

Nesta questão não se trata do lhc, nem do te, nem do se!

O que o Mundo deve defender, se ainda o não sabe, é a Republica, ouviu? E só isto!

FERNANDO D'ARAÚJO

## A Universidade de Coimbra é um perigo nacional

Eis o grito de alarma hoje lançado pela vanguarda da imprensa; a proposito de mais uma perseguição ignóbil a estudantes republicanos. O mesmo espirito jesuitico, reaccionario, inquisitorial, que dominou sempre naquele estabelecimento de ensino, ali se mantém ainda hoje, a seis anos de Republica, mais indecoroso do que nunca, porque representa um ultraje ás instituições e á consciencia nacional.

Que os governantes atentem bem neste delicado problema. A educação e instrução das novas gerações constituem a pedra de toque sobre que ha de assentar a reconstrução de Portugal Novo. Nos estados modernos, mesmo no actual momento, a legião dos que ensinam merece tantas ou mais atenções que a legião dos que combatem a ferro e fogo, porque as folhas dos livros tem, por vezes, mais poder que as folhas das lanças.

Alora os nomes respeitaveis de Caetano da Mat., Machado Vilela e Alberto dos Reis, as catedras da Faculdade de Direito, naquela Universidade, sam occupadas por uma malta de criaturas sem nome, nem competencia, nem idade, nem prestigio, recomendaveis apenas pelo espirito sectario e retrogrado que os leva a conspirar contra a Republica.

Fezas Vital é o traidor que se armou em terras de Espanha para invadir o solo patrio ás ordens de Condeiro; Magalhães Colaco é essa criatura tuberculizada, de corpo e alma, que um dia os jornais fotografaram dando entrada no Limoeiro por tramar contra as instituições; Oliveira Salazar é o monarquico ensotainado de jesuita, esvurmundo venenos e aliciando dis-

## O... grilheta

II

cipulos do C. A. D. C.; Carneiro Pacheco e Pinto Coelho... mas para que...?

E' a... melhor, mancebos... está confiada a... educativa, filosofica, scientifica... futuros orientadores da opinião publica! Assim procuram dar forma ás visionarias... do progresso que impulsionaram o povo português no vigoroso élan de cinco de outubro!

Há lentes em Coimbra que descem ao miserando papel de inquisidores, espionhando as crenças politicas e religiosas de seus alunos, abusando da cathedra como ridiculos engajadores eleicoes e de conspiratas. Há ali professores que levam a sua monarcolatria e espirito de seita a pontos de procurarem, dentro e fóra da aula, achincalhar, deprimir, inutilizar a carreira a estudantes distintissimos, só pelo facto de fazerem propaganda republicana, e de faltarem á missa da Sé, escandaloso rendez-vous de muscardinos e «merveilleuses».

E' preciso ler-se o órgão academico *A Revolta* para se vêr a que abismo de corrupção e immoralidade baixou aquelle estabelecimento de ensino, donde, no dizer do brilhante jornalista Fernando d'Araujo, ou saem patifes, mumias ou revoltados.

Entre os mil e tantos alunos da Universidade, difficilmente se encontrará um cento com simpatias pela Republica... Ai está a obra dos lentes! E como eles se sentem em terreno conquistado, procuram, fortificar-se a todo o custo — e daí as escandalosas perseguições que veem movendo aos estudantes liberais, nelas sacrificando tudo: a dignidade de homens, a honra de cidadãos, o brio profissional!

Com tais educadores, não admira que nas gerações novas se comece já a defender a inquisição, a monarchia absoluta, o direito divino e o espirito medieval...

Na Universidade de Coimbra — é preciso que isto se saiba — combate-se acintosamente toda a obra do novo regime — a Constituição, a Lei da Separação, do Divorcio, nega-se o testamunho dos numeros quando nos mostram o equilibrio orçamental realizado pelo sr. dr. Afonso Costa, desrespeita-se a lei da nova hora, etc., etc.

Está ou não provado que aquillo é um coio monarchico e clerical onde se conspira contra a Republica? A Universidade de Coimbra é um verdadeiro canoro nacional cuja gangrena tentacular constitue uma ameaça para o Pais.

O governo deve tomar energicas e rapidas providencias.

Depois, — será já tarde!...

CARLOS MARTINS.

## Deitando pérolas a porcos

Um sarrafaçal, sem nome nem co-tação jornalística, vomitou ali pelo canudo da *Gazeta de Coimbra* umas babozeiras, acêrca da carta que o nosso colega Jaime de Gouveia dirigiu ao juiz Basilio da Veiga.

Julgou, talvez, o pandilha que lhe dariamos a honra de discutir com elle. Não, não a mereces, que és burro e nós só escrevemos para quem nós possa entender.

Olha, estúpido: os números do sumário de Colonial e Internacional que transcreveste não correspondem ao interrogatório do exame da senhora D. Aurora de Gouveia. Tomaste a nuvem por Juno. Eu bem sei que estas coisas não são da tua competência, tu que sabes, quando muito, botar arroz ou deitar tobas em potas velhas. Mas podias, ao menos, consultar quem destas rege-dorias soubesse.

Mais uma vez teve confirmação o aforismo: *Nec sutor ultra crepidam*, que quer dizer (pois tu não sabes latim), quem te mandou sapateiráo pôres as mãos no rabecão.

Aqui tens o que a justiça pede que te digamos, só agora, pois agora só demos tento de ti.

Olha! Dá homem por ti, se queres discutir este assunto, que nós estamos prontos, prontinhos...

Chegára o meu primeiro dia de escola. Mais exacto: dia de horror.

Do seio da familia, esse verdadeiro paradigma do tempo-escola, onde eu e meus irmãos aprendemos as primeiras letras antes de sermos confiados á turtura official; da liberdade, da paz e alegria, da magia da minha serra encantada, eu esbarrei, nessa hora, com um afunete digno desta enxurrada universitaria, onde, em paga da vida que nos roubam, dos crimes e dos erros que nos ensinam, dos venenos que nos instilam no cortex, das mil burundangas farfalhudas de insipidos e bisantinos cartapacios de *nadas* que nos forçam a digerir, nos outorgam esse *trapo de papel* que nos garante disputar os nichos aos mais competentes e, bem assim, uzar duma albarda sonora, o titulo de *doutor*, o mais genuino epitafio de ignorancia, vicio, crapula, baixesa e inutilidade. Paulo Mantegaza, o ameno fisiologista e escritor italiano, afirmava numa das suas obras, que o homem mais corrupto da sociedade é o bacharel em direito; e que era ele o pior marido que um pai podia dar a uma filha. Estou daqui a ver os narizes dos... meus respeitaveis colegas, ao verem-se de tal guiza desacreditados perante a opinião publica! Não é de recer. *A Revoltinha* é lida por meia duzia de amigos que guardarão segredo! — Ao confiarem-nos esse *trapo de patente*, de que tanto *pedaço d'anno* se ufana, dizem os mestres officiais: «*os senhores não sabem coisa alguma; vieram apenas aprender como se estuda*».

Isto... ao fim de doze anos de carreira, quando não são quinze! Comedia infinita!

Se Portugal um dia quizer procurar as origens da sua decadencia, não andarã muito errado rebuscando-as no significado desses diplomas honorificos, na torpesa dos seus programas de ensino, na estremeira das suas gerações de bachareis e professores. Goeth disse um dia, que, para produzir-se uma grande obra d'arte, bastaria erguer o coração e enche-lo das ideias e dos sentimentos do seculo.

E' um grito contra a educação official, essa abominavel *via-sacra* que começou para mim com o primeiro dia de escola. Os maiores portugueses não foram diplomados; e, se algum diplomado ha, tornado uma gloria, é porque ele soube esquecer os desconchavos preconizados por mestres e dirigentes, começando a sua educação livremente, racionalmente.

Guerra Junqueiro, formado como toda a gente: eis um sarcasmo chimpado á face do ensino official. Teófilo começou a estudar depois de... formado! Hereulano, Oliveira Martins, Rodrigues Sampaio, Brito Aranha, Gomes d'Amorim, Spencer, Vitor Hugo, Zola, Mirandola, Aristotles, não foram formados nesses antros officiais. E são estes astros, ainda hoje e sempre os Mestres dos mestres. Mas já vou longe no meu discurso. Com uma penada a minha *Revoltinha* fica a transbordar.

O meu primeiro dia de escola!... Havia cá fora o cortêlho; os covados lafucavam na pia; galinhas; pardais; um poço a um canto, sob um alpendre; escadaria de pedra; ali, a porta do *Manelsinho* que se destina á carreira de padre e me ensinou um vicio muito feio e prejudicial á saúde (é hoje padre!); um pateo estreito; impressionou-me um pinheiro muito alto e aparado pelo corucho, ao poente.

O meu primeiro dia de escola! Dia enevoado, suturno, amargo! Punge na minha alma essa nodosa. Uma trovoadá bramia ao longe o seu baixo ronco de campanula gigante. Entenebrece pouco e pouco. Eu amava essa tragica ropagagem do ceu, quando a nuvem crispa em linhas fantasticas e as vergonteadas das arvores estrebucham afiladas, a nuvem feita vaga, caverna, mastros partidos, contornos de naufragios, mundos incendiados, poalha de terra negra alevantada pelo tri-

lho duma caravana enorme, vagabunda, erguendo hinos plangentes de error e de exilio. Amava a tempestade! Quando a nuvem escancarava as gnelas de fogo e joiirava sobre a montanha os seus grandes lençois doirados, os raios potentes e alegres repinicando a sua gargalhada nervosa de metal e vidros estilhaçados, o trovão rufando o seu cantico de batalhas, apontavam-me ao longe e diziam: — *que lindo! ves?* E quando a tempestade ia longe, soluçando, psalmeando, salvando, triste, um funeral ignorado, da terra subindo o perfume calido das chuvadas, e os ultimos pingos tombando, como perolas, dos beirais, um sentimento, irmão da saudade, peneirado, nevado subtilmente do alto, remanso e prece, aroma e balmão, o coração suspirava e a alma engrandecida, purificada como o ar, orava diante da belesa e dos encantos da terra!

Que primeiro dia de escola o meu!! A tempestade cai a pique sobre nós. O mestre colocara uns ramos d'oliveira nos parapeitos da janela. O meus pequeninos companheiros aconchegavam-se como um rebanho de ovelhas á volta dum oratorio de velas acesas, onde se ostentava um «*agnus dei*». E eles estavam espavoridos, amarelos, as lagrimas bailando-lhes ao lume do olhar. Estarrincoos formidaveis abanham as gavetas das vidraças. Os livros da mortalha incendiada lambem repetidas vezes a sala. Até aí eu amara a tempestade. Ali... O mestre mandara erguer as mãos ao altissimo, e os maiores cantaram uma ladainha imbecil da que ainda me lembro: «*Santa Barbara bendita que nos ceus estais escrita, com papel e agua benta: livre-nos Deus desta tormenta*». E a cada estronho da nuvem correspondia um grito: «*Santa Barbara!! S. Jeronimo!!*»

Nesse dia tive medo á tempestade, e não mais toou que me não lembrasse desse quadro imbecil, medonho! A minha casa ficava lá longe, a três quilómetros. Com dois irmãos mais velhos, eu pertencia ao grupo dos de *cama e mesa*. Calu a noite. Deitamo-nos. Um irmão mais velhinho que eu disputou-me o canto da cama com um egoismo feroz; ele estava aleijado por essa educação fradesca. O outro, o maior de todos, ficou aos pés. Todos os ruidos dessa noite me causaram pavor. E alta noite... um môcho começou a piocar o seu descante lugubre no pinheiro solitario.

O mestre, numa cama, á esquerda do pequeno quarto, ressonava com estronho. Mais de vinte vezes fingi despertar, tossindo, bocejando, tocando meus irmãos com os pés, com as mãos, cada vez mais violentamente, beliscando-os até, e... nada!

E o môcho cantava! parecendo um lenhador desferindo golpes de machado no pinheiro, arrancando-lhe a coroa, largando canções sombrias na sua linguagem fanhosa e apavorante: *manhó! tiró! manhó! tiró!* Que noite! Ao outro dia meu irmão apanhou duas duzias de bôlos em cada mão por não pagar dez paginas de historia com virgulas e pontos finais! Passados mais dois dias desapareceu a palmatoria. O mestre queria a toda a força que eu denunciasses o ladrão! e ameaçou-me estupidamente de por-me os pés em tijolos ardentes se o não fizesse. Buscou o mais tenro mas o mais duro! E eu bem sabia! A escola era um horror!...

O mestre tinha um filho malvado. Batia murros na cabeça que a gente caia ao chão e ficava ourado. Um dia esgaçou a orelha ao *Zé de Folhadela* que até dizem que ficou com as orelhas grandes por causa daquella alma do diabo! E durante uma semana, o môcho lá estava no pinheiro, por alta noite: «*manhó! tiró! manhó! tiró!*...» Foi a exame. Sabia rezar. Mais nada! Passei com dez valores! Mas... onde vou eu? No proximo numero o resto. Eu logo lhes disse que a historia era comprida. Tenham paciencia.

FERNANDO D'ARAUJO

## EXPEDIENTE

Acabamos de enviar para o correio a, cobrança relativa ao quarto trimestre. Esperamos que os nossos assinantes continuem a satisfazer com prontidão os seus débitos, para que a nossa «*Revoltinha*» prosiga na sua marcha de saneamento. Com certo orgulho, e como bem poucos jornais o poderão fazer, temos a satisfação de declarar que até hoje ainda nenhum dos seus assinantes falhou aos seus deveres.

A «*Revoltinha*» mira-se com muita vaidade no espelho dos seus livros de escripturação. A prontidão dos seus credores é o aplauso da sua obra.

## A. Campos

Chamamos a atenção dos nossos leitores para o raro e brilhantissimo artigo de fundo, com que o nosso querido amigo e distinto escritor A. Campos honra mais uma vez as colunas da *Revolta*.

## Nobre documento

Do illustre academico e jovem publicista, Silvestre Ferreira Bossa, quintanista da Faculdade de Direito, onde gosa da mais lisongeira reputação, pelas primorosas qualidades de trabalho e intelligencia de que tem dado sobejas provas, e bem assim pelo timbre de lei dum caracter de verdadeiro cidadão, recebemos a carta dada hoje á publicidade na nossa *Revolta*. A essa carta diz bem a expressão que nos serve de titulo, pois é bem o toque duma grande alma temperada na fragua do desassombro, acontecimento admiravel numa época e numa geração, em que o servilismo e a dublez constituem o sinete da onda insidiosa e gelada, que a Republica descuidada deixa desenvolver-se em seu seio, e que em breve lhe sairá ao caminho para refrear-lhe os impulsos mais generosos. Já de ha muito desejamos dar-lhe a devida publicidade; porem, só ha dias nos foi possível avistarmos-nos com o nosso estimado colega a quem pedimos a devida autorisação que nos foi amavelmente concedida.

Os leitores da *Revolta* ahi poderão apreciar mais um libelo de peso contra o Coio de Coimbra.

Srs. Directores e meus excellentes migos:

Lembram-se VV., por uma cativante amabilidade, com que muito me honraram, de pôr em noticia, nas colunas de *A Revolta*, o resultado do exame que ha pouco fiz na Faculdade de Direito. Foi para mim uma surpresa, que veiu destruir-me a grata convicção em que estava de que as coisas da minha vida não eram alvo das atenções de alguém.

No cumprimento do que, em minha consciencia, julgo um dever, venho, srs. Directores, reprovar as palavras de favor com que me tem distinguido, aceitando apenas o qualificativo de sincero republicano, a que tenho jus, não representando isto, todavia, uma profissão de fé, pois não precisa de fazê-la quem sempre tem vivido, desde que se conhece, abraçado ao ideal da Liberdade.

Quanto á afirmação, que VV. fazem, de que as referencias que *A Revolta* em tempos me fez, salientando o meu credo politico, podessem ter influido no animo dos meus examinadores, abstenho-me de julgar quanto aí possa haver ou não haver de verdade. Aplico ao caso o vulgar principio de que ninguém pode ser juiz na propria causa.

Por minha parte o que posso afirmar bem alto é que procedi de ma-

neira a poderem os meus examinadores julgar-me com inteira imparcialidade. E porque assim procedi e a consciencia não me acusa de jámais ter sido incorrecto, algo extranei que um dos meus examinadores, num acto a que sempre deve presidir a maxima lialdade, me aventasse á queima roupa a malévola ironia de que eu era um espirito criador, a qual não esperava merecer, vinda de tão alto.

Não repeli essa ironia imediatamente porque logo tomei a resolução de aceitá-la, depurando-a na chama da minha boa fé, para me esforçar por reconhecer, embora contra os mandamentos da modestia, que realmente o meu espirito alguma coisa já tem criado. No trabalho, que ha tempos publiquei e a que VV. se referiram, penso que ha qualquer coisa de original. Quando menos cá me parece que o não importei de França, passado aos direitos, como veem os meninos na falaz condecinha das lendas infantis, ao contrario do que, hoje em dia, muita gente sóe fazer.

O que mais posso acrescentar é que os exames são, fora de duvida, uma trampa, como diz o visinho espanhol.

Enviando-vos muito saudar, rogo-vos, srs. Directores, que queirais receber os protestos da minha solidariedade e alta consideração.

Coimbra, 8-8-1916.

S. Silvestre Ferreira Bossa.

D. Aurora de Castro e Gouveia e Jaime de Gouveia

Estiveram em Coimbra durante alguns dias, afim de seguirem para Lisboa, onde vão concluir a sua formatura os distinctos alunos e nossos camaradas de luta republicana, Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Aurora de Castro e Gouveia e Jaime de Gouveia, victimas da penultima torpesa universitaria, que seguiram viagem no comboio da noite de quinta-feira.

A *Revolta* fez-se representar na Estação pelos seus directores, onde se encontrava grande numero de amigos e admiradores dos talentos e virtudes dos dois illustres academicos, a quem desejamos o brilhante futuro a que teem direito.

Não virá decerto longe o dia em que os seus nomes explendam na floreação pujante dos seus meritos, triumphando dos futeis batraquios que por aí latiram os uivos da sua vesania putrida, clamando eternamente essa justiça que nos tempos de D. Pedro, o Justiciero, não coxevava atraz da culpa, mas que na Republica, a Instituição da moralidade e do pundonor, assiste como uma estatua de desleixo, a um grande crime.

## Factos e comentarios

## Quadro de miseria

Ali proximo de Coimbra, e no mês de agosto, effectou-se este ano, a romaria do Senhor da Serra. Da localidade da romaria a Semide vão dois tiros de espingarda. Em Semide ha uma igreja e não ha devoto ou beata que aí não dê um salto para desabafar a sua fé. Eis agora um quadro a todos os titulos digno de registro:

Foi ha dias o Senhor da Serra. Na igreja de Semide havia, quando muito, duas duzias de beatas. A falta de órgão, as beatas, que gostam de musica sacra, contrataram um gaiato de pé descalço, afamado tocador de viola lá da aldeia, que, no meio delas, e abcoorado no chão, rasgava o choradinho *ré maior*, em quanto um côro de vozes femininas entoava o «*Queremos Deus que é nosso rei*». Registamos, com toda a seriedade e compaixão, este quadro de miseria, posto que ele fosse noutra hora um motivo de risada.

## Latet anguis in herba

Extranham alguns colegas e amigos o facto de a *Capital* não haver entrado na campanha republicanissima, ferida a proposito da torpesa universitaria.

Ignoram decerto esses colegas e amigos que dentro desse jornal existe o sr. Padre Manso, com quem o nosso director F. d'Araujo

# SECÇÃO LITERÁRIA

## Fonte Castália

Tenho dentro de mim o seu perfil d'estátua...  
 A minh'alma ajoelha em fervorosa prece  
 De mistico louvor... e a sua imagem fátua,  
 Como um vulto de santa aos olhos me aparece!

Fonte da minha Arte... As Virgens de Murillo,  
 Não tem como Ela a graça, a formosura  
 Que o meu Ideal lhe dá... nem a Venus de Milo,  
 Nas curvas do perfil revela tal candura!...

Na demencia febril do meu Desejo, azeza  
 A minha alma, numa sede de Beleza,  
 Mergulha, e bebe nessa Fonte d'Arte! E assim,

Vêde-A esculpida nos meus versos: Vêde  
 Que o seu perfil sacia o ardor da minha Sede,  
 — E eu dei á minha Arte o que bebi de mim!...

Coimbra

CAMPOS DE FIGUEIREDO.

se travou de razões na *Montanha*, a propósito da péssima e descurada atitude daquele cidadão, como autoridade superior do distrito de Vila Rial nos dias duma incursão monárquica. Liguem agora os acontecimentos e tirem ilações! A vida é isto: — arranja-se aqui um inimigo por qualquer motivo; amanhã, ao seguirmos desonradamente a nossa viagem, somos despertados por uma dentada cobarde e anónima. E quem ha-de endireitar o mundo? se já os antigos diziam: «*Latet anguis in herba!*»

### A Sociedade do Empata e seus defensores:

No segundo numero do *Boletim da Defesa e Propaganda* da cidade de Coimbra que mesmo agora acabamos de ler, e em artigo epigramático *Igreja do antigo mosteiro de Santa Cruz, em Coimbra*, assim pontifica o sr. dr. Augusto Mendes Simões de Castro:

«E' um dos mais importantes e celebrados monumentos de Coimbra e mesmo de todo o reino de Portugal etc.»

Vai sem comentários para lhe não tirarmos o sabor.

### Carlos Martins

Do *Combate*, sem duvida alguma hoje considerado um dos primeiros jornais da Republica, transcrevemos um caloroso e desassombrado artigo, firmado por este nosso querido companheiro de luta, que, lá de longe, se não esquece de solidarisar-se com a nossa attitude. Este artigo, tem tanto mais valor quanto é certo tratar-se dum dos mais distinctos alunos desta Universidade.

### "O DEBATE"

Brevemente reaparecerá o nosso presado colega *O Debate*, dirigido pelo illustre deputado, ex.<sup>mo</sup> sr. dr. Arthur Leitão.

### Boletim da Sociedade de Defesa

Já saiu o segundo numero desta publicação. Recebemos e lemos. O papel é optimo; o trabalho tipografico é impecavel, o que muito honra a Tipografia Literária, sem duvida o que ha de melhor em Coimbra; as fotografias tambem não são más. Acerca da parte literária, diremos sem resentimentos de qualquer natureza, que não está á altura de Coimbra, nem de harmonia com a civilização e o progresso, cheirando a velharia e a pinguelo. Ha gostos para tudo; do que se conclue que poderá

ter agradado bastante a outras pessoas. Como publicação, genero comercial escapa.

### Isto vai indo...

Mais uma lei de Roma contra os padres republicanos

Apesar da lei de Separação proibir (diz um padre republicano no *Mundo*) sob as penas do artigo 138.º do Cod. Pen. a publicação em quaisquer templos ou outros logares habitual ou acidentalmente applicados ao culto, ou mesmo o imprimir ou publicar separadamente ou por intermedio de jornais bulas pastorais ou outras determinações da Curia Romana sem autorisação do Estado, os numeros 10 e 11 de 7 de agosto e 1.º de setembro de 1916 do *Boletim da Diocese de Coimbra*, órgão oficial do reaccionario prelado da mesma diocese, agora distribuido aos seus assinantes, que são todos os parocos da mesma diocese obrigatoriamente, vem publicando na secção *Legislação Ecclesiastica*

tica um decreto pontificio sobre a remoção administrativa dos parocos colados, *maxima cura*, dado em Roma a 20 de agosto de 1910. Para a publicação, cremo-lo bem, não se pediu autorisação ao Estado... etc., etc. — E para quê? Sempre ha cada ingenuo! Pouco e pouco, isto vai indo como diz a canção

Cantando, ó José, cantando,  
 Cantando, ó José, contou:  
 Vai indo, ó José, vai indo,  
 Vai indo ó José lá vou.

### Carteira de "A Revolta"

Do Bussaco regressou no passado domingo a esta cidade, o nosso estimado amigo e distincto jornalista, Eugenio Sales.

— De férias regressou ha dias de Braga, o nosso estimado amigo Mendes Carneiro, distincto aluno da Faculdade de Letras, cuja formatura realizará no proximo mês de Outubro.

— Para Figueira da Foz, partiu, ha dias, o nosso estimado amigo Gil Pereira Gonçalves, digno e zeloso aspirante da Inspeção de Finanças, que para ali acaba de ser transferido a seu pedido.

### A REVOLTA reúne a mesma hora.

### Por Vila Rial

30-8-1916.

De diversos amigos meus e de varias partes, assinantes de *A Revolta*, tenho recebido cartas com referencias ao caso da Universidade de Coimbra, tecendo os mais apaixonados encomios a quem de facto cabe uma parte importante nas colunas deste jornal.

E' de lamentar que em plena Republica haja um governo pusilanime em questões tão graves, deixando campear certos onagros a quem dão o nome de lentes.

Falta só um Garcia Moreno ou D. João V a presidir os destinos da Patria! Contou-nos um amigo, que durante alguns anos foi professor nalguns institutos de instrucção secundária numa cidade do norte do Brazil, que era lá tratado como *lenti!* causando-lhe isso, nos principios, um certo espanto. E' preciso que isto não degenera a esse ponto. E a proposito de velhas usanças? Coimbra do seculo XX não pode voltar á Coimbra decantada tão pitorescamente no *Palito Metrico*, quando lentes e academicos para lá jornadeavam em liteiras, caleças ou em machos carregados de guizos, presuntos e bróas. Prá frente! Ao lerem-se os nomes, dos tais lentes — Pachecos, Fezes, Coelho e Colaços... — lembra um monturo, uma horda de sicarios a executarem uma nova Castro! Vas-soura e... lisol.

— Tivemos o prazer de abraçar o estimado amigo e distincto aluno do Grande Collegio Universal, do Porto, sr. Carlos Teixeira Frazão, de Souto, Vila Pouca de Aguiar, que parte amanhã para a Povoá onde se encontra seu estremoso pai, sr. Aníbio J. Teixeira, e suas gentis irmãs *Em.<sup>lras</sup>* Aníbas e Arcelina Teixeira Frazão.

— Também com sua esposa e filhos, chegou a esta cidade brilhante romancista e escritor, sr. Dr. Alberto Souza Costa.

— Partiu, no dia 27, para Lufrei (Amarante) o distincto amigo Henrique E. Pereira Batista que no Tribunal desta comarca respondeu a um processo, tendo ficado absolvido, apesar da perseguição que certos politicos da horda dos *inocentes* lhe moveram. São dignos dos maiores elogios os integros magistrados da Comarca e os srs. Jurados que tem usado de justiça e recludão.

— Terminaram os exames de admissão á E. Normal, havendo 131 alunos aprovados e 35 reprovados.

— Foi creada definitivamente a Guarda Republicana no districto de Vila Rial.

— Para Vidago partiu ha dias o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Augusto Guilherme B. de Souza o primeiro advogado do districto.

— Para Povoá do Varzim partiram os nossos amigos, cujas despedidas agradecemos, srs. Antonio Alves, Joaquim Costa Gomes e Domingos Gomes Barros.

— Terminaram os exames de admissão á E. Normal, havendo 131 alunos aprovados e 35 reprovados.

— Foi creada definitivamente a Guarda Republicana no districto de Vila Rial.

JOAQUIM DO PRADO

### A REVOLTA reúne a mesma hora.

## ANUNCIOS

**Hotel e Restaurante Raposo**

DE

**José Maria da Silva Raposo**

Largo da Fornalhinha, 1 a 9 — COIMBRA

Telefone n.º 478

Aceita hospedes e fornece comida para os domicilios.

Generos alimenticios de 1.ª qualidade, quartos higienicos por preços relativamente baratos.

vezes provida de homens como o sr. de Rosen e varios outros que hemos por bem não citar.

Entregue a si mesmo, o principe de Radolin, graças aos seus atractivos e á reputação de lialdade conquistada em Paris, sem duvida teria podido estabelecer relações soffríveis entre os dois países.

O Imperador Guilherme, que parecia compreendê-lo, esforçava-se por que o embaixador se conservasse no seu posto o maior tempo possível. Com a morte de seu filho, o príncipe, mergulhado em profundo luto, quis regressar á Alemanha, onde o esperavam as suas imensas propriedades que não tinham já quem as administrasse.

Mas o Imperador fez um apelo ao seu dedicado servidor e amigo. Numa carta autógrafa prometia o príncipe que, se lhe prestasse o serviço de ficar em Paris, poderia considerar-se titular da embaixada até ao final de seus dias. O príncipe, que adorava a França e Paris, sacrificou os interesses que o chamavam para a Alemanha, organizou como poude a administração dos seus bens e ficou entre nós, com grande alegria dos seus amigos e dos amigos da paz. Mas, a breve trecho, sobreveiu um incidente que modificou bruscamente a face das coisas.

Entre os raros diplomatas alemães de origem plebeia, o sr. de Schön fez-se sobre tudo notar pela sua grande riqueza. Dela se servia habilmente para dar alguns passos no mundo. Filho dum negociante de coiros, cuja fortuna ia além de trinta milhões de francos, em breve atraiu as atenções do Imperador. Guilherme ennobrecceu-o primeiro, afirmou de que um homem sem fidalguia não viesse deslustrar a sua falange diplomática. Primeiro secretário em Paris, tal homem tornou-se conhecido; acima de tudo, pela sua habilidade na prestidigitação por ele cultivada com a mestria dum profissional. Durante uma reunião diplomática muito representada, elle conseguiu arrancar penas de pavão do nariz, das bolas de bilhar e dos ouvidos dum embaixador da triplice. O sr. de Schön denunciava assim um talento excepcional que, certamente, deveria facilitar-lhe o caminho num meio incolor onde todos se assemelhavam.

Já nesta altura se faziam previsões acerca da sua

Indiquemos uma série de factos históricos que precisam ser sublinhados. A loucura alemã não data apenas de hoje. Crónica, posto que violenta, nunca deixou de manifestar-se após a desaparição de Bismarck. O chanceler de ferro havia criado uma diplomacia para seu uso especial. A brutalidade que a caracterizou era feita da consciencia da sua força e da falta de escrúpulos. Ele impunha-a muitas vezes á Europa com a franqueza do malfetor que vos pede abertamente a vossa bolsa sob a ameaça duma browning.

Vencida do golpe a resistencia do interlocutor, Bismarck triunfava, proclamando que a força está acima do direito.

O imperador Guilherme, tendo aceitado a herança de Bismarck, não tem nem o seu carácter vigoroso, nem mesmo a temível força de que dispunha o chanceler. A Europa, a pouco e pouco, se submeteu ao jugo alemão. Mas a França ergueu a cabeça, e com ela continuavam os outros países a aumentar os seus armamentos. Como as ameaças alemãs jámais poderiam obter o mesmo resultado, o pessoal escolhido pelo imperador Guilherme, para continuar a diplomacia de Bismarck, não podia deixar de produzir, nestas condições, um efeito apenas cómico...

A decadencia que começava de carcomer a Alemanha era sobretudo manifesta nos dominios da sua diplomacia. Estranho pessoal, esse que o imperador Guilherme recrutára para realizar o seu sonho de imperador mundial! Escravo das suas concepções feudais, dominado, além disso, pela influencia dos áulicos, só a altos titulares podia confiar os destinos do seu país, e, entre estes, de preferência aos mais opulentos. Porque o imperador professou, desde sempre, um immoderado culto pela riqueza. Criára-se assim uma perfeita camarilha diplomática emparelhando com a camarilha militar e a da corte.

Os gran-senhores alemães jámais brilharam pela lucidez ou penetração de espirito. A Alemanha viu-se representada nas capitais do mundo civilizado por príncipes, condés ou barões que puseram em acção a sua

**A IMPORTADORA**  
 TELEFONE N.º 350  
**Cipriano Leão & Comp.**

Importação directa  
 De cutelarias, ferragens finas, armamentos, munições de caça e bem assim uma infinidade de artigos indispensáveis ao uso doméstico.  
 Rua Ferreira Borges, 52  
 COIMBRA

**Relojoaria Comercial**  
 DE  
**Adolfo Pinto de Sousa**  
 Praça do Comércio, 60  
 COIMBRA

Neste estabelecimento ha sempre para vender um completo sortido em relógios de bolso, mesa, parede e despertadores.  
 Encarrega-se de todos os concertos de relojoaria garantindo os relógios vendidos ou concertados.

\*\*\*\*\*  
 Preços convencionais. Anunciam-se todas as publicações do que se receber um exemplar.

**AUGUSTO BAPTISTA e JOAQUIM DE CAMPOS**  
 ADVOGADOS  
 Rua Visconde da Luz, 34 - 1.º

**Abilio Lagoas** COIMBRA  
 32, Praça do Comercio, 33  
 Escritorio de comissões e consignações  
 Correspondente de Companhias de Navegação  
 Vende passagens em todas as classes para todos os pontos do Globo.

**FARMACIA DO CASTELO**  
 Depósito de produtos fotograficos da Casa Foto-Bazar do Porto.  
 Creme dentrifico.  
 Especialidades farmaceuticas nacionais e estrangeiras.  
 Instrumentos cirurgicos, etc.

**A Revolta**

Assinaturas

Continente, ilhas e ultramar, trimestre.....	485
Estrangeiro .....	470
Pagamento adiantado	
Numero avulso .....	302

\*\*\*\*\*  
 Preços convencionais. Anunciam-se todas as publicações do que se receber um exemplar.

**Tomás Trindade**  
 COM ESTABELECIMENTO DE  
 Tabacaria -- Papalaria -- Lotarias -- Perfumarias  
 CENTRO DE PUBLICAÇÕES  
 Jornais -- Ilustrações e estrangeiras  
 Revistas nacionais  
 e estrangeiras  
 Depósito da Imprensa Nacional  
 Para venda das publicações e impressos do Estado  
 POSTAIS ILUSTRADOS  
 Lindas coleções em fantasia e vistas de Coimbra  
 Depósito de aguas Minero-Medicinais  
 Aguas ao copo  
 Depósito da Cevada do Cairo  
 Carimbos -- Cartões de visita  
 COIMBRA  
 Largo Miguel Bombarda, 13, 15 e 17  
 Telefone n.º 559

**OS MAIS LINDOS POSTAIS VENDEM-SE NA**  
**Tabacaria e Papalaria**  
**CRESPO**  
 Grande variedade em tabacos nacionais e estrangeiros  
 Bilhetes de visita  
 Revistas e jornais nacionais e estrangeiros  
 Artigos para pintura, desenho e escritorio  
 Telefone, 275 \* 27, R. Ferreira Borges, 29 \* COIMBRA

**Muraline**

Tintas inglesas a agua. As mais higienicas e resistentes ás intempéries e as que maior consumo teem em Portugal, para interior e exterior de prédios.

**Karsonite**

Tinta branca a água. Apropriada para encobrir as manchas das paredes e do fumo.

**La Bele**

Esmalte finissimo em todas as cores, as mais finas e garantidas para interiores e exteriores dos prédios.

CASA DEPOSITÁRIA

**ESTABELECIMENTO DE FERRAGENS E TINTAS**  
**ANTONIO FERREIRA PEREIRA**  
 141 - Rua-Ferreira Borges - 145  
 COIMBRA  
 Telefone n.º 250

**Machinas SINGER para coser**

Escritório Central -- Rua Ferreira Borges -- COIMBRA  
**ESTABELECIMENTOS**

COIMBRA -- Rua Ferreira Borges, 12  
 GUARDA -- Rua Alves Roçadas  
 COVILHÃ -- Praça 5 d'outubro, 17 a 19  
 CASTELO BRANCO -- Rua Pina, 32

LEIRIA -- Praça Rodrigues Lobo, 43 a 44  
 FIGUEIRA DA FOZ -- Praça da República, 8  
 SOURE -- Rua do Relogio  
 LOUZÁ -- Rua do Comercio

arrogância e a sua innata incompreensão na defesa dos interesses do seu soberano. Este concebia frequentemente grandes, enormissimos projectos que, confiados a tais pigmeus, estalavam como armas mal carregadas. O mundo observava, consternado e surpreendido, as variações da diplomacia alemã, sempre à espreita de novas combinações e como que em cata de repetidos insucessos.  
 O pessoal diplomático, numerosissimo e tendo apenas em mira algumas capitais ardentemente disputadas, andava envolto em mesquinhas rivalidades. Os diplomatas alemães, em vez de atenderem a uma continuidade de vistas atravez do mundo, caluniavam-se reciprocamente, pondo entaves na efectivação dos planos que se lhes distribuíam.  
 Quando as chancelarias mundiais abrirem um dia os seus arquivos, a gente admirar-se-ha ao ver os engraçados bastidores dessa diplomacia que escandalizava muitas vezes a Europa com as suas decisões bruscas, ameaçadoras e quase sempre pueris.  
 A sugestão da força e a recordação sempre viva de Bismarck mascaravam aos olhos de todos a incapacidade dos diplomatas e da diplomacia alemã.  
 Por toda a parte o Império foi representado por meio de gente capaz, talvez, de tratar com vencidos, mas nunca com nações ciosas da sua independencia e da sua dignidade. O cinismo e a insolencia de certos diplomatas alemães deixáram, aliás de provocar terror com a diminuição do prestigio militar de Berlim.  
 O raro génio diplomático de que a Alemanha se orgulhava foi Marschall de Biberstein. De simplez procurador que era, em Stuttgart, foi alçapremado a secretário de Estado dos Negocios estrangeiros. Não era da casta. Em face das hostilidades que continuamente lhe eram movidas, abandonou ruidosamente a diplomacia. A penúria de homens capazes obrigou o Imperador a recorrer a elle. Foi enviado para Constantinopla onde a sua intelligencia e os seus ardis tentáram salvar o regime de Abdul-Hamid. Após a morte deste embaixador, constatou-se que era bem magra a herança por elle legada ao Império. Nada conseguira prever, e a Turquia, desmo-

ralizada pela influencia nefasta da Alemanha, saíra da guerra dos Balkans diminuida e ferida de morte.  
**O principe de Radolin e M. de Schoen**  
 Quanto a Paris, houve um singular cuidado na escolha dos seus embaixadores. Estes recebiam ordem de brilhar na França por processos mais cavalheirescos e mais em harmonia com os usos da nação. O conde de Münster deixou entre nós a reputação dum homem mediocre, embora correcto. A escolha do príncipe de Radolin teria podido ser bem mais feliz se o Imperador lhe houvesse deixado uma certa latitude de acção. Grande senhor, porque elle ligava a sua genealogia aos Piast, a primeira dinastia rial da Polónia dispunha ao mesmo tempo duma grossa fortuna que sabia dispender duma maneira intelligente. Graças ás relações de sua mulher, proxima parente dos Talleyrand, dos Castellane e dos Sagan, acabou por criar sólidas amizades em todos os meios parisienses. O governo francês apreciava vivamente não só a sua real simpatia pelo nosso país, mas ainda uma certa lialdade no desempenho das suas funções, coisa a que não andávamos habituados da parte dos seus predecessores. Polaco de origem, o principe de Radolin tinha, como todos os seus compatriotas, uma viva inclinação pela França e pela sua civilisação. Antes e durante a conferencia de Algeciras, o principe não tinha ocellado o seu desdém por certos processos emanados do alto e que não se casavam com as suas concepções morais nem com os seus sentimentos de conveniencia. Guilherme II alimentava uma espécie de respeito pelas origens riais dos Radolins. Suportava assim, da parte do principe, uma opposição que, noutro diplomata, teria uma repressão severa. Cada vez que se tratava de recorrer a embustes ou a quaisquer outros meios censuráveis, havia sempre o cuidado de adjudicar ao principe auxiliares especiais. Destarte, a embaixada encontrou-se por

**TIPOGRAFIA LITERÁRIA**  
 R. Cândido dos Reis, 17, 19 e 21 -- COIMBRA  
**TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GÉNEROS**  
 Impressões de revistas, jornais, lições, cartões de visita, envelopes, diplomas, recibos, facturas, papel timbrado, etc.  
 Esta tipografia que possui os mais modernos maquinismos, está apta a executar todos os trabalhos gráficos, primando pela perfeita impressão em gravura e a cores.

**A IMPORTADORA**  
 TELEFONE N.º 350  
**Cipriano Leão & Comp.**

Importação directa  
 10% cutelarias, ferragens finas, armarmentos, munições de casa e bem assim uma infinidade de artigos indispensáveis ao uso doméstico.  
 Rua Ferreira Borges, 52  
 COIMBRA

**Relojoaria Comercial**  
 DE  
**Adolfo Pinto de Sousa**  
 Praça do Comércio, 60  
 COIMBRA

Neste estabelecimento ha sempre para vender um completo sortido em relógios de bolso, mesa, parede e despertadores.

Encarrega-se de todos os concertos de relojoaria garantindo os relógios vendidos ou concertados.

\*\*\*\*\*

**AUGUSTO BAPTISTA e JORQUIM DE CAMPOS**  
 ADVOGADOS  
 Rua Visconde da Luz, 34-1.º

**Abilio Lagoas**  
 COIMBRA  
 32, Praça do Comercio, 33  
 Escritório de comissões e consignações  
 Correspondente de Companhias de Navegação  
 Vende passagens em todas as classes para todos os pontos do Globo.

**FARMACIA DO CASTELO**  
 Depósito de produtos fotograficos da Casa Foto-Bazar do Porto.  
 Creme dentrifico.  
 Especialidades farmaceuticas nacionais e estrangeiras.  
 Instrumentos cirurgicos, etc.

**A Revolta**  
 Assinaturas  
 Continente, ilhas e ultramar, trimestre..... 335  
 Estrangeiro..... 470  
 Pagamento adiantado  
 Numero avulso..... #02  
 Anuncios  
 Preços convencionais. Anunciam-se todas as publicações do que se receber um exemplar.

**Tomás Trindade**  
 COM ESTABELECIMENTO DE  
 Tabacaria — Papoaria — Loterias — Perfumarias  
 CENTRO DE PUBLICAÇÕES  
 Jornais — Illustrações  
 Revistas nacionais e estrangeiras  
 Depósito da Imprensa Nacional  
 Para venda das publicações e impressos do Estado  
 POSTAIS ILUSTRADOS  
 Lindas coleções em fantasia e vistas de Coimbra  
 Depósito de aguas Minerio-Medicinaes  
 Aguas ao copo  
 Depósito da Cevada do Cairo  
 Carimbos — Cartões de visita  
 COIMBRA  
 Largo Miguel Bombarda, 13, 15 e 17  
 Telefone n.º 559

**OS MAIS LINDOS POSTAIS VENDEM-SE NA**  
**Tabacaria e Papelaria**  
**CRESPO**  
 Grande variedade em tabacos nacionais e estrangeiros  
 Bilhetes de visita  
 Revistas e jornais nacionais e estrangeiros  
 Artigos para pintura, desenho e escritório  
 Telefone, 275 \* 27, R. Ferreira Borges, 29 \* COIMBRA

**Muraline**  
 Tintas inglesas a agua. As mais higienicas e resistentes ás intempéries e as que maior consumo tem em Portugal, para interior e exterior de prédios.  
**Karsonite**  
 Tinta branca a agua. Apropriada para enoobrir as manchas das paredes e do fumo.  
**La Bele**  
 Esmalte finissimo em todas as cores, as mais finas e garantidas para interiores e exteriores dos prédios.  
**CASA DEPOSITARIA**  
**ESTABELECIMENTO DE FERRAGENS E TINTAS**  
**ANTONIO FERREIRA PEREIRA**  
 141 — Rua Ferreira Borges — 145  
 COIMBRA  
 Telefone n.º 2550

**Machinas SINGER para coser**  
**Escritório Central — Rua Ferreira Borges — COIMBRA**  
**ESTABELECIMENTOS**

COIMBRA — Rua Ferreira Borges, 12  
 GUARDA — Rua Alves Roçadas  
 COVILHÃ — Praça 5 d'outubro, 17 a 19  
 CASTELO BRANCO — Rua Pina, 32

LEIRIA — Praça Rodrigues Lobo, 43 a 44  
 FIGUEIRA DA FOZ — Praça da República, 8  
 SOURE — Rua do Relógio  
 LOUZA — Rua do Comércio

46  
 JEAN FINOT  
 arrogância e a sua innata incompreensão na defesa dos interesses do seu soberano. Este concebia frequentemente grandes, enormissimos projectos que, confiados a tais pigmeus, estalavam como armas mal carregadas. O mundo observava, consternado e surpreendido, as variações da diplomacia alemã, sempre à espreita de novas combinações e como que em cata de repetidos insucessos.  
 O pessoal diplomático, numerosissimo e tendo apenas em mira algumas capitais ardentemente disputadas, andava envolto em mesquinhas rivalidades. Os diplomatas alemães, em vez de atenderem a uma continuidade de vistas a través do mundo, caluniavam-se reciprocamente, pondo entaves na efectivação dos planos que se lhes distribuíam.  
 Quando as chancelarias mundiais abrirem um dia os seus arquivos, a gente admirar-se-ha ao ver os engraçados bastidores dessa diplomacia que escandalizava muitas vezes a Europa com as suas decisões bruscas, ameaçadoras e quase sempre pueris.  
 A sugestão da força e a recordação sempre viva de Bismarck mascaravam aos olhos de todos a incapacidade dos diplomatas e da diplomacia alemã.  
 Por toda a parte o Império foi representado por meio de gente capaz, talvez, de tratar com vencidos, mas nunca com nações ciosas da sua independencia e da sua dignidade. O cinismo e a insolencia de certos diplomatas alemães deixaram, aliás de provocar terror com a diminuição do prestígio militar de Berlim.  
 O raro génio diplomático de que a Alemanha se orgulhava foi Marshall de Biberstein. De simplez procurador que era, em Stuttgart, foi alçapremado a secretário de Estado dos Negocios estrangeiros. Não era da casta. Em face das hostilidades que continuamente lhe eram movidas, abandonou ruidosamente a diplomacia. A penúria de homens capazes obrigou o Imperador a recorrer a ele. Foi enviado para Constantinopla onde a sua inteligencia e os seus ardis tentaram salvar o regime de Abdul-Hamid. Após a morte deste embaixador, constatou-se que era bem magra a herança por ele legada ao Império. Nada conseguira prevêr, e a Turquia, desmo-

47  
 CIVILISADOS CONTRA ALEMÃIS  
 ralizada pela influencia nefasta da Alemanha, saíra da guerra dos Balkans diminuida e ferida de morte.  
**O príncipe de Radolin e M. de Schen**  
 Quanto a Paris, houve um singular cuidado na escolha dos seus embaixadores. Estes recebiam ordem de brilhar na França por processos mais cavalheirescos e mais em harmonia com os usos da nação. O conde de Münster deixou entre nós a reputação dum homem mediocre, embora correcto. A escolha do príncipe de Radolin teria podido ser bem mais feliz se o Imperador lhe houvesse deixado uma certa latitude de acção. Grand senhor, porque ele ligava a sua genealogia aos Piast, a primeira dinastia real da Polónia dispunha ao mesmo tempo duma grossa fortuna que sabia dispendir duma maneira intelligente. Graças ás relações de sua mulher, proxima parente dos Talleyrand, dos Castellane e dos Sagan, acabou por criar sólidas amizades em todos os meios parisienses. O governo francês apreciava vivamente não só a sua real simpatia pelo nosso país, mas ainda uma certa lialdade no desempenho das suas funções, coisa a que não andávamos habituados da parte dos seus predecessores. Polaco de origem, o príncipe de Radolin tinha, como todos os seus compatriotas, uma viva inclinação pela França e pela sua civilização. Antes e durante a conferencia de Algeciras, o príncipe não tinha occultado o seu desdém por certos processos emanados do alto e que não se casavam com as suas concepções morais nem com os seus sentimentos de conveniencia. Quilherme II alimentava uma espécie de respeito pelas origens reais dos Radolins. Suportava assim, da parte do príncipe, uma opposição que, noutro diplomata, teria uma repressão severa. Cada vez que se tratava de recorrer a embustes ou a quaisquer outros meios censuráveis, havia sempre o cuidado de adjudicar ao príncipe auxiliares especiais. Destarte, a embaixada encontrou-se por

**TIPOGRAFIA LITERARIA**  
 R. Cândido dos Reis, 17, 19 e 21 — COIMBRA  
**TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GÉNEROS**  
 Impressões de revistas, jornais, lições, cartões de visita, envelopes, diplomas, recibos, facturas, papel timbrado, etc.  
 Esta tipografia que possui os mais modernos maquinismos, está apta a executar todos os trabalhos gráficos, primando pela perfeita impressão em gravura e a cores.



## Duas palayras

Não são um programma as linhas que se seguem.

A divisa que adoptamos para este semanario, resume em si, um conjunto d'affirmações e de principios. Vimos «pela Patria e pela Republica». Por uma e outra lutaríamos, desvaliosamente decerto, mas com toda a sinceridade das nossas convicções republicanas e da nossa fé ardente de patriotas.

Na hora incerta, hora de crise que o paiz atravessa, quando não fosse pela propria força das convicções e das ideias que nos sentissemos impellidos á luta, a ella iriamos sem duvida, por um instincto natural de defeza, a revolta de quem ao ver-se ameaçado d'um perigo que a todos vae subverter, abandona um commodismo facil e inepto e contribue com o seu esforço individual para a salvação commum.

E é este em Portugal, o caso. Mil perigos nos rodeiam, todos formidaveis, temerosos, apremiantes — resultante natural de mil erros, mil crimes, mil infamias que tem sido a obra do regimen na sua luta contra a nação e de que ella, — a victima, — terá de pagar as consequências se não se defender com energia e se redimir definitivamente, implantada a Republica.

Hoje como hontem, como sempre, estamos d'isso certos, a phrase «o mal é do regimen» exprime uma grande, uma ineluctavel verdade!

Nunca mesmo, essa verdade resaltou tão clara e tão nitida aos olhos de toda a gente que queira «ver sinceramente» e de tal não esteja impedida por alguma irremediavel deformação da intelligencia ou do character.

«O mal é do regimen» demonstra a historia que narra as desgraças que tem caído sobre o paiz no passado, o que o mesmo é, apontar de cada vez que surge uma calamidade nova, um novo crime que lhe deu origem — crime de rei, crime de Bragança.

«O mal é do regimen» dizem-nos os factos contemporaneos de nós todos, crimes de toda a ordem de que vivem ainda muitos dos auctores e que nos levaram á situação desesperada em que nos encontramos, voragem tremenda em que, se a nação o não impedir, se subverterá a independencia de todos nós.

E não nos digam que a questão é d'homens e não de principios. O disparate é facil e de barata sciencia a affirmação dogmatica.

Os principios, se não podem tudo, podem muito. Quando, atravez de gerações, fixados pela transmissão hereditaria no inconsciente das raças e dos povos, transmudados em sentimentos, elles são o mais poderoso factor do progresso e da civilização.

Nós todos hoje vivemos á sombra dos principios que a França de 89, formidavelmente proclamou para libertação e resgate dos homens. Não ha absurdo theorico derrubado pela Razão ou pela Sciencia que não se traduza n'uma conquista a mais para a felicidade dos homens sobre a terra.

Mas os maus principios incarnando em maus homens são a ruina,

a desgraça dos povos. E' o nosso caso.

Precisamos varrer um absurdo e desinfectar uma montureira. O absurdo relegado para as curiosidades historicas, os homens encarcerados em Penitenciarias!

E depois feita a grande Republica nacional, onde caibam todos os portuguezes, unidos pela mesma aspiração de felicidade commum, o paiz começará a sua obra de integração no vasto movimento da civilização contemporanea nas ideias e nos factos, de que por culpa da monarchia se encontra lamentavelmente arredado.

Para ajudar essa obra nós estaremos, humilde mas honestamente no nosso posto depois como agora, — depois para a obra da Paz, como hoje para a obra de Guerra e de Revolta.

Revolta constante contra os prejuizos, os absurdos dos principios e contra os crimes, as vilezas dos homens — revolta, d'onde sairemos vencedores, pela Revolução definitiva.

## COISAS & COISOS

### Lamentavel... mas sincero

O Orpheon está decadente. Era de prever. Wagner e Lamégo de braço da do... impossível.

Wagner é um revolucionario, um genio. Lamégo é regenerador, e progressista. Arte com presunção... ai filhos! que porcaria!

### Legião azul

No passado: um bando de heroes destemidos e galantes, a quem Portugal deve tudo o que foi.

No presente: um bando de pardaes anonymos e górdos, a quem Portugal deve tudo o que é.

No passado: Vasco da Gama.  
No presente: Vasco... da Silva.

### Lei das compensações

A China assimilou os nossos dominios em Macau. Portugal assimilou a civilização da China.  
Não ha razão para conflictos.

### Do «Seculo»

«Os estudantes da America do Sul, querendo prestar a sua homenagem a Guerra Junqueiro, convidaram-no a visitar os seus paizes...»

Quando será convidado o Conselheiro Espregueira?

### Versão clara d'uns versos eseuos

El-Rei é moço! é lindo  
E ao vel-o  
Sentem meus olhos um prazer infindo  
Eriça-se-me o pello!!

Deus te perdõe, filho.

### Mariseo

Dizem-nos que numa festa que ha dias houve na catholica foram servidos, entre outros acepipes, pasteis de mariseo.

Com que então, mariseo?...  
Pobre sexto mandamento! Estás aqui estás letra morta...

### Nem depois de morto...

Um lente ha dias fallecido prohibiu em testamento que por sua morte houvesse dobre de sinos.

Um doutor das nossas relações commentava:

— Coitado, embirrava tanto com os sinos que nem depois de morto os quiz ouvir!

## MIUDEZAS...

Ja oito dias antes, ellas, as tres irmãs, andavam n'uma roda viva, em preparativos para a festa.

— Anciavam por... de perto, pois que só tinham podido admirar-lhe a face imberbe e feminina em oleographias e bilhetes postaes.

Como era lindo, coitadinho! E tão infeliz, o pobre anjo! Canalha de republicanos, que não se commoviam com tanta belleza e tanta mocidade! E eram longas horas contemplando-lhe o retrato, comentando-o, beijando-o vorazmente, n'um cio de gatas, adivinhando o Janeiro.

No quarto, já recolhidas, ficavam a conversar, de leito para leito, á luz morlita e tremula da lamparina, — e os seus grandes corpos brancos de sementes fortes, tinham crispções e arrepios entre os lençoes de linho fresco. Revoluavam-se na cama, olhos brilhantes, uns formigueiros na pelle, a bocca secca, sem conseguir dormir.

Uma até sonhara alto accordando as irmãs:

— Manuel... «Ta bouche...»

Sacudiram-n'a:

— Faz-te mal filha, accorda...

E ella, gemente:

— Que maldade accordarem-me...

Lindo sonho...

Chegou o dia. O luxo de roupas, de perfumes, as camisas bordadas, decoladas, enaguaranas em rendas os seios fortes, tumidos, muito brancos.

As meias abertas, de seda muito fina, presas ao espartilho pelas ligas cor de rosa... Um noivado!

Na sala ao ve-las entrar houve um murmurio. Até ao secretario tremou o queixo...

Ellas muito côradas, olhar chispando, esperavam-n'o a elle, os braços cheios de flores, rosas brancas e vermelhas, — menos brancas e de menos viço que as das suas faces.

E elle entrou, lindo, radiante de mocidade, de belleza, a farda coruscante e os calções d'anta branca, moldando-lhe a perna...

Ah! os republicanos, que canalha!  
— Viva!...

E uma avançou, ajoelhou diante d'elle, cobriu-o de flores e parecia não querer larga-l'o mais, enchendo-o de beijos vorazes, nas mãos, nos braços, nas botas, nos calções d'anta branca, muito justos á perna...

Soffrega! E é que o não larga...  
Viva!...

Depois foi a outra: a mesma scena. O secretario batia o queixo, d'enthusiasmo. Quando veio a terceira — que diabo! um homem, qualquer que seja a sua posição, sempre tem nervos! — elle parecia já tremulo tambem...

Um delirio! Nas tribunas algumas abanavam-se, invejosas.  
— Estovamento! — diziam.  
Concorrencia! — pensavam.

Mas, á terceira, — o definitivamente caíra o queixo ao secretario!

.....  
Durante a noite no quarto, á luz da lamparina bruxuleando, fatigadas, moídas, com olheiras fundas do excesso, contavam o dia...

— Beijei-o todo, todo... Um cherubim...

— Lindas mãos... mãos de fada!...

— E os calções d'anta branca tão justos á perna... E' de generalissimo, pois não é, manas?

## CELEBRES... DE BORLA



### O SONHO DO HEROE

E' noite. Dorme o heroe de durindana ao lado Barrete de dormir na cabeça enterrado.

— A espada diz a gloria e o barrete é decente, Vae bem á gravidade e decoro d'um lente. Pois ninguem usará na cama, é de supôr, O elmo de Mambrino ou a borla de doutôr.

— Esta explicação é justa, quanto a mim, Pois já Napoleão tambem dormia assim.

Mas em que sonha o heroe? Que intensa e brava chama O faz barafustar, gritar, saltar na cama?...

Que bellicas visões, que batalhas sagrentas O fazem assoprar, trombetear das vendas? Oçamol-o clamar: — «A mim Guarda-Real!

Charamela, bedeis, lentes, etc. e tal! Venham todos! A' frente vae Servulo Maria

Empregado menor cá da secretaria!

E vae o Gaió tambem p'rá ode! p'ra cantar N'um poema, sem leitores, o que se vae passar!

Vão vocês ver agora o que é heroicidade! Lucto por minha dama, a Universidade!

Querem-lhe mal, querem mata-la esses bandidos! Ides ver o que eu sou, meus grandes presumidos!

Que a ousaes insultar, chamar-lhe velha e ousaes Querel-a modernisar, á dama dos meus ais!

Assim, velha como é, mas grandiosa e ovante Alma-mater da patarata triumphante Cheia de ratos, de sebentas, de laracha...

Assim é que ella é boa, assim é que é d'escacha! O' Bernardino, ó Cid, ó Sidonio! Ides ver!

Soem clarins... Fallaes de sciencia! Saber lêr E' o mal, o mal maior que temos hoje em dia

Estou farto de o dizer lá na Sociologia! O homem é a tecla e é mais afinada

Quanto menos souber ou não sabendo nada!

Vem rompendo a manhã e veem-no accordar — Toca p'rá aula —. Ergue-se o heroe e p'ra calmar

O bellico furor que o espirito lhe inflama Mesmo antes de almoçar, logo ao saltar da cama

Corre á cavallariça e ás, para abrandal-o, Joga o socco inglez á teza c'o cavallo.

Dr. Watson.

Sherlock-Holmes.